A
MONTANHA
DOS
MAGOS
Claudiomar Barbosa Chagas
virtualbooks

A MONTANHA DOS MAGOS

Autoria e montagem
de
Claudiomar Barbosa Chagas

****
Síntese:
Conto Infantil
****
*

Capítulo 01

Pedaço morto de vida

Naquela tarde igual a todas as outras, desci do ônibus apressadamente. Quando passei pela porta do edifício onde morava, uma folha de papel amarrotada, empurrada pelo vento, teimou em seguir-me pela entrada do prédio.

Eu que acabará de ter aulas sobre ecologia, irritei-me com a falta de educação das pessoas que atiram lixo em qualquer lugar, sem pensar que aquele pedaço de papel á pouco tempo era um ser vivo.

Peguei o papel com a ponta dos dedos cuidando para não deixar cair os livros que trazia no braço, necessários para os meus trabalhos escolares.

Sem lugar para por o papel, enfiei na mochila antes que alguém resolvesse falar que era eu que estava jogando lixo no corredor do prédio. Naquele momento em que aquele papel amassado resolveu seguir-me, não imaginava nas inúmeras aventuras que me proporcionaria.

Subia pela escada quando encontrei minha mãe, logo desfiz minha atenção no papel, esquecendo sua existência por algum tempo.

Quando retornei a noite ao meu quarto para dar começo a minhas tarefas escolares, a primeira coisa que encontrei dentro da mochila foi o papel amassado de onde tirei a idéia pra redação que batizei por:

Um pedaço morto de vida.

Puxa! Eu que tinha certa dificuldade em escrever acabei surpreendendo minha professora. Nunca recebi tantos elogios pela tamanha criatividade na criação de uma redação, o que me deu uma boa nota escolar.

Mas o que chamou mesmo minha atenção foi o que li escrito no papel, meus olhos brilharam intensamente, era a propaganda de uma fazenda colônia de férias.

Logo mostrei a minha irmã e ela a vizinha e toda a história desse livro, surgiu de um simples pedaço morto de vida solto ao vento. Um panfleto.

Capítulo 02

Começo de férias

O ano havia passado voando e já era verão, ás aulas havia terminado e nossas tão esperadas férias chegaram.

Como havíamos prometido aos nossos pais, nos saímos bem na escola, passamos por média em todas as matérias.

Eu e minha irmã e uma amiga, combinamos com nossos pais, que se isso acontecesse, poderíamos passar alguns dias na tal colônia de férias que descobrimos naquele panfleto, uma fazenda bonita repleta de natureza e harmonia.

Como cumprimos nosso trato, chegava á hora de irmos ao encontro da fazenda, a expectativa era tanta, que nos dias que antecederam a viagem cheguei a sonhar com a fazenda. Foram meses de espera para que esse sonho se realizasse. O que estava prestes a acontecer.

O sol era quente na manhã em que partimos em direção da fazenda, mas, não chegava a proporcionar aquela sensação preguiçosa típica do verão, eu Cristiano, minha irmã Letícia e nossa amiga e vizinha, Cecília, daríamos aos nossos pais alguns dias de descanso merecido para aproveitarem algum tempo juntos e a sós, sem a presença de barulhos e brigas, em fim, ter um pouco de sossego ao menos alguns dias antes de recomeçar um novo ano com seus trabalhos e contas a pagar.

Mas não foi fácil convencê-los a nos deixar sozinhos por alguns dias, o que exigiu muita negociação de ambas as partes.

Numa sexta-feira logo após o natal, partimos com o carro em direção ao interior, depois de quase 3 horas de viagem, começamos em fim a ver a tão esperada paisagem campestre que nos esperava e era sonhada.

Entramos numa empoeirada estrada de chão que parecia não ter mais fim, dobra a direita, dobra a esquerda, sobe e desce.

Em pouco tempo as árvores, começaram a apresentar cores mais vivas, os animais, pássaros e borboletas e outros animais da fauna local apareciam com mais e mais freqüência, nosso silêncio era total no banco traseiro do carro, queríamos observar tudo por onde passávamos, eufóricos e curiosos olhávamos com

encanto todo aquele verde cheio de mistério.

Uma região montanhosa começou a aparecer a nossa frente, pequenos riachos onde a estrada concedia lugar a pontes de madeira, lá embaixo a água parecia um espelho esverdeado refletindo os raios do sol junto com a cor oliva da mata nativa.

Em poucos minutos mais chegamos a um grande portão de madeira, onde estava à entrada da fazenda de férias, lá em cima, pendurada sobre as madeiras que sustentam o portão estava escrito CLUBE DE CAMPO ASAS DO BOSQUE. Uma placa quase apagada que mais parecia um viveiro de musgos. Ficamos ainda mais impacientes e curiosos para chegar de uma vez, só assim seriamos aliviados dos 1001 conselhos da minha mãe que veio pelo caminho dando ordens o tempo inteiro, não vão ficar no sol tempo de mais, cuidado com isso, cuidado com aquilo e assim por diante.

Nosso pai desceu, abriu o portão e continuamos com o carro, passando por entre algumas árvores e seguindo pela estradinha enfeitada com flores que deslumbravam beleza pelos dois lados do caminho.

Logo começamos a ver as construções, alojamentos, refeitórios, banheiros e um imenso lago de água limpa com um portinho que completava a paisagem. Fomos informados e guiados ao lugar do escritório onde fomos recebidos calorosamente por um senhor grisalho e simpático, chamado de senhor Hermes, que mostrou as cabanas onde ficaríamos.

Depois da despedida quase chorosa de nossos pais, fomos deixados em meio aquele elo perdido que agora dava uma impressão de vazio.

Era um silêncio tão estranho, um misto de solidão com tranqüilidade que contrastava totalmente com o meio ao qual éramos acostumados, se não fosse pela presença dos outros hóspedes da fazenda, poderia até dizer que aquele lugar ficava fora do planeta, mas era justamente o que precisávamos, depois de um ano inteiro em meio aquela agitação da cidade, alguns dias de paz e tranqüilidade viriam a adicionar forças para o começo de um novo ano.

O lugar era lindo, com verde para todos os lados e ainda passeios a cavalo, banhos de rio, pescaria, acampamento e um monte de coisas diferentes do que éramos acostumados a fazer diariamente.

Logo começamos a nos instalar, levei poucas coisas, na maioria apetrechos de acampar, mas as meninas pareciam que tinham levado o guarda roupa inteiro. A metade daquela tralha nem sairia de dentro das mochilas.

Quando organizamos tudo, resolvemos sair e conhecer mais o lugar

----

Capítulo 03

Velho conhecido

Em nosso passeio pelo lugar, ouvimos um barulho que vinha ao longe, mas aos poucos foi se tornando mais próximo e ao olhar o horizonte observamos se aproximando do lugar um aviãozinho colorido que pousou no campo perto do lago.

O que prendeu nossa atenção era o colorido do aviãozinho, todo pintado em forma de pássaro o que fornecia um aspecto bem diferente, acho que era a forma de integrar a engenhoca com a natureza que cercava a fazenda.

O aviãozinho não deixava de ser uma ferramenta útil concedendo ao lugar ermo segurança, caso alguém precisasse se locomover com agilidade, embora todos os cuidados, acidentes podem acontecer, ainda mais entre tantas pessoas jovens carregadas de energia.

Naquele momento em que o aviãozinho pousava, lembrei quando ganhei uma roupa de super homem e pulei de cima do muro para sair voando, por favor, não façam isso, dói muito cair de barriga no chão, lembrei também da explicação da minha mãe que falou enquanto passava remédio no meu peito vermelho:

- Meu filho! O que faz o Super Homem voar é um motorzinho de avião que ele usa debaixo da capa e não somente a capa.

Fiquei tão decepcionado, eu sonhei tanto em ter uma capa de super homem, para poder sair voando por ai.

Quando o motor do aviãozinho parou de funcionar voltei das minhas recordações e pousei no presente.

Quando o piloto sai do aviãozinho, tivemos uma surpresa. O piloto era o Filipe que tempos atrás tinha dado aulas de natação para nos três no clube, ficamos surpresos com a nova atividade do rapaz que ao nos avistar veio em nossa direção.

Foi quando ouvimos um grito forte e estridente saaa-raaa-cuuu-raaa,

pelo jeito ele havia ganhado novo apelido, antes no clube alguns alunos chamavam o professor por minhoca da água, acho que o apelido veio da altura, antes, ele era bem mais magro e sara-cura só podia ser por causa das calças jeans justas ao corpo, quem olhava de longe, tinha a impressão que o tamanho das pernas do rapaz era desproporcional ao tamanho do corpo, assim como o animal que se chama assim, mas, nunca nenhum de nós ousaria chamá-lo desses apelidos, sabíamos que ninguém gosta de apelidos e o professor Filipe tornou-se um bom amigo de todos nós, ficamos todos muito tristes quando soubemos que ele não trabalhava mais no clube.

Lembro-me que naquele tempo foi ele quem me ensinou as primeiras técnicas de natação e em poucos meses, era um dos melhores dos meninos da minha idade.

Ele passou entre nos dizendo já volto, entrou na sala do senhor Hermes e vimos que o homem estava extremamente irritado. Filipe sacudia a cabeça e ao perceber que olhávamos fechou a cortina. Passaram-se alguns minutos enquanto admirávamos o aviãozinho, então Filipe saiu da sala botou o chapéu de vaqueiro e veio em nossa direção.

O senhor Hermes já estava mais calmo e até esboçou um sorriso. Filipe tinha saído da rota de vôo e o homem ficava extremamente irritado quando isso acontecia, era perigoso, já imaginou uma aterrissagem forçada no meio da mata, é aceitável que o senhor Hermes fique assim tão irritado e preocupado.

Depois de uma longa narração de tudo que havia acontecido durante o tempo em que Filipe sumiu do clube, ele começou a nos contar que graças à chuva, o rio aumentou o volume de água e ele conseguiu ver por entre as árvores uma cachoeira que ele nunca havia visto antes, bem no pé do morro, sua narração empolgada aguçou a curiosidade de todos nós, ele disse que a queda da água deveria ter uns 20 metros. Enquanto ele falava já me corria nas veias o gosto da aventura que seria ver ao vivo e a cores a nova descoberta.

Filipe continuou. Falei para o senhor Hermes que o caminho até a cachoeira seria uma ótima trilha ecológica, deve estar a uns 7 km de distância, somente assim ele aliviou a bronca que estava me dando.

Também recebi a missão de abrir a trilha até lá e logo que tudo estiver mais calmo irei ver de perto aquela maravilha de lugar.

Não pude deixar de perguntar:

-Será que podemos ir até lá com você?

-É claro, desde que o senhor Hermes concorde com a idéia.

Falou o rapaz sem pensar.

Fazia poucas horas que havíamos chegado e a perspectiva de uma aventura que nos renderia história para o ano todo, inspirou a todos.

Filipe foi continuar seu trabalho e nós continuamos a passear pelos arredores conversando sobre as possibilidades da nossa aventura.

Logo percebemos que não seria tão fácil assim. O senhor Hermes deixará que nós, jovens da cidade, saiamos assim em uma aventura sem saber que perigos poderia haver pela frente?

A possibilidade era bem pequena.

A noite chegou; Filipe apareceu em nossa cabana, trouxe um violão cantou várias músicas, contamos piadas, rimos muito e de repente minha irmã estalou os dedos e falou:

-Já sei, vamos sair escondidos, sem sermos descobertos. Como?

Perguntamos em coro.

Minhas esperanças já haviam quase desaparecido completamente já que ninguém tocou no assunto da cachoeira por um longo período de tempo, achei que o pessoal tinha murchado com a idéia, mas Letícia se mostrava muito animada.

-Vamos ter que inventar alguma coisa. Em poucos minutos foram feitas tramas que confesso deixariam muitos escritores com água na boca e também nossos pais negarem que somos filhos deles, tamanha nossa irresponsabilidade.

O problema era que as chamadas para conferir a presença dos hóspedes da fazenda eram feitas três vezes por dia, no café da manhã, no almoço e no jantar e se por algum motivo alguém não respondesse, logo saiam na procura da pessoa acionando todos os recursos disponíveis até os bombeiros se realmente fosse constatado um desaparecimento.

Então, não nos restava muitas alternativas, senão a de ter que simplesmente pedir ao senhor Hermes para irmos junto à expedição e se nosso pedido não fosse aceito, desistir da idéia.

Claro que nossa estada ali agora só se sustentava na perspectiva de conhecer a tal cachoeira perdida, mas claro, ninguém queria pagar o mico de ser procurado pelo corpo de bombeiros.

Conversamos e concordamos entre nós de desistir das férias na fazenda se nosso pedido não fosse aceito pelo Sr. Hermes.

Claro que o final da história não seria pacifica e dizíamos bravatas, mas no fundo, sabíamos que não poderíamos fazer nada, a não ser acatar as decisões

do senhor Hermes que na verdade assumiu as responsabilidades por nossa segurança na ausência dos nossos pais.

Filipe agora mostrava um ar um tanto quanto preocupado. Saio deixando o violão pendurado na parede dizendo:

-Boa noite, vou dormir, vocês estão me deixando tonto, não me comprometam com suas diabruras, já acho que foi uma má idéia ter falado pra vocês da cachoeira.

Já eram por volta das 22 horas, resolvemos também ir dormir, nossa pretensão era pegar o senhor Hermes ainda meio tonto de manhã bem cedo talvez assim tivéssemos alguma chance, pelo menos com nossos pais algumas vezes dava certo.

Tudo pronto, roupas do dia seguinte escolhidas, dentes escovados então apagamos as luzes para dormir.

Logo ouvimos alguns passos na varanda, ligamos as luzes novamente.

-Quem está ai? Perguntou Letícia com um Q de preocupação.

-Sou eu, Filipe, esqueci meu violão.

Letícia abriu a porta então ele entrou falando.

-Resolvido pessoal, falei com o Sr.Hermes e consegui a autorização dele para vocês irem junto comigo na expedição, ele até gostou, só assim poderá ter uma idéia geral se as pessoas vão gostar da caminhada da trilha ou não.

Corremos todos em direção dele e foi uma algazarra total, ainda bem que as cabanas eram afastada umas das outras senão teríamos acordado nossos vizinhos.

Nem precisa dizer que fomos dormir com um sentimento de realização e nem percebi que havia passado repelente somente num dos lados do rosto. A mosquitada fez-me ficar com manchinhas vermelhas na face esquerda e no café da manhã os outros hóspedes da fazenda tinham me botado o apelido de Catapora. Estava tão contente com as novidades da noite anterior que nem dei bola para as gozações, ainda mais que Filipe chegou muito bem humorado dando instruções da caminhada e pedindo para que não espalhássemos a ninguém aonde iríamos.

Ao sair do refeitório olhei para todas as pessoas, não deixava de sentir certo ar de superioridade, vinha a minha cabeça que quando algum deles chegase na cachoeira, já haveríamos desbravado o lugar eu e minha turma.

Depois do café da manhã fomos convocados a uma reunião em nossa cabana a fim de acertar os detalhes finais de nossa expedição.

Quando todos estavam reunidos no local, fomos apresentados a um outro jovem que seria nosso guia, chamado de Gringo.

Fomos aconselhados a levar somente o que fosse realmente necessário para nossa estada no mato.

Vestidos de noite e jóias eram dispensáveis disse brincando o rapaz as meninas.

Junto também levaríamos dois cavalos encarregados dos apetrechos mais pesados, tais como barracas, panelas e etc...

Gringo assumiu a liderança da expedição já que conhecia toda a região, preveniu não ter animais perigosos nas redondezas tais como, onças e tal, mas era bom ficarmos bem atentos aos animais peçonhentos, cobras, aranhas e também marimbondos e vespas.

Depois de uma palestra bem longa de como proceder se houvessem problemas ou acidentes na viagem, fomos liberados para então arrumar nossas mochilas, sairíamos no dia seguinte bem cedo antes dos demais acordarem, isso pouparia explicações aos curiosos de plantão.

À tarde se arrastava e a noite anterior a nossa partida parecia não ter presa de passar, ainda bem que a programação do jantar era boa, naquela noite seria comemorado um aniversário na fazenda e todos foram convidados a participar da comemoração.

O jantar foi realmente especial, estava muito gostoso.

A festinha estava muito divertida, mas lá pelas 23 horas saímos de fininho, a noite tinha um ventinho refrescante que soprava do lago e proporcionou a todos uma boa noite de sono. Quando abri os olhos pela manhã todos já haviam acordado. O rosto de Cecília que não era lá muito bonito, ficava bem pior quanto ela acorda antes do sol nascer.

Depois de um bom dia quase mal humorado da turma, percebi que se não fosse uma coisa especial acho que o pessoal ficaria até as 10 horas na cama.

Sobre uma mesinha improvisada tomamos café da manhã com frutas que conseguimos no refeitório, suco de laranja natural e bolo de milho.

Enquanto comíamos o bom humor de todos voltava junto com o rosto de Cecília que aos poucos ficava menos assustador.

Logo ouvimos passos e ao abrir a porta, avistamos Filipe e Gringo que se aproximavam com 2 lindos cavalos, pelo jeito eles acordaram ainda mais cedo pois as bugigangas já estavam sobre os animais e só faltava à gente para prosseguir a expedição.

Capítulo 04

Seguindo viagem

A manhã estava linda, nunca pensei que o nascer do sol fosse tão bonito. A primeira coisa que estranhei é não ser acordado pelas buzinas dos automóveis. A janela do meu quarto na casa da cidade ficava para o lado da avenida, apesar de ser ampla e ter uma sacada jamais lembro de ter visto aquela janela aberta, além do barulho infernal a poluição causada pela fumaça dos carros fez com que ela se tornasse sem utilidade.

Ao invés daquele barulho infernal da cidade os muitos pássaros silvestres principalmente os sabiás laranjeira e as sara-curas faziam uma algazarra medonha em meio ao matagal, parecia até que estavam festejando sei lá o que.

Nos pomos a disposição de ajudar os rapazes no que fosse necessário, mas já estava tudo pronto.

Gringo retirou minha mochila e colocou no cavalo e também a das meninas, tudo seria mais fácil se a viagem fosse somente um dia, mas a caminhada era demorada e teríamos que irremediavelmente passar a noite fora da cabana. Andar com os animais por entre as árvores não era muito fácil, seria um sem fim de voltas para desviar dos espinhos e demais reveses, não sabíamos ao certo o tempo que levaríamos até a cachoeira mas como segurança ficou estabelecido que no prazo máximo de 3 dias, teríamos de estar de volta sem falta, se por alguma eventualidade isso não ocorresse o senhor Hermes com certeza botaria o mundo todo a nossa procura.

Gringo encarregou-me de registrar a aventura, para isso deu-me uma máquina fotográfica e em uma breve aula ensino-me a lidar com o objeto.

Quando fomos seguir viagem, chegou o senhor Hermes. Ficamos com vergonha, nossa consciência latejava com todas as tramas que havíamos pretendido contra o pobre homem, fiquei ainda mais envergonhado quando o matutino senhor perguntou quem seria o líder da rebelião que estavam tramando contra ele? Delicadamente todos olharam em minha direção deixando a entender que era eu, meu coração disparou, acho que todo o meu sangue foi para o rosto, passei a mão várias vezes na face, tinha a impressão que o sangue espirava pelas picadas de mosquito que ainda não tinham desaparecido. Ele olhou-me com

jeito terno e disse:

-Esse tomatinho carcomido de mosquito, pegou a máquina do meu pescoço e disse:

Juntem-se vou tirar uma foto de vocês, nos reunimos deixando os cavalos ao fundo, Gringo botou o chapéu estilo militar em minha cabeça, enfiou a faca na minha cinta, todos se ajoelharam a minha volta e o fleche disparou.

Observamos que já estava começando a movimentação dos demais hóspedes da fazenda então resolvemos partir sem mais demoras.

Acho que naquele instante, jamais algum de nós poderia imaginar a aventura que viveria.

Logo que começamos a andar foi bom, Gringo ia à frente puxando um dos cavalos, eu, Cecília e Letícia ao meio e Filipe na retaguarda puxando o outro animal. O que era repugnante era o desrespeito do cavalo do Gringo que ia a nossa frente soltando gases pela mata, isso sem falar nas rabadas que eram contra as moscas, mas acabavam acertando nossos rostos, tirando isso, tudo corria as mil maravilhas, sempre de olhos bem abertos em tudo que poderia ser um bom modelo para uma foto.

Seguíamos viagem mata adentro e quanto mais entravamos, mais surgia mata para entrar e cada vez mais fechada e cheia de espinhos, isso nos obrigava a uma lentidão e um cuidado bem maior, logo começaram a surgir animais da fauna local, bugios, sara-curas, ouriços, pássaros e borboletas dos mais variados tamanhos e cores, até um bando de Cacatuas que pegamos em pleno piquenique em uma árvore frutífera nativa.

Foram 4 horas de anda, para, corta, puxa, solta e a gente não saia do lugar até que Gringo e Filipe resolveram parar para o almoço. Havia uma grande clareira com sombra de dar inveja num gramado impecável, era um lugar alto que deixava á vista nosso objeto de desejo A Montanha do Prumo como era conhecido o lugar onde ficava a cachoeira conforme Gringo nos disse.

Ali no gramado passeava uma despreocupada tarântula que nem deu bola para a nossa presença, Filipe pegou um graveto e se aproximou enquanto eu mirava o animal com a câmara fotográfica sem perceber o que acontecia atrás de mim, Filipe atirou o graveto perto do meu pé, a aranha pensando que o graveto era um inseto que no certo lhe daria um bom almoço, pulou sobre o graveto próximo de mim, soltei um grito de medo que ecoou por toda aquela mata, até os cavalos que estavam pastando ergueram as cabeças para ver o que tinha acontecido. O pior foi à gozação das meninas.

Gringo achou melhor passarmos o resto do dia por ali e a noite também, podíamos não achar um lugar tão seguro quanto aquele para passar a noite.

As meninas não me deixavam esquecer a cena da aranha, davam gritinhos e Filipe e Gringo olhavam-me com ares de gozação, minha vingança seria maligna, ardia em mim o desejo de me cobrar daquela brincadeira, mas como vingança e um prato que se come frio, deixe esfriar.

Montamos as barracas enquanto Gringo preparava o almoço com o auxilio de Letícia. Eu e Cecília ficamos encarregados de conseguir lenha para a fogueira o que foi fácil no meio daquele matagal. Filipe alimentou os cavalos e começou a preparar o local da fogueira afastando matos secos e qualquer possibilidade de causarmos um incêndio involuntário.

Quando voltava trazendo alguns galhos secos, observei no caminho um pedaço de cipó que se assemelhava em muito com uma cobra, minha vingança começava a ser tramada com requintes de crueldade, peguei o cipó-cobra arrumei entre os gravetos que estava levando e deixei em ponto estratégico no lugar em que a fogueira seria acesa, deixei de forma em que não poderiam ser acesos assim e a pessoa que fosse arrumar a fogueira teria de ver o cipó-cobra, então nada que um grito de: Olha a cobra; Não ajudasse a criar o clima de pavor necessário para minha vingança o que renderia boas gargalhadas.

E assim foi. Quando o sol começou a ir embora os barulhos da mata começaram a se tornar assustadores, chegou enfim a hora da fogueira ser acesa, Filipe ia na direção da fogueira mas eu impedi dizendo ter visto um animal grande ali próximo, delicadamente pedi que as garotas acendessem a fogueira em quanto guarnecíamos o lugar, repentinamente comecei a falar em cobras e bichos perigosos, criando o clima ideal para minha molecagem. Quando Cecília e Letícia desmanchavam o monte de galhos e gravetos, repentinamente surgiu o cipó cobra então gritei. Olha a cobra !!!. Foi um festival de gritos de horror, Gringo que estava sentado veio correndo em nossa direção derrubando tudo que achou pela frente. Enquanto a fogueira e a suposta cobra era cortada a facão, eu ria.

Ao perceberem que era uma brincadeira minha, recebi um olhar de desaprovação em massa do pessoal.

Quem com aranha ferem; Com cobra será ferido.

Fui excluído da turma por algum tempo, mas quando a noite chegou e a fogueira enfim foi acesa, a brincadeira foi esquecida e todos nos reunimos em

torno do fogo para contar histórias, cantar e jantar.

O pavor de estar ali naquele lugar ermo era grande, mas o cansaço também, logo nos recolhemos em nossas cabanas, Filipe e Gringo fizeram rodízios na guarda alimentando a fogueira e prevenindo qualquer problema.

A noite passou voando, sonhei que estava em casa e que minha mãe estava me acordando para o colégio, disse meio dormindo. Já vou mãe. Que mãe nada gritou Letícia.

Abri os olhos e quase não acreditei que realmente estava lá no meio do mato, quando fui levantar meus ossos estalaram e a dor nas pernas era de amargar, sai da barraca com uma sensação de ter morrido por algumas horas enquanto a noite passou voando e já se fazia um novo dia.

Ouvindo bons dias de todos, reparei que nossas coisas já tinham sido recolhidas e arrumadas para seguirmos viagem só sobrava na mesinha improvisada o que parecia ser o meu café da manhã, uma maçã, pão com mel e um copo de leite em pó, engoli tudo o mais rápido possível, não desejava atrasar nossa partida, tudo isso cuidando no máximo para não deixar transparecer que minhas condições físicas não eram as melhores, naqueles finais de ano minha atividade resumia-se a trabalhos escolares e a quase passar o dia dentro do quarto devorando o computador, meu maior parceiro de aventuras até então.

Logo seguimos por entre a mata, naquela tarde pretendíamos chegar ao nosso objetivo maior, ver de perto a cachoeira que agora já estava a meio caminho.

Filipe disse que na noite anterior enquanto fazia a ronda observou sobre a Montanha um facho de luz azul que partiu em direção ao céu como se fosse uma grande estrela cadente, foi-se em direção ao espaço formando arco cintilante de beleza e forma bem peculiar. Poderia ser um avião que refletia as luzes nas nuvens, explicou Gringo sem qualquer espanto. Poderia ser um disco voador, falou Letícia com voz temerosa, poderia ser uma série de fenômenos naturais aos quais não podemos nos deixar impressionar falou Cecília, naquele momento a mais realista de todos.

Confesso que tive um calafrio que percorreu a minha espinha, quase uma premonição de que esse passeio teria um final muito inusitado, estávamos perto do nosso objetivo e mostrar medo naquela hora seria motivo de chacota da turma o que eu não podia deixar acontecer.

A seriedade com que Filipe narrou o acontecimento não deixou dúvidas de que aquilo não era brincadeira, isso foi o que mais me deixou com medo.

Continuamos no mesmo ritmo, Gringo informou que em breve começaríamos a descer e por certo encontraríamos alguns córregos ou uma encosta do vale que levaria até a cachoeira.

Chegamos até uma das bordas do vale que era muito profunda para descer com os cavalos, teria que haver outro caminho menos acidentado onde pudessem descer sem perigo de cair, foi resolvido que Filipe seguiria a esquerda e Gringo á direita por um tempo máximo de uma hora e se não houvesse meio de descer voltaríamos para casa sem arriscar nossas vidas naquela encosta escorregadia.

E assim seguiram eles, um para um lado, outro para o outro, ficamos ali parados esperando que as notícias fossem as melhores possíveis, nem se passaram 30 minutos e Gringo surgiu de volta por entre os arbustos todo contente, tinha descoberto um lugar de acesso ao vale que não mostrava perigo. Erguendo um foguete sinalizador ao céu disparou e em poucos minutos Filipe também retornou a nossa companhia. Não pudemos deixar de reparar a beleza do vale, olhando lá de cima parecia um pedaço de paraíso perdido, um verde tão verde e tão puro que mais parecia uma montagem fotográfica, resolvemos guardar aquela imagem em foto, na margem do abismo, tendo aquele verde todo de fundo, enquadramos nosso retrato que serviria de lembrança da nossa aventura.

Mais quinze minutos de caminhada e estava lá a decida para o vale, uma trilha estreita e pelo jeito a única, havia marcas de pegadas de vários animais que a usavam para acessar esse lugar mais baixo a noite á procura de alimento e retornar ao amanhecer e descansar nos lugares mais altos.

Os córregos eram bem profundos e quase que tivemos de nadar para atravessar alguns, passamos para o lado que apresentava uma estreita faixa arenosa e quando parávamos em total silêncio já conseguíamos escutar o barulho da queda da água da cachoeira, o que produzia em todos uma alegria eufórica de ter conseguido chegar até lá.

O córrego antes dividido em várias correntes de água alargou-se criando uma extensa faixa de areia e lá estava ela, mais bela que podíamos imaginar, barulhenta e cristalina, majestosa e pura como um presente de Deus.

Capítulo 05

Na cachoeira

O sol era convidativo a água limpa e rasa, tão transparente que se via os peixinhos coloridos nadando no fundo, um banho seria revigorante e realmente foi, tomamos todo o cuidado para não deixar lá qualquer coisa que pudesse interferir com a natureza, já estava na hora do almoço e nossa visita teria de ser breve, teríamos que voltar dentro do prazo determinado e já havia passado um dia e meio desde a nossa partida, mas agora voltar seria mais fácil á trilha estava aberta e poderíamos retornar com rapidez.

Todos se voltaram no preparo do almoço, Gringo com seu espírito menos naturalista pescou um peixe, no começo não aprovamos a idéia, mas não adiantou, o pobre bicho acabou se transformando no cardápio do dia e confesso que estava delicioso, tanto para os olhos, quanto para o estômago.

Já tínhamos planejado tudo, passaríamos ali mais uma noite e no dia seguinte o mais cedo possível voltaríamos em marcha acelerada em direção a fazenda, planejávamos chegar de volta no máximo até as 15 horas o que nos daria tempo de reorganizar nossa tralha antes da noite e então seria um sono profundo até o dia seguinte, livrando também o senhor Hermes de maiores preocupações com nossa demora.

Após o almoço e uma breve soneca, preparamos tudo para a nossa última noite na mata, queríamos voltar para a piscina natural da cachoeira e aproveitar o resto do dia, gastei todo o rolo de filme fotografando nossa estada ali naquele lugar lindo.

Á tarde o cansaço começou a pesar sobre meu corpo que não estava acostumado a tanto esforço, resolvi então me deitar sobre uma pedra lisa que estava numa das margens mais profundas da piscina, enquanto isso, observava uma enormidade de pequenos peixinhos que ao perceberem qualquer movimento na face da água nadavam eufóricos naquela direção a fim de devorar o que julgavam ser um inseto desprevenido que caiu sem querer na água.

Achei um enorme cupinzeiro com milhares de cupins que foi com certeza um dos mais ricos banquetes que eles já tinham tido.

Foi quando um fato curioso aconteceu, enquanto eu olhava para a água tive a impressão de ver um rosto, um rosto estranho de olhos tão negros que pareciam penetrar minha mente, fiquei observando a miragem que em poucos segundos desapareceu dando novamente lugar aos peixinhos de intenso frenesi.

Naquele dia eu tinha apanhado muito sol, a alimentação não era exatamente a qual era acostumado, enfim, tentei desfazer mentalmente toda a possibilidade de estar vendo fantasmas, nem quis falar nada para os demais temendo as gozações ou criar pânico entre as meninas.

Naquele momento resolvi não entrar mais na água a noite vinha chegando e o sol se encobriu pelas nuvens deixando o ar frio na sombra das árvores.

Todos resolveram sair da piscina e recolher-se mais cedo para as barracas.

Mas á noite a imagem do rosto que eu tinha visto refletido na água não me deixou pregar o olho, fiquei com tanto medo que não podia dormir, ainda mais que dessa vez não teve vigias durante a noite. Os rapazes tinham descartado toda a possibilidade de perigo e resolveram ter uma noite completa de sono sem se quer deixar a fogueira acessa, era nós, a escuridão e a natureza com seus sons assustadores, pedi tanto para o dia clarear rapidamente, mas não adiantava, a noite desfrutou todo seu potencial de terror sobre minha mente.

Enfim os primeiros raios de sol brilharam, só assim fechei os olhos por alguns minutos e quando pensei em dormir as meninas me chamaram, estava na hora de voltar para a fazenda.

Relutei em levantar-me, mas minha barraca logo foi desmanchada de cima de mim, era Gringo e Filipe que aprontavam tudo para nossa partida.

Ainda prometeram deixar-me ali se eu não estivesse em pé em menos de 10 minutos. Com a cara ainda mais feia que a de Cecília abri os olhos, quase rastejei até conseguir ter coragem de despregar meu corpo do chão, em poucos minutos parei sentado sobre um tronco de árvore que também servia de mesa para meu café da manhã, enquanto eu comia me cercaram perguntando como estava me sentindo, minha cara dava a impressão de que poderia estar doente.

Então comecei a contar o que havia acontecido e o por que de todo aquele estado deplorável no qual eu me encontrava.

Quando comecei a contar sobre a visão que eu tinha tido no dia anterior, aquele estranho rosto de olhos negros refletidos nas águas da cachoeira, uma cara de assombro preencheu a aparência de todos.

Logo começaram a ficar com um jeito um tanto quanto estranho. O mesmo jeito de quando Filipe narrou a história da luz azul que tinha visto no céu.

Logo um por um narrou que na noite passada tinha sonhado com o mesmo rosto, que parecia ser de um menino de olhos muito negros e brilhantes. Naquele instante nossa maior vontade era de sair o mais rápido possível daquele lugar, começamos a ficar com medo, todos sonharmos a mesma coisa não é algo muito comum.

Capítulo 06

A grande descoberta

Quando fomos em direção aos cavalos, apresados para sair o mais rápido possível daquele lugar reparamos que não estávamos mais sozinhos, o tal menino que até então era um sonho coletivo, estava lá na areia, próximo nada mais de 30 metros a nossa frente, cada um de nós apresentou uma reação diferente, as meninas gritaram, eu fiquei catatônico, Filipe até tentou correr mas acabou tropeçando nas próprias pernas e caiu, Gringo puxou da faca e ficou imóvel observando a reação do menino que agora se aproximava em passos lentos do lugar onde estávamos.

-Não se aproxime.

Gritou Gringo com a voz apertada de medo, o menino parou e permaneceu imóvel sentando na areia, como se esperasse que a gente se aproximasse.

Seus olhos penetravam nossas mentes como se estivessem revirando nossos cérebros, o susto começou a dar espaço as mais variadas e absurdas conclusões, seria um ET, um fantasma, alguém que estava perdido ou o filho de algum caçador que estava acampado próximo do lugar.

Gringo naquele momento mostrava ser o mais corajoso de todos, ficamos agarrados uns aos outros tendo o rapaz por escudo.

Tudo que tínhamos vivido até agora era uma história simples de aventura, mas isso, estava começando a fugir da realidade. O que um garoto que aparentava não ter mais que 12 anos estava fazendo naquele lugar inóspito?

E melhor, como ele tinha conseguido entrar nos nossos sonhos?

Enquanto nos desfazíamos do susto sem condições para maiores investigações, só nos restava bombardear o menino com perguntas.

Gringo foi o primeiro.

-Quem é você ?

-Sou Thoí, aprendiz e morador da Montanha dos Magos.

Respondeu o garoto que nem esperou Gringo terminar a pergunta.

-O mestre mandou recebê-los. Continuou o menino, já sabíamos que viriam, sejam bem vindos em nossa casa.

O menino prosseguia falando e mostrava não apresentar qualquer perigo aparente.

-Todos vocês já me conhecem, bem, não precisam ter medo, na noite anterior estive em seus sonhos e qualquer coisa que queiram saber sobre mim é só recordar do que conversamos enquanto estiveram dormindo, menos o garoto que parece ter ficado com medo e não dormiu sendo que conseguiu ver-me através do espelho das águas enquanto eu observava vocês,assim não pude conversar com ele enquanto dormia.

O pessoal já estava mais calmo e o menino bem próximo sentou-se sobre a areia a nossa frente enquanto todos vasculhavam as lembranças dos sonhos da noite anterior.

Isso é incrível falou Letícia, como se voltasse de um breve estado de transe, parecia que todos começavam a recordar das conversas que tinham tido com o garoto durante o sono, enquanto eu ficava ali sem saber direito o que estava acontecendo.

De repente todos começaram a agir como já conhecessem o menino a mito tempo.

Letícia começou então a contar-me tudo.

Acho que nossa aventura voou mais alto do que nossa imaginação poderia chegar, esse lugar é muito mais do que um simples lugar bonito, tudo aqui é muito especial e diferente, se alguém contasse isso que estamos descobrindo eu simplesmente acharia que é história de conto de fadas, esse menino, Thoí, é uma espécie de guardião e aprendiz, vive aqui com seu mestre um senhor que fugindo da guerra de seu país acabou chegando nesse lugar que desde então é sua casa, esse senhor é o que poderíamos chamar de Mago, tudo que ele possuía foi destruído na guerra, não suportando ver a destruição e a morte de muitos de seus amigos acabou fugindo e desistindo de viver com outras pessoas, guiado por um coração bondoso desenvolveu antigos conhecimentos de magia e alqui-

mia preservando a natureza e vida harmônica entre os elementos e os seres.

Agora as coisas já se tornavam um pouco mais aceitáveis e os pormenores da história do mestre teriam que ficar para outro momento já que os demais já andavam atrás do menino sendo levados para algum lugar.

Quando chegamos junto aos outros logo perguntei:

-Pessoal, onde vocês estão indo? Precisamos voltar pra fazenda.

O jovem Thoí respondeu:

-Fique calmo, não se preucupe, venha conhecer minha casa, antes da noite vocês estarão de volta na fazenda.

Capítulo 07

A estranha Montanha dos Magos

Seguindo os outros logo chegamos a um lugar que dava de encontro com um dos lados da montanha, olhamos em todas as direções e não víamos ali qualquer tipo de moradia, nossa surpresa foi quando Thoí tirando do bolso um cristal amarelo, ergueu a pedra acima da cabeça e se abriu uma passagem em forma de porta na rocha. Ele entrou, mas, nós ficamos ali fora sem compreender direito o que tinha acontecido.

Logo ouvimos sua voz que falava lá de dentro nos convidando para entrar.

Fomos entrando sempre meio receosos.

Era tudo incrível, as paredes eram fosforescentes e concediam ao lugar uma claridade fenomenal, sem falar que não tinham nem um sinal de umidade, o lugar era limpo e enorme desdobrando-se em muitos cômodos que adentravam pela rocha da montanha.

Thoí vendo nossa curiosidade começou a explicar que as paredes eram revestidas de plasma, por isso tinham claridade e também conservavam o lugar com refrigeração, em fim, em condições de uso para ele e seu mestre, pessoas iguais a qualquer outra senão pelo seu conhecimento.

-Deve ser uma novidade para vocês ouvirem falar desse tipo de coisa, só que para nós o uso de materiais ainda desconhecidos pelo homem é uma

coisa normal, os processos alquímicos do mestre levam tempo para serem desenvolvidos, mas melhoram em muito nossas vidas aqui nesse lugar e em muitos outros mundos dimensionais e planetários.

O lugar era bem agradável sem dúvida, quando Thoí convidou-nos a sentar, ficamos procurando os lugares de acento sem poder perceber qualquer móvel que pudesse servir para esse fim, mas foi só ele dirigir-se a um painel próximo de uma das paredes e tocar alguns cristais coloridos que nossa surpresa foi ainda maior, o ambiente começou a transformar-se automaticamente numa linda e confortável sala de estar que tomava forma utilizando-se das luzes que se desprendiam da parede como faíscas multe-coloridas materializando os móveis como num passe de mágica.

O cheiro do lugar era de chá cheiroso e o sofá tão macio que parecia acariciar as minhas costas que á dois dias descansavam no solo duro da mata.

Era um mundo totalmente diferente de tudo que já tinha visto antes e sequer minha imaginação poderia sonhar que existisse.

Não podíamos ficar muito tempo mais, em breve o senhor Hermes poria um monte de gente a nossa procura criando um verdadeiro mico para todos nós.

Logo apresei o pessoal para nossa partida,mais uma vez a o menino superou minhas expectativas.

Ele disse que poderíamos ficar mais tempo, aproximados 3 dias em sua companhia, que na verdade ele tinha programado e levado todo o núcleo da Montanha dos Magos para outra dimensão de tempo acelerado, onde o tempo age mais rápido e que assim viveríamos em poucos segundos mais coisas que no tempo da Terra e quando voltássemos após 3 dias na outra dimensão, haveria passado somente alguns minutos do tempo real ao qual éramos acostumados, dando-nos a oportunidade de voltar dentro do tempo que havíamos combinado com o senhor Hermes. Ao conferirmos nossos relógios notamos que os movimentos dos cronômetros dos segundos não correspondiam ao tempo de nossos movimentos e a primeira vista até achamos que eles estavam parados.

É lógico que Thoí deu-nos livre escolha e deixou bem claro que se, e quando desejássemos partir, éramos livres para seguir nosso caminho sem qualquer problema e que éramos convidados e não obrigados a qualquer coisa dentro da Montanha dos Magos, sendo assim é claro que resolvemos ficar mais tempo, nossas descobertas despertava muita curiosidade em todos e mereciam que fossem entendidas.

Logo a fome começou a apertar e nosso anfitrião percebeu nossas necessidades. A caminhada nos fez gastar bem mais energia do que éramos acostumados.

Thoí pediu ajuda as meninas que serviram na mesa uma cesta com uma variedade enorme de frutas coloridas e de cheiro espetacularmente delicioso. Ainda tinha leite com mel e uma sopa com uma espécie de hortaliça verde acinzentada que mais parecia capim cozido, mas o cheiro era delicioso e depois de sermos informados das propriedades nutritivas da planta, achamos que seria bom experimentar, apesar de não ter uma aparência muito boa o sabor era até que bem bom.

Thoí ainda disse: esperem até que o suco dessa planta seja absorvido por seus organismos, vocês vão se sentir totalmente revigorados.

E realmente, após alguns minutos nos sentíamos com uma disposição física!

Mas apesar de agora estar sentindo-me muito bem, meus olhos teimavam em recuperar as horas de sono perdido da noite anterior e o aconchego do sofá foi seduzindo-me de forma que não resisti e acabei cochilando.

Acordei ouvindo leves crepitares como se pedacinhos de cristais se chocassem no ar. Quando abri os olhos avistei sobrevoando o lugar um pássaro lindíssimo, as penas do rabo eram longas e formavam um grande leque enquanto o animal permanecia pairando assim como fazem os beija-flores, batendo as asas no mesmo lugar.

As pontas das penas das asas eram douradas como ouro e da cabeça sobressaia um longo penacho que ás vezes se arrepiava.

Logo entrou pela sala o jovem Thoí que ao estender o braço recebeu o animal sobre seu punho direito.

Parece que meu cansaço inspirou os demais a também tirar uma soneca e a antes sala de estar agora acomodava a todos em camas confortáveis.

Percebi Thoí sair para outra repartição do ambiente levando a ave misteriosa.

Minha curiosidade sempre aguçada inspirou-me a segui-lo. Ao chegar no outro ambiente notei Thoí que tocava uma espécie de instrumento musical com uma série de cristaizinhos pendurados por cordinhas. A cada toque ás pedrinha soltavam faíscas de luz que se desprendiam no ar em direção as penas da ave como se fossem atraídas e absorvidas pelo animal.

Fiz-me notar para não ficar por bisbilhoteiro e Thoí vendo-me pediu pa-

ra que fosse para próximo do lugar onde estavam.

Thoí começou então a contar-me que aquela ave era uma espécie de mistério da natureza e chamava-se Mensageiro dos Anjos, seu corpo físico é tão sutil que naturalmente ela conseguia mover-se por entre as dimensões de espaço tempo e servia Na montanha dos Magos como uma espécie de pombo correio levando e trazendo mensagens codificadas entre Thoí e o mestre, que naquela ocasião estava ausente.

O Mensageiro dos Anjos levava os recados codificados e serviam exclusivamente para o uso dos dois.

Perguntei a Thoí:

A onde se encontrava o tão curioso mestre que adivinhou nossa chegada mas não nos deu a honra de conhecê-lo? Quando o jovem foi dar seguimento ao assunto ouvimos um forte grito de Cecília, corremos para onde estavam os outros.

Ao chegar no local, Cecília juntava forças para gritar de novo enquanto os outros ainda zonzos não sabiam o que fazer.

Encontramos com um enorme animal preto do tamanho de um tigre que deitado sobre Cecília lambia-lhe a cara deixando seu segundo grito completamente abafado pelas lambidas.

Thoí falou, com voz doce e carinhosa:

Não assuste a moça Cham, então o gatão pulou no chão fazendo um forte estrondo, depois se atirou sobre o franzino garoto fazendo-lhe cair para trás.

Thoí rolou pelo chão agarrado ao animal soltando gargalhadas como crianças numa brincadeira de lutinha, deixando todos boquiabertos com as características pacatas do grande bichano que trazia no pescoço uma coleira com um grande medalhão dourado cheio de símbolos e tendo no centro uma grande pedra negra.

Cecília com as mãos sobre o peito refazia-se do susto enquanto os outros riam pelo acontecido.

Thoí conduzindo o grande bichano convidou todos a conhecer um pouco mais o lugar.

Enquanto voltávamos pelo corredor, acompanhados agora pelos outros, retomamos ao assunto do paradeiro do então misterioso mestre ao qual Thoí se referia com freqüência.

Thoí então começou a explicar:

O mestre encontra-se na convenção anual dos povos filiados com a União de planetas.

A convenção dos povos é um encontro muito importante onde são traçados planos e mostrados novos inventos para restaurar e preservar recursos naturais nos planetas. No planeta Terra, o homem é único animal que em prol de bens materiais que ás vezes nem são usados em sua necessidade de sobrevivência, destrói em poucas horas o que a natureza leva anos e até milênios para construir. Nossa espécie, os homens, ainda atordoados por muitos fatores negativos tendem a navegar rio abaixo pondo seus interesses pessoais somente no consumo e na indústria, sem visar a real capacidade de adaptação do planeta a grande quantidade de lixo e detritos produzidos, assim, afetamos o meio ambiente gerando perdas irreparáveis ao planeta e as novas gerações, criando a condenação de nossa espécie num futuro que se aproxima rapidamente.

Além da destruição do planeta, nossa espécie rompe elos de ligação da corrente que une todo o universo, deixando uma trilha de impossibilidades a todas as dimensões paralelas ao tempo espaço do planeta Terra.

As dimensões de espaço tempo mais próximas do planeta Terra são o mundo das Fadas, Élfos, e dos Gnomos e Duendes que fica no mesmo planeta.

Thoí mostrava estar bem preocupado com o assunto e eu que até então achava que esses seres, fadas, Gnomos e etc... eram seres criados pela imaginação humana, compreendi que sua existência era verdadeira e que sua importância era enorme para nosso planeta, são esses seres que a centenas de anos agem no nosso planeta cuidando da natureza, por isso, existem centenas de lendas que falam nessas criaturas míticas, essas criaturas são os anjos guardiões da natureza. Eu que sinceramente sempre duvidei da sua existência agora compreendia que na verdade o homem tem muito que aprender.

O mundo dos Magos com suas incríveis e fantásticas diferenças, nada mais é do que uma ciência que se põe acima da compreensão humana, uma ciência que no futuro ainda teremos de aprender para poder resolver as adversidades que ainda estão por vir ao nosso planeta e assim preservar a continuidade da nossa espécie.

A convenção reunia todos os maiores magos, cientistas, professores e mestres dos mais distantes planetas e espaços tempos. Ali eram debatidas e trocadas informações, poções que de mágicas tinham somente seu efeito, na realidade não passavam de descobertas científicas, tudo ali girava em torno do troca-troca e doações, era extremamente proibido o comércio para que a con-

venção conservasse a pureza de seus interesses que eram o bem maior de todas as espécies vivas inteligentes ou não dos mais longínquos lugares do universo.

Para os desabituados ao assunto deveria ser um verdadeiro circo dos horrores ver aquela multidão de seres das mais variadas constituições físicas, sendo que muitos dos povos conseguiam participar da convenção somente porque outras raças as representavam, pois era simplesmente impossível sobreviverem ao ambiente natural que abrangia a maior parte dos povos.

A genética, medicina e conservação de recursos naturais eram a cada ano mais e mais debatidos, contestados e aprovados por um crescente número de especialistas, no entanto, existe um sem fim de problemas que apenas alguns milhares de cientistas no universo todo não podem resolver. É preciso que todas as pessoas de qualquer lugar, os simples cidadãos, tenham o mesmo nível de conhecimento e vivam em prol dos mesmos objetivos, visando ter uma qualidade de vida digna e produtiva e que condicione as próximas gerações a superar-se e ter capacidade física e intelectual para solucionar todos os problemas que possam vir a aparecer, sempre respeitando a liberdade e a individualidade de cada ser.

Thói falava ininterrupto, apesar de minha pouca idade esses assuntos eram-me bem interessantes, não haviam muitas pessoas com quem eu pudesse falar sobre essas coisas, mesmo assim, constantemente revirava revistas e páginas da rede a procura de informações científicas.

Nosso planeta com certeza enfrenta um mal comum em muitos outros planetas do universo, onde são comuns os abusos dos povos contra natureza gerando através da industrialização descontrolada a geração de poluentes que degradam os recursos naturais o que gera uma perda irreparável pra as gerações seguintes.

Enquanto andávamos, sem dar-me conta, saímos da Montanha dos Magos e nossa conversa seguiu-se por uma estradinha que ia a um grande jardim, havia flores tão grandes que pareciam guarda-sóis de abas multe-coloridas.

Quando voltei minha atenção aos outros notei que haviam se espalhado por entre as flores, acho que eles não se sentiam muito á vontade com nossa conversa que aos menos despreocupados com problemas acham chata.

Filipe e Gringo acharam um lugar e ficaram conversando ao sol, Cecília, quem diria, achou em Cham um fiel amigo e observei o enorme felino servir de montaria para a moça que extrapolava agrados ao gatão.

Notei que Letícia havia sumido e fiquei um tanto preocupado com a ga-

rota.

Pedi que Thoí ajudasse-me a encontrar minha irmã e ao perguntarmos a Filipe e Gringo que direção ela havia tomado, nos foi apontada uma estradinha de pedras que se desdobrava em zigue-zague por entre as árvores.

Enquanto seguíamos pelo caminho, Thoí narrava a história das fantásticas fadinhas, o lugar (espaço tempo) para o qual Thoí havia nos levado, era a dimensão das pequeninas. Aquele jardim guardava a principal colônia, ali viviam na cidade das fadas, seu lugar de descanso durante a noite. Durante o dia partiam para seus trabalhos nas dimensões próximas, inclusive a Terra, isso, nos daria a oportunidade de conhecê-las.

Capítulo 08

A cidade das fadas

Seguíamos a procura de Letícia e em todo lugar que olhávamos era repleto das mais variadas plantas e flores, árvores de enormes portes sustentando em seus galhos quantidades incríveis de frutos, hortas com as mais variadas e até curiosas formas de legumes.

Tudo cultivado com cuidado, não se notava um matinho sem utilidade, sem falar na quantidade de ervas medicinais que perfumavam naturalmente o ar próximo aos seus canteiros.

O lugar parecia um verdadeiro jardim do Éden.

Logo avistamos um enorme chafariz e em sua volta sobrevoava um sem fim de pássaros das mais variadas espécies numa cantoria desordenada que tomava conta do lugar.

Thoí passou-me a explicar que aquele lugar era conhecido como o bebedouro das fadas e que em determinada época do ano acontecia um fenômeno com as pequeninas, a época da troca das asinhas, quando as asas antigas caiam dando lugar a outras novinhas que se desenvolviam em alguns meses. Antigamente se podia esperar até crescerem novamente, onde eram tecidos casulos e as fadinhas esperavam embernando até que pudessem voar novamente, mas nos tempos de agora essas tradições milenares foram abolidas pela enorme carga de tarefas das pequeninas.

O grande número de pássaros explicava-se pelo fato de que no período em que as fadinhas se impossibilitam de voar os pássaros eram usados como montaria, dando recurso para que continuem a desenvolver suas tarefas normalmente.

Logo avistamos Letícia ajoelhada sobre a grama observando uma enorme quantia de grandes libélulas que pairavam sobre sua cabeça.

Ao nos aproximar, comecei a notar que as tais libélulas não eram libélulas, mas sim as tão mencionadas fadinhas.

Letícia deixava transparecer uma grande emoção e ao notar nossa presença virou o rosto em nossa direção mostrando os olhos cheios de lágrimas.

As fadinhas vinham, pegavam nos cabelos de Letícia fazendo pequenas tranças e adornavam sua cabeça com florzinhas brancas, aquilo parecia ser um gesto muito amigável e confesso que também fiquei muito emocionado enquanto Thoí mostrava um sorriso.

Gringo, Filipe e Cecília acompanhada do enorme Cham, logo chegaram onde estávamos e também ficaram muito surpresos ao verem as fadinhas.

Logo começaram a chegar mais e mais fadinhas, tantas que quase não conseguíamos mais conversar do tamanho barulho que provinha do ruflar de suas asinhas.

Sua proximidade era tanta que até tínhamos medo de nos mexer e acabar causando a queda de alguma das pequeninas, mas Thoí movia-se normalmente obrigando algumas a fazerem manobras radicais para se desviar de suas mãos.

Cham que se aproximava vagaroso, arrepiou os pelos do pescoço e quando suspeitávamos que o felino iria soltar um grande urro que no mínimo faria as fadinhas sumirem por alguns minutos, tal foi a nossa surpresa, saiu um mialzinho tão fraquinho que sinceramente causou-nos risos. Thoí sinalizando com as mãos fez com que todas as fadinhas se afastassem voando todas em bando para a mesma direção.

Letícia pediu a Thoí que não as magoasse, pois eram criaturinhas tão maravilhosas, Thoí explicou não as ter magoado que em breve poderíamos conhecer o povo das fadas com maior profundidade, levando a mão na boca falou como estivesse segurando um microfone.

-Élfo Klinter apresente-se no bebedouro das fadas e traga 30 litros de leite quente e uma tigela para o Cham.

Mais um ser curioso que iríamos conhecer um Élfo.

Quem é ele? Perguntou Filipe.

-Um ser muito especial do qual espero um dia ter muito orgulho, mas por enquanto peso-lhes que não reparem no jeito que me relaciono com Klinter, tenho que ser extremamente exigente com ele. Devo isso ao avô de Klinter um grande mestre de magia elemental com quem apreendi uma série de coisas, como pagamento por seus ensinamentos recebi seu incorrigível neto o Élfo Klinter para que eu tente aqui dentro da Montanha dos Magos corrigir suas falhas, falhas que nem tão sábio senhor conseguiu desfazer, missão a qual morrerei tentando para quem sabe um dia fazer de klinter um ser capaz de guiar seu povo.

O Élfo Klinter é um dos mais poderosos Magos de magia elemental, compreende todos os poderes do fogo, água, ar e terra, mas é como Cham, não tem idéia de sua força e do que é capaz de fazer.

Cham cresceu por causa de um acidente, bebeu alguns goles de uma experiência do mestre e acabou crescendo, mas sua idéia é de que continua sendo um pequeno gatinho.

Nisso olhamos ao longe e vimos um anãozinho de aproximados 50 cm de altura puxando um carinho vagarosamente, trazendo sobre ele uma grande bacia.

-Élfo Klinter, gritou Thoí, mova-se o gato Cham esta com fome, podiamos ver que Klinter vinha resmungando e puxando o carinho que parecia ser demasiadamente pesado para o seu tamanho.

Cham ao perceber o cheiro do leite foi correndo em direção ao carinho, Klinter ainda tentou impedir, mas o bichano após dar algumas lambidas no leite voltou-se contra Klinter lambendo sua cara e fazendo seu boné saltar aos céus, deixando o rosto esverdeado de Klinter pingando leite.

Thoí segurou-se sério, enquanto nós, não conseguimos agüentar a cena de comédia que se fazia a nossa frente, as risadas eram de dar dor na barriga.

Thoí mostrando cara de desaprovação pediu para que Klinter viesse até nós, o pobre infeliz que tinha por natureza a pele verde oliva agora passava a um cinza esbranquiçado e trazia no rosto um sorriso de completa timidez.

Thoí com ar autoritário falou:

-Desastrado Élfo Klinter. Quero que conheça meus amigos, por favor, seja mais cuidadoso, não faça-nos correr riscos de vida.

O pobre Élfo não sabia como agir, somente esfregava e limpava o rosto com o boné que catou correndo do chão.

Naquele momento sentimos pena da figura que se apresentava diante de nós enquanto Thoí prosseguia aplicando-lhe um sermão. Lembre-se dos ensinos do seu avô, ou será que todo aquele vinho de cogumelos selvagem corroeu o seu cérebro.

Klinter até tentou desculpar-se, mas foi interrompido por Thoí que sequer deixou suas desculpas serem expostas e já foi aplicando-lhe novas ordens.

-Vá até lá dentro e busque o comunicador das fadas.

Klinter que saiu andando em direção a montanha foi chamado de volta.

Thoí mostrava ares de mais irritado ainda e falou.

-Élfo Klinter, por favor, nessa velocidade você vai levar uma semana para voltar.

-Vá rápido, gritou Thoí que até então nunca tinha visto perder a paciência daquele jeito.

Quando Klinter sumiu correndo Thoí mostrou-se triste, dizendo, não pensem vocês que isso me agrada, muito pelo contrário, deixa-me muito triste, mas tenho certeza que no futuro ele ira me agradecer.

Deixando de lado Klinter vamos conversar sobre as coisas que vocês em breve irão constatar. A máquina que Klinter foi buscar possibilitara com que vocês e o povo das fadinhas possam manter um contato mais próximo. É um aparato de uso comum mas de valores significativos.

O rei Agnus e a rainha Missara são os atuais responsáveis pelo reino das fadas, o maior emprego de seus cargos é o contato diplomático com os povos, as fadas são criaturas conhecidas em todas as partes da galáxia por seu empenho em manter a ordem e a paz, estão sempre a serviço da União de planetas, constantemente são convocados quando da descoberta de planetas habitados por formas de vida inteligentes ou de extras dimensões. Conduzem pesquisas e se possível entram em contato com esses povos e até mesmo criam grupos de voluntários do povo das fadas para desenvolverem projetos nesses planetas recém descobertos.

A proteção e a organização da cidade ficam a cargo da princesa Jack e do comandante Minaro, pois raramente seus supremos governantes estão presentes. E quando estão, a União sempre os encarrega de aprender um novo idioma para futuros contatos ou algo desse tipo.

Logo observamos vir em disparada por entre as plantas o que parecia ser um animal selvagem e que logo podemos notar que era Klinter que dessa vez vinha cavalgando uma interessante montaria, nada mais, nada menos, de que

uma emplumada avestruz.

Thoí dessa vez conversou com o Élfo com bem mais cortesia.

-Muito bem Klinter, dessa vez você conseguiu me surpreender com sua criatividade, estendendo a mão para o Élfo, recebeu uma caixa de madeira e pediu para que o acompanhássemos.

Seguimos na mesma direção em que as fadinhas tinham voado e logo nos deparamos com o que parecia ser um sem fim de casinhas de boneca, todas sobre palafitas, mais ao centro uma grande construção que julgamos ser o prédio principal do palácio.

Logo fomos cercados por algumas fadinhas que ao reconhecerem Thoí retornaram ao centro da cidadezinha em disparada.

Quase de fronte a entrada principal estava uma grande mesa que possuía dois encaixes. Thoí abriu a caixa e tirou de dentro dela duas pedras azuis ligadas por uma espécie de fio que couberam com perfeição nos encaixes da mesa.

Logo ambas começaram a brilhar estendendo seu brilho quase ao tamanho de uma pessoa adulta.

Thoí sorrindo e observando nossa curiosidade disse:

-Em breve vocês conhecerão o comandante Minaro responsável pela guarda, respeitado cidadão e no tempo antigo reconhecido estrategista militar.

Vimos então se aproximando do lugar um pequeno grupo que agora voava em formação e logo pousou sobre a mesa onde brilhavam os grandes cristais, logo uma das fadinhas pousou sobre uma das pedras e sua imagem foi transmitida pela luz deixando seu pequeno corpo ser visto nos mínimos detalhes por todos nós assim como suas voz também podia ser ouvida e entendida em nosso idioma.

Thoí principiou a conversa:

-Desculpe-nos comandante por tirá-lo de seus afazeres, meus amigos mostraram interesse em conhecer o seu povo, nossa visita é simplesmente de cortesia e não trás nem um problema a ser resolvido, se estivermos atrapalhando vamos embora.

-O comandante deu uma gargalhada e seguiu falando.

-Jovem Thoí, é sempre um enorme prazer receber você e todos aqueles que são seus amigos. A princesa ficou muito contente ao saber que você está aqui, sendo que o rei e a rainha estão na convenção assim como também seu mestre, sua visita é uma boa surpresa ainda mais sendo somente por cortesia.

A princesa ordenou:

Você deve entrar, ela deseja velo e só não veio recebê-lo pessoalmente porque ficou com medo de que fosse embora sem mais demoras deixando a visita para outro momento.

Parece que algo estranho estava acontecendo, como Thoí ou qualquer um de nós poderia entrar na cidade? Se fizéssemos isso com certeza acabaríamos derrubando as pequenas construções que para nosso tamanho eram muito delicadas.

Thoí olhou-nos e disse:

Vejam só, nossa presença não é mais uma visita, agora é uma ordem da princesa. Vamos então?

Ficamos com cara de babacas olhando uns para os outros sem saber como proceder.

O comandante agora se afastava das pedras e voltou a ser pequeno como antigamente.

-Thoí então começou a explicar-nos:

Ponham suas mãos sobre o cristal maior, todos ao mesmo tempo, não tenham medo é indolor e completamente seguro, uma luz azul iluminará seus olhos e em alguns segundos vocês estarão vendo o comandante e então terão encolhido ao tamanho de fadinhas.

E assim fizemos e realmente aconteceu, uma cena estranha era observar de cima da mesa nossos corpos que permaneciam lá parados como estátuas sem apresentar nem um movimento tendo ainda as mãos sobre a pedra azul.

Nosso primeiro problema era, como descer da mesa? Filipe com seu espírito aventureiro queria uma corda para descer até lá embaixo.

E nós, como faríamos?

Logo surgiu a solução, era só fecharmos os olhos, estender os braços para cima e em poucos minutos os soldados da escolta do comandante suspenderiam nossos corpos e largariam no chão, assim foi feito, embora o medo fosse enorme e uma queda daquela altura correspondente ao tamanho em que nos encontrávamos fosse de mais de 20 m. de altura, deu tudo certo na nossa descida, em poucos minutos, estávamos todos em chão firme sem perigo de acidentes e seguindo em direção aos portões da cidade que raramente eram usados já que a maior parte do tempo á cidade tinha moradores alados.

Thoí era uma celebridade, cumprimentado por todos que encontrávamos pelo caminho que levava ao prédio principal onde a princesa esperava na

entrada com um sorriso claro e amistoso.

Se ela era bonita?

Parecia um anjo que caiu do céu, cativava qualquer coração. As expressões daquele povo, não é como as pessoas da Terra, parece que conseguíamos ver os sentimentos que vinham do seu coração e era uma coisa doce, boa e saudável, fomos tratados como se já fossemos amigos a milhares de anos, isso deixou-nos a vontade, a princesa andava pelas ruas, sim, cidade de fadas também tem ruas, precisam ser adaptadas para que possam ser usadas quando elas perdem as asinhas e em quanto seguimos pela cidade todas as fadinhas cumprimentavam e sorriam para a princesa, não porque ela era princesa, mas sim porque realmente ela era querida por todos.

Depois de longo passeio onde fomos apresentados para muitas pessoas daquele povo fomos informados que naquela noite haveria uma enorme festa que simbolizava o período da queda das asinhas onde também a princesa e várias outras fadinhas estariam debutando, isto é, completando seus 100 jovens anos de existência, isso no tempo correspondente ao tempo do planeta Terra.

Lógico que só não fomos convidados para a festa, como também persuadidos a ponto de não ter como desistir, nosso medo era de sermos intrusos numa festa que era de tanta tradição para aquele povo, nossa primeira desculpa foi não estar vestidos de acordo para a ocasião, mas, não adiantou, em poucos minutos várias roupas lindíssimas foram entregues a nós. A única coisa que não se usava por ali eram sapatos, inclusive Thoí, andava descalço por todos os lugares.

Nos deram quartos para que pudéssemos nos aprontar, mas ainda era muito sedo, então aproveitamos a oportunidade de conhecer todos os encantos da pequena cidadezinha.

As casinhas dos trabalhadores eram simples, construídas com galhos de árvores, barro e cobertas com folhas, embora a simplicidade das construções, tudo era tão organizado que se tornavam lares muito especiais muito decorados e coloridos.

Enormes pavilhões guardavam centenas de quilos de sementes, lá trabalhava o grupo responsável pelos estoques e a distribuição das sementes que ajudavam a natureza a preservar as espécies naturais da flora.

A princesa nos deixou, estava cuidando pessoalmente dos preparativos finais do jantar onde a cidade inteirinha sem se quer faltar uma fadinha das que viviam na cidade, iriam participar.

As festas eram raras entre aquele povo, sendo somente duas anualmente e mesmo assim, mais de 70% da população não se encontrava na cidade, estava no cumprimento de suas tarefas pelas matas, fazendo sementes brotarem, cuidando de animais selvagens feridos por caçadores, desarmando armadilhas e cumprindo com o mais rigoroso empenho as tarefas que lhes eram atribuídas.

Quando o sol começou a se esconder, nós os rapazes, ficamos todos reunidos em um quarto que tinha uma grande janela de fronte para a entrada da cidade, logo uma nuvem de pequenos trabalhadores apontou no horizonte fazendo um murmúrio e um zumbido ensurdecedor que logo teve fim, estavam todos eufóricos se aprontando para a festa. A cidade começou a ficar iluminada por pequenas esferas de cristal postas em todos os lugares mais altos.

Um cheiro de flores do campo tomava conta de todos os lugares junto com um ar de alegria que observávamos naqueles que passavam na rua abaixo da nossa janela, andar era um costume na cidade, já que os zumbidos das asinhas tornavam-se demasiadamente alto e incômodo durante a noite quando muitos estavam descansados da dura lide diária.

Thoí entrou pela porta usando um bonito traje, nós também já estávamos prontos, chegava á hora de irmos ao local das comemorações.

Passamos no quarto onde Letícia e Cecília tinham ficado a experimentar belos vestidos armados, nossa surpresa foi imensa ao ver as meninas vestidas com aquelas roupas, estavam simplesmente lindas, com os cabelos adornados com flores e brincos de pedrinhas coloridas que ao reflexo das luzes brilhavam intensamente, nem pareciam ás mesmas pessoas que á algumas horas eram semelhantes a soldados mateiros.

Logo seguimos em frente e confesso que era um tanto estranho vestir-se com roupas tão bonitas e ao mesmo tempo ter os pés descalços. Seguindo por um longo corredor chegamos na parte do prédio onde aconteceria á festa, era impressionante, as festas podiam ser uma raridade entre aquele povo, mas, sua beleza e organização eram incríveis, o ambiente era enorme e a mesa onde seria servido o jantar estendia-se ao longe não nos deixando ver o final.

No palco instalou-se uma enorme orquestra. A concha acústica realmente era uma enorme concha marinha que reproduzia fielmente os sons de todos os instrumentos.

Em quanto isso o lugar ficava cheio de fadinhas de aspectos semelhastes, mas, de características variadas, gordinhas, magrinhas, altas, baixinhas, mas

uma coisa era comum em todos, a amizade e a harmonia que conseguiam ter vivendo em sociedade, seus trabalhos eram sem dúvida bem árduos, suas mãos demons- travam serem ferramentas muito utilizadas, dedos e unhas machucados e mãos calejadas parecia ser uma peculiaridade para uma grande parte deles.

Eram grupos e grupos que conversavam quase sempre sobre assuntos ligados as suas tarefas diárias.

Logo nossa presença adversa foi notada, nos tratavam com muita atenção conversando e tentando fazer com que nos sentíssemos o mais a vontade possível.

Ficamos cercados por vários seres daquele povo que em qualquer momento foram indelicados, embora, a ganância dos homens da Terra fosse a maior razão dos maus tratos a natureza e isso produzisse para as fadinhas um grande trabalho aqui no planeta Terra.

Letícia e Cecília logo estavam entre novas amigas e pelo jeito o assunto era bem interessante, vez em quando, risadas da turma das meninas se espalhavam pela sala.

O lugar parecia um sonho, era decorado em forma de brincadeiras de criança, um peão ao centro transformado em chafariz dava a impressão de estar girando com os efeitos da água, dominós, dados e peças de tabuleiro serviam de mesas e acentos em quanto no teto, voava um monte de passarinhos de folhas de árvores que produziam uma brisa suave e refrescava o lugar, junto aos pássaros várias bolas coloridos moviam-se pra lá e pra cá parecendo ter vida própria, vez em quanto explodia um, soltando um pó cintilante que produzia nos pés uma incrível sensação de conforto.

De repente um toque de clarim fez silenciar á todos. Era o comandante que subia ao palco para dar início oficial ás comemorações.

Um silêncio total fez-se no ambiente enquanto ele saio falando.

-Senhoras e senhores é com enorme prazer que dou início as nossas festividades, nesse ano recebendo em nossas comemorações o jovem Thoí já conhecido de todos e alguns de seus amigos da dimensão paralela Terra onde trabalham muitos de vocês.

Tendo em vista que de hoje em diante até o final de 7 dias nossas asas começarão a desfazer-se, tomem cuidado em suas tarefas para que não aconteçam acidentes. Recolham as maiores quantidades de pedaços de asinhas possíveis como habitualmente em todos os anos, cuidem para que os pássaros que

servirem de montaria no cumprimento de tarefas indispensáveis, sejam bem alimentados e tratados com cuidado afim de não prejudicarmos sua reprodução e a sobrevivência de sua espécie, quando houver problemas, consultem seus superiores afins de não comprometerem suas ações.

De nosso cuidado dependem muitas espécies sendo que nenhuma é mais importante que a outra e todos os esforços são válidos para salvar vidas. Meus amigos sejam felizes, criem e façam do universo um grande jardim repleto de vida por todos os lugares, conforme foi o desejo dos nossos antepassados e é nosso desejo hoje e ainda será pela eternidade. Passo agora a palavra á princesa Jack.

Nisso um grande ruflar de azar encheu o ambiente, correspondia ao nosso tradicional aplauso.

A princesa subiu ao palco, ainda mais bonita do que na vez anterior que a tinha visto, seu vestido cintilava refletindo em sua pele extremamente alva dando-lhe um aspecto ainda mais angelical.

A princesa iniciou sorridente cumprimentando a todos.

-Boa noite meus amigos, sejam bem vindos a nossa festa, meu coração vibra de felicidade ao ver cada um de vocês aqui hoje, no passado podíamos sem preocupações deixar de lado nossas tarefas e fazer antigos rituais que comemoravam algo que é tão importante e fundamental a nossa espécie que é poder voar, tecíamos casulos e passávamos embernando e em metamorfose o tempo necessário para o desenvolvimento das novas asas em completo estágio de repouso, porém nossa realidade hoje é outra, não nos permite o abandono das tarefas dos campos e matas.

Então gostaria de agradecer o empenho de todos vocês que saem todos os dias para os mais distantes lugares no cumprimento de suas tarefas, retornando somente ao anoitecer, continuem fazendo com empenho seu trabalho para o bem maior de todas as espécies do universo.

A cada dia nosso trabalho esta sendo mais e mais dificultoso, nosso povo, amigos e parentes estão sendo espalhados por todos os cantos do universo pela União, que julga os serviços de nossa gente de extrema importância em alguns lugares, o que nos deixa orgulhosos e ao mesmo tempo penosos na falta dessas pessoas as quais temos muito amor e cuidado, esperamos que no futuro, nossos dias sejam menos carregados de preocupações e trabalho, assim, poderemos desenvolver uma vida de ritmo mais lento e sossegado voltados unicamente ao nosso próprio bem estar.

Não podemos deixar de falar naqueles que em cumprimento de seus afazeres não mais voltaram á cidade das fadas, desaparecendo completamente do nosso convívio, esperamos que estejam bem e saldáveis no lugar que estão, quero também apresentar nossos visitantes que nos dão o prazer de estarem conosco nessa noite.

Nisso já estávamos sendo conduzidos ao palco pelo comandante que nem nos deu tempo para ficarmos envergonhados, quando reparei de cima do palco aquela verdadeira multidão que nos observava, senti minhas pernas bambas e o estômago pareceu querer sair pela boca.

Thoí então começou a falar e foi nos apresentando um a um, fui o último e também o sorteado a terminar as apresentações, nesse instante um verdadeiro nó se fez em minha garganta, queria falar tantas coisas, mas, simplesmente não conseguia, Thoí me vendo em apuros, tocou-me na nuca com a ponta do dedo indicador e minha garganta destravou e as palavras em fim fluíram normalmente.

-Muito obrigado amigos do reino das fadas por receber-nos tão calorosamente, queria eu que todas as pessoas do nosso mundo entendessem os vínculos existentes entre todas as criaturas do universo e a necessidade de conservar as criações divinas que são impossíveis de serem reproduzidas mesmo que se utilizem
as mais avançadas tecnologias.

Destruindo as fontes de recursos naturais vamos acumulando para as futuras gerações problemas que não se sabe se terão soluções, esperam sinceramente que um dia a nossa raça, homens e mulheres da Terra, consigam participar das criações de Deus vivendo em harmonia com a natureza e consigo mesmo, sem precisar destruir um lugar que abriga infinitas possibilidades de conceder a todas as espécies existentes em seu globo uma vida feliz e harmoniosa.

Parece que as minhas palavras improvisadas tocaram os que estavam em minha volta, meus amigos ouviam com um olhar triste e pensativo as coisas que eu falava. Tristes realidades.

Continuei:

Parabéns por seu mundo tão extraordinário e que nos enche de esperanças de ver o nosso mundo ser assim cheio de coisas boas com pessoas tão maravilhosas quanto são o povo da fadas.

Nisso ganhei um grande ruflar de asinhas enquanto a princesa aproxi-

mou-se para encerrar.

-Amigos o jantar está delicioso e nos aguarda na outra sala, acomode-se para a refeição. Ficamos ali esperando enquanto calmamente as pessoas dirigiam-se ao local da grande mesa.

Logo o comandante veio ao nosso encontro e nos conduziu aos nossos lugares, o jantar estava ótimo principalmente umas frutinhas vermelhas recheadas com cogumelos que foram as minhas preferidas.

A princesa extremamente comunicativa deixou-me a vontade para desfazer as minhas curiosidades, logo fiz um monte de perguntas:

Porque as asinhas das fadinhas são recolhidas?

A princesa explicava-me atenciosamente que as sementes que são plantadas com uma fórmula feita a partir das asinhas caídas crescem com mais rapidez e não são atacadas por qualquer tipo de praga nem consumidas por insetos ou animais, isso garante que brotarão e serão saldáveis e produtivas.

E assim foram sendo explicadas várias outras curiosidades, foi quando Thoí chamou-me e fez-me ficar de novo com tremores nas pernas dizendo-me:

-Você abrira o baile dançando com a princesa.

-Minha resposta foi que seria impossível.

-Não sei dançar, expliquei ao jovem sábio, mas não houve alternativa era um gesto de cortesia e educação e jamais eu faria tal indelicadeza com a nossa tão amável anfitriã, assim ele explicou-me os procedimentos e enquanto a conversa continuava a mesa começou a ficar vazia com todos dirigindo-se para o salão do baile, eu e a princesa esperamos até que a maioria estivesse no local para então continuar as demais festividades.

Logo nos dirigimos seguindo pelo corredor que conduzia ao salão, era uma sensação estranha ver as pessoas abrindo espaço para passarmos entre a multidão. As pessoas nos aguardavam formando um grande circulo com muitos casais já prontos em dar continuação ao baile, ao chegarmos ao centro do salão a orquestra aprontou-se e num breve olhar da princesa iniciou-se o que parecia ser uma valsa suave e harmoniosa composta por anjos num dia de muito boa inspiração, deixei fluir lento e calmo um passo para um lado um passo para o outro e em poucos segundos todos os casais que antes nos observavam estavam dançando embalados pela bonita música.

Fiquei mais calmo ao ver que Cecília e Gringo estavam saindo-se bem pior do que eu. A princesa mostrava-se muito feliz e logo foi chamada por algumas pessoas que pareciam ser das hierarquias mais altas do reino das fadas,

pedindo-me licença, dirigiu-se ao grupo que solicitava sua presença.

Ainda bem,tudo tinha dado certo sem maiores problemas, minha curiosidade agora era encontrar Thoí que com certeza no meio de tanta gente inteligente deveria estar tratando de assuntos muito interessantes a minha vista.

Depois de algumas voltinhas na outra extremidade da sala pude avistar sentado sobre os dados o comandante e Thoí que com mais alguns senhores debatiam empolgados sobre alguma coisa.

Aproximei-me cuidadoso para não ser inconveniente e logo fui chamado a participar das conversas sendo apresentado a todos os presentes,logo a conversa descambou para um assunto que era muito peculiar, por incrível que pareça estavam debatendo fórmulas de armazenamento de dados, parece que a grande quantidade de espécimes existentes em todos os mundos gerava um grande
arquivo que com os tempos ficou difícil de ser organizado e catalogado e uma simples consulta poderia levar dias para ser concluída já que dependia dos sistemas da União dos planetas para ser feito.

Nossa melhor tecnologia em transmissão de dados e informações com certeza é o sistema de computadores ligados em rede ou a Internet e ao explicar sobre como funcionava esse sistema chamei a atenção do grupo que apesar de estarem adiantados em muito aos nossos sistemas não tinha observado a simplicidade e a facilidade que seria trabalharem com um meio semelhante ao nosso.

Ouvindo a conversa deles pude notar que o que chamavam de arquivo grande era mesmo grande, os dados de uma símples planta com sua cadeia genética é um verdadeiro emaranhado de informações de tamanho assustador.

Despontando em suas recentes pesquisas, tinha sido descoberto um tipo de criatura que era constituída a base de energia e alimentava-se exclusivamente de energia plasmática, essa criatura servia como uma espécie de armazenador natural de dados convertendo as informações em luz desde que a criação desse ser fosse feita através de um sistema controlado, essa criatura poderia ser muito útil já que um único ser desse tipo, de tamanho de uma bola de tênis poderia armazenar dados equivalentes a nossa rede inteira de computadores.

Certos cuidados teriam de ser feitos para que a aplicação dessa espécie de criatura, já que se fossem libertas em um planeta poderiam com o tempo transformar-se numa verdadeira praga.

Se um planeta como a Terra fosse contaminada com essa criatura e atingisse níveis muito altos de poluição, com certeza elas tentariam absorver a

energia plásmica incutida nos corpos físicos dos seres humanos gerando assim um verdadeiro caos ao povo que seria vampirizado sem trégua até a morte total de todas as pessoas do planeta.

Há forma de aprisionamento desses seres era feito através de diamantes e uma alimentação e reprodução controlada poderia ser a solução para torna-los úteis a uma causa realmente favorável a todas as espécies, fiquei pensando se tal criatura um dia existisse em nosso planeta como teríamos que agir para eliminá-las, tive um tremendo susto ao saber que a tal criatura já estava em nosso meio e tinha sido na Terra que ela tinha sido descoberta, sua raça era muito mais antiga que a existência dos homens no planeta Terra, na verdade, os invasores de seu habitat, éramos nós, seres humanos.

Até então não éramos afetados pela espécie que sobrevivia e se reproduzia obtendo seu alimento plásmico de animais e plantas mortas alimentando-se do que ainda sobrava nos corpos depois da morte física.

A impressão que agora eu tinha dessas criaturas era que eram vampiros comedores de cadáveres.

Mas logo entendi que todas as coisas devem ter sua forma de aproveitamento e até essas criaturas estranhas podem ser boas ferramentas na luta pelo bem estar de todos, mas, se o planeta deixa-se de gerar os recursos necessários a essa espécie, poderíamos ter um sério problema no futuro.

Ao expor minhas preocupações ao grupo fui logo acalmado por um raciocínio lógico.

Se houvesse o ataque dessas criaturas aos seres humanos, seria porque o planeta já estaria definhando, sem possibilidades de sobrevivência dos seres humanos na face da Terra.

Quando isso fosse propício a acontecer, com certeza á espécie humana não mais existiria nesse planeta.

Enquanto escutava atentamente a conversa que aos poucos se transferiu para outro assunto, fui carinhosamente puxado pela mão por uma das novas amigas de Letícia e Cecília que me chamou para dançar, não querendo ser indelicado abandonei o grupo por alguns instantes.

Não tinha noção mas podia perceber que o tempo passava bem mais rápido do que minha curiosidade conseguia ser saciada, entre uma dança e outra, onde raramente os pares eram os mesmos, todos nós criamos muitas amizades. Quando a
sala começou a esvaziar-se chegou á hora de voltar para a montanha dos Magos,

tinha sido uma noite muito agradável e proveitosa.

O dia seguinte seria como em todos os outros, trabalhoso e cansativo o que não permitia a permanência da maioria das pessoas da cidade na festa.

Depois de agradecer e nos despedir da princesa e dos nossos novos amigos deixamos nossas roupas emprestadas nos lugares de antes e o comandante nos guiou de volta até a grande mesa onde avistamos nossos corpos parados como estátuas enfeitando o jardim.

Fazendo todo o processo inverso ao que tínhamos feito antes voltamos ao nosso tamanho normal.

Ao abrir os olhos, tendo ainda as mãos sobre os cristais, tudo parecia ter sido um sonho, só acreditei em tudo que tinha vivido quando percebi o grupo de pequeninas que retornava em formação a Cidade das Fadas, tendo seu caminho iluminado por pequenas lanternas.

O jardim estava escuro, mas a lua cheia deixava visível o caminho de pedras que demarcava com segurança nosso retorno. O cansaço agora nos limitava a uma vontade
enorme de dormir.

Quando chegamos de volta, Klinter parecia ter adivinhado nossas necessidades e tinha preparado tudo para nosso descanso mal caímos na cama e dormimos profundamente até o dia seguinte.

Capítulo 09

O gato Cham

Acordei no outro dia com a conversa de Letícia e Cecília que assim que abri os olhos observei estarem segurando um bonito gato preto de proporções absolutamente normais, as garotas indagavam-se curiosas.

-Será que é ele?

Enquanto me punha de pé entrou pelo ambiente nosso amigo Thoí, que parecia ter dormido muito bem.

Ao avistar o animal Thoí também se mostrou curioso, o pequeno animal que agora era seguro no colo por Cecília era o mesmo enorme gato Cham que antes era maior que uma pantera.

Os efeitos da poção mágica de crescimento onde Cham caíra acidentalmente haviam passado e o antes grandalhão felino agora era um gatinho comum como todos os outros de sua espécie.

O medalhão havia sumido do pescoço de Cham, por certo havia ficado grande demais e caiu do seu pescoço em algum lugar. Medalhão esse que depois descobrimos ser bem incomum.

Nosso café da manhã do segundo dia na Montanha dos Magos foi totalmente dentro do normal, ovos, pão preto, mel e suco de frutas. Desta vez o gato Cham acompanhou nosso desjejum apenas com uma fatia de pão embebido com leite morno, o bicho perdeu o tamanho mas não o jeito doce e a amizade que criou por Cecília que continuava cuidando dele com muita ternura.

Thoí logo começou a explicar mais detalhadamente a história do gato Cham que quase teve um fim muito triste.

O carinhoso animal foi salvo das mãos de uma pessoa que era praticante de magia negra, ele seria sacrificado e de um jeito que só de pensar chega dar arrepios, seria jogado dentro de um caldeirão de água fervente até que seus ossos ficassem totalmente separados da carne, após seria montado com seu esqueleto um amuleto que dá o poder de ficar invisível a quem o usasse, foram descobertas as intenções do bruxo e arranjado pelas fadas para que Cham fosse trazido em segurança para a Montanha dos Magos antes que fosse sacrificado.

Depois do café e de quase ter vomitado quando soube do fim que o bruxo pretendia dar a Cham, recuperei o ânimo, afinal o gato tinha sido salvo e estava livre de virar um amuleto e da mal-dade daquele bruxo.

O dia só estava começando e com certeza muitas outras curiosidades estavam nos aguardando.

Nossos cabelos ainda estavam cheios do pó cintilante da festa das fadas o que inspirou a todos a um bom banho de cachoeira, depois é claro da permissão de Thoí que concordou e também nos acompanhou.

Saímos mais uma vez guiados pelo garoto que acessou a cachoeira por um caminho bem adverso do que nos lembrávamos, cruzando pelo lado ainda não explorado do jardim encontramos o Élfo Klinter que alimentava entre outros animais nossos cavalos que pareciam gostar muito daquele pasto extremamente verde servido pelo Élfo.

Thoí aproximou-se:

Deu bom dia a Klinter.

E logo já foi lhe dando ordens.

-Klinter, apronte suas tarefas rapidamente, hoje se você quiser, poderá ir conosco visitar seu povo, com certeza gostarão de vê-lo. E por favor, fique longe de encrencas e principalmente longe das garrafas de vinho das tavernas. Também se vistas como um Élfo deixe o boné e tome um bom banho.

Assim que viramos as costas Klinter continuou trabalhando como se nada tivesse acontecido, somente seu resmungo podia ser escutado.

Klinter parecia ter certa dificuldade em se relacionar com a água, melhor dizendo, não gostava mesmo de tomar banho.

Logo que nos afastamos um pouco mais, Thoí começou a traçar nossa próxima aventura, dessa vez sem precisar encolher. A água da cachoeira estava como sempre maravilhosa embora isso, nosso banho foi breve, o tempo corria contra nós e tínha-mos que aproveitar o máximo de tempo possível para ao menos compreender um pouco desse estranho mundo tão cheio de encantos e sabedoria antes de voltar a nossa dimensão e vida normal.

Logo retornamos ao interior da Montanha dos Magos e no caminho encontramos Klinter que agora vestia uma estranha roupa de couro e um chapeuzinho que realçou ainda mais sua figura cômica, enquanto nos aprontávamos, Thoí pediu a Klinter que contatasse seu povo e pedisse permissão para uma visita, claro que isso não era necessário, mas por uma questão de educação é bom avisar para evitar atrapalhar o anfitrião.

Capítulo 10

O mundo dos Élfos

Dessa vez para entrar no mundo dos Élfos teríamos que viajar para uma outra dimensão de espaço tempo longe da Terra, o povo de Klinter morava em outro planeta, a terceira dimensão de Marte e nosso acesso a esse lugar era um tanto mais complicada que ir ao mundo das fadas que apesar de menores moravam no jardim.

Depois de tudo acertado com o regente daquele povo que substituía o

avô de Klinter que também se encontrava na convenção juntamente com o mestre de Thoí descemos por um alçapão escondido na biblioteca que dava acesso a uma escada de pedras em caracol que descia dezenas de metros . Uma bola de cristal luminosa que Thoí pegou logo no inicio da escadaria servia de lanterna já que a cada vez que era balançada iluminava nossos passos nos degraus. Uma porta grande de metal cheia de símbolos finalizava a escadaria pelo que pudemos notar o lugar era guardado com muito cuidado já que exigiu um monte de códigos para poder ser aberta pelo pequeno Mago.

A porta de metal abria passagem para uma enorme caverna subterrânea, como no padrão do interior da Montanha dos Magos, era iluminada por cristais incrustados nas estalactites e estalagmites. Descobrimos que esse lugar era também um enorme cofre que guardava milhares de peças de ouro, diamantes, sarcófagos egípcios, contou Thoí que na maior parte eram peças do tesouro do rei Salomão.

Cecília e Letícia ficaram maravilhadas com ás milhares de jóias espalhadas pelo chão da caverna, como se fossem um monte de porcarias sem valor. Cecília segurava sobre seu peito um belo colar de ouro e esmeraldas.

Quando Thoí lhe disse que a tal jóia tinha pertencido a Cleópatra e que foi descoberta juntamente com o seu cadáver Cecília atirou o objeto novamente no chão como se fosse um animal peçonhento.

Mas afinal de contas.

O que aqueles tesouros estavam fazendo ali?

Capítulo 11

Ouro e Sangue

Não parecia que o Mestre fosse alguém que fizesse gosto por uma coleção particular de objetos valiosos.

Não agüentei a curiosidade e perguntei ao jovem Thoí o porque daquelas coisas estarem ali.

E as explicações foram terríveis, trouxeram a tona um dos mais terríveis defeitos da espécie humana, a cobiça e a ambição.

Para cada peça de ouro aqui existente, centenas de vidas foram tiradas.

Essas peças (falava Thoí segurando um cálice de prata nas mãos) passaram por dezenas de impérios humanos e o preço da beleza e da riqueza e do status desses candelabros e taças foi sempre o mesmo; O sangue de quem possuía ou guardava pela segurança desses objetos.

Cidades inteiras foram queimadas, mulheres foram estupradas, crianças foram decapitadas e as mais bárbaras manifestações da crueldade humana foram executadas por causa dessas porcarias que vocês estão vendo aqui. O Mestre achou que recolhendo essas peças que ainda não tinham sido encontradas pela humanidade, poderia evitar que muito dos males causados pela ambição humana fosse evitado. E mesmo nos tempos de hoje tememos que esses tesouros possam patrocinar guerras, principalmente bacteriológicas e nucleares. Sempre que o Mestre descobre algum tesouro que possa influenciar na humanidade ele é recolhido pra cá e usado para pesquisar a história da humanidade, depois é descartado como sucata (atirando a taça de prata sem olhar onde caiu)
.

Mas não viemos aqui pra falar de ouro e sangue, viemos para fazer uma viagem e conhecer novos amigos.

Seguimos Thoí para outro lugar da caverna, nesse lugar formava-se um pentagrama quadriculado no chão, deveria ter uns quatro metros de diâmetro e o que demarcava a formação eram pedras que possuíam formas piramidais,Thoí retirou de uma caixa que se encontrava no local um bastão de madeira que em uma de suas extremidades tinha uma pedra transparente e uma pedra azul extremamente grande que pediu auxilio de Gringo para levar ao centro do pentagrama, recebemos ordens de ficar no centro do pentagrama enquanto Gringo trazia o grande cristal até nós, inclusive Thoí dirigiu-se para o centro da área demarcada.

Quando Gringo atravessou o lugar marcado a grande pedra saio flutuando de suas mãos e ficou pairando sobre nossas cabeças, em poucos segundos todas as outras pedras que faziam parte do pentagrama estavam totalmente brilhantes, parecendo terem sido acionadas pela maior que agora cintilava. Enquanto isso

Thoí traçava uma porção de desenhos mal feitos no chão com o bastão usando a parte onde o cristal transparente estava incrustado, minha preocupação era se algo desse errado e aquela pedra resolvesse cair sobre nós, seria com certeza morte instantânea pois anteriormente parecia ser bem pesada.

As paredes e todos os objetos pareciam estar perdendo o foco e logo

as imagens de tudo que estava fora do pentagrama se misturavam a outras imagens que não fazia parte do que antes víamos ali, então compreendi que estávamos atravessando de um lugar para o outro, em poucos segundos a imagem anterior
cedeu lugar às imagens do novo mundo os vultos agora se transformavam em seres reais, alcançamos a terceira dimensão do planeta Mercúrio, dimensão da terra natal de Klinter e uma pequena comitiva já esperava nossa chegada. Confesso que a sensação que estava sentindo não era muito agradável, todos nós sentíamos que pequenas ondas de energia percorriam nossos corpos o que gerava náuseas e formigamentos que atingiam nossos órgãos internos.

Antes de sairmos do pentagrama Thoí nos mandou sentar um pouco, nossa matéria física não estava acostumada a ser desmontada e remontada. Passados alguns minutos voltamos ao normal, sendo somente que as coisas pareciam querer sumir e reapareciam novamente, reações que Thoí informou ser normal aos passageiros de primeira viagem.

Quando observamos á nossa volta, notamos estar em um lugar bem diferente da Terra, o sol era bem mais amarelado e embora ainda fosse dia o céu mostrava várias luas de tamanhos variados.

Deixando de lado esses pequenos detalhes, fomos recebidos com muita cortesia pelos Élfos, nosso amigo Thoí era muito querido por todos.

Thoí havia convivido com os Élfos estudando a magia dos elementos e formou uma amizade sólida dotada de uma confiança inabalável com muitas pessoas importantes naquele mundo.

A cidade parecia um verdadeiro formigueiro, centenas de pessoas carregando coisas pra lá e pra cá num frenesi fantástico.

O que impressionava é que não havia prédios, parecia que tudo ali era uma improvisação, algo feito temporariamente e realmente era. O mundo dos Élfos era subterrâneo e aquele corre-corre que víamos eram os preparativos finais para o inicio do inverno que se aproximava.

O frio era insuportável no inverno chegando até 40 graus negativos, cobrindo tudo com uma enorme camada de gelo o que impossibilitava qualquer planta de crescer e frutificar e também dos Élfos permanecerem na superfície nas épocas gélidas.

No verão, a cidade era construída provisoriamente na superfície e depois desmontada e recolhida para o subterrâneo. O inverno era terrível, não sobrava nada vivo e quando o degelo do próximo verão começava formava rios

que lavavam a superfície causando erosões no terreno, destruindo a fertilidade natural da terra.

A agricultura era o meio de sobrevivência da espécie e todo o trabalho era voltado em torno dela, os meios de trato com a terra era extremamente rude, não havia máquinas para o preparo do solo e nem para fazer a coleta dos grãos, as ferramentas eram simples e a tração animal, o meio de transporte.

Os animais desse planeta eram bem curiosos, pareciam avestruzes, que ao invés de penas possuíam pelos.

Logo estávamos todos em meio a uma lavoura de trigo, ficamos curiosos ao ver que o trigo cultivado aqui é o mesmo plantado no planeta Terra.

O regente que nos acompanhava mostrando ás novidades de tudo, começou então a contar uma história bem curiosa.

Nosso povo não era estranho aos Élfos, a muito tempo atrás um planeta próximo da Terra entrou em processo de morte, sua superfície estava totalmente instável, furacões e maremotos variam a face do planeta agonizante, milhares de vulcões entraram em erupção ao mesmo tempo e logo tudo que era até então conhecido como civilização seria destruído.

Capítulo 12

O antigo planeta dos Élfos

A milhões de anos atrás o planeta que hoje conhecemos como Marte o planeta vermelho dentro da dimensão de espaço-tempo da Terra é o verdadeiro planeta de origem dos Élfos.

Hoje sabemos que Marte não tem vida e que o vermelho é dióxido de ferro(ferrugem). Mas o que ainda ninguém sabe é que esse vermelho é o que sobrou de milhões de anos de evolução de um povo.

Toda a história de Marte se assemelha á história do planeta Terra, tudo andava normalmente, indústrias, comércio, mineração etc..,assim como anda aqui na Terra hoje. A evolução dos Élfos foi degradando o meio ambiente lentamente, exterminando com milhares de espécies da fauna e da flora. Até que um dia o planeta resolveu se vingar.

Assim como um cão cheio de pulgas se coça incessantemente na intenção de se livrar dos insetos que querem sugar seu sangue, Marte tentou se coçar e se livrar dos Élfos, conseguiu, mas foi tarde demais, as tempestades e a variação brusca de temperaturas extremas, acabou com o resto de vida que ainda existia no planeta.

Isso obrigou os moradores a abandonarem o planeta ou toda a espécie teria fim.

Capítulo 13

A migração

Alguns grupos de astronautas conseguiram escapar, a maior parte acabou morrendo com as dificuldades do espaço gelado, mas, um grupo chegou ao planeta Terra e outro após ser tragado por um buraco negro, o que fez por acaso romperem o espaço tempo, chegou à terceira dimensão do planeta Marte, lugar em que nos encontrávamos agora.

O grupo que chegou ao planeta Terra deu inicio a mais antiga civilização humana conhecida até hoje, o antigo Egito.

Naquele tempo á espécie humana não era muito mais do que macacos que andavam em pé.

Os Élfos eram poucos e precisavam de mão de obra pra ajudar no seu assentamento, embora os seres humanos daquele tempo fossem primitivos poderiam ajudar nas tarefas primárias.

Logo algumas aldeias que viviam nas proximidades do rio Nilo começaram a dar origem a civilização Egípcia.

Depois de muitos anos, os Élfos do planeta gelado com auxilio da União de planetas descobriu a colônia e trouxeram os Élfos do planeta Terra para cá, juntamente com qualquer coisa que pudesse interferir ou dar qualquer sinal de que um dia um povo alienígena tinha estado no planeta Terra.

A União de planetas não podia permitir que os Élfos interferissem no desenvolvimento da espécie humana, por isso, foram retirados do planeta Terra.

Mas, algo muito valioso foi deixado para trás, valiosas sementes de

trigo que até hoje germinam em várias partes do planeta Terra. Essa planta foi trazida para a Terra pelos Élfos.

A propósito a primeira pirâmide foi construída para abrigar a nave Élfo. O povo alienígena foi embora e uma pessoa foi eleita para reger o Egito, então, começou a história dos Faraós.

Capítulo 14

O novo planeta dos Élfos

O caos causado em Marte que acabou sendo destruindo, foi produzido pelos processos de industrialização, que geraram o aquecimento global e a contaminação do solo e subsolo, por isso foi resolvido que no novo planeta não usariam nenhuma forma de tecnologia que atingisse os recursos naturais do planeta evitando causar qualquer forma de poluição.

Assim continuou narrando o Élfo.

Para combater problemas de sobrevivência ligados a coisas mais difíceis foi desenvolvida a magia elemental, uma espécie de ciência que ensina o desenvolvimento dos poderes mentais e paranormais que antes eram usados para inventar máquinas e agora são usados para substituí-las.

A magia elemental foi dividida pelas 5 forças da natureza, água, fogo, terra, ar e a força de transformação e combinação dos elementos, amor.

Assim, dominamos o planeta e o fizemos um organismo vivo repleto de vida harmônica; Ganhamos seu respeito e somos aceitos em seu globo como criaturas participantes desse todo.

Se não obedecemos às regras da natureza verdadeiro Deus vivo, acabamos sendo renegados e o planeta acaba achando um jeito de se livrar dos agressores, mesmo que se alto destruindo como aconteceu com Marte em nosso passado. Aprendemos isso a caras penas e não pretendemos cometer o mesmo erro duas vezes.

Agora os Élfos são procurados por vários povos do universo e dimensões paralelas para fornecerem seus conhecimentos sobre agricultura e magia elemental, as fadas se beneficiaram em muito com as descobertas agrícolas dos

Élfos e usam esses conhecimentos para tentar ajudar os povos que sofrem com a degeneração da natureza pela evolução da espécie dominante.

Observamos um fato bem interessante.

Uma das carrocinhas que levava muitas frutas e aparentava estar pesada quebrou uma das rodas, logo um pequeno grupo de Élfos aproximou-se do local, Filipe e Gringo logo queriam ajudar a suspender a carrocinha a fim de substituir a roda quebrada. Nossa surpresa foi assistir todos se sentarem à volta da carrocinha e

cruzarem os braços como esperando um milagre, milagre esse que aconteceu. A carrocinha começou a se erguer do chão como por magia e era magia, magia elemental, logo um confiante Élfo sem aparentar medo algum entrou debaixo do veículo e trocou a roda quebrada.

Enquanto olhávamos a cena começamos a compreender com mais clareza o que o regente estava falando e também porque Klinter embora querido, não era muito bem visto entre seu povo.

Onde são usadas coisas que dependem tanto da união uns dos outros, pessoas irresponsáveis como Klinter com certeza nunca serão bem vistas.

O vai e vem dos pequenos que levavam toda a comida para o interior da cidade subterrânea dava a impressão de um grande formigueiro que se estendia ao longe, todo o processo de armazenamento e conservação dos alimentos era baseado em micro organismos que não deixavam que os alimentos se estragassem e nem perdessem seus valores nutritivos.

Tudo naquele planeta era magnificamente natural inclusive à água era retirada para o consumo e irrigação sem precisarem qualquer tipo de tratamento, era pura e cristalina.

A energia era absorvida do sol e era tão importante quanto a água já que além de ser usada para iluminar a cidade sempre escura por ser subterrânea, também tinha de manter vivas as árvores frutíferas e as mudas de grande porte durante as épocas geladas. O conhecimento do Élfos nas forças elementais do planeta até poderia ser usada para fazer com que o globo mantivesse seu calor

durante o inverno, mais assim a vida de muitas criaturas que a milhões de anos acostumaram-se com as intempéries do planeta acabariam sendo afetadas, o que seria um verdadeiro caos além de um desrespeito com os animais adaptados naquele clima que dependiam das épocas gélidas para procriar.

Passeamos por muitos lugares, jardins de ervas medicinais, parques

floridos, lavouras e pomares onde podemos deliciar algumas frutas colhidas diretamente das árvores.

Encontramos por lá muitos outros seres em busca de sementes de plantas resistentes aos climas intempéries de seus planetas, parece que a fome era um mal que mesmo os mais desenvolvidos tecnologicamente e principalmente eles um dia teriam de encarar, isso me fez pensar em nosso planeta que ainda tendo todos os recursos naturais aproveitáveis, terra fértil, clima bom em muitos lugares, apresentava em suas ruas e avenidas uma quantidade tão grande de pessoas com fome.

Nossa estada naquele pequeno mundo ensinou-me muito.

Logo era a hora do almoço onde pudemos experimentar a culinária do lugar, que por sinal não perdia em nada para as fadinhas que eram ótimas cozinheiras também.

À tarde pudemos visitar muitos lugares interessantes, estivemos nos laboratórios onde eram processadas as sementes que seriam plantadas no ano seguinte e nos centros de desenvolvimento de espécies onde eram estudadas várias plantas bem interessantes, por exemplo uma carnívora que se alimentava de insetos, em breve seria mais um inseticida natural desenvolvido para conservar os jardins livre de criaturas nocivas de modo controlado respeitando a natureza.

As escolas desenvolviam a criatividade natural de seus alunos, voltada para fins nos quais seu conhecimento ajudasse a desenvolver e dar continuidade aos ensinamentos essenciais para a vida no planeta, era realmente uma sociedade muito organizada onde a maior riqueza era a preservação dos recursos naturais com uma vida sadia e próspera para todas as formas de vida ali existentes.

Uma coisa extremamente interessante era observar os monstruosos animais marinhos se alimentando, nossas baleias poderiam ser comparadas a sardinhas perto daquelas coisas, embora estivéssemos longe da praia se ouvia o ganido estridente de suas vozes.

Quando o sol começou a descer as 9 luas apareceram claramente, cada uma com seu tamanho e intensidade de brilho, poderia ficar ali a noite inteira olhando aquele céu maravilhoso onde as estrela pareciam grandes flores reluzentes enfeitando aquele planeta, mas era hora de voltar, foi quando percebemos que Klinter tinha sumido.

As preocupações de Thoí logo apareceram, Klinter tinha uma simpatia enorme pelo vinho das tavernas e certamente estava bêbado dormindo em al-

gum canto.

Mas felizmente isso não tinha acontecido, Klinter estava visitando seus pais, príncipes do planeta e grandes engenheiros que trabalhavam nos laboratórios de pesquisas.

Quando encontramos Klinter ele parecia muito feliz quando soube que o procurávamos apressou-se em voltar para a pirâmide para que nosso retorno a Montanha dos Magos fosse feito. voltamos com vontade de ficar um pouco mais, fomos convidados a retornar na época do inverno já que não conhecemos muitas das pessoas devido a suas grandes cargas de tarefas.

Quando retornamos o desajuste de tempo espaço pregou-nos uma peça era alta madrugada e a lua cintilava redonda como uma bola. Não tivemos tempo de fazer mais nada a não ser descansar para o dia seguinte.

Capítulo 15

O Mundo dos Gnomos

Nossa próxima visita seria ao paralelo dos Gnomos. Paralelo assim como o Mundo das Fadas onde está contida a Montanha dos Magos é do planeta Terra, talvez um pouco difícil de entender, mas é assim.

Dessa vez não precisamos ir a outro planeta ou seus paralelos isso torna as coisas mais fáceis.

Pela manhã a cachoeira foi nossa primeira visita, depois de um bom banho e dessa vez especial com ervas aromáticas que ganhamos dos Élfos e um piquenique improvisado com frutas doadas também pelos nossos amigos, começamos mais um dia de aventuras.

Ficamos cheirosos e prontos para a nova expedição.

A passagem para o paralelo dos Gnomos foi feita sobre a areia na praia da cachoeira.

Thoí que levou um circulo de metal amarelo parecendo um bambole, deixou todos curiosos.

Para que serviria o objeto?

Levamos juntas nossas roupas e ali mesmo ficamos vestidos e prontos para a viagem enquanto Thoí desenhava alguns símbolos na areia. Logo que chegamos próximos aos desenhos na areia, Thoí explicou como usar o bambole que abriria um portal para nossa viagem até o paralelo dos Gnomos.

O desenho na areia era o mapa do local ao qual seriamos transportados, dessa vez seria uma visita surpresa que não necessitava de maiores diplomacias.

Um certo cuidado foi pedido por Thoí com os desenhos sobre a areia, teríamos de cuidar onde por os pés se acaso o desenho fosse mudado antes da partida poderíamos chegar em lugares diferentes e ficarmos perdidos ou pior em alto mar, no ar ou dentro da terra, isso seria um grande problema.

O primeiro a ir foi Gringo que pondo os pés nos lugares apropriados foi guiado por Thoí nos procedimentos que eram símples, erguer o bambole até a altura da cabeça e abaixar fazendo o corpo cruzar dentro do elo e após largar no chão em volta dos pés e dos desenhos sobre a areia.

Assim fez o rapaz que vimos desaparecer como um fantasma. Um após o outro repetiu o mesmo processo no qual fui o penúltimo. Quando cheguei ao outro lado todos aguardavam embaixo da sombra de uma grande árvore, ficamos juntos observando o lugar e esperando Thoí que ficou por último.

Quando fui sentar na grama próximo a árvore,Thoí saltou de trás do tronco dando um enorme grito, levamos um susto danado, ele que era tão sério, nunca esperava que tivesse uma recaída de moleque dessa forma, mas o susto acabou transformando-se em boas gargalhadas.

A grande árvore ficava ao centro de um grande cercado onde pastava uma manada de pôneis,Thoí começou a explicar que o paralelo dos Gnomos era bem parecido com a Terra, era imenso e muito colonizado a sociedade era menos organizada de que as que tínhamos conhecido nos outros mundos e dimensões.

A dimensão dos Gnomos foi assolada por duradouras guerras que até hoje não tinham sido perdoadas pelos rivais que eram os Gnomos e os Duendes, os Duendes são criaturas extremamente materialistas somente ocorreu à paz, porque a União dos planetas interferiu com empenho movimentando tropas de milhares de voluntários pacificadores.

Para conservar a paz foram determinadas regras e demarcado onde cada povo viveria, o território foi partido ao meio e criando uma divisa bem demarcada que terminou com o contato dos povos rivais.

O rei Agnus do povo das Fadas foi um dos mediadores da pacificação, motivo pelo qual o povo dos Gnomos criou fortes laços de amizade com as fadas.

O povo dos Gnomos não é um povo voltado totalmente a viver em harmonia com a natureza, mas o convívio com as fadas estava alterando seus costumes em muito.

A luta dos Gnomos e Duendes foi justamente por causa dos garimpos, como os garimpos ficaram em poder dos Duendes os Gnomos foram obrigados a criarem outros modos de sobrevivência, aprendendo a plantar e produzir seus alimentos e tudo que fosse preciso para sobreviver, já que sua inclusão na União dos planetas exigia que vivessem seguindo regras onde á extração ilegal de metais era desaprovado pela União.

O Cril, metal encontrado nesse paralelo é muito especial, usado para fabricar naves e armas de guerra. Povos bárbaros, piratas e comerciantes de escravos e mais uma variada corja de bandidos que espalha o terror pelo universo são compradores de todo o Cril retirado do interior dessas montanhas.

A União sabe, mas, não pode impedir devido a tratados feitos na época da pacificação, por isso, os Duendes são um povo sem a proteção da União de Planetas.

Os Duendes trazem alimentos e tudo que consomem de outros planetas, até o comércio que poderia ser feito entre Duendes e Gnomos é proibido.

Com o tempo e o desenvolvimento do potencial de garimpagem de quantidades significativas Cril num lugar não protegido pela União, fez com que piratas tentassem escravizar os Duendes na intenção de roubar o Cril e comercializar o metal.

Coitados dos piratas, não sabiam com quem estavam pedindo briga, o arsenal Duende é extremamente poderoso, muito Cril foi trocado por armas no comércio negro.

O metal era comercializado a presos altíssimos por sua alta qualidade e escassez, os garimpos que produzem Cril fora da área Duende são protegidos pela União de planetas impedindo os mercenários de adquirir as ligas nobres necessárias á confecção de armas e naves de combate.

Os Duendes são o único povo que fornece Cril para fins não catalogados. E claramente estão preparados e armados contra eventuais tentativas de invasão, canhões de lasers e armas de desmolecularização capazes de explodir naves de grande porte até mesmo fora da atmosfera do planeta estão fixados naquelas montanhas rochosas.

Se a guerra entre Duendes e Gnomos fosse hoje, creio que os Gnomos seriam aniquilados, mas embora as armas dos Duendes sejam poderosas na destruição de naves metálicas, são primitivas e ineficientes contra a tecnologia usada pela União o que os mantinha poderosos, mas contidos contra os Gnomos.

A história dessa gente é muito interessante, os Gnomos depois de abandonarem as minas começaram a se refazer geneticamente aumentando sua capacidade reprodutiva. A alimentação pura e abandono dos gases venenosos das minas fizeram as condições de vida dos trabalhadores melhorar em muito. Já com os
Duendes aconteceram processos contrários, a raça entrou em constante degeneração genética diminuindo de estatura, tendo cada vez ossos e resistência física menores o que em poucas dezenas de anos, faria com que sumissem quase totalmente do planeta.

Ficamos ali embaixo da árvore conversando por quase uma hora foi então que resolvemos conhecer de perto nossos novos amigos.

O lugar que nos encontrávamos era uma fazenda de criação de animais, não existia por ali o costume de consumir carne, mas o trato com a terra requeria muitos animais e ovos e leite eram bem aceitos na alimentação dos Gnomos.

Seguindo por uma estradinha a margem do cercado logo encontramos uma cidade que parecia ser uma miniatura do antigo oeste americano, exceto pela paz que imperava no local e pela ausência de pessoas armadas. Quando chegamos logo fomos recebidos com muita curiosidade pelo povo que logo se dispersava ao reconhecer Thoí como o menino sábio, o prefeito logo veio ao nosso encontro, fomos recebidos como em todos os lugares, com muita cortesia, mas dessa vez não precisávamos de acompanhantes. A cidade e o povo não apresentavam muita coisa que chamasse nossa atenção por muito tempo, tínhamos liberdade para irmos a qualquer lugar da cidade, só foi-nos advertido para tomar cuidado com as divisas e de forma alguma atravessar os marcos que separam os territórios.

A cidade as margens da fazenda era apenas uma das muitas espalhadas pelos arredores e o que nos chamou mais a atenção era a forma com que os animais eram ensinados para as mais variadas funções de trabalho e transporte, não reparamos nunca que algum animal tivesse sido mal tratado ou algo assim, pelo contrário, todos eram gordos e sadios, parece que o zelo principalmente pelos pôneis era enorme.

Ficamos observando o que parecia ser um grande rodeio de anões quando de repente o Mensageiro dos Anjos (a ave mensageira) apareceu diante de nós como estivesse saindo de dentro de uma nuvem, a mensagem trazida pela ave deixou Thoí um tanto quanto preocupado, algo de errado estava acontecendo e fomos convocados a voltarmos com máxima urgência para A montanha dos Magos.

O portal tinha ficado demarcado pela grande árvore o que não foi difícil de avistar.

Enquanto voltávamos em direção da passagem para A Montanha dos Magos,Thoí passou a falar que um tal Conde Zimor havia infiltrado um de seus demônios na cidade das fadas enquanto estávamos fora.

Parece que o terror estava à solta na cidade.

Começamos á ficar preocupados.

Voltamos rapidamente á Montanha dos Magos.

Ao chegarmos procuramos por Klinter que não respondeu ao chamado.

Alguma coisa estava errada!

Capítulo 16

Hora de voltar ao nosso Mundo

Justamente no último dia da nossa estada na Montanha dos Magos aconteceu esse problema que adiantou em algumas horas o nosso retorno a Terra e em seguida a fazenda de férias.

Bem que queríamos ficara para ajudar, mas Thoí necessitava viajar ao encontro do mestre e não sabia quando retornava o que poderia nos prender mais tempo do que desejado na Montanha dos Magos, depois de apresadas despedidas fomos transportados de volta junto com os cavalos e nossas coisas a dimensão da Terra e dali de volta a margem da cachoeira.

Ao chegar olhamos nossos relógios e notamos que realmente como havia sido previsto por Thoí o tempo havia passado em proporções bem diferentes, somente 8 minutos do tempo real da Terra tinha sido consumido em nossos quase três dias

de estada na dimensão de vibração mais rápida.

O jeito era voltar ao cotidiano natural e encarar o que vivemos, como um grande sonho, não era conveniente contar para as pessoas o que tinha acontecido conosco, logicamente achariam que somos os maiores mentirosos da face do planeta ou seriamos apontados como loucos o que não desejávamos de jeito nenhum.

Enquanto voltávamos fizemos um pacto de não falar das nossas aventuras a ninguém e mentir que o vale não dava aceso seguro até a cachoeira o que faria o senhor Hermes desistir da idéia da trilha ecológica deixando o lugar livre para o uso dos sábios que de vez em quando resolviam voltar e rever seu planeta natal a Terra.

Nossa caminhada foi rápida, a trilha que fizemos anteriormente na vinda para a cachoeira estava aberta e bem demarcada dando-nos um retorno rápido á fazenda.

Em menos de 4 horas as porteiras da entrada da fazenda mostraram-se no horizonte e em poucos minutos mais estávamos soltando os animais e repondo nossos pertences nos devidos lugares.

Para quem esperava uma simples caminhada a um lugar bonito descobrir tantas coisas interessantes deixou todos com uma sensação estranha, adiantamos nosso almoço para a primeira hora da tarde, planejamos dormir o resto do dia. O cansaço começou a pegar e depois do almoço e de um bom banho dessa vez de chuveiro, nos espalhamos em nossa cabana.

Acabei na varanda onde tinha uma rede estendida, alvo da cobiça de todos, acabei ganhando o direito de usá-la no sorteio. Nem bem fechei os olhos e cai em sono profundo, acordei por volta das 21:00 horas com um pequeno ventilador me apontado de longe, refrescando meus sono e afastando os mosquitos.

Ao entrar na cabana notei que Cecília e Letícia ainda continuavam dormindo, um cheiro bom de milho cozido vinha pelo ar o que despertou uma enorme vontade de ir até o refeitório, nisso Filipe chegou fazendo a maior baderna acordando as meninas.

Uma música começou a tocar ao longe, tinha festa na piscina o que não inspirou as meninas, mas o cheiro da comida que vinha pelo ar era muito bom o que nos fez ir até lá.

As espigas de milho assado estavam deliciosas e em pouco tempo nos espalhamos em meio da pequena multidão animada ao som eletrônico.

Fiquei observando as pessoas e pensando como será que Thoí havia resolvido o problema? E se havia resolvido o problema?

Nisso um garoto de aspecto muito estranho aproximou-se de mim, seu rosto não me era estranho, mas, será!?

Observando ele que agora esboçava um sorriso foi fácil reconhecer.

Era Klinter que não sei como ou porque estava ali aparentando um ser humano, na festa da fazenda a beira da piscina. Logo fui chamado pelo garoto a um lugar com menos barulho, reparei que os outros estavam muito ocupados com novas pessoas que haviam conhecido então sai sem que percebessem.

Chegando a um lugar onde ninguém conseguia nos ver aproximaram-se as criaturinhas que confirmaram minha suspeita, era realmente Klinter que veio a minha procura trazendo consigo algumas fadas.

A curiosidade de saber como tinha sido o final da história e se estava tudo bem com as fadas fez Klinter ficar tão eufórico que gaguejava sem parar ao tentar explicar-me, mas logo ele conteve sua gagueira eufórica e começou a explicar o que estava acontecendo.

Thoí havia ido ao encontro do mestre e ficou trancado fora da Montanha dos Magos. A criatura implantada no reino das fadas tinha sido capturada pelos soldados da guarda, mas o reino estava recebendo ameaças de invasão de um tirano comerciante de escravos que se chamava Conde Zimor.

As coisas continuavam complicadas naquele mundo.

As naves da União estavam a uma distância tão grade do reino das fadas que uma mensagem demorava a chegar, nesse curto período muitas coisas poderiam acontecer, fiquei curioso para saber no que poderia e ser útil?

Klinter continuou falando:

A princesa Jack pediu para que você retorne a cidade das fadas e ajude-nos a resolver o problema.

Os humanos são mais astutos e por natureza possuem o extinto mais apurado conseguindo analisar com mais frieza assuntos de tal importância, estando você alheio a nossa realidade será um conselheiro de grande valia.

Pude entender que klinter na verdade precisava da habilidade humana de mentir, mentir pode ser uma boa ferramenta de negociação quando bem usada, habilidade essa que o povo das fadas e os Élfos não tinham.

Logo exclamei!

-Mas Klinter, como poderei deixar os outros sem que percebam minha falta!?

-Isso não será problema, estão tão ocupados na festa que quando perceberem sua falta já será de manhã o que nos dá tempo para providenciar algo.

-E como irei até A montanha dos Magos?

Um tecido resistente foi desenrolado próximo do lugar em que estava e um sem fim de fadinhas apareceu do nada.

-Já pensamos nisso falou Klinter, é só você deitar no tecido e logo estaremos na cidade das fadas.

Deixei o coração decidir e resolvi ajudar os novos amigos, deitei-me no pano e fui erguido no ar por centenas de pequeninas. Uma pequena lanterninha levada por um soldado que tinha por montaria uma garbosa coruja, guiou todo o grupo até A Montanha dos Magos.

Em poucos minutos senti minhas costas tocarem o solo, quando desenrolei o tecido de cima de mim, estava próximo do portão da cidade e da mesa que já tinha sobre seus encaixes os cristais que reduziriam meu tamanho outra vez.

Fiz o processo tal qual Thoí havia ensinado e ali sobre a mesa já me aguardava a princesa que tinha os olhos carregados de preocupações.

Klinter logo que em segurança voltou a sua forma normal.

Embora isso, ficou para trás ainda que cavalgasse sua montaria emplumada, a avestruz.

Logo todos estavam nas repartições internas do palácio a onde chegavam ás ameaças do tirano conde Zimor que se dizia em poder do rei e da rainha das fadas e ordenava que os portais de espaço tempo fossem abertos para que ele e seu exército invadissem a cidade da fadas.

Sua intenção com o povo das fadas era cruel, se podia
perceber que o Conde era mais um mercador de escravos e se os portais fossem abertos logicamente todas as fadas acabariam servindo piratas e bandidos em suas naves que pareciam verdadeiros circos de horrores.

As comunicações entre Zimor e as fadinhas, até então era feita com precariedade e cortes, dificultando a conversação e sem que pudéssemos ver as características do conde tirano.

Não demorou até Klinter providenciar novos equipamentos que foram montados rapidamente numa combinação de tecnologia
e magia.

Uma espécie de televisão mostraria a cara do tal conde
Zimor.

Klinter e o comandante Minaro logo começaram a ligar um monte de fios ao aparelho a fim de descobrir os truques usados na transmissão das imagens.

Zimor exigia essa forma de comunicação, desejava mostrar que suas afirmações eram verdadeiras e todos poderiam ver que o rei e a rainha das fadas estavam presos em sua nave.

Pedi para a princesa conter-se nas emoções com o que suspeitava ser uma armação do perverso.

Logo que o comunicador foi aperfeiçoado Klinter falou que poderia ser usado com toda a segurança que o sinal da comunicação jamais poderia ser rastreado sendo que a base de transmissão usada era uma das luas de um planeta desabitado, se acaso ele pensasse em mapear o sinal, acabaria dando de cara em um lugar vazio cheio de crateras e montanhas vulcânicas desabitadas e inóspitas.

O conhecimento de Klinter começava a aflorar, não percebemos no inicio, mas com certeza era isso que Zimor queria fazer, rastrear o sinal e entrar na dimensão sorrateiramente, seqüestrando e escravizando as fadinhas enquanto as naves da União encontram-se bem distantes.

Sorte nossa ter Klinter ao nosso lado.

O contato foi feito e a cena foi terrificante, parecia que realmente o rei e a rainha estavam no poder do perverso, terrivelmente machucados e com as asinhas arrancadas. A cena deu inicio a um temor muito grande na princesa que desligou o aparelho e desmaiou em lágrimas.

Todos os portais foram desativados impossibilitando assim quem estava fora de entrar na Montanha dos Magos e quem estava dentro de sair. Estávamos protegidos mas isso impedia que o mestre e Thoí retornassem para combater o conde satânico.

Algo estava errado, duvidava que realmente o rei e a rainha estivessem nas mãos do conde, Klinter também desconfiou e resolveu analisar as imagens com mais cuidado, para isso tivemos de usar mais uma vez seus conhecimentos em magia elemental, fomos até o lugar onde os soldados tinham prendido a criatura que invadiu a cidade das fadas

O aspecto da criatura era pavoroso, como um grande morcego tinha garras e dentes afiados, não demonstrando medo a qualquer coisa, tentava alcançar aqueles que se aproximavam das grades de luz que o prendiam. Um cheiro muito desagradável vinha do animal, tratar o animal daquela forma não era maldade das fadas, o cheiro pavoroso era a essência da magia negra na qual o

conde Zimor havia impregnado aquela criatura para que servisse em seus propósitos malignos.

Especulando sobre como a criatura poderia ter entrado no reino das fadas descobrimos que a história do gato Cham, tinha sido planejada nos mínimos detalhes pelo conde Zimor.

O que não tinha sido planejado era que o gato cairia dentro de uma poção mágica que bloqueou a magia de Zimor até que Cham voltou ao tamanho normal.

O belo medalhão que Cham carregava no pescoço era uma bem armada caixa de Pandora que carregava em seu interior aquela criatura e um transmissor que possibilitou a Zimor fazer as ameaças á Cidade das Fadas.

A criatura por mais que resistisse não conseguia evitar que sua essência maligna fosse queimada. Em pouco tempo já não mais apresentava as mesmas características agressivas, pondo-se no fundo da gaiola completamente transmutada, seu corpo nu e completamente raquítico dava-nos agora uma tremenda sensação de piedade.

Enquanto eu acompanhava a história da criatura, Klinter saiu com outros pelos jardins para encontrar os restos do medalhão.

As fadinhas providenciaram para que a criatura fosse coberta, tamanho eram seus tremores e seu estado de fraqueza, somente com a ajuda das pequeninas pode parar de pé, não mais mostrando qualquer reação agressiva, providenciaram comida e água para o curioso ser que se fazia ali.

Com certeza aquele animal deveria ter sido capturado nos mais distantes confins do universo, ninguém pode identificá-lo, nem a fadinha mais antiga que já existiam a muitas centenas de anos tinham visto aquela espécie ser antes.

A criatura depois de alimentar-se caiu no mais profundo estágio de repouso, enquanto dormia, raios multicores entravam por sua boca e nariz, sua transformação ainda não havia se completado o que fez com que os soldados ficassem de olhos bem abertos e fortalecessem ainda mais as grades de energia que cercavam a criatura, era perceptível que algo estranho estava acontecendo com aquele ser.

Entrou apressado pela sala um dos soldados, trazendo consigo os restos quebrados do medalhão que serviu de esconderijo para a criatura medonha, Klinter ficou muito contente, era justamente isso que ele precisava. Através do medalhão ele poderia analisar os aspectos da magia utilizada pelo conde Zimor que agora sabíamos também ser um bruxo muito poderoso.

Através dos restos do medalhão Klinter fez uma espécie de engenharia reversa que ligado aos aparelhos de comunicação permitia que víssemos as imagens reais do reino de Zimor, assim, poderíamos ver o que era real e o que não passava de truques.

Novamente contatamos o conde que se mostrava impaciente com nossa demora, dessa vez conseguimos observar que o rei e a rainha eram somente um truque do conde, não deixamos transparecer que conseguíamos ver ao fundo o teatro que ele apresentava como se fosse verdade.

Logo cortamos novamente contato alegando que iríamos conversar e decidir o que fazer. Deixamos a princesa Jack fora das negociações, ela estava muito sensível ás expiações de Zimor, não sendo a pessoa indicada para as negociações.

Já tínhamos uma carta na manga agora era saber jogar com o maldito conde.

Logo espalhamos que a rainha e o rei estavam bem. O povo da cidade menos aqueles que se encontravam fora da dimensão e nem sabia o que estava acontecendo, estavam muito preocupados com a segurança de seus regentes, uma onda de alivio pairou pelo ar.

Agora tudo corria a nosso favor em pouco tempo as naves da União seriam alcançadas pelo nosso pedido de socorro, missão que foi passada a princesa que substituiu as lágrimas por um belo sorriso.

Pretendíamos deixar que os soldados da União tomassem conta do assunto, fazendo uma caçada ao conde por todos os recantos do universo, os portais foram reabertos e Thoí retornou A Montanha dos Magos vindo direto a cidade das fadas.

Logo que chegou ficou sabendo do que acontecido.

A festa ainda continuava lá na fazenda, era hora de voltar para casa antes que minha falta fosse notada.

Enquanto os pormenores da história de Zimor eram contados a Thoí entrou pela sala um soldado que informou que á transformação do invasor da cidade das fadas estava prestes a ser concluída, antes de partir minha curiosidade tinha de ser desfeita a respeito daquele ser.

Retornamos ao local onde se encontrava presa a criatura e foi uma grande surpresa quando reparamos o que tinha acontecido com a criatura.

O antes maligno ser agora era um enorme casulo que pendurado de cabeça para baixo dentro da gaiola,fazia jeito de querer nascer se mexendo sem

parar dentro do invólucro. Ficamos ali esperando, prontos para qualquer situação de emergência.

Quando a criatura se desprendeu e mostrou sua verdadeira forma foi uma surpresa. Um lindo anjo que apesar de ainda ter suas plumas amarrotadas era de eximia beleza, cheio de matizes azuis, sua energia era tão grande que iluminava toda a sala e dava para ver que aquela criatura era de uma bondade imensa, logo se parou sentado, bebendo poções de água oferecida pelas fadas. Passado alguns minutos, reparamos enormes olhos azuis e brilhantes como raramente tinha visto em outro ser, podemos ver que Thoí havia contatado o Anjo usando de suas habilidades mentais, assim como Klinter que demonstrava estar muito impressionado.

Thoí logo mandou libertá-lo, seu crescimento total logo aconteceria e a gaiola era pequena, assim que liberto, o Anjo abriu as asas e começou a crescer fazendo com que o levássemos rapidamente para fora da do castelo.

Logo que o Anjo saiu e atingiu seu tamanho total, ficou sem se mexer, ainda bem, se agora o gigante anjo comparado com o tamanho das fadinhas resolvesse caminhar traria abaixo metade da cidade, ao longe Thoí pedia-lhe para ter cuidado, o que fez com que ele salta-se ao céu abrindo as asas e pousas-se próximo á mesa onde era feito o processo de encolhimento sem causar nem um dano á cidade.

Logo ambos retornaram a cidade tendo seus corpos em proporções similares aos das Fadas o Anjo em pouco tempo já podia comunicar-se quase normalmente com todos.

Essa é uma das vantagens dos conhecimentos da telepatia.

Telepatas conversavam sem falar e podem aprender quase instantaneamente um idioma.

O Anjo então narrou sua triste história.

O conde Zimor á muito tempo atrás tinha entrado em um dos berçários dos Anjos do planeta Vênus da dimensão habitada e roubado 1116 casulos de Anjos, que estavam em fase de crescimento, violou os casulos e com sua magia negra contaminou as larvas até que pudessem ser usadas para seus fins malévolos. Na-
da pode ser feito, o Conde Zimor era escorregadio e safo, está a tanto tempo fugindo das naves da União e tinha tantos inimigos que se tornou um perito em fugas e combates espaciais, sua nave,um planetóide adptado com armas, tecnologia e muitos escravos é uma verdadeira fortaleza flutuante.

O pobre Anjo desejava que o ajudássemos, queria libertar seus irmãos que ainda estavam servindo ao Conde, induzidos por sua magia negra e transformados em criaturas asquerosas.

A raiva que a maldade de Zimor fazia-me sentir naquela hora, se pudesse eu encontrá-lo pessoalmente e tivesse poder para fazê-lo desaparecer por completo da face do universo eu o faria sem pensar duas vezes.

Logo lembrei que infelizmente não poderia ajudar mais, teria que voltar rapidamente a fazenda pois provavelmente já estavam á minha procura.

Perguntei por Klinter a Thoí e fui informado que Klinter estava providenciando para que minha falta não fosse notada lá na fazenda, fiquei esperando pelo Élfo enquanto era traçado um plano para tentar retardar Zimor dando tempo até a nave da União chegar perto a ponto que o Conde não pudesse fugir nem entre as dimensões nem pelo espaço tempo.

Para ter idéia de como é difícil pegar um bandido que conhece as possibilidades de fuga como Zimor conhecia, imaginem que tudo que conhecemos, todos os planetas, constelações, galáxias, tudo isso que existe no plano de conhecimento de uma pessoa do planeta Terra e é infinitamente grande, faz parte de uma única dimensão, sendo assim ele poderia escapar tanto pelo infinito universo como rompendo de um mundo para o outro.

Até descobrir para que lugar ele foi, daquele lugar ele poderia ter se transportado para bilhões de trilhões de outras possibilidades, continuando por ai perturbando a vida de seres como o Anjo.

Nem mesmo os mais avançados centros de informações das naves conseguiam processar essa quantidade de dados a ponto de não permitir que Zimor escorregasse por entre os dedos e fugisse.

Klinter retornou a sala trazendo consigo uma pequena argola com uma presilha que pediu para que colocasse presa em minha orelha simplesmente dizendo que minha falta não seria mais notada na fazenda, obedeci à ordem em silêncio já que todos esperavam o fim da nossa conversação para prosseguir com as idéias de captura de Zimor.

Se toda a tecnologia e conhecimento da União, não era capaz de fazer a cruzada maldita de Zimor ter fim. Que outras técnicas mais eficazes poderiam ser usadas. Em fim, alguma coisa tinha de ter efeito para deter Zimor.

A nave da União finalmente tinha recebido o pedido de socorro da princesa Jack e estava a caminho, quando souberam de Zimor, a velocidade de partida em direção da Montanha dos Magos foi imediata, com o pé no fundo

como se diz popularmente. Infelizmente a chegada da União facilmente seria detectada por Zimor e ele acabaria fugindo novamente sem que conseguíssemos libertar os Anjos escravos.

Zimor pensava que com o rei e a rainha estando ausentes da cidade das fadas as coisas seriam mais fáceis contra a princesa Jack, ele subestimava a capacidade dos demais, isso era muito positivo, baseada nessa presunção, deu-se início na trama que consistia no seguinte:

Já que o conde achava que tinha enganado a todos com a história da prisão do rei e da rainha, deixamos que ele continue com a idéia de que havia nos enganado.

Capítulo 17

Capturando o Conde Zimor

A magia negra fez Zimor impiedoso como se não tivesse coração, deixando dentro dele somente a crueldade o destino de viver a custa do sangue de inocentes.Com o tempo toda e qualquer forma de amor foi abolida de sua mente, Zimor era como o menino que joga uma pedra para chamar atenção, sem consciência que seu ato acaba ferindo outros com sua maldade.

Irei contar um pouco da saga de Zimor assim como foi contada por uma sábia e velha Fada que á muito tempo tinha conhecido o Conde. Zimor nasceu em um planeta simples e sem tecnologias a época era difícil e a União detinha poucos recursos para intervir contra as guerras, que naquela época, eram muitas e constantes.

Num ataque de comerciantes de escravos na aldeia de Zimor em seu planeta natal ele foi capturado e levado como escravo sendo que seus pais foram mortos sem piedade pelos comerciantes.

Zimor foi vendido a um mestre de magia negra já bem idoso, em poucos anos o convívio com poções e o laboratório do poderoso senhor fez com que seu interesse pelo assunto aumentasse. O ódio pelos comerciantes de escravos ainda fervia no coração de Zimor, como Zimor era um ótimo servo e o mestre estava muito velho para movimentar a grande quantia de aparelhos que necessitava, acabou por confiar a mistura das fórmulas e os conhecimentos ao jovem

escravo.

O velho bruxo vivia como um ermitão, num pequeno planeta, misto de nave esconderijo e forte.

Com o passar do tempo Zimor acabou sendo adotado pelo velho bruxo, tendo oportunidade de ir embora quando quisesse. Mas ir para onde? O povo de Zimor foi escravizado e os mais velhos foram mortos, assim, acabou ficando no planetóide, vivendo e aprendendo com o velho bruxo.

Logo que o bruxo morreu Zimor perdeu o único ligamento que tinha com outro ser.

O planetóide antes parado no universo de sua dimensão, ficou aos cuidados de Zimor que carregava em seu coração a vontade única de encontrar aqueles que haviam matado seu povo e sua família.

Zimor foi encontrado por uma nave da União e abordado para verificação.

Todos ficaram surpresos ao ver o jovem de extrema inteligência.

O jovem solitário encontrou entre o comandante e a tripulação muita admiração, sendo convidado a ingressar no grupo de soldados daquela nave, Zimor logo percebeu que as probabilidades de encontrar o alvo de sua procura, os comerciantes de escravos, seria muito maior estando ligado com os conhecimentos tecnologias atuais da então nave da União.

Seu aprendizado foi rápido, sendo que já dominava a maior parte dos requisitos exigidos pela União, logo ingressou no grupo com força total, em pouco tempo já comandava sua própria nave e depois uma frota delas.

Ficou conhecido pela habilidade e impiedade com que caçava os foras da lei, prendendo milhares de piratas e matando outros quantos, pelos mais distantes confins do universo, criou milhares de inimigos, escapou de tantas emboscadas que foi admitido o melhor comandante da década.

Passaram-se muitos anos. Zimor varreu dimensões e planetas com o maior empenho a procura de pistas dos bandidos que haviam matado seu povo, nunca deixando transparecer aos seus superiores suas intenções.

Num planeta prisão, Zimor encontrou um condenado que conhecia quem Zimor procurava, deu-lhe a descrição e o nome do pirata que era conhecido como Touros e suas áreas de refúgio, assim como as oficinas que usava para manutenção de suas naves.

O plano de Zimor começou a ser armado.

O que Zimor não esperava era que Touros era muito previdente e astu-

to.

Lançando um chamado á Touros, logo obteve contato, rastreou a nave e deu início na perseguição sem o conhecimento da União.

Os planos de Zimor não eram capturar Touros, mas destruí-lo definitivamente.

Quando enfim conseguiu aproximar-se da nave de Touros, percebeu que tinha sido levado a uma armadilha jamais imaginada.

Dezenas de naves de pequeno porte mas muito bem armadas, esperavam dentro de um cinturão de asteróides, a dificuldade de manobra das grandes naves da União entre os asteróides deixou a frota dentro de um Vespeiro, pior foi quando Zimor percebeu que além das pequenas naves, milhares de minas tinham sido armadas entre as rochas, quando a primeira explodiu as pequenas naves inimigas saíram, deixando Zimor dentro de um temporal de explosões impedindo que fugissem. Depois de algumas horas, sobrou ali uma grande sucata de destroços e o que tinha sobrado terminou de ser bombardeado, isso resultou na morte de muitos soldados subordinados a Zimor e na perda de muitas naves.

Zimor e alguns militares graduados somente sobreviveram graças a cápsulas de fuga criogenicas desconhecidas pelos inimigos, pois se tratavam de uma tecnologia revolucionaria na época.

O ódio de Zimor fez com que os atos do até então homem de bem, fossem dominados pelo desejo único de exterminar Touros.

Touros, fugiu ileso, Zimor foi julgado e condenado pela morte das tripulações.

Zimor acabou fugindo apoiado por alguns militares que se rebelaram retornando com eles ao antigo planetóide de onde tinha vindo.

Fortificou e armou o planetóide com forte bruxaria e um arsenal de canhões de retirados das naves que antes havia abatido.

Desde então se tornou um bandido dominado pelo mal e procurado por uma centena de crimes.

A magia negra pode ser estudada sem que necessariamente o bruxo seja uma criatura maligna, mas, é como segurar nas mãos um animal venenoso, um descuido basta para que ela contamine quem a tem nas mãos, o que infelizmente tinha acontecido a Zimor.

Capítulo 18

Planos de batalha

Sabendo dessas informações podíamos usar delas para lutar contra esse homem que gerava em todos muita pena pela fraqueza de seu espírito.

Tenho absoluta certeza que a imprudência de Zimor guiado pelo ódio de vários anos e a sede de vingança foram na verdade as armas que o venceram.

A maldade de Zimor na verdade é uma profunda magoa interna, associada a um sentimento de derrota, muitos dos amigos de Zimor na época em que era um militar da União, viraram uma bola de fogo no espaço, vítimas dos piratas comerciantes de escravos, naquele tempo, ainda se usava metal para fazer as naves.

Com o tempo Zimor foi ficando uma pessoa amarga, não fazia mais amizades, por medo de sofrer pela morte daquela pessoa.

Parece que Zimor resolveu seguir a risca aquele ditado que diz:

Enquanto a velha fada narrava a história, mil idéias vinham a minha cabeça.

O que melhor caberia era ver Zimor lutando novamente ao lado do bem, isso me causaria tanto orgulho. Mas acho que para isso era tarde demais.

Para vencer Zimor não poderiam ser usadas as mesmas técnicas nas quais ele era acostumado a desvencilhar-se com habilidade, todos os anos de serviços na União fizeram dele um perito em combates e fugas e de sangue frio para as decisões mais ousadas, numa ocasião até explodiu uma repartição da nave para evitar uma abordagem de piratas que queriam roubar um carregamento de mantimentos o qual ele tinha sido encarregado de entregar em local hostil dominado por saqueadores.

Nosso plano começava a ser pensado já que as principais informações sobre nosso inimigo já haviam sido expostas, Klinter que sabia tudo sobre magia elemental apesar de ser um grande trapalhão, estava disposto a ajudar e começou a forjar suas teorias.

Klinter falou:

-Uma poção do quinto elemento, o amor, poderia ter uma

ação devastadora sobre esse ser. Seu espírito é banhado pelo ódio, se acharmos uma forma de conflitar essas duas energias universais, amor e ódio, seria como um curto circuito de magia em Zimor.

Mas como e de que jeito isso poderia ser feito? Será que alguém seria capaz de amar Zimor que havia causado tanta infelicidade em cada parte do universo onde passou?

Enquanto eu não via a possibilidade disso acontecer nem reparei os olhos da princesa Jack que se enchiam de lágrimas.

Klinter observava a princesa e então falou:

-Princesa seus olhos acabam de gerar a matéria prima para que eu possa fazer que Zimor volte a ser uma pessoa do bem novamente.

Duas pequenas lágrimas impregnadas de amor, que fugiam dos olhos da princesa Jack e tentavam alcançar o chão, foram coletadas cuidadosamente por Klinter com um pequeno frasco.

Thoí tomou sobre si as responsabilidades dos atos de Klinter e permitiu que retornasse ao tamanho ideal para utilizar os utensílios de magia do Mestre no laboratório e desenvolvesse uma fórmula de quinto elemento. Jamais anteriormente Klinter foi autorizado a entrar no laboratório, desajeitado como era, poderia causar uma desgraça.

Inúmeras e poderosas fórmulas estavam dispostas no laboratório assim como milhares de peças de alquimia, pedras e fogo místico e outras coisas de Mago e Alquimista.

Não era necessário pedirmos ajuda ao Mestre ou a rainha e o rei das fadas, fazendo deixarem a convenção coisa de extrema importância.

Não corríamos perigo algum, nosso empenho em aprisionar o Conde era uma tentativa de recuperar os Anjos que foram escravizados, se acaso algo desse errado tudo ficaria nas mãos da União e só nos restaria rezar para que Zimor fosse apanhado o mais rápido possível, para então libertá-los daquela forma maléfica na qual se encontravam.

Logo Klinter acendeu o caldeirão de Alquimia, fui designado á ajudar Klinter no laboratório. Lavei longos tubos com uma solução tão rarefeita que em poucos minutos evaporava deixando os vidros tão transparentes e limpos que pareciam não existir.

Klinter ferveu uma mistura de várias ervas que resultaram em um líquido azulado.

Então exclamou.

-Ha! ha!, está pronto o veículo da nossa poção !

Os tubos que lavei foram dispostos sobre bases que os mantinham firmes e em pé sobre uma das mesas do laboratório.

Klinter começou a explicar seus passos no preparo da fórmula.

-Meu jovem, temos agora que acertar o equilíbrio do amor da princesa com o ódio do Conde e vamos ver se a poção funciona.

Klinter pegou um pequeno pedaço do medalhão de Cham artigo forjado pela força negativa de Zimor e colocou dentro de um dos frascos enchendo-o com a solução azul, depois as lágrimas da princesa foram postas dentro de outro frasco que também foi cheio com outra parte da solução azul, passado alguns segundos os líquidos estavam totalmente adversos de suas cores originais. O frasco que continha o pedaço do medalhão submerso no líquido azul tornou-se negro e denso como petróleo e de cheiro muito desagradável, diferente do outro frasco que continha as lágrimas da princesa, esse era rosado e transparente e de aroma cítrico, somente em aproximar os dois frascos, exerciam um sobre o outro uma força bem grande de reação como 2 imãs puxando-se, o que Klinter evitou, que acontecesse, deixando-os bem afastados.

Com conta gotas tiramos uma pequena quantia dos 2 líquidos dos frascos em separado e fomos a uma sala subterrânea do laboratório que mais parecia um grande cofre blindado com paredes maciças e coberto com um super campo de força energético, era a sala de teste de materiais explosivos. Chamamos todos os demais para assistirem o resultado da idéia de Klinter. Assim que os demais chegaram providenciamos para que as pequenas gotículas fossem misturadas dentro da sala, estando nós logicamente do lado de fora e bem protegidos caso a reação do contato das duas fórmulas gerasse no lugar uma hecatombe momentânea como era previsto.

Ficamos observando atentamente através da janela de observação da sala.

Foi incrível quando as duas pequenas quantias de poção se misturaram, criaram no local um verdadeiro festival de efeitos luminosos, explodindo como fogos de artifício, nuvens de energia conflitavam tentando absorverem uma á outra, vento, chuva, chamas de fogo e nuvens de poeira, fenômenos naturais que fazem o equilíbrio da natureza, as forças ali impulsionadas a reagirem pela poção do Élfo geraram no final da experiência uma grande explosão que fez tremer as estruturas mais firmes do local, criando uma nuvem de poeira que recobriu tudo dentro da sala blindada.

Se por acaso, aquela formula feitas por Klinter fosse misturada em grande quantia, mandaríamos o planeta e uma boa parte da galáxia para outro lado do universo numa grande nuvem de poeira cósmica.

A fórmula tinha funcionado bem, somente estava muito concentrada, se fosse usada nessas proporções seria um caos. O conde Zimor seria vencido mas uma grande parte do universo destruída com a explosão gerada por aqueles fluídos mágicos.

Thoí olhou para Klinter que encolheu os ombros numa expressão de susto e admiração dizendo.

-Puxa! está muito forte.

Klinter retornou ao laboratório a fim de tornar a fórmula menos ativa, enquanto os outros planejavam como fazer para que a fórmula atingisse o Conde sem que ninguém corresse o risco de ferir-se.

Logo o projeto foi concluído.

Zimor não conseguia passar pelos portais porque não possuía a chave que dá aceso ao mundo das fadas.

Vou explicar esses fatores de entrada em mundos diferentes para que seja entendido com clareza, ás dimensões diferencia-se uma das outras pelo seu padrão vibratório e sua localização no universo de espaço tempo em que está contido, para passar de uma dimensão para outra, é preciso saber o padrão vibratório exato daquele mundo assim como sua localização.

Por exemplo quando viajamos ao mundo dos Élfos, a chave de entrada foi a grande pedra azulada e o bastão, no caso dos Gnomos foram os desenhos na terra e o bambole que abriram o portal daquele mundo, essas chaves codificadas possuíam as coordenadas corretas e pré-estabelecidas para uma viagem segura e precisa, era exatamente isso que Zimor precisava para invadir o reino das fadas ou qualquer dimensão de seu interesse, ele precisava de uma chave que abrisse o portal, e isso era impossível, esses eram segredos guardados com o maior cuidado e segurança.

Eram raros aqueles povos que tinham o direito de viajar entre mundos paralelos e menos ainda entre dimensões de espaço tempo.

Os objetos que guardavam os mapas não passavam de uma chave de segurança com código magnético disfarçado e para dificultar que uma dessas chaves parasse em mãos indesejadas eram trocados periodicamente.

Já que sabíamos que o Conde não podia passar para o nosso mundo e nem tinha como saber se o que estávamos dizendo é verdade ou mentira, tí-

nhamos uma possibilidade de conseguir enganá-lo a fim de acabar com sua saga maldita.

Nossa intenção era criar em um espaço vazio do universo, uma replica da cidade das fadas, dando a chave desse local para Zimor como se fosse a da Cidade das Fadas e quando ele invadisse o local com suas tropas e escravos mutantes, receberiam uma chuva da poção feita por Klinter fazendo caírem como moscas envenenadas.

Os parâmetros vibratórios eram uma coisa misteriosa e interessante. Enquanto no planeta Terra julgamos medidas de espaço e tempo como sendo precisas e imutáveis, aqui nada é estudado como constante ou definitivo.

As ciências do planeta Terra perdem o sentido quando observo o nível de conhecimento usado por esses seres que agora me cercam.

Uma fórmula somente alcança sua real potencialidade se o Mago que esta preparando souber utilizar não somente o conhecimento técnico de uma matéria ou substância, mas também souber usar da potencialidade mental de projeção energética contida em sua mente. Muitas outras coisas são adicionadas ao preparo de uma poção além da simples propriedade da matéria trabalhada.
Isso no passado chamava-se Alquimia, mas, infelizmente pelo mau entendimento os livros de Alquimia com conhecimentos adquiridos a milhares de anos, acabaram nas fogueiras da inquisição.

Pode-se fazer milhares de vezes os mesmos preparos, com as mesmas substâncias, nas mesmas quantias e a fórmula não funcionara igualmente, além das sustâncias das plantas um verdadeiro Mago tem que conhecer a época em que a planta foi colhida e a localização dos astros naquele exato momento, a emanação energética precisa dos astros determina as quantias de cada elemento e mais um sem fim de teoria que terei de deixar de lado senão a história não terá fim, somente escrevi isso para saberem da importância de Klinter nessa operação.

Enquanto refletia sobre tudo, rezava para que Zimor fosse pego com brevemente, se não por nós, pelos soldados da União.

A perícia do conde Zimor nas batalhas e nas fugas espetaculares acabou dando uma confiança excessiva ao Conde, levando-lhe a subestimar nossa capacidade, essa era nossa principal arma contra o tirano.

Localizamos um espaço vazio, foi fácil fazer a replica da cidade das fadas,Thoí sabia utilizar muito bem os recursos da matéria plásmica e a cidade ficou perfeita.

Ainda foram feitas milhares de armas que eram bem parecidas com pistolas de água e mais um sem fim de recargas cheias de poção, a mega matéria veio bem a calhar, foi como um milagre fazer uma pequena quantidade de matéria plásmica virar milhares de armas que seriam de tanta utilidade na nossa investida contra Zimor. As fadinhas que descansavam foram chamadas com urgência e em poucos minutos um vai e vem frenético tomou conta da cidade das fadas.

Todas as fadinhas reuniram-se na entrada da cidade formando um exército de pequenos soldados alados.

Quando a princesa explicou o porque do chamado urgente e pediu a ajuda de voluntários, todos se prontificaram a ajudar empunhando com orgulho suas pistolas de aparência inofensiva, somente eficiente contra Zimor.

Algumas fadas já estavam em estagio avançado de degeneração das assas. A pedido da princesa essas ficaram para ajudar com os Anjos que ao serem acertados pela poção seriam afetados como aquele que invadiu a cidade das fadas. Alimento e água energizada, necessários para que a mutação dos Anjos tivesse início, foi preparada e ás tropas armadas transferidas ao local da batalha, cada folha, graveto, buraquinho ou fenda foi ocupada por uma fadinha armada com sua pistola cheia de poção mágica, dando a impressão que não havia vida no local se não por alguns pássaros que nos ajudaram com sua inocência a dar características mas reais ao ambiente artificial da Cidade das Fadas falsa.

Um grande problema era fazer com que a princesa conseguisse mentir a ponto de convencer Zimor que a cidade estava rendendo-se para salvar o rei e a rainha, história essa que era mentira e mentir para uma fada era algo simplesmente repulsivo e totalmente desprovido de cabimentos.

Fui encarregado de alguma coisa importante em fim,dar aulas de arte dramática para a princesa, confesso que não foi nada fácil, representar é uma arte difícil, se não fosse meu gosto pelo teatro, seria impossível cumprir essa tarefa.

Sempre sobrava para mim liderar a apresentação das peças de teatro da turma na escola nos finais de ano,o que era um saco para muitos, para mim era muito divertido, ouvir as palmas dos pais e dos professores no final da peça, era extremamente gratificante.

A princesa era muito emotiva e a vontade de ajudar nosso novo amigo o Anjo, por natureza concedeu-lhe um aspecto abatido e tristonho, depois de insistentes repetições chegamos bem perto da perfeição.

Chegava á hora de aplicar nossa tática e rezar que nosso plano desse certo.

Já se fazia bem tarde, minha curiosidade tinha de ser esclarecida.

Como será que Klinter havia solucionado o problema da minha estada em dois lugares ao mesmo tempo?

Lá na fazenda já havia tempo de terem notado minha ausência, por mais que meu interesse fosse em ajudar meus amigos não poderia deixar minha irmã e os outros preocupados com meu sumiço repentino, o que me levou a indagar pelas providências tomadas por Klinter.

Logo Klinter respondeu que um dos soldados do povo das fadas tinha tomado meu lugar na fazenda, já que seria de bem maior préstimo a minha presença do que a dele aqui na cidade das fadas. A argola presa em minha orelha servia de elo mental entre mim e o soldado fadinha que estava em meu lugar, para que dessa
forma as diferenças de conhecimentos fossem adquiridas por ele, assim ele saberia dos meus hábitos não deixando que percebessem, a diferença entre nós, foi quando percebi que meu corpo não estava mais parado lá fora da cidade e somente depois da explicação de Klinter percebi que ele havia sido assumido pelo soldado do povo das fadas.

Não deixei de sentir um certo ar de preocupação, mas agora, era tarde demais para desistir e mesmo que pudesse não faria.

Quando tudo estava pronto uma visita inesperada chegou, era um pequeno grupo de soldados Gnomo que tinha estranhado nossa partida apresada do seu mundo, sem se quer dizer adeus e veio saber o que estava acontecendo, logo ganhamos novos aliados no combate contra Zimor.

Os Gnomos também foram transferidos para o local onde seria travada a batalha e tinham planos bem audaciosos, queriam entrar na fortaleza de Zimor e atingir tudo com a poção mágica o que faria com que o lugar entrasse em colapso total, se isso fosse conseguido, nunca mais o conde Zimor conseguiria fugir por entre os mundos e espaços, acabando finalmente nas mãos da União.

A princesa fez contato com o malvado Zimor e após longa negociação, foi dada como entregue a cidade das fadas para a soberania de Zimor que se precipitou dando uma gargalhada satânica.

A princesa saiu-se muito bem, melhor do que havia imaginado.

Com certeza ele não pretendia cumprir com o que prometera, mas por questões diplomáticas a negociação tinha de ser feita.

Foi passado para Zimor o mapa da falsa cidade.

Enquanto isso, milhares de fadinhas aguardavam ansiosas pela entrada do conde no lugar marcado.

O comandante Minaro e um grupo com uma fadinha que se passava pela Princesa Jack, foi receber o perverso que sempre escorregadio mandou primeiramente uma mensagem holográfica exigindo que todos ficassem de joelhos para reverenciar sua chegada, mensagem essa que na verdade servia de escudo pois não havia condições de averiguar se a imagem era real ou falsa, só nos restando o senso apurado do comandante Minaro que conhecia todas as técnicas de guerra e conseguia não sei como, diferenciar entre as imagens reais e as holográficas.

Se acaso nossas tropas se demonstrassem preparadas para uma emboscada e atacassem as imagens orográficas o conde saberia de nossas intenções e logicamente não entraria na armadilha, mas deu tudo certo e ele se sentiu seguro e resolveu mostrar-se realmente.

O pequeno portal se abriu e entre sua abertura pedíamos ver um enorme castelo onde se escondia a repugnante criatura que se aproximava sendo sobrevoado pelos Anjos dominados por sua magia negra.

Logo que ele entrou o lugar impregnou-se de um mau cheiro e antes que ele pudesse perceber nossa montagem, o comandante Minaro deu ordens de ataque.

Sem que Zimor pudesse reagir, em segundos foi totalmente molhado com a poção mágica feita por Klinter atirada pelas pistolas de água das velozes fadinhas que o cercavam e descarregavam a poção. Os Anjos enfeitiçados tentaram proteger Zimor, mas também foram molhados com a formula o que fez com que caíssem como moscas.

Zimor se debatia soltando faíscas pela boca e olhos, sendo suspenso no ar e atirado ao chão como uma trouxa de roupa velha, causando o espanto de todos.

Uma névoa azulada agora preenchia o ambiente. Num grito de suspender fogo todos pararam de atirar.

Os Gnomos recolheram os Anjos caídos para a verdadeira cidade das fadas e aprontaram-se para o encerramento do nosso ato de bravura, Zimor não aparentava ter mais condições de fazer nada, enquanto isso permanecia cercado por um número enorme de fadinhas que lhe apontavam suas armas.

Logo que os Anjos foram recolhidos e socorridos o grupo de Gnomos

resolveu invadir o castelo de Zimor pois suspeitavam que poderiam estar presos em suas masmorras outros escravos usados para a manutenção do planeta nave.

As suspeitas foram comprovadas, Zimor havia escravizado 15 Fadas, 2 Élfos e vários animais em extremo estagio de fraqueza, se notando entre todos as costelas salientes e um estado impaciente de pavor.

Logo que todos foram retirados o lugar foi banhado pela poção mágica e logo nossos valentes soldados tiveram que sair ás pressas, tudo começava a entrar em estado de desintegração.

O lugar antevia uma enorme explosão,o planetóide foi trancado dentro de sua dimensão e provavelmente gerou um espetáculo de fogos e explosões fenomenais o que não pudemos ver já que era muito perigoso.

O que aconteceu, fez todos chorarem de tristeza, toda forma de destruição para aquela gente era entendida como algo triste e realmente é.

Enquanto isso, observamos o conde que ainda zonzo pelo efeito da poção se esforçava para parar de pé.

Todos se retiraram da cidade artificial deixando preso no lugar o perverso que agora não teria mais para onde fugir.

Depois de uma breve reunião onde a princesa agradeceu a colaboração de todos, a cidade voltou a sua rotina normal, não havia motivos para comemorar, a decadência do nosso rival conde Zimor não deixava margens para comemoração e a sua derrota no máximo era entendida como um trabalho extra ao qual aqueles seres tinham de fazer, já que deles dependia a segurança de tantos outros.

A nave da União estava próxima,agora em poucas horas estaria chegando para conduzir Zimor ao lugar onde com certeza teria muito tempo para se arrepender dos seus erros e quem sabe até voltar a ser como antigamente, uma pessoa boa.

A poção retirou do conde todos os seus poderes malévolos e agora somente o tempo poderia dizer qual seria o futuro e o destino da decadente criatura.

Minha ajuda, teve um resultado positivo e naquele momento percebi porque nossa estada na Montanha dos Magos estava sendo aguardada pelo mestre de Thoí.

Assim que as coisas acalmaram precipitava-me em voltar para junto dos outros na fazenda, foi quando fui chamado por Thoí e a princesa a uma sala onde damos início a uma conversa bem demorada.

A aventura que começou na expedição a cachoeira perdida em meio á mata, mostrava-se agora com um significado bem maior.

Capítulo 19

O escolhido

Thoí começou a explicar que meu destino era diferente das demais pessoas da Terra, minha ligação com seres tão diferentes a realidade a qual eu era acostumado não era um acaso. A minha chega a Montanha dos Magos já era esperada e já havia sido comentada pelo avô de Klinter.

Fui de certa forma escolhido a fazer parte desse mundo diferente, não por eles, nem por qualquer ser,mas estava escrito pela mão do destino. Tudo que até então tinha tido a minha participação, constava em apenas alguns metros da longa estrada que eu poderia percorrer.

A princesa em nome das fadas se pos a disposição para ter-me entre seus habitantes, o que interpretei como uma honra. Começava em minha vida algo difícil e complicado de aceitar, aquilo caiu como uma bomba em minha mente, como eu poderia deixar meus pais, meus amigos e irmãos e todo o mundo que conhecia para viver entre um povo tão diferente do meu?

E se acaso eu decidisse ficar?

Como essas pessoas aceitariam meu sumiço repentino?

Imagine só quanto sofrimento isso causaria para todas as pessoas que gostam de mim e tinham participado da minha existência até então!?E o pior era não poder explicar o porque do meu desaparecimento.

Minhas indagações levaram a explicações que eu sabia que eram corretas, mas nem sempre a verdade e a realidade são fáceis de serem entendidas.

A princesa e Thoí explicaram que já era tempo de uma pessoa do planeta Terra ter contato com outras formas de vida e tecnologia diferentes, e que isso futuramente seria muito importante e ajudaria muito outros seres humanos do planeta.

O atraso dos seres humanos em relação a outros povos do universo é enorme, sendo que em alguns lugares nossa forma de pensamento era compa-

rada a uma peste contaminadora. Ter a condição de aprender e viver com esses seres era uma oportunidade única, poderia mais tarde defender as pessoas do nosso planeta e ajudar a reverter situações como o caso do conde Zimor que bem que poderia ter invadido e tentado contra a Terra. Me importar somente com minha família e amigos era um pensamento pequeno perto de tantas coisas boas que poderá fazer no futuro.

Embora tomado de um pensamento grandioso as responsabilidades a serem assumidas eram de muita importância e não poderia resolver assim de um momento para o outro, precisava pensar e decidir qual atitude seria a mais adequada.

Do outro lado na fazenda o soldadinho que assumira meu lugar tinha se adaptado muito bem e ninguém havia percebido nada de estranho, somente minha irmã achou estranho alguns novos hábitos que parecia que eu tinha adquirido repentinamente.

O soldadinho aproveitava meu corpo ainda criança e fazia com ele justamente aquelas coisas que seu árduo trabalho não permitia, brincava, andava de bicicleta e todas essas coisas que as crianças gostam de fazer, hábitos esses que á tempos eu tinha deixado de lado.

Fui deixado sozinho, precisava pensar muito e não havia muito tempo, me pus a olhar pela janela a minha frente, com os cotovelos escorados nas bordas para aliviar a tensão que me causava agonia.

Comecei a reparar as formas das grandes nuvens que passavam rapidamente sendo empurradas pelo vento, algumas tinham formas de animais, outras de objetos e outras não pareciam com nada embora me esforçasse para achar um desenho que fosse parecido, foi quando notei um ponto brilhante que muito longinquamente em meio á enormidade do céu parecia estar se aproximando.Quando percebi realmente que o ponto brilhante aumentava rapidamente, resolvi avisar os demais, ao me aproximar fui informado que o objeto que eu estava vendo nada mais era do que a nave da União que chegava finalmente ao nosso mundo para levar o perverso conde Zimor que fora pego.

Os contatos foram feitos e a nave teve ordens de se aproximar,em poucos minutos aquele enorme prato de metal pairava sobre a cidade encobrindo o sol, ao olhar aquela cena um certo temor me ocorria, me dava á impressão que a qualquer momento aquele enorme trambolho poderia desabar sobre a cidade causando a morte de todos.

Duas pequenas naves deslocaram-se do centro da maior e vieram em

direção da cidade das fadas pousando bem próximas do bebedouro,os seres que nelas vinham eram seres bem parecidos a seres humanos normais em tamanho e proporção, logo para entrarem na cidade tiveram de passar pelo mesmo processo de encolhimento ao qual fui submetido.

Ficamos esperando no castelo enquanto um pequeno grupo foi enviado para escoltar aquele pessoal até nossa presença.

Minha curiosidade era enorme, até as preocupações que á pouco consumiam meus pensamentos foram deixadas de lado naquele momento.

Pude ver entrando pela sala quatro seres vestindo uniformes vermelhos que permitiam notar uma excepcional formação física, principalmente um grandalhão de olhos vermelhos que logo percebi ser do grupo de segurança, parecia um super soldado de guerra. O que aparentava ser mais velho era o comandante da nave, uma mulher que era uma das médicas e o outro era uma espécie de policial Universal que vinha para dar ordem de prisão legal ao conde Zimor.

No sorridente jeito em que se aproximaram deixavam transparecer que a amizade que havia entre aquelas pessoas era de longa data já que ambos os grupos se precipitaram se tratando pelos nomes e carinhosamente se cumprimentaram como velhos amigos que a longa data não haviam se visto.

Fui apresentado a eles, mas não decorrerei seus nomes a pronuncia desses parecia mais com rosnares e assobios do que com qualquer coisa conhecida. Identificarei a pessoa pelo cargo ocupado a bordo da nave, assim fica mais fácil.

Aquele pessoal era de uma inteligência surpreendente, ainda bem que as coisas estavam calmas em outros locais também protegidos por aquele grupo o que deu um bom tempo para poder conhecê-los melhor.

Quando nosso pedido de socorro foi recebido toda a tripulação daquela nave estava em missão de reconhecimento e recolhimento de material plásmico de estrelas mortas em outro setor da galáxia, por isso á demora de chegar até nós, os tanques de plásma tiveram de ser esvaziados antes de virem em nossa direção, carregar matéria plásmica de estrelas em estado bruto não é algo aconselhável se a nave tiver de viajar em alta velocidade ou entrar em batalha, pode acontecer um choque e vupt! a nave torna-se uma bomba de proporções atômicas inimagináveis.

O interrogatório ao qual Zimor foi submetido foi cansativo e repetitivo, a cada nova investida contra Zimor apareciam novas contradições, tivemos a

ajuda das fadinhas que tinham sido escravizadas por ele e justamente tinham sido capturadas na Terra o que podemos mais tarde concluir que Zimor comercializava tecnologia com algumas entidades empresariais da Terra, por isso, tantas coisas estranhas tinham sido originadas na Terra, assim como Cham, também tinha sido resgatado da Terra levando em seu medalhão
a criatura de Zimor que desencadeou toda essa confusão.

Parecia uma coisa impossível conseguir prender um bandido tão poderoso, mas milagres acontecem e isso com certeza foi um.

Fiquei tão feliz quando soube que todos os Anjos já estavam em forma de casulos e que a cidade das fadas seria em breve um berçário, logo todos eles seriam levados de volta aos seus lares, podendo assim viver no lugar de onde jamais deveriam ter saído.

As fadas escravizadas estavam se recuperando do estado de desnutrição, mas as torturas a qual foram submetidas levaria um pouco mais de tempo para serem esquecidas. Nossos amigos Élfos queriam mais que depressa ver seus parentes e amigos e quando voltaram ao planeta gelado e viram os campos do seu mundo a emoção foi muito forte, foram carregados nos braços pela multidão como se fossem heróis. O povo esperava curioso e feliz pelo o retorno deles.

As coisas aos poucos voltavam ao normal. O círculo do equilíbrio completava mais uma volta e tocava-se no principio como um cometa que depois de muito tempo acaba fazendo o mesmo percurso, assim foi com Zimor, assim é tudo e somos todos, uma constante luta entre forças do bem e do mal, assim é na Terra e em todas as partes onde existe vida, a escolha é livre, mas nem sempre o caminho mais fácil leva ao lugar onde se quer chegar.

Fiz contato com o soldado que me substituía na fazenda e concordamos ambos em alongar nossa estada um no lugar do outro.

O tempo passava voando e logo comecei a ficar muito cansado deixei o grupo a fim de repousar pelo menos por algumas horas. Mal fechei os olhos e mergulhei em sono profundo acordando somente no outro dia.

Capítulo 20

As novas curiosidades

Quando acordei o dia precipitava-se a nascer no mundo das fadas e da janela do meu quarto pude ver milhares de trabalhadores alados partindo para suas tarefas diárias. Logo meu estômago começava a dar voltas o que me levou ao refeitório a procura do café da manhã.

No caminho cruzava por muitas pessoas que cumprimentava com bons dias cheios de vida. Quando cheguei ao refeitório
pude ver o comandante da nave da União, os soldados, a princesa e o comandante Minaro fazendo também seu desjejum matinal e assim que me viram fui chamado a fazer parte do grupo que dessa vez resolveu deixar o conde Zimor um pouco de lado e conversar sobre outros assuntos.

A roda de conversas girava em torno das novas tecnologias que eram utilizadas pela nave e o comandante da nave narrava uma história que ocorreu á alguns meses atrás, que por pouco não matou toda a tripulação.

Um pedido de socorro foi feito por um planeta muito avançado em tecnologia, esse planeta tinha sido invadido por criaturas terríveis as quais não se sabe de onde surgiram, provavelmente foram criadas no próprio planeta em laboratórios clandestinos, como em milhões de planetas conhecidos á tecnologia tenta tomar o lugar do criador o que é impossível e sempre acaba dando problemas.

Essas criaturas eram minúsculas bactéria cibernéticas que não se sabe como, acabaram por gerar uma nova espécie de seres com vontade e reprodução própria, trabalhavam sem parar se alimentando da energia dos milhões de objetos eletrônicos causando um caos no planeta e pior, quando um desses seres entrava em um organismo vivo em poucos minutos levava a pessoa á loucura indo para o cérebro do indivíduo em busca de cargas elétricas.

Logo todos os objetos elétricos, naves e equipamentos entraram em pane total, deixando a população aprisionada no planeta. A epidemia rapidamente se espalhou pelo globo. Embora tenha se descoberto que uma pequena carga elétrica no crânio do individuo resolvia o problema, logo o ser se contami-

nava novamente levando o individua a fortes dores de cabeça e paralisia total do corpo.

O contato foi precário devido a esses problemas que também atingiram os transmissores.

Uma nave foi mandada imediatamente para o planeta.

Quando a nave de reconhecimento pousou virou alvo das minúsculas pestes. Os sensores da nave não identificavam a presença das criaturas por serem minúsculas máquinas e não um organismo vivo, logo nada mais funcionava, gerando pânico em todos.

O centro de segurança da nave disparou o sistema de auto destruição e a contagem regressiva começou. O computador da nave de reconhecimento acusava que o banco de dados estava sendo invadido, isso é sinônimo de captura por soldados inimigos. No intuito de proteger os segredos da União resolveu explodir a nave, deu tempo somente de transportar os ocupantes de volta a nave mãe e a nave de reconhecimento precipitou-se numa enorme explosão, os soldados começaram a sentirem-se mal e então perceberam que o problema era ainda maior.

Através dos soldados que desceram em missão de reconhecimento a bactéria tinha penetrado também na nave mãe e logo com certeza também entraria nos sistemas levando tudo ao caos.

Na enfermaria da nave foram descobertas as minúsculas criaturas e uma guerra contra o tempo deu-se início.

Foram feitas experiências e concluindo que a forma de acabar com a peste era causar uma descarga elétrica de proporção alta mas controlada, para danificar os micros circuitos da bactéria cibernética causando a desativação da praga.

O teste foi feito e deu certo, logo os engenheiros começaram a traçar os planos de como fazer para atingir toda a nave mãe com uma descarga elétrica.

No planeta abaixo as pessoas morriam rapidamente atacadas pela praga sem que pudessem fazer nada, antes que a nave da União perdesse as possibilidades da transmissão, um pedido de ajuda foi feito ao centro de comando que mandou uma nave de apoio do povo de Ebredom.

O povo de Ebredom é muito diferente da maioria dos seres conhecidos, ao invés de corpo orgânico, são á base de energia elétrica, sendo assim, ninguém melhor para ajudar em nossos problemas. Rapidamente o povo de Ebredom

chegou e foi combinado que dispararia uma carga elétrica em nossa nave para tentar causar um curto-circuito controlado que agiria contra as bactérias andróides.

Tive á impressão que fui atingido por um raio, narrava o comandante, mas felizmente deu certo. Os danos causados pelas pestes e a descarga elétrica, geraram o sucateamento de todas as centrais elétricas da nave que foi rebocada para concerto.

Quanto ao planeta atacado, não tivemos muitas alternativas o povo de Ebredom possuía poucas naves e dar um choque no planeta inteiro era impossível, mais de 70% da população acabou morrendo.

Depois de 3 meses a bactéria tinha esgotado todas as formas de obtenção de energia e começou a se atacarem como minúsculos vampiros que queriam sugar a energia um do outro.Em poucos dias as ruas estavam cobertas por um pó cintilante, bactérias que tinham acabado por se destruírem umas as outras.

Os sobreviventes do planeta que foram resgatadas depois de algum tempo puderam voltar para suas vidas, mas nunca mais aquele lugar será novamente como foi um dia.

Infelizmente nem todas as histórias tem um final feliz, terminou de narrar o comandante.

Para desfazer o ar de tristeza que acabou por atingir a todos comecei a fazer algumas perguntas ao comandante conduzindo o assunto para uma outra conversa.

Eu queria mesmo era saber como funcionavam as coisas dentro da nave?

Como eram os tripulantes?

Se todos eram do mesmo planeta? Essas coisas.

O comandante começou a me explicar detalhadamente como era tudo dentro da nave.

Capítulo 21

A nave

A nave é como um grande organismo vivo. O centro de comando foi projetado seguindo as mesmas características de um cérebro humano, mas logicamente é toda artificial.

O plasma que recolhemos de estrelas mortas é a matéria que serve de estrutura para todo o complexo, usando o cérebro artificial conseguimos criar os ambientes que necessitamos para a sobrevivência totalmente independente do exterior de todos os seres e espécies existentes na nave. Quanto mais plasma adicionarmos ao corpo da nave, mais espaço e ambientes são adquiridos,

O tamanho atual da nave que esta lá no espaço aguardando nosso retorno é de 3 vezes o tamanho da Terra e sua tripulação
corresponde atualmente a 10 vezes mais pessoas do que em seu planeta.

A narrativa foi bem detalhada e minha cara de espanto com certeza inspirou o comandante a falar bastante a fim de saciar as minhas curiosidades.

Prosseguia ele em suas narrativas:

A resistência da nave é desigual, se atingíssemos um planeta como a Terra em uma velocidade média de navegação o planeta inteiro seria destruído e espalhados pela galáxia em nuvens de poeira cósmica sem que os habitantes tivessem tempo de saber o que aconteceu, se batermos contra um corpo muito maior que a nave, atravessaríamos de um lado ao outro como se fossemos um projétil de fuzil atravessando uma maçã.

Nossas formas de defesa são somente internas, com os processos de criação de vidas artificiais, tivemos de prover a nave com sensores bem apurados a fim de evitar problemas como o que narrei antes, até micro organismos que são levados sem querer a nave não passam despercebidos, são rastreados, eliminados ou congelados e guardados nos laboratórios para futuros estudos.

O externo da nave é impenetrável e possui sistemas de auto-reconstrução, se uma parte da nave fosse destruída logo se auto-reconstruiria se refazendo nos mínimos detalhes como era anteriormente.

Em caso de precisarmos destruir a nave ela viraria um globo impene-

trável e inutilizável, concentrando toda matéria e recobrindo seus centros de comando, impossibilitando que caia sobre o comando de inimigos da União.

Ás espécies mais inteligentes que pudemos conhecer em nossas jornadas. Se resolvessem investir contra a nave seriam como formigas tentando penetrar em uma chapa de aço de mais de um metro de diâmetro. O que é muito difícil de ser conseguido. Essa nave que se vê sobre a Cidade das Fadas faz parte do complexo que estou explicando é uma das mil que fazem parte da esquadra e que ficam anexadas na base inferior da nave mãe que está lá no espaço, assim como os veículos menores no qual aportamos aqui fazem parte das naves de reconhecimento que nos trouxeram do espaço até sobre a cidade das fadas.

Era uma coisa incrível e quase imaginável que tal objeto realmente existisse:

Parecia que a nave mãe era na verdade um grande planeta móvel capaz de infinitas possibilidades.

Tudo era aproveitado conforme narrativas do comandante, até os micro organismos dos vários planetas visitados acabavam fazendo parte da tripulação involuntariamente.Tudo que sobrava tinha uma aplicação, o lixo era totalmente reciclado voltando a ser algo aproveitável, até restos orgânicos dos alimentos produzidos pela digestão voltavam a ser reaproveitados como adubo ou comida de plantas,animais e microrganismos.

A primeira nave da União desenvolvida com essa tecnologia levou quase 25.000 anos Terra para ter condições de navegação segura, foram gerações e gerações de seres trabalhando em prol desse objetivo, construir uma nave.

A obtenção de plasma era a maior dificuldade, até então, o deslocamento pelo espaço era primitivo e entre as dimensões de espaço tempo uma descoberta recente ainda, merecedora de cautela.

As naves da União eram somente 4, mas daqui algum tempo serão 5 já que as outras quatro já tinham conseguido material para dar início ao quinto ser dessa formação.

Hoje, começar e terminar uma nave já é uma coisa fácil continuou o comandante.

O sistema de propulsão da nave era outra coisa bastante interessante, quando indaguei ao comandante sobre o perigo da nave de reconhecimento cair sobre a cidade, já que ficava muito próxima, foi dada a seguinte resposta.

Isso até pode acontecer, mas para isso teriam de explodir 233.000 es-

trelas em pleno estagio de vida e ao mesmo tempo. O que faz a nave mãe mover-se no espaço é justamente a atração magnética dos astros que giram em volta de si mesmos.

Quando desejamos que a nave mãe siga em uma direção, estendemos a tração aos planetas e estrelas daquela parte do universo e eles nos puxam como se fossemos presos por uma teia de aranha magnética por distâncias tão grandes que atravessam galáxias inteiras.

É claro que quanto maior a nave, maior o número de planetas luas e estrelas que a sustentam, se direcionada a um ponto menor ocorrerá justamente o contrário e puxaremos em nossa direção os astros.

Quanto á nave de reconhecimento sobre a cidade das fadas e controlada pela nave mãe que redireciona o magnetismo corrigindo sistematicamente as variações de distancia em milhares de operações que levaria eu um mês para explicar todas.

Para prover a nave de energia é muito fácil, é só aproximar a nave de uma estrela cintilante e descobrir as células de capitação que transformam o brilho e o calor da estrela em energia, armazenando em compartimentos gigantescos que explicando com simplicidade são baterias de alta tecnologia e capacidade.

Nas primeiras viagens e contatos com outros povos desenvolvidos nos mesmos padrões ou ainda mais, a idéia da União foi aceita sem maiores problemas, recebemos ajuda das mais variadas espécies do universo, povos pacíficos que desejavam serem protegidos e que sabiam que sempre haveria um conde Zimor tentando contra elas, completou o comandante.

A União assegurar dentro de suas possibilidades a paz entre os povos, até mesmo os planetas menos desenvolvidos e considerados ainda primitivos recebem apoio da União, estando entre eles até o planeta Terra.

A União, não se punha como um Deus e sim um colaborador da criação que espalhou vida por todos os lugares do universo, respeitando o livre arbítrio dos povos e até mesmo sua destruição, caminho esse que infelizmente os homens estão proporcionando a própria espécie poluindo o planeta e destruindo os recursos naturais indispensáveis as próximas gerações.

O trabalho das fadas não é exposto aos homens, consiste somente em aliviar o desgaste dos recursos naturais do planeta, protegendo a flora e a fauna aguardando a evolução mental do povo para a realidade dos fatos, afinal, o que adianta um planeta que não apresenta condições de sobrevivência da nossa

espécie.

Mas o universo é cheio de armadilhas, é inacreditável que a queda de um pequeno asteróide tenha acabado com a saga dos dinossauros em nosso planeta. E se caísse hoje? O que seria da população.

É justamente em problemas como esses que a União poderia ajudar, mas para isso, naves muito grandes, resistentes e poderosas teriam se ser criadas.

Um dos maiores problemas enfrentados na criação de uma nave de organismo vivo-artificial-controlado de tamanho emaranhando científico foi justamente o software que controlaria tudo, a nave teria de ter pensamento independente, capaz de proteger seus habitantes e tomar decisões unindo a parte mental de comando e a parte física da nave como um só ser.

No principio centenas de espécies animais, principalmente insetos foram observados já que essas criaturas exibem uma organização social de extrema harmonia.

O software tinha de permanecer constante como as cargas elétricas que fazem funcionar um cérebro humano a fim de conservar a estrutura, senão o plasma começaria a desintegrar e a nave a derreter.

Com o tempo essas coisas foram superadas e agora as naves já operam com ondas de pensamento. As naves são capazes de captar os pensamento de algumas pessoas, logicamente programadores, comandantes e outros que fazem parte da segurança.

Naqueles dias enquanto Zimor era interrogado e tomadas decisões sobre seu julgamento, recebemos aulas interessantíssimas, nos reuníamos nas sombras das árvores conversando muito, isso servia para que Thoí ficasse a par das novas descobertas científicas e dos povos que já ultrapassavam 300 trilhões de raças que estavam vinculados a União.

Achei interessante embora nem um ser humano a não ser Thoí e o mestre e agora eu, soubesse disso.

Os trabalhos das fadinhas tinham de ser protegidos dentro de nosso planeta, depois do sumiço daquelas que estavam no poder do conde Zimor, resolveu-se implantar um sistema de segurança na Terra.

Foi construída dentro de uma dimensão próxima uma espécie de marco entre dimensões de onde eram rastreadas qualquer entrada e saída de naves do planeta, se alguma nave pirata aterrizasse ou mesmo se aproximasse logo seria detectada pelo marco que enviaria pedidos de ajuda e alerta a União.

Junto do marco ficou um guardião mantendo a funcionabilidade do sistema. O guardião descia a Terra para ver como estavam ás coisas e pegar alimentos e objetos necessários á sobrevivência já que era um ser físico assim como um homem.

Durante esse tempo em que tive o prazer de conhecer os soldados e o comandante da nave da União á convenção dos povos teve fim e logo retornariam A montanha dos Magos o mestre de Thoí, assim como também o rei e a rainha do povo das fadas.

A nave que veio antecipadamente ao reino das fadas pelo pedido de ajuda, tinha terminado suas tarefa de recolhimento do tirano Zimor e agora aguardava a chegada do rei e da rainha que nem teriam folga para descansar da viagem e já teriam de partir como parte da tripulação.

Foi descoberto outro povo e lá iriam nossos amigos para mais uma viagem para tentar agregar mais um planeta a União.

Minhas noites na cidade das fadas eram muito tristes, sentia saudades como jamais pesei em sentir dos meus amigos e principalmente da minha irmã e meus pais.

A conversa que tinha tido com a princesa e Thoí a respeito das possibilidades que cruzariam meu destino terminavam assombrando ainda mais as minhas noites. O tempo se esgotava na resolução de qual caminho deveria tomar.

O soldadinho que tomou meu lugar agora dificilmente buscava os elos mentais o que me dava mais descanso para pensar no que fazer.

Aquele dia em especial me rondava uma certa angustia. Na última reunião do grupo a princesa informou que naquela noite nossos já tão falados e não conhecidos regentes voltariam á cidade das fadas então os conheceria pessoalmente.

Ainda o comandante da nave brincando com minhas preocupações disse que me aguardaria em breve em suas expedições, tendo-me como conselheiro, já que na captura do conde Zimor, tinha me saindo muito bem, todos riram como raramente fazem, sabia que era uma brincadeira mas isso pesou em minha decisão pro-
fundamente.

Enfim naquele dia resolvi ficar definitivamente. O universo que agora me cercava me fascinava, mas, não desejava ficar somente entre o povo das fadas embora gostasse muito daquele lugar de paz e harmonia.

Fiquei sabendo que de tempos em tempos uma seleção de novos sol-

dados era feita pela União, os treinamentos para ser um soldado da União eram difíceis, onde somente os melhores recrutas eram escolhidos.

Ter um soldado dentro da União era uma honra para os planetas que incentivavam seus jovens a buscarem esse objetivo.

Os treinamentos iniciavam no planeta Yoda e por mais 4 planetas em 4 fases diferentes de aprendizado, meus planos eram grandiosos e estava afim de não somente tentar, mas conseguir completar o treinamento e me tornar um soldado Universal.

Mas antes, teria de resolver as pendências que ficaram para trás.Como desaparecer da Terra sem causar sofrimento aos
meus pais e amigos?

A noite chegou, uma pequena recepção foi preparada para festejar o retorno do rei e da rainha do povo das fadas, amigos e vizinhos foram convidados a participar estando entre eles o Élfo avô de Klinter e o governante dos Gnomos que estreava esse ano na convenção com projetos de uso de animais como forma de evitar dano na atmosfera e meio ambiente de planetas.

Já se pode calcular de onde nasceu á idéia de usar as aves como montaria na época da queda das asinhas das fadas, não é?

O que agora me preocupava era como arranjar um modo de me afastar de vez do cotidiano de homem comum da Terra, não poderia chegar em casa e dizer aos meus pais que sumiria para sempre do planeta pois estava pretendendo ingressar num treinamento de soldado Universal misturado a um monte de alienígenas de todas as partes do universo.

Quando imaginei que cara eles fariam me ouvindo falar isso, tive um ataque de risos que chamaram a atenção dos que passavam. Mas, simplesmente sumir sem falar nada era uma coisa cruel, o amor e a saudade que sinto não permitiam que eu agisse dessa forma.

Se houvesse uma forma das coisas permanecerem como estavam com o soldado fada continuando em meu lugar poupando o sofrimento dessas pessoas que amo tanto, mas jamais eu faria uma proposta dessas a tão gentil criatura, julgava ser uma ofensa. A Cidade das Fadas com certeza é muito melhor de viver do que a tão adversa e atrasada cultura do povo da Terra.

Enquanto eu esperava que o quase acaso me mostrasse uma solução, as coisas continuavam na cidade.

Capítulo 22

A recepção

Quando o sol começou a debruçar-se no horizonte, recebemos a noticia que o rei e a rainha estavam chegando, logo uma pequena comitiva formou-se para recebê-los, o comandante da nave e os demais do grupo, Klinter, Thoí, eu a princesa e o chefe do grupo de Gnomos, que ajudou-nos contra Zimor e os líderes dos grupos de fadas aguardavam ao pé do portal de espaço tempo.

O portal reluzia como um espelho refletindo o sol, então surgiu atravessando o elo que rompia os mundos, a imagem serena e sorridente do rei das fadas que acompanhava a rainha conduzindo-a pela mão, a princesa logo correu em direção dos pais dando pulos de alegria e precipitação, não era de espantar a recepção tão comovida da princesa, somente a angustia de ter a impressão de ver os pais sofrendo e sendo torturados, embora depois soubesse ser tudo armação, despertava forte emoção, não só na princesa, mas a todos que estavam ali e gostavam muito dos bondosos regentes.

Depois do rei e da rainha entraram os outros cavalheiros, o Mestre o governador Gnomo e o regente Élfo avô de Klinter que atravessaram como se estivessem andando em uma estrada, parando com a conversação que traziam em pauta ao deparar com o grupo que os esperava.

Depois de atravessarem o portal e das manifestações de carinho, finalmente conheci pessoalmente os seres mais importantes das dimensões de espaço tempo em que tinha estado até agora, todos foram para a sala do auditório, onde os assuntos seriam tratados e os novos acertos feitos na convenção começariam a serem implantados pelos lideres dos grupos que ali estavam.

Não se podia perder muito tempo, todo o acorrido na captura do conde Zimor já tinha sido informado aos regentes e seria detalhado durante a reunião que terminaria com o jantar e a rápida partida do rei e a rainha em nova missão juntamente com a nave da União que levaria também o Conde Zimor.

Klinter se mostrava constrangido na presença do avô de barbas brancas. O velhinho Élfo aparentava cansaço, notava-se que os esforços da última semana tinham sido maiores do que a sua idade podia agüentar, esse senhor

não mostrava laços de afeição a Klinter que cumprimentou assim como aos outros, por certo ele ainda não estava inteirado da grande ajuda que Klinter tinha prestado na captura do Conde.

Fiquei com os dedos cruzados para que tudo desse certo, era uma boa oportunidade para Klinter refazer os laços de amizade que tinha quebrado com seu povo.

Numa das conversas que tive estando a sós com Klinter, ele demonstrava interesse de voltar a conviver entre seu povo no planeta gelado, parece que Klinter além de recuperar o juízo e o senso de responsabilidade tinha encontrado uma Élfa de quem me falou muito, o jovem Élfo parecia apaixonado e isso seria uma coisa que só viria a adicionar para que tudo desse certo no retorno de Klinter ao mundo dos Élfos.

Logo começaram a serem postos em dia todos os assuntos, todos tiveram seu momento de falar afim de que fossem esclarecidos todos os acontecimentos e as novidades da convenção, tendo por início na saga do conde Zimor.

Foram narrados brevemente todos os nossos atos,Thoí colocou em devido destaque á atuação de Klinter dizendo assim:

-Aproveito a reunião para dar por concluída a missão que assumi quando da minha aprendizagem de magia elemental na dimensão dos Élfos, os atos de bravura, alta capacidade, criatividade e conhecimento das ciências elementais empregadas pelo Élfo Klinter que esta sobre minha custódia disciplinar, com certeza dão-lhe o direito de decidir e responder pelos seus atos em qualquer mundo em que esteja. Dou por conclusa minha missão e deixo Klinter livre de qualquer obrigação, testemunho a confirmação de suas habilidades e tenho o dever de dizer que mais nada posso ensinar-lhe, pelo contrário, desse momento em diante tenho somente o que aprender com Klinter, seu caráter e capacidade de trabalhar em grupo condiciona seu retorno ao seu lugar de origem, entre seu povo e parentes.

Vi os olhos do avô de Klinter se encherem de um brilho intenso. O velho que até então guardava suas emoções abraçou o jovem Élfo que seria então enviado de volta a fim de cumprir seu destino, liderar o povo assim como seu velho avô vinha fazendo á tanto tempo.

Depois de um longo bater de asas acompanhada por palmas,Thoí continuou:

-Todos ajudaram e foram úteis para que nossos mundos ficassem livres da tirania de Zimor e ainda libertar os escravos mantidos presos em seu planeta

nave.

Apresento o menino da Terra assim como eu e o Mestre, ele ajudou muito, brevemente será o quarto homem do planeta Terra a entrar na vida extra-mundos e dimensões, agradeço e desejo-lhe sorte, também agradeço ao grupo de Gnomos guerreiros e valentes, muito nos ajudaram.Encerro minhas declarações deixando o espaço livre para que sejam traçados e expostos os novos conhecimentos adquiridos pelos governantes durante a convenção.

A reunião estendeu-se por muitas horas em um sem fim de assuntos referente á novas descobertas.

Tudo foi exposto parcialmente já que depois da partida do rei e da rainha o Mestre assumiria o comando da adaptação das novas técnicas pelas pequeninas fadinhas nos planetas próximos.

Enquanto as novidades eram expostas aos líderes de grupo, na sala ao lado formava-se agora um novo grupo, dessa forma podia-se aproveitar melhor o tempo permitindo que vários assuntos fossem direcionados somente aos interessados em determinadas áreas.

Quando me aproximei do avô de Klinter ele me chamou para conversar, falando assim:

Rapaz, á muito tempo vi seu destino cruzando nossa realidade, faça você o que fizer, faça bem feito e com o coração, tenha em mente que toda vitória vem após uma longa batalha dentro da existência de cada ser dentro do mundo em que habita, seja forte, tanto para desistir como para seguir em frente, a dúvida é pior do que a derrota.

Aquele conselho valeu-me muito, parecia que aquele senhor lera minha mente.

Enfim quando o sol começava a raiar, deu-se fim a reunião. Antes da partida da nave, fui chamado por Klinter e o rei para uma conversa.

Quando cheguei na sala Klinter precipitou-se em falar.

-Meu amigo, disse ele, temo que suas decisões tenham de ser tomadas sem demora, ás técnicas que usei para sua substituição na fazenda foram de caráter provisório, não sabia eu de suas vontades, por isso resolvi fazer assim, se você não voltar logo não poderá voltar mais, sua mente não reconhecera mais seu corpo físico, os processos de transformação ao qual você foi submetido no encolhimento de suas dimensões corporais não servem permanentemente, outra forma deve desenvolver-se em você, temo não ser seguro que permaneça se utilizando desse recurso improvisado, técnicas definitivas terão de serem

aplicadas se você decidir permanecer aqui, caso contrário, em menos de 10 horas você terá de voltar ao seu corpo natural.

Antes que eu pudesse falar o rei inicio-se:

-Jovem, estive conversando com o soldado que assumiu seu lugar na fazenda, ele gostou muito do seu mundo, sendo que esta utilizando corpo sólido não haverá problemas com ele, inclusive demonstrou um intenso desejo de passar por lá mais tempo. Segundo o que ele disse amanhã encerra a semana de férias na fazenda quando seus pais retornarão para buscá-los, presumo isso ser de interesse seu, ele se ofereceu para que você tenha mais tempo entre nossa gente utilizando-se também do corpo físico sólido dele, que esta sendo guardado aqui na cidade enquanto da sua saída provisória. Costumeiramente não concordo com esse tipo de coisa, mas, devido ás circunstâncias dos fatos aprovo que façam assim, convém com os desejos dos dois envolvidos.

Klinter continuou:

-Ainda hoje partirei da Montanha dos Magos o que dificultara sua transformação já que o mestre não domina toda a técnica, posso fazer isso antes de partir, mas antes, estabeleça um elo mental com o soldado e conversem a fim de concordarem amplamente no que vão fazer.

Minha conversa com o soldado foi á última e definitiva, resolvemos permanecer um no lugar do outro fazendo um trato de cavalheiros.

Foi estabelecido que permaneceríamos assim como estávamos sendo que eu assumiria o corpo físico do soldado fazendo uma troca total que somente seria desfeita se um de nós se arrependesse.

Naquela mesma noite enquanto a nave da União seguia viagem Klinter fez a troca.

Klinter procedeu com o ritual invocando as forças da natureza para ajudá-lo cercando-me com vários apetrechos estranhos, perdi a consciência por algum tempo e quando acordei, num dos quartos do palácio percebi que tinha dado certo, logo corri para o espelho a fim de ver os efeitos da transformação, meus olhos antes castanhos agora eram de um azul intenso, meus dedos pareciam ser mais longos e minhas orelhas levemente pote-agudas, minhas asas ainda não estavam se desenvolvendo o que até achei bom, dava tempo de me acostumar com as mudanças antes de apreender a ter cuidado.

Daquele momento em diante as coisas ficariam bem mais complicadas do que poderia imaginar.

Os dias passavam enquanto eu desenvolvia novas habilidades, apesar

de ser pequeno, era incrível a força física de uma fada comparada a de um ser humano na mesma proporção de tamanho, somente depois de ter um corpo de fada notei que podia suspender sem muito esforço objetos três vezes mais pesados que meu próprio peso.

Capítulo 23

Assumindo responsabilidades

Adorava estar entre aquela gente e enquanto minhas asinhas cresciam trabalhava na cidade ajudando no que fosse preciso, não desejava ser um peso a ser carregado pelas pequeninas e naquela mesma semana pude pela primeira vez dar pequenos vôos, logicamente minhas aterrizagens não eram muito boas, com alguns tombos no inicio, mas logo consegui permanecer voando e ficar parado no mesmo lugar como um beija-flor.

Eu que até então tinha pavor de alturas logo descobri que voar é incrível e proporciona uma sensação de liberdade maravilhosa.

Chegava á hora de ir mais fundo.

Embora estivesse usando um corpo de fada, não queria ficar uma fada eternamente, isso era provisório, logicamente antes que meu pedido de ingresso na União fosse feito, teria de conhecer com mais profundidade as coisas desse novo mundo que me cerca e ninguém mais apropriado para conduzir meus primeiros passos do que o vovô Élfo.

Klinter acertou o passo e logo tomaria o lugar do vovô Élfo o que concederia ao sábio vovô horas de merecido descanso, mas quem sabe o vovô Élfo poderia gastar algumas horas me ensinando algumas coisas.

Depois de alguns dias pude conversar com o vovô sobre as possibilidades de minha iniciação e para minha felicidade ele concordou, assim que Klinter fica-se encarregado das funções políticas tendo mais tempo livre, ele começaria a me treinar nos conhecimentos de magia elemental.

A posse de Klinter seria em grande estilo, pessoas de muitos lugares foram convidadas, esse evento merecia ser comemorado com muita pompa, não é todo dia que algo tão importante assim acontecia.

Enquanto aqueles dias passavam, antes da coroação de Klinter, trabalhei na construção de minha casa, toda feita de madeiras e pauzinhos e recoberta de folhas assim como era a casa dos demais trabalhadoras da cidade.

Minha estada na cidade poderia ser bem confortável no castelo, mas não era isso que eu queria, queria estar entre as pessoas comuns, ver e interagir no trabalho das fadas, enquanto isso, os dias passariam mais rápidos e minhas habilidades eram adaptadas a minha nova realidade.

O convite de Klinter foi feito, minha presença era solicita não somente para a solenidade da coroação, mas também o vovô
Élfo resolveu dar inicio nos meus ensinamentos de magia elemental, já seriam encaminhados os primeiros rituais de iniciação.

A pose de Klinter foi uma coisa emocionante, eu nunca tinha visto tantos seres diferentes reunidos em um mesmo lugar, homens e mulheres de raças tão adversas unidas em estado harmonioso de vida comunitária, seria um ótimo exemplo se os homens da Terra visem tal cena, poderiam se tornar mais justos e menos preconceituosos e talvez mudassem no jeito de tratar os outro só porque divergem em cultura, quantias de bens ou na cor da pele.

Eram gigantes de quase 5 metros de altura conversando com criaturas de menos de 50 cm com a maior normalidade, sendo que ás vezes os pequeninos tinham de achar lugares mais altos a fim de nivelar as alturas para que fossem entendidos em meio ao barulho que se criava no lugar.

Klinter estava muito bem, foi homenageado muitas vezes por Élfos e convidados, no dia de sua posse referiu-se em público na pretensão de casar-se com brevidade e pediu solenemente a moça Élfo em casamento.

Klinter poderia ser um regente, mas mesmo assim não deixava de demonstrar aquela cor verde oliva reluzente que declarava sua timidez.

A moça Élfo aceitou o pedido e pelo jeito gostava muito de Klinter pois não lhe poupava agrados.

Em meio ás comemorações, graças a minhas asinhas novinhas e eficazes, pude transitar com agilidade entre os convidados ficando inteirado das notícias que corriam pelo universo.

Fiquei sabendo que o conde Zimor agora prestava serviços á comunidade em paga de suas maldades.

Fui chamado pelo vovô Élfo ao laboratório, laboratório e de certa forma casa, escritório e etc já que administrava e passava a maior parte do tempo lá.

Quando chegue ele pediu para que ficasse próximo do lugar em que ele estava e então resolvi dar um salto e pousar sobre a mesa que se punha a sua frente.

O vovô Élfo estava um pouco surdo e uma fada não consegue falar muito alto.

O nome do vovô Élfo era Forfunhos o que significava em Elfez, homem de longe. Horrível né? Preferi continuar chamando de vovô.

Vários objetos curiosos decoravam o ambiente, pedras fosforescentes davam um aspecto místico ao lugar que percebi estar dentro de uma formação geométrica que acabava com desenhos coloridos no chão.

Logo ele começou a explicar os princípios básicos da magia elemental e também que teria de me ensinar os dois aspectos do elementarismo, o negativo e o positivo, dando início pelo lado negativo, mas antes minhas condições mentais e físicas teriam de serem estudadas com profundidade e minha mente e corpo teriam de ser fortalecidos.

Um longo treinamento teria de ser concluído antes das minhas investidas mais profundas no mundo da magia elemental.

A primeira coisa a saber era que aqueles ensinamentos não poderiam ser mudados e nem alterados, depois de estar dentro da minha mente seria até o fim dos meus dias.

Senti naquele momento que o vovô Élfo tinha um certo temor e ele realmente deveria ter, ensinar algo que torna uma pessoa tão poderosa é complicado, imaginem se eu resolvesse por algum motivo preparar uma fórmula como aquela primeira que Klinter fabricou para usar contra Zimor e resolvesse explodir um planeta com milhões de habitantes. Claro que antes o vovô Élfo viraria minha mente de perna-cabeça pra ver se não havia algum tirano maligno dentro de mim esperando pra sair assim que tivesse capacidade de dominar outras pessoas pela força.

Tudo começava no conhecimento interno de minhas capacidades, onde o verdadeiro instrutor, conforme o vovô avisou, seria eu mesmo, primeiro teria de me conhecer e analisar minha força interior e a vontade de atingir os graus de sacrifícios exigidos pelo conhecimento.

A minha primeira aula seria então em mostrar as minhas capacidades e quanto minha resistência física e mental eram capazes de suportar.

Tudo começaria no dia seguinte o resto foi mantido em segredo e fui aconselhado a deixar as comemorações e descansar. Os dias de provações que

viriam pela frente eram de muita dificuldade.

Retornei a Cidade das Fadas e antes de ir pra casa descansar fiquei algum tempo no bebedouro das fadas deitado sobre uma das beiras escutando o barulho da água jorrando e olhando o céu que de vez em quando era cortado por uma estrela cadente.

As estrelas pareciam mais lindas do que nunca, fiquei pensando, quantos homens perdem a chance de ver essas coisas maravilhosas da natureza, trancados dentro de salas e escritórios vestindo roupas desconfortáveis somente para comprar bens de consumo que dão status, uma sensação de superioridade sobre os outros menos afortunados. Do que adianta isso? Acabam ficando doentes e cegos e não conseguem ver a beleza de uma flor ou a simplicidade fascinante de uma pluma bailarina seguindo a coreografia do vento ou pior, acabam se entupindo de comprimidos antidepressivos e pílulas para dormir.

Embora minhas tarefas do dia seguinte fossem de uma tremenda dificuldade, fiz um trato comigo mesmo de não perder as oportunidades de admirar as obras da natureza, criações de tão sábio Deus.

Acho que minhas partes fada falavam mais alto e pude sentir um elo com a natureza e uma paz interior que á tempos não tocava minha alma.

Fui para a minha casinha e assim que fechei os olhos caí em profundo sono.

Capítulo 24

Iniciação a magia elemental

Quando o sol nasceu, eu já estava de pé e segui com os outros na direção do refeitório. Depois de apurado café da manhã os trabalhadores seguiam para seus afazeres enquanto eu esperava a chegada do vovô Élfo para então continuar o que tínhamos iniciado na noite anterior.

Logo vi entrando na cidade já encolhido ao tamanho de uma fada o velhinho aparentando estar menos preocupado e recuperado da última viagem de trabalho na convenção dos povos.

Logo que se aproximou saudou-me calorosamente me conduzindo para

fora da cidade explicando o que me ocorreria durante o período de treinamento.

Logo o sábio voltou ao seu tamanho normal e abriu um portal de espaço tempo que nos levou direto a sala em que tinha estado na noite anterior no mundo dos Élfos.

Os móveis tinham sido retirados do ambiente dando mais espaço, deixando a mostra todos os detalhes do desenho que estava no chão, cada detalhe do desenho, um misto de formas geométricas que pareciam estar contidas umas nas outras, representava um elemento que combinados mantinham a harmonia e equilíbrio entre as forças da natureza, logo eu seria apresentado a esses elementos que são a água, fogo, ar e a terra, estando o quinto elemento ao centro da formação representado o bem e o mal.

O sábio falou-me que a essência do quinto elemento estava presente sobre a raça humana e isso me dava á possibilidade de ser um grande mago dependendo somente de mim.

Então começou a explicar:

O homem do planeta Terra tem em seu intimo a definição do bem e do mal, diferentemente dos animais que somente agem por extinto as pessoas podem agir usando o bem ou o mal, isso se chama de livre arbítrio.

Continuava o vovô Élfo explicando:

Esses conceitos devem ficar bem definidos na mente de um Mago, casso contrário, você perderá muito tempo fazendo e desfazendo coisas que acha não deveria ter feito.

O bem e o mal são como uma pedra que se atira e que tem o poder de voltar com a mesma força sobre a cabeça de quem a arremessou.

Qualquer ser de mínima inteligência com certeza pode concluir que o mal não vale a pena, quem gostaria de receber o mal sobre si.

O pagamento que um Mago recebe se pratica o mal é a inimizade, ódio e desrespeito e passa então a ser chamado de bruxo o que ninguém em sã consciência quer ser.

Já quando pratica o bem é ao contrário, faz amizades, recebe amor e conquista o respeito daqueles a quem ajuda.

Depois dessas breves explicações, sentou-se sobre o centro dos desenhos e eu á frente dele.

O velho fechou os olhos como na procura por algo na solidão do pensamento enquanto eu observava ao redor.

Num passe de mágica a formação criou vida tendo suas cores e formas

alteradas como se tentasse dizer algo. Pude ouvir os elementais, barulhos de fogo queimando, vento soprando, água correndo e um cheiro de terra igual a-quele nos dias em que chove, a mistura desses elementos cria a vida contida em tudo que tem fôlego, movimento, crescimento e morte sobre os planetas.

O que me fazia sentir a presença desses elementos era o grande amor e respeito que tenho pela natureza.

Comecei a ficar com medo e fechei os olhos brevemente, quando voltei a abri-los estava em um ambiente, iluminado por tochas de chamas azuis, parecia ser um grande castelo medieval onde reparei ainda estar no centro da formação geométrica que agora aparentava bem maior.

O vovô Élfo começou a falar-me:

-Todo meu conhecimento foi é guardado nesse lugar que tem suas formas condicionadas pela minha mente, sempre que vou resolver coisas importantes, venho até aqui. Aqui moram em minha mente os quatro elementos separados que regem a criação dos fenômenos naturais e estão sempre intervindo com minha vida e me auxiliando nas decisões que devo tomar.

Você criara um lugar como esse dentro de sua mente para no futuro utilizá-lo como um lugar de descanso do espírito e aconselhamento sobre o que tiver dúvida.

Logo o velho saiu da formação seguindo pela sala central do castelo e iniciou a subir uma escadaria. Tentei voar para acompanhá-lo mas o lugar parecia não ter ar e minha tentativa de deslocar-me do chão foi inútil. O velho deu um breve sorriso pegando meu corpo leve pondo-me sobre seu ombro.

Ao subir a escadaria encontramos na primeira sala uma grande piscina de águas cristalinas e refletivas, o velho ficou na beira da piscina como se rezando em voz branda.

A água começou a movimentar-se fazendo um pequeno redemoinho que foi aumentando conforme o volume da voz do velho mestre, de repente parou de girar concedendo forma ao que identifiquei ser uma mulher feita de água.

Aida bem que fiquei bem próximo do mestre que agora estava molhado com os respingos da água que se soltaram do redemoinho.

A beleza e a calma da voz que vinha daquela estranha mulher feita de água deixou-me mais tranqüilo.

O mestre saudou a formação que chamou de dama da água e essa respondeu:

-Sábio Mago contido e conteúdo das formas harmônicas da natureza em que essa humilde criatura pode-lhe ser útil.

O vovô Élfo continuou:

-Venho ao seu reino e trago para seu conhecimento e avalia um jovem que pretende seguir assim como eu os conhecimentos dos elementais.

A dama da água voltou-se para mim falando:

-As fadas por natureza já possuem os conhecimentos do mundo dos elementais precisando apenas exercitá-los, quando o menino Thoí foi trazido, compreendi a necessidade dele já que provinha de um povo pouco sábio.

Então tive de explicar a dama da água que na verdade não era uma fada embora aparentasse uma.

O elemental ouviu-me atenciosamente como se estudasse meu espírito e no final disse-me:

-Você entregaria seu corpo a mim para que eu possa ajudá-lo.

-Voltei-me ao mestre Élfo e ele balançou a cabeça em sinal de aprovação, assim que voltei o rosto para a dama da água ela estendeu longos braços de água a minha volta puxando-me para o fundo da piscina.Tive a impressão de estar me afogando mas podia ouvir a voz do vovô Élfo me pedindo calma. Mantenha a consciência dizia ele, me esforcei em manter os olhos abertos e então pude respirar embora estando dentro da água, ondas de energia percorriam meu corpo e minhas assas ficaram deformadas com a água. Podia ver pequenas sereias dançando em torno de mim como se estivessem em uma roda de ciranda, parecia que estava no fundo do mar, corais coloridos e peixes de várias formas me cercavam então as formas perderam a definição e senti como se meu corpo estivesse caindo, um frio percorreu minha espinha e então estava em um lugar absolutamente vazio, somente o que tinha no lugar era uma névoa azulada que se estendia ao infinito.

Embora a queda fosse veloz não senti qualquer atrito ao tocar o chão.

A minha frente agora podia notar a presença da dama da água que anteriormente puxou-me para dentro da piscina.

Assim como o vovô Élfo me havia explicado anteriormente recebi ordens de criar o ambiente para o elo mental com o elemento da água, projetando mentalmente um objeto e uma imagem que serviria de conexão entre eu e o elemental.

Ali não havia nada, somente aquela neblina azul que parecia que eu tinha morrido e chegado ao céu.

Logo a forma sumiu não dando tempo de perguntar como fazer para criar o elo, embora eu tenha chamado várias vezes pela dama da água ela não me atendia.

Então, pude perceber que era uma prova a que eu estava sendo submetido.

Comecei a sentir medo e logo a névoa azul começou a trocar de cor passando de um azul claro a um mais escuro deixando-me com mais medo ainda e logo o lugar estava negro como um breu.

Sentei-me no chão e fechei os olhos e comecei a pensar em coisas boas enquanto estudava a situação.

Logo percebi que aquele ambiente em que estava era uma parte de minha própria mente e que deveria ser preenchido com alguma coisa, assim que abri os olhos estando calmo tudo, aparentava as mesmas cores celestiais de outrora.

Se minha mente é recheada de pensamentos e todo ato antes é um pensamento, vou encher esse lugar com meu pensamento, sendo que desenharei nesse ambiente um lugar bem bonito.

Tornei a sentar-me no chão e comecei a lembrar a história da criação do mundo que esta contida na Bíblia e seguindo a fórmula comecei, não esquecendo a forma que a dama da água tinha pedido e para isso comecei a pensar detalhadamente num belo chafariz com várias quedas de água numa praça cheia de árvores e quanto mais eu pensava mais vontade de atingir a perfeição me vinha na mente, enquanto ordenava para que aquelas coisas fossem criadas, mais detalhes acrescentei aos objetos e coisas que preencheriam aquele cenário, cada pedra decorativa cada detalhezinho, luminosidade o calor a grama as cores tudo em frações de segundos foram sendo processadas pela minha mente, as borboletas alguns pássaros e até a cheiro das flores agora me eram lembradas.

Senti algo tocar meu ombro e quando abri os olhos tudo aquilo em que tinha pensado se apresentava diante de mim em formas e cores perfeitas. Fiquei feliz ao ver que tinha conseguido criar aquelas coisas todas, embora aquilo existisse somente dentro da minha mente.

A mão que tocava meu ombro vinha do chafariz que agora serviria de ligação entre eu e a dama da água que representa o elemento água, fiquei muito contente em ter conseguido.

A dama da água agora se formava da água que corria pelo chafariz e o véu que cobria seu corpo era formado pelos anjos de pedra que derramavam

pequenas quantias de água de seus jarros, assim completando a formação.

Senti a força da criação e que o poder que era investido naqueles processos poderiam ser muito especiais.

Fixei no olhar da minha dama da água e senti meu corpo desfazendo-se e perdi os sentidos por alguns instantes.

Quando voltei ao normal estava com o vovô Élfo no reino dos Élfos, exatamente no lugar de onde tínhamos partido e me sentia muito cansado, embora tivesse a impressão de que haviam passado poucas horas, já era alta madrugada na cidade.

O vovô Élfo se mostrava satisfeito me pedindo segredo sobre a experiência que tinha vivido, minha energia estava muito abalada e as novas alianças com os demais elementos fogo, terra e ar teriam de ficar para outro dia.

Fui levado a um lugar onde pude descansar, logo depois de tomar um chá muito gostoso preparado por o mestre Élfo.

Logo adormeci em sono profundo, só acordando no outro dia quando o sol já se fazia bem alto no horizonte.

Capítulo 25

Capacidades acima do imaginável

Embora tenha tido uma boa noite de sono algo de errado estava acontecendo, não estava me sentido bem, logo depois de avisar o vovô Élfo que eu estava doente as coisas não demoraram a piorar.

Uma febre forte começou a aparecer e arrepios trêmulos faziam meu corpo ficar bamba, os médicos da Cidade das Fadas foram chamados e uma série de exames foram feitos sem serem achados os motivos da minha doença, foi pedida a ajuda da equipe médica de uma das naves da União que fazia a ronda e passaria em breve próximo do mundo dos Élfos.

Logo perdi a noção de tudo que estava acontecendo e quando voltei á consciência estava deitado em uma mesa com vários raios de luzes coloridas passando através do meu corpo, uma imagem feito um vulto luminoso caminhava a minha volta, tentei erguer a cabeça e identifiquei o jovem Thoí que conver-

sava com um ser bem estranho que percebendo meus movimentos veio em minha direção.

Pude ver pelos uniformes das pessoas que passavam apresadas pelo corredor que só poderia estar dentro de uma nave da União.Logo chegaram até mim Thoí e o homem de aparência estranha.

Thoí cumprimentou-me perguntando como eu estava me sentindo.

-Bem. Respondi.

Pude então perceber que muitas coisas estranhas tinham ocorrido durante minha perda de consciência a começar pelo meu tamanho que voltou a ser o de um ser humano normal.

Logo o homem de aparência estranha, foi-me apresentado como médico formado em regeneração molecular e transmutação de espécies.

Não entendi a princípio, mas pelo nome complicado deveria ser uma grande especialidade médica.

O médico logo começou a explicar os detalhes de meu estado de saúde falando assim:

-Os seres provenientes do planeta Terra são criaturas interessantes. O que aconteceu com você é que seu corpo físico, assim como o corpo físico de todos os seus irmãos de espécie, não chegaram ainda ao total aperfeiçoamento,isso é, vocês do planeta Terra não são uma espécie completa e quando sua mente foi transferida para um corpo harmônico natural de uma fadinha, esse processo de aperfeiçoamento começou a desencadear-se misteriosamente.

Enquanto o doutor continuava vi entrando pela sala o soldado fada que tinha substituído-me na Terra e dei-me conta que estava de volta ao meu corpo original, dando um grande salto de susto ao perceber a troca inesperada calando momentaneamente as explicações do doutor.

Thoí explicou que infelizmente os processos de troca de corpos tiveram de ser desfeitos pois eu corria perigo de vida e o soldadinho teve de regressar com minha estrutura física para que eu não acabasse morrendo.

Logo foram me explicado que tive de desaparecer da face da Terra sem que meus pais soubessem de meu paradeiro devido á gravidade dos fatos.

O soldado fada com a ajuda de outros, trouxe o que parecia ser um álbum de fotos que largaram sobre minha cama antes de saírem.

Ao imaginar a tristeza de meus pais tendo um filho desaparecido, meu desejo era voltar rapidamente para casa, peguei o objeto que o soldadinho trouxe e então não consegui conter a profunda tristeza.

Eram as fotos que eu tinha tirado durante a viagem de ida a cachoeira.

As saudades de meus amigos e de minha irmã transbordaram meus olhos de lágrimas e de um peso de consciência sem fim pelo sofrimento que estava causando com o meu desaparecimento. Logo o que parecia ser um vulto aproximou-se e então troquei a tristeza por um grande susto.

A criatura que se fazia diante de mim era fantástica.

Embora sua forma não fosse bem definida era simplesmente incrível, seu rosto aparentava ser como de um ser humano mas sobre a pele uma camada de energia alterava de cor constantemente, enquanto pus-me encolhido de susto a vós começou a falar:

-Calma não tenha medo jovem da Terra, estive muitos dias cuidando de você, logo percebi ser uma vós feminina e aquele ser era mais um dos estranhos tripulantes da nave.

Ela começou então a rir.

-Vim aqui a mando do doutor, ele pediu-me para conversar com você, já que nós temos muito em comum.

Fiquei atento e curioso pois não via nada de comum entre nós .

A moça de energia começou então a explicar-me.

-Há muito tempo atrás meu povo que tem a mesma formação do povo da Terra, embora agora pareça tão diferente, era assim como você, devido ao processo evolutivo que o doutor explicava para você, acabamos por adquirir essa forma que você esta vendo em mim agora.

Fiquei olhando para aquela coisa estranha, daí, dei-me conta, meu Deus, poderia eu ficar igual àquela coisa que estava ali na minha frente.

Naquele momento fiquei aliviado por estar normal, ser fada tudo bem, mas ser raios de luzes multe-coloridas, eu não queria não.

O ser se precipitou rindo como se ouvisse meus pensamentos, então suas formas de energia foram abrandando dando lugar a um corpo sólido que parou quando enfim notei seus olhos azuis cintilantes. A pele da moça era tão branca que podia ver os vasos sanguíneos conduzindo o sangue pelo corpo.

Apesar de agora ser mais parecida com uma pessoa à falta de cabelos deixava a moça muito esquisita.

As roupas que ela vestia pareciam de um material sintético muito resistente com muitos botões dourados adornando o peito e os lados externos dos braços.

Tentei evitar ao máximo fazer julgamentos, pois parecia que ela podia

ler meus pensamentos.

Então ela continuou falando:

-Sei que pareço estranha mas quando da minha nova fase de existência certos aspectos foram retirados do meu povo.

Pedi desculpas por minhas indelicadezas e tentei ser o mais amável possível pensei então em mostrar o álbum de fotografias a ela, logo notei que seu interesse era mais nas plantas e animais do que nas pessoas que ali estavam.

Nossa diversidade de fauna e flora tem muito poder atrativo a outras criaturas, conseguia ver o brilho em seus olhos quando comecei a falar das várias espécies de animais que existiam na Terra.

Ela ficou fascinada com as fotografias da Terra principalmente com os pássaros.

Fui convidado a passear pela nave e ao sairmos do quarto entramos em um elevador transparente, via pelas imagens externas que viajava numa velocidade exorbitante embora não sentisse
aquela sensação de gravidade desagradável, assim vezes deitado vezes em pé percorremos o setor de enfermagem gigantesco como também diversas outras áreas da nave.

As visões do centro de medicina não eram muito agradáveis, seres mutilados e de aspectos tão diferentes, alguns mergulhados em líquidos estranhos e outros que mais pareciam com gelatina de morango.

Um ser que achei lindo, desenvolvia-se na água, era como uma sereia rosa brilhante com membranas que quando se movimentavam pareciam véus ao vento, logo fui informado que ela era uma criatura inteligente e muito importante no seu mundo e que estávamos indo para seu planeta já que estava totalmente recuperada de uma doença e seu povo aguardava seu retorno ansiosamente.

A médica que me acompanhava voltou a seu antigo aspecto de energia e colocou as mãos no vidro que parecia um enorme aquário onde a criatura estava sendo cuidada, logo ela se aproximou, também colocando as mãos na mesma posição como se estivessem confraternizando, a garota trocava de cores emitindo um som agudo quase imperceptível então percebi que estavam se comunicando.

Foi uma sena de filme de ficção científica, se eu não tivesse visto, não acreditaria.

Logo então seguimos pelo elevador direto para cima parando no último andar da nave.

A imagem daquele ambiente era fascinante, como poderia existir aquele jardim dentro de uma nave e no mirante uma redoma transparente mostrando o universo e seus astros que passavam a uma velocidade incrivelmente alta.

Logo percebi que estávamos viajando realmente e trocando de dimensão constantemente estrelas e asteróides gigantescos desapareciam como num passe de mágica dando lugar ao vazio.

O jardim era enorme, subimos até um lugar bem alto,
mesmo assim, não consegui ver a outra extremidade.

O jardim se mostrava repleto de vidas, barulhos ecoavam e atravessavam o jardim de um lado ao outro, eram animais e soldados que estavam de folga aproveitando o ambiente natural para relaxar após seus exaustivos períodos de trabalho em outros setores da nave, o lugar, era o preferido de descanso e lazer de muitos dos tripulantes da nave.

Entre as árvores e até mesmo dentro do solo do jardim, muitos da tripulação aproveitavam para confraternizar nos momentos de merecido descanso que por sinal não eram muitos.

Logo se aproximaram 5 grandes formas de energia que ficaram exibindo efeitos luminosos, minha nova amiga ria continuamente, acho que estavam cotando algo engraçado e quando ela abanou as mãos, as formas de energia voaram por entre as árvores fazendo um barulho de bater de asas formando um grande pássaro de energia, foi lindo.

Pude notar que a nave tinha parado pelo movimento externo dos astros, minha guia pediu-me licença, queria despedir-se de sua amiga da água pois tínhamos chegado finalmente em seu planeta de origem. Logo descobri, outra face de seus estranhos dons, seu corpo tornou-se ainda mais intenso de luz até ficar como aqueles outros que viraram pássaros e saiu voando, então se deslocou do chão e saiu voando numa velocidade tão grande que por um instante parecia ter ficado parada no lugar, em seguida deixando um rastro de luz pelo caminho por onde passou assim como um cometa. Fiquei ali parado, não saberia voltar à enfermaria, foi quando surgiu saindo do elevador que usamos antes um ser que mais parecia uma mistura de porco com elefante e lagarto.

Veio em minha direção e a primeira vista, parecia bem zangado, fiquei parado sem saber o que fazer.

O ser parecia um monstro do jogo de videogame que sempre me derrotava o que me deixou com mais má impressão da criatura.

Então ele retirou de seu uniforme o que parecia ser um broxe e apro-

ximou-se cuidadosamente de mim colocando o objeto preso a minha roupa, juntamente com outros ajustadores de linguagem já prezo em mim, retirando um outro e colocando nele próprio.

Quando se precipitou novamente a falar levei um enorme susto, a voz que agora eu ouvia era perfeitamente humana a não ser pelo tom zombeteiro do grandalhão.

O ser se precipitou falando assim:

-Diga-me jovem. O que faz ai parado com essa cara de Lautrinio Veneziano. Acho que isso deve ser alguma criatura repugnante, a conclusão do meu pensamento causou-me um sorriso involuntário e então respondi:

-O mesmo que você, com a sua cara de espinafre. Sei que foi totalmente sem lógica e até mesmo ridículo, mas como odeio espinafre, foi o que me veio á mente no momento.

Ele riu e então continuamos a conversa.

-Meu nome é Cristiano e o seu?

-O meu é....... impronunciável como todo ET o nome do soldado mais parecia com grasnares de animal, resolvi então chamá-lo de Pig.

Como os outros soldados ele estava saindo para o descanso e antes de dormir nada como um passeio pelo jardim, acompanhei Pig enquanto via pelo mirante transparente que estávamos sendo envolvidos pela água do planeta de origem da criatura a qual minha guia que também possuía um nome impronunciável foi
despedir-se.

Resolvi chamá-la mais tarde de Helena.

Pig não era um monstro de videogame, pelo contrário, era um soldado do grupo de reconhecimento daquela nave, conversamos muito, até que depois de algum tempo, Helena reapareceu, se eu fosse descrever todas as características dos soldados que vi durante o passeio no jardim, ficaria mais umas 40 páginas somente descrevendo as características dos tripulantes.

Quando Helena tornou a encontrar-me, a nave precipitava-se em entrar novamente no espaço e fazer de volta o caminho antes percorrido.

Pig agora dava atenção a um anãozinho que lhe convidava- pelo jeito a prática de alguma competição esportiva.

Despedi-me daquele ser que acho nunca mais ou muito dificilmente veria devolvendo-lhe o ajustador de linguagem e agradecendo pela atenção.

Segui com Helena, enquanto nos afastávamos continuava a ouvir os

rosnares de Pig contra o que parecia ser os miados de um gato do anãozinho.

O caminho de volta até a enfermaria foi rápido, onde já encontrei Thoí a minha espera.

Helena foi chamada para outras tarefas e seguiu seus afazeres dizendo que voltaria mais tarde.

Thoí mais uma vez perguntou-me sobre meu estado dizendo que em pouco tempo estaríamos de volta na Cidade das Fadas e que eu deveria pensar no que faria, pois no tempo Terra, já fazia mais de uma semana que eu tinha sumido.

Voltei á cama levando comigo meu álbum de fotografias e mais uma vez voltei a sentir tristeza, a indecisão pegou-me por completo. Voltar a Terra para evitar o sofrimento de meus pais, amigos e parentes? Ou continuar a desenvolver-me para mais tarde poder ajudar toda as pessoas do planeta?

Logo adormeci e tive o que parecia um sonho, como o mestre Élfo havia-me aconselhado, procurei aquele lugar que tinha criado com a dama da água para justamente nos momentos de decisões refletir, decidir e me aconselhar tendo o auxilio dos se elementais dos quais eu ainda só conhecia a dama da água.

A dama da água logo me pediu desculpa por de certa forma também ter influenciado para que meu corpo apresentasse aquelas reações tão estranhas e logo ela continuou sem presa a explicar-me.

-O processo de mutação ao qual você teve início não é algo negativo é algo que deve ser conhecido e entendido por você com profundidade, gera responsabilidades muito grandes e os efeitos são irreversíveis já que poderá influenciar em todos os seres de sua espécie.

Quantos anos você acha que Helena tem?

Parei pensando e respondi:

-Pela aparência uns 18 anos.

A dama da água falou:

-Você errou muito longe jovem.

Helena é imortal, o tempo é uma coisa nula para ela, apesar de aparentar ser ainda bem jovem, Helena é mais velha que algumas estrelas.

Os processos de transmutação a qual Helena e sua espécie foi acometida trouxeram a quase vida eterna ao seu povo.

Não que eu queira espalhar boatos.

Falou a dama da água:

Mas você é uma esperança de que a transmutação possa ser entendida cientificamente, pois antes em nenhuma parte da galáxia a União pode encontrar um povo que estivesse atravessando por esse estágio evolutivo, o que o torna uma esperança de que es-
se fenômeno seja estudado e compreendido pelos meios científicos dominados por eles e quem sabe, esse dom maravilhoso possa ser aplicado em lugares em que os seres estão próximos de serem extintos, não deixando que os conhecimentos adquiridos depois de milhares de gerações se terminem pela degeneração genética dos corpos físicos que impossibilitam a reprodução da espécie assim como está ocorrendo com os Duendes.

Comecei a entender agora que eu era bem valioso para aquela gente e essa coisa de virar luz era uma coisa que na verdade todo mundo queria.

A dama da água continuou, a União é uma entidade séria e respeitada até pelas criaturas que não precisam de seus serviços no caso dos mutantes energéticos e mesmo assim 5 cientistas incluindo Helena, trabalham nas naves a fim de ajudar seres menos desenvolvidos a encontrarem processos menos demorados de compreensão e vida saudável e pacífica. Cabe dizer que se você der continuação nos estudos a fim de evoluir tendo como base os conhecimentos de Helena e se isso der certo o planeta Terra terá muito mais cuidado da União pelo valor de seu povo, sendo que, os mutantes energéticos são seres de tremenda valia nas investias pelo universo e na descoberta e auxilio de novos povos e mundos.

Agora as coisas estavam mais claras pra mim, assim que acordei fui falar com Thoí.

Estava um pouco preocupado, lógico que meus interesses não eram de ser rato de laboratório e objeto de experiências o que deixei bem explicado.

Encontrei com Helena quando saia do alojamento de Thoí parecia estar bem preocupada já que um temporal de luzes coloridas saltavam do seu corpo. A criatura da água tinha contatado novamente a União e sua doença tinha se espalhando por seu planeta submerso.

As vacinas tinham de ser aplicadas com a maior urgência possível, já que logo de sua chegada no planeta outros casos iguais ao seu foram constatados.

A corrida contra o tempo foi enorme e pude ver Helena viajar pelos corredores da nave em forma de energia levando e trazendo objetos.

Retornamos para o planeta submerso a fim de dar auxilio para aquele

povo, logo mergulhamos na atmosfera de água.

Helena sem usar qualquer equipamento de mergulho saiu levando os medicamentos. A criatura da água adoeceu depois de ter contato com um povo alienígena, então achavam que o motivo de sua doença eram os micros organismos daquele lugar o que depois se descobriu que quando de sua partida ela já estava conta-
minada sem dar-se conta. Os meteoros que viajam pelo universo constantemente levam criaturas vivas que assim que atingem um planeta que dá condições para seu desenvolvimento logo acabam em certas ocasiões interferindo na vida dos antigos moradores do planeta o que se suspeitava que fosse o caso real.

Sei que parece inacreditável que um ser de um outro lugar do universo proveniente de uma catástrofe planetária, provavelmente de uma colisão de um meteoro contra um planeta habitado que espalhou pedaços pelo universo, seja congelado pelo espaço e depois de milhões ou bilhões ou trilhões de anos por acaso acabe chegando a um planeta onde se descongele e venha novamente a se desenvolver e interferir com a vida do planeta podendo causar uma interferência no meio ambiente do planeta.

Ainda bem que o micro organismo causador da doença foi identificado pelos sensores da nave e a criatura tratada a tempo senão teria morrido.

O sistema de desenvolvimento da vacina era simples e logo observamos uma porção de soldados saindo da nave a fim de espalhar-se pelo planeta conduzindo os medicamentos necessários enquanto outros desenvolviam a fórmula no laboratório da nave.

A perda foi 0 e em 3 dias todos os moradores do planeta submerso tinham sido medicados.

Ver de perto o trabalho da União, deu-me o incentivo de que estava precisando, meu treinamento não poderia parar simplesmente por causa de meus pais.

Entendi também que os processos de transmutação deveriam ser estudados, mas antes deveria terminar o que tinha começado na magia elemental, assim como posteriormente tentar o treinamento como soldado da União conservando minhas características humanas.

Logo que concluísse o treinamento e fosse integrado a uma das naves como soldado, poderia então ser auxiliado por Helena para atingir a mutação e ser acompanhado pelos cientistas em todo o avanço do processo.

Comuniquei minha decisão aos cientistas e ao comando em uma breve

reunião e fui incentivado em minha decisão.

Assim que retornamos A montanha dos Magos, logo fui ter com o velhinho e sábio Élfo, a fim de retomarmos o processo de desenvolvimento da magia elemental.

A minha vida parecia enfim ter tomado um rumo definitivo.

Minha afeição por Helena, brotava como uma grande amizade e no momento de despedir-me sabia que sentiria muitas saudades já que levaria muito tempo até ver-nos novamente.

Capítulo 26

Retorno á magia elemental

Agora não haveria maiores problemas que me impedissem de continuar aprendendo magia elemental.

Enfim retornamos mundo dos Élfos e o inverno tinha começado. Como estava gélido! Embora fossem somente os primeiros dias de frio.

A colheita dos alimentos, frutas e cereais, havia terminado e o povo estava recolhido na cidade subterrânea aguardando que os dias frios passassem para voltar á superfície e reiniciar o plantio.

Os animais usados como tração na coleta agora estavam soltos para viverem conforme seus extintos, assim era necessário. Seus processos de reprodução iniciavam nos primeiros dias do inverno depois hibernavam nas cavernas até o verão seguinte quando os pequenos filhotes saiam de suas bolsas marsupiais assim como cangurus do planeta Terra.

Mesmo trabalhando para os Élfos os animais eram muito gordos e sadios e a cada ano a espécie estava desenvolvendo porte devido á alimentação de boa qualidade dada a essas criaturas durante o verão.

A cidade subterrânea era iluminada por um sol artificial que mantinha o calor da cidade e as mudas de plantio do ano seguinte em condições apropriadas no centro mais alto.

Meu tamanho embora de menino era mais alto que a de um Élfo que variavam de 40 a 60 cm, logo tive a cabeça muitas vezes cheia de galos de bater

nos lugares mais baixos, preferindo assim o centro da cidade onde podia andar normalmente sem me curvar e também era mais quente.

Roupas tecidas com a lã das criaturas que era retirada no começo do verão, foram-me confeccionadas, eram muito confortáveis e tinham um calor permanente mantido pelo óleo da pele daquela espécie, o cheiro era horrível mas suportável e essências a vida na cidade que embora aquecida artificialmente, chegava até 20 graus negativos, forçando-nos a usar cobertores da mesma lã para
não morrer congelados durante a noite.

O inverno compensava o trabalho exaustivo do verão e eram aprimorados os estudos científicos e a arte.

Pude viver entre os Élfos até que o inverno tivesse fim, enquanto isso, as alianças com os reinos elementais era terminadas sendo que já tinha sido aprovado pela água.

Não ter noção de tempo deslocou-me, constantemente passava horas aprendendo e lendo pergaminhos amarrotados, tive de aprender a falar e ler em Élfo e depois de alguns meses, deixei os apetrechos de assimilação de idiomas artificial que carregava sempre comigo.

O vovô Élfo ensinava-me a manipular ervas medicinais e suas aplicações em determinadas espécies, assim, passo a passo começava a apresentar poderes estranhos, comecei a fazer pequenos objetos flutuarem sobre meu comando o que tornava fácil a organização dos pergaminhos e do laboratório.

Tive a missão de reescrever todos os pergaminhos que continham milhares de anotações alquímicas e medicinais desenvolvidas pelo vovô Élfo durante quase toda a sua vida, com o tempo de tanto utilizar as peças confeccionadas com uma espécie de papel de pouca qualidade os documentos começaram a entrar em estado de decomposição, assim enquanto estudava também escrevia tendo total aprimoramento e aproveitamento de fórmulas antiguíssimas, misturas essas que nem o vovô Élfo lembrava mais que tinha feito.

Logo comecei a estudar com maior profundidade os elementais e pude observar que todos possuem capacidade de agirem uns sobre os outros tanto bloqueando quanto ajudando a propagar uma ação, bastando somente um ponto exato de equilíbrio.

O vento pode apagar o fogo, mas também pode propagar um incêndio catastrófico e assim também nos demais elementais todos podem agir e interagir entre si.

Capítulo 27

Elemental Fogo

O elemental vermelho do fogo foi o segundo que conheci.

Uma criatura gigantesca com aparência de vampiro capaz de causar arrepios no mais valente dos valentes.

O elemental fogo é o primeiro que age na criação de um planeta, fundindo, misturando, separando e trabalhando as moléculas de poeira cósmica que formam uma estrela, quando acaba seu trabalho se recolhe ao centro do globo para dar espaço para os demais agirem, sua sabedoria é imensa, é um ser de essência pura que transforma a destruição em novas oportunidades de criação.

Logo tive muito que aprender com ele, ensinou-me a combinação dos metais por seu meio, a purificação e toda forma destrutiva e construtiva do elemental do fogo, podia agora acender pequenos objetos de magia e isso era essencial, já que o fogo usado em muitas poções de extrema pureza não pode ser gerado por fósforos ou similar quando a queima de materiais que geram fumaça no ambiente compromete o resultado da fórmula.

Capítulo 28

Elemental Terra

As criaturinhas do elemental Terra são como pequenas fadinhas sem asas e de aspecto medonho, mas bondoso, sua cor era laranja com manchas marrons, fiz os elos de ligação com elas e aprendi muito com esses pequenos seres, principalmente o respeito que se tem que ter com as minúsculas criaturas contidas na terra, sem elas, a vida das demais criaturas não poderia existir.

Os microscópicos fungos e bactérias, são ferramentas de uso da terra, onde seria impossível a sobrevivência do planeta sem elas.

Já pensaram se as folhas que caem das árvores não apodrecessem devido à ação dessas pequenas criaturas? Em pouco tempo acabariam impedindo a vida de outras espécies e a exaustão da terra por falta de adubos naturais provindo da decomposição.

Capítulo 29

Elemental Ar

Os elementais do ar são grandes e com asas, bem parecidos com os anjos que ajudamos certa vez quando ainda no reino das fadas, somente maiores e transparentes, sendo que para vê-los é necessária uma dose extra de concentração, mas logo fui aceito por eles. Os elementais do ar são os responsáveis pelo vento que age continuamente sobre o planeta e são madrinhas dos pássaros e são eles que espalham as sementes de muitas árvores servindo de reflorestadores naturais de extrema valia, assim como são responsáveis por levar as nuvens e espalhar a chuva por todas os lugares.

Depois que conheci o último elemental, percebi que começava a ficar diferente, esses ensinamentos faziam meu corpo e minha mente pensarem e agirem de outra forma.

Quando vemos um quadro bonito, a maior parte das pessoas se atem a sua beleza, mas eu podia sentir e ver além da beleza como aquilo tinha sido criado.

Capítulo 30

Usando a força dos elementais

O que jamais deve ser esquecido é que quando o poder do elemental é invocado, não somos nós que fizemos o ato e sim eles que agem sobre nossa influência servindo-nos como ferramenta de apoio a nossas vontades, executan-

do um pedido de uma pessoa conhecedora dos seus poderes, mas para isso é preciso iniciar conhecendo letra por letra desse alfabeto tão complicado, para depois conseguir montar frases inteiras e de significado complexo fazer uma fogueira apagar ou acender, mover uma rocha pesada e assim por diante é bem complicado.

Conforme minha mente ia se desenvolvendo, novas capacidades de fazer coisas difíceis ia sendo alcançada.

Poderes de tamanha influência na natureza não podem ser dados de todo a um ser, sendo adicionados em pequenas quantias, assim como pingos de chuva fraca sobre a terra, cabia ao aprendiz, saber juntar as gotas até que essas tivessem formado a quantia para matar-lhe a sede, sendo que os elementais observavam os atos do aprendiz e seus resultados com muita cautela para que não causasse mal a natureza e sua harmonia.

Meu tempo de treinamento terminou quando também terminaram as revisões do último pergaminho, acho que o local de estudos do mestre nunca estivera tão organizado, temia que agora ele não mais encontrasse seus objetos e para isso fiz um enorme catálogo descrevendo o lugar exato do que julguei ser importante.

Capítulo 31

O velho relógio

Encontrei em um velho armário alguns projetos que não tinham sido acabados, entre eles um belo relógio feito à base de contra pesos.

Comecei a desenvolver o projeto afim de no fim de meu treinamento dar de presente ao vovô Élfo como recordação. Foi difícil conseguir fazer as engrenagens necessárias, mas quando fiz com que ele funcionasse meu sentimento de realização foi enorme.

Os elementais me ajudaram nos processos mais difíceis de cálculos de pesos, inércia e gravidade assim como na mistura dos metais na confecção das partes mecânicas necessárias.

Logo aquela caixa cheia de engrenagens enferrujadas se transformou num belo projeto.O relógio foi também uma homenagem aos elementais já que

continha integrada em seu funcionamento a ação deles, um pequeno cata-vento girava puxando o pendulo que mantinha o movimento constante dos ponteiros, dessa forma para o relógio parar só se faltasse vento, uma pequena bomba de água limitava o giro do cata-vento para não atrasar ou adiantar as horas e para completar a cada 24 horas o relógio acionava despejando uma pequena quantidade de água em um vaso cheio de terra onde crescia uma muda de chá, preferido do vovô, completando a formação o relógio despertava quando um anãozinho ferreiro batia num sino de metal que fingia estar forjando.

Capítulo 32

Vida Social

O vovô Élfo não me forçava a estudos prolongados, pelo contrário, exigia que eu saísse do laboratório e convivesse com o povo, o inverno gélido dos Élfos era uma enorme festa, parecia que a época gelada era sempre Natal, peças de teatro, concertos musicais e mais uma série de eventos davam vida ao subterrâneo enchendo de sons e de um cheiro gostoso de comida o centro da cidade.

Para organizar a distribuição dos alimentos todos tinham suas cotas de consumo, mas sempre eram guardadas quantidades bem maiores do que seriam consumidas.

Todo o dia vinha alguém ao laboratório trazendo alguma coisa, uma roupa nova, um vidro de frutas secas, tortas, doces, salgados, acho que por ter um tamanho maior que um Élfo eles pensavam que eu comia como um elefante, os pequeninos adoravam cozinhar e adivinhem quem era o principal jurado dos concursos de culinária? Eu mesmo.

Logo fiz um enorme circulo de amigos, sabia que na minha partida sentiria falta daqueles seres incríveis, apesar de estar só não sentia solidão.

Para compensar ensinei a eles algumas coisas do nosso planeta. Acredito que no próximo inverno também haverá torneios de futebol, xadrez e uma versão Élfo adaptada para o teatro do Pequeno Príncipe.

Capítulo 33

Retornando a superfície

Passados os meses mais frios do inverno o planeta dos Élfos voltou a permitir que tocássemos seu solo ainda gelado.

Os animais voltaram trazendo os filhotes e a lã que seria cortada, assim que o degelo se completasse.

Em mais algumas semanas o gelo derreteria e deixaria amostra o que antes eram lavouras e pomares, muito trabalho havia a ser feito, ficaria no solo buracos enormes feitos pelo degelo que criava rios temporários no chão levando as camadas férteis.

Era hora de começar a adubar a terra, tapar os buracos e começar tudo de novo e terminar o processo de plantação e coleta antes que o próximo inverno chega-se.

A missão do vovô comigo havia terminado e mais nada poderia ser adicionado a mim senão da constante prática do elementarismo.

Quando presenteei o relógio ao vovô ele ficou muito surpreso, somente depois de vê-lo, lembrou-se que tinham começado a criar aquele relógio junto com Klinter, quando esse ainda era um garotinho. Nunca tiveram tempo de terminá-lo devido as constantes viagens do mestre e a irresponsabilidade do jovem aprendiz.

Sugeri então ao mestre presentear Klinter com o relógio, embora não valioso, certamente serviria para selar com chave de ouro a reaproximação deles. Ficaria muito bem como um enfeite de sala, era silencioso, eficaz e curioso, tendo o tamanho de uma caixa de sapatos transparente e decorada com cristais coloridos.

Enfim chegou a hora de voltar para a Montanha dos Magos, pretendia partir assim que possível para o primeiro teste de seleção de soldados da União.

Meus amigos prepararam uma festa surpresa, a festa de minha formatura.

Despedi-me dos amigos já sentindo saudades antecipadas e agradecendo por toda a generosidade e acolhimento com que havia sido recebido.

No dia em que retornei o vovô Élfo me acompanhou pelo portal de espaço tempo de volta a Montanha dos Magos.

Quando atravessamos o portal tive uma surpresa tremenda, ali no jardim do bebedouro, tinha sido armada a comemoração de minha formatura e todas as pessoas que agora faziam parte de minha vida estavam presentes, foi lindo, fiquei muito feliz ao reencontrar os amigos que á tempos não via mais.

Capítulo 34

Soldado Universal

Ao reencontrar Thoí, dei-me conta que já não era tão menino quanto era quanto parti, aproximadamente 2 anos tinham se passado e Thoí e eu entravamos agora na fase da adolescência.

Depois das comemorações e alguns dias de descanso, comecei a me preparar para o recrutamento de soldados da União, apresei-me em perder os quilos a mais que tinha adquirido no mundo dos Élfos, passei a maior parte do tempo na cachoeira erguendo algumas pedras para fortalecer os músculos e nadando de um lado para o outro.

Evitava falar na minha família, sabia que meu desaparecimento estava causando muito sofrimento, antes de dormir rezava para que tudo desse certo e seu sofrimento fosse aplacado.

No treinamento para soldado universal, seria submetido a duras provas de resistência física e capacidade mental.

A competição entre os alunos era físico, mental e emocional, dentro de simuladores e dentro de naves de verdade, onde um movimento poderia retirar ou adicionar pontos no histórico de treinamento.

Não havia mulheres e homens ou aquele preferido dentre os recrutas, príncipes reais das hierarquias mais nobres e vagabundos mandados ao treinamento como punição, fariam parte do mesmo grupo.

A cartilha de recrutamento que chegou em minhas mãos deixava bem claras as normas.

Sabia que encontraria alienígenas de constituições físicas diferentes da

minha, mesmo assim me inscrevi sendo que o grupo de treinamento ao qual fui designado era constituído de seres físicos, meio físicos, mutantes e simbio-físicos, logo imaginei um monte de criaturas verdes com duas cabeças, confesso que essa idéia não me deixava muito á vontade.

Depois de algumas semanas a nave que me levaria ao lugar do treinamento chegou.

Numa manhã fui acordado por Thoí, apressadamente sai para ver o que estava acontecendo, olhei para o céu e ao longe vi a nave, sem perceber ou dar tempo de nada, fui teletransportado ao interior. Quando percebi estava em frente a um andróide.

Naquele instante dei-me conta que o menino da Terra não existia mais, tinha me transformado em outra pessoa e o que contaria agora, era o conhecimento que tinha associado do elementarismo e a esperteza instintiva herdada do planeta Terra, não havia mais como voltar atrás.

Logo que fui recolhido á nave, foram retiradas minhas medidas e providenciado meu uniforme, meu cabelo foi raspado e meu corpo examinado por uma máquina de raios e um decodificador de línguas implantado do lado esquerdo do meu couro cabeludo.

Logo fui guiado a um alojamento de paredes transparentes com lugar para duas pessoas.

Em pouco tempo tive uma colega bem estranha, pelo menos achava eu que era uma garota, já que tinha anatomia de garota.

Minha colega parecia nem ter percebido minha presença, não mostrava nenhum interesse em fazer amizade deitando-se num dos 2 cômodos e ficando imóvel como se entrasse em transe.

Sobre a aparência dela, tinha um corpo humanóide, não podia dizer que era feia nem bonita a pele tinha manchas mais escuras perto dos olhos que subia pela testa como duas listas e se fechavam formando um Y na nuca, não quis ficar olhando muito mas percebi que na mão esquerda tinha uma tatuagem com o desenho de uma nave.

Fiquei ali esperando, mas as horas não passavam enquanto ela parecia ter morrido.

Que tortura ficar esperando desse jeito se pelo menos minha colega fosse mais comunicativa!?

Poderíamos trocar informações sobre nossos mundos e passar o tempo contando histórias.

A moça virou num repente e com a mão da tatuagem mirou as botas que tinha deixado próxima da porta e em segundos veio até suas mãos, então ela guardou embaixo da cama, assim como eu havia feito.

Bom, aquilo não me era estranho, mas com tanta eficiência assim, só mesmo tinha visto o vovô Élfo fazer em poucas ocasiões.

Peguei uma das minhas botinas e tentei fazer o mesmo, invoquei o poder do elemental do vento para que agisse e quando a botina começou a mover-se a moça falou tirando minha atenção:

-Em uma situação de perigo se você ficar esperando o efeito do elemental poderá ser tarde demais para salvar uma vida.

Ficou sentada sobre a cama olhando a botina que já tinha sido solto no chão pela minha distração e disse:

-Usando essa técnica você até parece um Élfo.

Logo ergueu a mão e fez com que a botina atingisse a parede acima de minha cabeça com muita violência, caindo sobre a minha cama.

Então resolvi iniciar uma conversa.

-Realmente essa técnica foi-me ensinada por um mestre Élfo, mas vejo que sua ultrapassa em muito a minha técnica.

-Não ultrapassa em nada, disse ela, somente você tem que fechar a área de atuação do elemental e dá-lhe energia mental para que o efeito seja rápido e eficiente, senão o elemental ficara equilibrando as energias e usara somente as energias naturais que estão sobrando.

-Experimente de novo, disse ela, pondo a botina no lugar de onde tinha tirado.

Consegui novamente suspendê-la do chão, mas quando tentava impor força na movimentação essa caía ao chão.

A garota então falou:

-Se você não fechar a área de atuação do elemental não vai conseguir um resultado rápido.

-Logo tive de pedir novas explicações sobre o aperfeiçoamento da técnica.

Então ela explicou:

Você tem que demarcar uma área pequena e alimentar es-sa área de energia mental, assim o elemental utiliza essa força em reação a sua vontade, obedecendo a quantia de energia empregada no ato.

Assim tentei novamente cuidando a quantidade certa de energia,

quando arremessei a botina essa teve seu deslocamento rápido como ela tinha feito.

Sai correndo para apanhar a botina nem reparando que estava sendo observado por três homens parados na porta do dormitório.

Logo entraram onde estávamos e quando percebi a posição em que a moça se punha, quando de sua chegada, notei que eram superiores graduados.

Capítulo 35

Nível de dificuldade 01

Primeira fase

Coisa feia disse o homem:

Brincando com o uniforme da União recruta?

Respondi rapidamente com voz firme.

-O treinamento constante, leva á perfeição senhor.

-Boa resposta rapaz, já que você é tão esperto assim. Ponha ele no grupo de dificuldade 01 junto com a outra recruta, disse o homem a um dos outros que lhe acompanhavam, então pegou minha identificação com uma maquina de raios que passou fazendo cócegas no meu estômago.

Depois saíram sem dar maiores explicações.

Fiquei irritado com a garota que logo me deu os parabéns sem que eu soubesse por que.

O grupo de dificuldade 01 era treinamento preparatório para oficial de comando e aqueles que concluíssem entre os 100 primeiros as 3 fases de treinamento saia direto para as áreas de comando da nave, a vantagem era de não ter de entrar em territórios de guerra onde constantemente soldados da União perdiam suas vidas no fronte do combate.

A garota vibrou muito já que a brincadeira acabou levando ela também a essa possibilidade de treinamento.

Depois de algum tempo chegamos a algum lugar, parece que todos os outros recrutas também já haviam sido recolhidos.

O comandante de treinamento, selecionou a vistas grossas, os 1.000

recrutas divididos em 500 duplas que disputariam as 100 vagas para o treinamento de oficial de comando.

Para começar não fomos desembarcados e sim atirados para fora da nave num planeta lamacento chamado Júblo.

Fomos anexados uns aos outros por um sinalizador em dupla que não poderiam separar-se mais de dez metros. Um equipamento de direcionamento mostrava a direção a seguir e depois de 5 dias tínhamos de estar a 150 km ao norte de onde estávamos no momento.

Depois de algum tempo de comida e água limitada, seriam normais uma luta medonha e uma resistência fenomenal para chegar ao final da prova.

Acabei ficando de dupla com a mesma companheira de quarto.

Assim como os demais, tínhamos pouco tempo depois de cair na água e chegar à praia para acharmos os pares e seguir correndo direto para o norte.

Felizmente conseguimos nos encontrar facilmente, nadando juntos na direção da praia.

Assim que chegamos à areia, havia muitas duplas na nossa frente, mas constantemente as posições foram sendo alteradas e as duplas foram perdendo pontos por separarem-se demais um do outro, então estar na frente não significava ser o primeiro e ninguém sabia como estava saindo-se na disputa das vagas.

Para não perder pontos, corremos os lugares acidentados de mãos dadas, se um cai-se o outro segurava, não era bom estar muito na frente e nem muito atrás, julguei terem em torno de 150 duplas na nossa frente e pelo menos nos 3 primeiros dias teríamos de poupar a comida e se possível achar algo comestível naquele lugar podre.

Nosso direcionador marcava o tempo e quanto já tínhamos percorrido, 150 km divididos em 5 dias dava a média de 30 km por dia.

Você sabe o que é correr 30 km por dia no meio de um lamaçal medonho?

Rhana, minha dupla, apesar de ser uma moça era muito forte, confesso que foi eu quem a atrasou no primeiro dia, meu cansaço era tanto que meus membros tornaram-se totalmente indolores como se anestesiados pela grande carga de exercícios.

Conseguimos no primeiro dia 25 km. em 10 horas com intervalo de descanso de 5 minutos por hora, quando passamos por um córrego reparei algumas conchas no fundo e então pedi para Rhana esperar, mergulhei e peguei 3 mexilhões que foram nosso jantar.

No segundo dia resolvemos começar a andar ainda de noite deixando o horário de sol escaldante como descanso e assim fizemos.

O direcionador não nos deixava desviar do caminho poupamos a comida que tínhamos, deixando uma quantia maior para os últimos dias de prova, quando correríamos com o máximo de esforço tentando passar o maior número de concorrentes possível.

Até então tínhamos passado umas 30 duplas, mas variava tanto que não sabia como estavam as coisas, não conversávamos, salvo o necessário para evitar distrações e gasto desnecessário de energia, mas nem por isso deixamos de ser verdadeiros companheiros.

No segundo dia começamos a andar ainda de noite, então vimos que os primeiros colocados não estavam mais que 10 km na nossa frente, durante á noite ultrapassamos muitas duplas e depois durante o dia quando o sol escaldante sugava nossa energia, não fomos ultrapassados nem pela metade dos que ultrapassamos. Isso era bom.

Continuamos firmes. O segundo dia foi melhor, 40 km o que deu-nos 5 km de adiantamento pelo tempo marcado somando com o primeiro dia.

Agora além de andar tínhamos de nadar muito, constantemente encontramos lagos e numa passagem por entre duas árvores fui arremessado ao céu por uma das armadilhas rouba-tempo, agora além de correr tínhamos de ter cuidado onde passar e pisar.

No terceiro dia andamos somente 25 km, voltamos a encontrar marcas de outras duplas bem fresquinhas o que não lhes dava a dianteira de mais que 2 km, agora o cansaço físico e a fome já eram enormes.

Como combinamos teríamos de investir tudo no quarto dia de corrida, a fim de chegar entre os 100 melhores.

Comemos toda a ração energética deixando apenas um pouquinho para o último dia.

Estávamos simplesmente irreconhecíveis, nosso cheiro era de podre, as pernas, principalmente as canelas estavam arranhadas pelos galhos, as mão arrebentadas de cair sobre espinhos, nossos olhos aprofundaram-se no crânio e a pele o que não estava queimada pelo sol escaldante era vampirizada por uma nuvem de insetos.

No quarto dia tive vontade de desistir, não suportava mais parar em pé, somente continuei pela tamanha vontade que percorria meu corpo.

Encontramos pelo caminho muitos que não suportaram mais, mesmo

assim, seguimos em frente, logo que ultrapassamos uma dupla chegou o grupo de resgate para retirá-los por desistência, então pensamos que estávamos em última posição.

Uma breve crise de choro tomou conta de nós e então começamos a correr, motivados pelo grupo de resgate que informou que tínhamos boas chances ainda e que poderíamos com certeza nos classificados.

A região agora se tornava mais fácil e voltamos a ficar dentro da margem de tempo estabelecida.

Quando o lugar começou a ficar mais seco notamos as marcas dos demais competidores, não paramos na noite do quarto dia e como zumbis não conseguimos mais correr, simplesmente andamos a noite toda tropeçando e caindo como mortos vivos até o quinto dia, sendo sobrevoados por uma nuvem de insetos que desejavam o sangue que já faltava em nossos corpos.

Por volta do meio dia do quinto dia alcançamos o final da prova.

Entre as 500 duplas do estagio inicial apenas 248 chegaram ao final sendo que somente 97 dentro do tempo regulamentar aonde chegamos à colocação 95. Em pontuação nos saímos melhor, trigésimo quinto lugar, empatados com mais duas duplas.

Houve uma quase seleção natural somente foram aceitas as 3 primeiras duplas que chegaram depois do tempo regulamentar mantendo o número de duzentas pessoas classificadas para a segunda fase.

Depois conhecemos os vencedores, posso dizer que comparando nossas semelhanças físicas, era uma covardia competir com eles, minha parceira chegou no quinto lugar entre as mulheres que haviam dentre as 57 que concluíram.

Logo depois fomos recolhidos e levados para a enfermaria e mergulhados em um líquido estranho que retirou todas as manchas, arranhões e feridas do nosso corpo em poucos dias.

Embora agora meu relacionamento tivesse melhorado com minha colega de quarto, fizemos um trato, entre eu ou ela, se um dia lutássemos entre si, que o melhor e mais preparado ganhasse.

Sem piedade e sem discriminação.

Capítulo 36

Nível de dificuldade 01

Segunda fase

A segunda fase reuniria 600 recrutas divididos em dois grupos de trezentas pessoas, provindas de 3 lugares similares do mesmo tipo de teste que tínhamos feito, divididos entre si por sorteio.

Antes que a segunda fase de testes fosse feita, uma série de treinamentos foi introduzida, artes marciais, manutenção bélica, tiro ao alvo, estratégias de combate e todo conhecimento preparatório para guerra.

Parecia que todo aquele conhecimento dificilmente seria usado já que nos centros tecnológicos da nave a verdadeira força que imperava, poderia ser chamado na Terra de ciência e das bem difíceis.

Embora os objetivos da União fossem pacíficos, os soldados tinham de estar preparados para pegar em armas se fosse necessário.

A segunda prova era uma mistura de conhecimento e resistência física, uma batalha artificial que avaliava individualmente cada um pela sua ousadia perícia e conhecimento e principalmente pela capacidade de permanecer vivo no combate simulado.

O final da batalha podia dar-se com ponta pés e socos. A munição artificial era pouca e a vontade de vencer tomava o lugar da razão pelos soldados mais empolgados na disputa.

O sorteio dos grupos era feito sem qualquer critério e o centro de comando de cada grupo era formado por 4 militares graduados, peritos nas técnicas de combate e defesa.

6 meses passaram até que os treinamentos para a segunda fase foram aplicados por completo, Rhana e eu constantemente brincávamos de bang-bang com os poderes do elementarismo atirando um no outro, objetos do ambiente, com o treino acabei tendo as mesmas capacidades que ela. Não confessaria jamais, mas o soldado do qual eu mais tinha medo era ela, não queria de forma nenhuma encontrá-la do lado oposto do combate, tínhamos nos enfrentado várias vezes no ringue, nos treinamentos de combate corpo a corpo e a cada vez

sempre acabava com um dente frouxo ou um hematoma, conseguia vencer outros bem maiores que eu, mas contra ela, era sempre uma surpresa, quando aprendemos técnicas de níveis altos de combate físico, acabamos descobrindo que grandes corpos são na verdade alvos mais fáceis de serem acertados.

Os graduados e alguns soldados notando nossa amizade e empenho no combate, acabavam fazendo apostas o que sempre resultava numa gritaria e ajuntamento em volta do ringue, treinávamos muito e logo aprendíamos novas defesas e ataques levando as vezes até 30 minutos para derrotar um ao outro.

Apesar disso, nunca brigamos a não ser em treinamentos, fora da academia às demonstrações de habilidade física eram deixadas de lado.

Nos últimos dias que antecederam os testes sentia que a tensão aumentava entre todos. A possibilidade de amigos assim como eu e Rhana acabarem se confrontando, deixava todos nervosos e como era decidido em sorteio a ansiedade era grande em saber logo a formação dos grupos.

Um dia antes do início do teste, saiu á lista, logo fui saber se eu e Rhana seriamos do mesmo grupo. Felizmente tínhamos sido sorteados para o mesmo lado embora em missões bem diferentes.

Um corre-corre danado tomou conta de todos que se apresavam em pegar os materiais que seriam usados conforme cada missão e reunir os subgrupos para acertar os detalhes de cada etapa.

Ainda bem que em meus tempos de fada tinha perdido o medo de altura, já que para piorar as coisas seriamos largados de pára-quedas no cenário do teste de combate simulado.

Quando fossemos largados no campo de batalha, misturados entre trincheiras e diversos pontos do lugar que variava entre montanhas matas e desertos a coisa seria um corre-corre danado.

O grupo teria de se reunir rapidamente e se preparar para as missões guardando as ordens do comando que fazia de nós peças de um jogo maluco de xadrez.

Depois do salto foi impossível manter o contato com Rhana e foi um corre-corre danado.

Os últimos que se atrasaram para saltar já caíram sob fogo cruzado de raios, claro que era somente um faz de conta. Acontecia que o soldado acertado pelo raio, nas costas, no peito e cabeça tinha sua arma desativada e era retirado do combate, morto ficticiamente, as regras eram pesadas, não poderia haver trapaça, se isso ocorresse, o recruta perderia vários pontos o que ninguém que-

ria. Fingir de morto para não ser acertado não adiantava era descoberto e também estava fora.

O negócio era manter-se em movimento, isso adicionava pontos e era a principal regra a seguir.

Depois que saltei, caí dentro de uma fenda profunda existente no terreno, as paredes rochosas me proporcionaram uma aterrissagem protegida da artilharia, mas quase quebrei um dos pés no impacto com o terreno acidentado, investi a frente tendo ordens de parar em local estratégico, assim fui informado que vinham soldados em minha direção, seguindo pela fenda. Eu estava bem colocado e protegido abaixo da encosta, o soldado que estava vindo também sabia da minha presença e seria eu ou ele, não tive alternativa saltei para o outro lado por terra ficando de frente e em posição de tiro mudando de angulo rapidamente, até meu rival encontrar novamente minha posição na mira já havia sido mais rápido eliminando-o da prova.

Encontre uma das bandeiras, valia vários pontos, mas poria 10 inimigos atrás dela, dando-me assim permissão de entrincheirar para assegurar a posse da bandeira. Corri a frente, permanecer ali não era mais seguro agora já poderia ser visto de cima da encosta e eliminado facilmente.

Ergui-me acima da encosta e avistei um dos meus na mira de um inimigo e atirei rapidamente, não pude evitar a eliminação do soldado, mas, pelo menos já havia eliminado dois inimigos e dispunha de bastante munição, rastejei a frente e achei uma trincheira de onde pude acertar mais 3 inimigos que estavam em movimento, logo tive de sair de novo do lugar seguindo ordens do comando.

Na verdade um vídeo game vivo onde os comandantes sabiam onde estavam as peças do jogo e trocar de lugar era conveniente para desorganizar as informações do inimigo, resolvi voltar para a fenda retornando até o começo da formação, assim poderia contornar pelo lado contrário já que a frente dava em capo aberto e sem área de cobertura deixando-me sem proteção.

Ao retornar dei de cara com um inimigo sem munição que veio contra mim, mas antes que ele me acerta-se foi eliminado por um do meu grupo.

A área estava limpa e juntamo-nos em três, resolvemos ir em frente seguindo a encosta, ficar parado era pior, continuamos retornando pela fenda, fazendo uma volta e saindo pelo lado contrário, corremos de volta e saímos em cima de um pequeno morro de visão ampla do principal local do combate, daquele lugar eliminamos uns 10 inimigos, saímos logo dali seguindo mais a es-

querda, uma região de mata rasteira o alto do morro onde estávamos era agora alvo de pesada artilharia.

Um dos meus resolveu voltar e o outro a ficar comigo, resolvemos entrar por entre os arbustos encontrando mais um dos nossos que quase nos matou por engano, lhe pegamos de surpresa na espreita de uma das trincheiras a frente, onde se abrigava um grupo inimigo, percebi que ainda não haviam percebido nossa presença, deveriam estar de costas e avancei rastejando até parar atrás de uma pedra, pedi cobertura a um para seguir em direção da trincheira e ao outro para o morro que agora estava acima de nós, logo vinha saindo um da trincheira de costas e vindo em minha direção, quando foi informado que tinha inimigo atrás dele foi tarde, sendo atingido por um dos meus, logo os outros acharam estar desprotegidos não notando minha proximidade. Ao saírem da trincheira foram pegos rapidamente de surpresa sendo eliminados sem tempo de reação, mais de 10 inimigos foram eliminados ali, então tomamos conta daquela trincheira recuperando algumas bandeiras em posse do grupo derrotado.

Um dos meus ficou em ponto estratégico acima da trincheira, não deixando ninguém se aproximar, embora alguns tentassem na recuperação das bandeiras, mas sem êxito na aproximação.

Se eu fosse pego naquele instante, não teria problema, já estava bem pontuado sendo que agora restava menos da metade dos soldados a eliminar, sendo 151 dos meus contra 110 do outro grupo, não poderia fazer mais nada e as comunicações estavam paradas, quando retornaram fui informado que a grande quantidade de bandeiras recuperadas estava chamando a atenção do inimigo e que estávamos ficando dentro de um cerco, era hora de trocar de posição rapidamente, sendo que começava a escurecer não havia muita coisa a fazer senão assegurar os troféus que haviamos pegado.

Embora não tivesse sido designado a agir em associação com outros soldados, a colaboração de outros no abate ou conquista de bandeira contava para todo o grupo envolvido na ação.

Pedi orientação e fui ordenado a sair da trincheira fugindo montanha a cima, saindo das áreas onde ainda havia combate.

A maioria dos soldados agora estava escondida sem munição para combater, fugimos e encontramos uma mata com árvores de médio porte, ali passaríamos até o final do treino.

De trás de uma daquelas árvores surgiu Rhana minha parceira que não sabia o que fazer, já estava sem munição, quando amanheceu fomos informados

que restavam apenas 35 soldados do meu grupo e 20 do grupo rival encerrando assim o treinamento, pelos meus cálculos tinha matado no mínimo uns dez inimigos e claro juntamente com um pequeno esquadrão que se formou por acaso, recuperamos seis bandeiras de 10 pontos dividindo a pontuação com os demais do grupo.

Lógico que teve quem eliminou 20 inimigos antes de ser morto, mas não recuperou bandeiras, simplesmente caiu no meio do fogo cruzado e teve sorte de não ser atingido atirando para todo lado acertando sem querer os outros.

Na realidade o grande teste era justamente agir com frieza calculada, já que todas as técnicas e os processos tinham sido explicados no curso que antecedeu o treino de combate, movimentar-se constantemente para desorganizar as informações do inimigo, não agir sem comando, fazer a teoria virar pratica, guardando mentalmente pequenos detalhes tipo a cor de determinado objeto encontrado e narrar mais detalhadamente possível o ato dentro da mesma proporção de tempo em que a ação tinha sido executada.

Muitos perderam pontos já que depois do treinamento de combate simulado uma longa entrevista foi feita com cada participante acompanhada pela presença de médicos analistas de comportamento.

Ficou claro para mim que as vagas, no centro de comando, eram somente para os melhores dos melhores.

A forma do teste de combate mascarava a forma de seleção dos melhores candidatos, aqueles que descuidadamente acabaram por eliminar seus companheiros de grupo, foram quase que eliminados em massa da terceira fase, aqueles que usaram violência, sem uma ordenação física e mental dos atos foram eliminados também, enfim, o equilíbrio tinha que prevalecer e um monte de bons companheiros acabaram tendo de sair mais cedo de cena.

A diferença de raças entre os recrutas acabava gerando muitos problemas, um ser simbiótico não apresentava as mesmas reações de defesa que uma criatura humanóide, sua capacidade de raciocínio lógico era ótima, assim como a capacidade de guardar informações, mas como eram seres que se utilizavam de corpos de outras criaturas, acabavam por perder em mobilidade e reflexos e foram liquidados rapidamente, mas embora isso, muitos acabaram em bem melhor colocação do que muitos que eliminaram muitos soldados. Os simbióticos apesar de não serem criaturas guerreiras serviam muito bem nos centros administrativos e na organização interna dos centros de comando.

Fiquei muito bem colocado para a terceira fase, sobraram somente 300 dos 600 recrutas da primeira faz

Rhana por muito pouco não foi eliminada da fase final, acabou caindo entre o fogo cruzado tendo que gastar a cota de munição rapidamente para se defender e depois se escondeu para não ser pega, sua seleção foi feita entre outros três soldados que acabaram com o mesmo número de pontos, fiquei muito triste ao saber disso e ansioso para saber do veredicto final do pessoal do comando referente á classificação da Rhana.

O dia posterior á prova foi uma angustia total, mas felizmente a avaliação final deu a minha colega e a mim a possibilidade de seguirmos juntos em nossa vontade de sermos soldados da União.

Fiquei classificado entre os 100 primeiros o que me deu a oportunidade de receber um treinamento especial de 2 dias aprendendo a pilotar naves caças, tive de escolher o segundo homem que seria minha dupla e indiquei sem pensar minha sempre fiel amiga e companheira Rhana.

Acho que acabei por substituir minha irmã por ela, inconscientemente, a saudade da minha família.

Capítulo 37

Treinamento de vôo

Ficamos num planeta pequeno e montanhoso, seco e quente como o deserto do Saara.

O planetinha era na verdade um cassino gigante onde a principal aposta se fazia na mão de pilotos que partiam nas minúsculas naves com a única finalidade de abater o inimigo num breve tempo de vôo, muito dinheiro corria por trás desse esporte perigoso e rápido.

Os galpões de manutenção das pequeninas naves do tamanho de um automóvel humano, podiam ser vistos de longe, ainda no espaço.

A agitação do lugar era grande, quando da aproximação da nave da União, vimos saírem apresados do planeta uma série de naves de menor porte que em poucos segundos sumiram na escuridão do espaço, apesar de ser um

lugar ilegal a União deixava que a atividade deles tivesse continuidade, não era um crime que prejudicasse outros povos e servia como diversão a vários grupos de nobres e regentes de diversos planetas vizinhos que encontravam nas disputas pacíficas e esportivas uma forma de amenizar os conflitos do passado resultantes de guerras, mantendo-se perto e informado do que se passava com os antigos inimigos fortalecendo o comércio e a diplomacia. No nosso caso, o planetinha serviria de local de treinamento de vôo, já que ali se encontravam os melhores pilotos de naves de combate de pequeno porte e as técnicas de cada um poderiam ser estudadas e se necessário, postas em prática nas situações de perigo real em nossas futuras viagens entre mundos.

As apostas eram altas chamando a atenção de piratas e donos de escravos, misturando nobres e bandidos num mesmo lugar, aquele planeta era um verdadeiro baril de pólvora, por isso mesmo ninguém ousava infligir á lei acendendo um palito de fósforos do crime.

Já tínhamos guiado as minúsculas naves, mas somente em simuladores de vôo, confesso que não tinha me saído muito bem, enquanto Rhana mostrava uma habilidade muito maior no comando das navezinhas, resolvi não bancar o orgulhoso e deixei o comando para ela, ficando de seu auxiliar já que quando da perseguição de um inimigo a velocidades altíssimas não dava tempo de manter os olhos em tudo que acontecia ao redor sendo que ao auxiliar de vôo, cabia a transferência de dados de aproximação de um inimigo ao piloto que reagiria com a maior rapidez possível a fim de eliminá-lo ou desviar-se de disparos.

Logo que chegamos, ficamos instalados num lugar subterrâneo, já que o nosso treinamento começaria somente 2 dias após nossa chegada.

O calor da superfície era de aproximados 50 graus e somente a noite podemos circular pelos ambientes e conhecer o planeta, os uniformes da União sempre causavam certo ar de desconfiança nos lugares de jogatina e apostas se esquivavam desconfiados de nossos propósitos piratas, donos de escravos e rivais aos propósitos da União.

O comércio ilegal de naves de transporte e postos de armazenamento de peças se espalhavam pelo deserto em uma sucata enorme, servia também a bons propósitos, beneficiando os planetas vizinhos ao terem suas naves consertadas com agilidade e pouco custo, sobre o pequeno planeta desértico habitavam os melhores mecânicos que o dinheiro podia pagar, unindo o útil ao agradável, tanto no conserto das naves como na manutenção dos caças de competição.

Num pequeno e movimentado bar, depois de muito tempo consegui

ouvir aquilo que já nem lembrava mais que existia, entre assobios e gargalhadas, o som calmo de uma música.

Minha mente percorreu de volta o espaço sem fim que me separava do meu planeta natal.

Entrei sem pensar no ambiente enfumaçado e avistei entre outros seres, alguns dos soldados que também vieram fazer o curso, assistindo ao que parecia um strip-tease de um estranho ser de 6 braços.

Minha colega logo chamou a atenção de uma série de seres de caras estranhas que pareciam gostar muito do que estavam vendo, resolvemos sair ligeiro antes que surgisse confusão.

A música causou-me uma tristeza momentânea, mas, logo a visão de uma nave de combate bem pertinho de nós chamou-me a atenção. Como era pequena! Resolvemos entrar no galpão que estava de portas abertas.

Dentro da construção moviam-se uma série de criaturas fazendo reparos e montando diversas das naves que participariam do torneio no qual também fomos inscritos, todas apresentando as mesmas características, um poder de impulsão enorme e asas pequenas e conversíveis que proporcionavam manobras radicais.

Ninguém queria papo, então, resolvemos sair do galpão. Chegando a um outro bar menos movimentado resolvemos brincar nas máquinas simuladoras de vôo. Depois de breves aulas de um grupo de adolescentes que se divertia no lugar, o combate teve início e as técnicas que tínhamos aprendido no treinamento da União começaram a ter efeito.

Embora sendo somente um simulador a realidade da imagem e dos acontecimentos do emulador holográfico era muito realística, não suportamos muito e logo fomos derrubados pelos inimigos virtuais, na segunda tentativa derrubamos quase 30 naves antes de sermos vencidos, na terceira tentativa passamos com facilidade a primeira fase das 3 do game.

Naquele instante percebi que tinha feito a coisa certa, uma chuva de rápidas navezinhas aparecia e desaparecia sobre a mira símplesmente magnifica da Rhana, enquanto derrubava os inimigos tinha meus olhos vigiando todas as possibilidades de ataque, um breve aviso e o comando da nave girava fazendo piruetas passando por lugares que parecia não suportar o tamanho da nave.

Era só um jogo, mas já servia de base de como desenvolver nossa técnica, os pilotos profissionais por questões de segurança jamais treinavam em emuladores, assim os que estavam por perto, poderiam decorar suas formas de

combater e usar formas revesas neutralizando ataques e defesas. Como para nós era somente uma experiência, em nada afetaria.

Logo começamos a chamar a atenção de outros que passeavam por ali e queriam jogar por dinheiro contra nós, sendo que tivemos ordens de não fazer isso, então resolvemos parar com a brincadeira quando das provocações mais agressivas.

Ao pensar que na próxima vez estaria dentro de uma nave de verdade dava-me um frio na barriga, na próxima vez, aquelas manobras que agora fizemos passando inclinados entre picos de rochedos e crateras, seria real, não uma simulação, tremi de medo. Mas agora era tarde para desistir, mostrar medo naquela hora era dar motivo de gozação para os demais soldados. E Rhana então, seria melhor morrer do que agüentar a branquela.

No dia seguinte depois de uma breve instrução, as duplas que formavam o esquadrão da União tiveram acesso ás naves. Começariam combatendo entre nós e as 10 duplas restantes teriam direito de tentar a sorte no torneio que aconteceria no dia seguinte.

Fiquei contente, pelo menos podíamos perder num jogo justo, combatendo com nossos colegas que tinham o mesmo nível de conhecimento que nós.

Logo erguemos vôo, o emulador não dava á mesma sensação, ali na nave de verdade, girar, inclinar e romper em alta velocidade gerava imobilidade, virar o pescoço para o lado e voltar a cabeça para frente era um esforço fora do normal, além de dar náuseas pelo efeito da pressão dos alimentos dentro do estômago.

A velocidade era incrível e a nave oferecia uma mobilidade fenomenal pelas suas características. Podia-se entrar no espaço em poucos segundos, mas isso acabava tirando o encanto do combate.

Depois do primeiro vôo de adaptação foram feitos os combates do pessoal da União, 10 naves eram soltas e as duas restantes que não eram pegas eram classificadas, para o torneio, o espaço aéreo foi encurtado para que o confronto fosse acirrado, ficamos no terceiro grupo de 10 naves.

Foi um verdadeiro fiasco que chamava a atenção de alguns pela falta de perícia dos pilotos, a pontaria péssima dos soldados da União era motivo de gozação dos experientes, Rhana ficou muito irritada com um ser que ria sem parar.

Aproximando-se dele e falou:

-Vá rindo, lá em cima quero ver se você é realmente tão bom .

A certeza com que ela falou, tirou o sorriso do ser que aparentava um lagarto, afastando-se sem nada dizer, ninguém ousaria meter bronca com um membro da União, isso era mexer em vespeiro.

Logo chegou nossa vez, as regras eram as mesmas das que anteriormente tínhamos combinado no simulador do bar.

Ela combatia e eu ficava esperto ao que estava acontecendo a nossa volta, nem foi preciso muito esforço, logo tiramos de circulação todo o nosso grupo inclusive o segundo colocado que ganhou a posição fugindo e não combatendo.

Pude então dar-me conta que Rhana era muito bem treinada naquele tipo de combate, as técnicas empregadas por ela eram muito profissionais, revelando seu entendimento amplo no assunto.

Foi muito fácil derrotar nossos companheiros, saímos ao final da classificatória em primeiro lugar.

Perguntei onde ela tinha aprendido a pilotar daquela forma, então ela falou:

-Meu pai era um homem muito rico, sua fascinação por esse esporte acabou por fazer com que ele perdesse tudo que possuíamos no jogo e mais tarde até a vida.

As dívidas que fez não puderam mais ser pagas e acabou sendo morto pelos piratas que lhe concederam empréstimos.

É isso que sustenta minha vontade de ingressar na União, para vingar meu pai.

No passado voei muito nessas naves e servia ao meu pai nos treinamentos, algum tempo passou e logo acabei sendo melhor do que ele, quando ele percebeu que era um péssimo piloto era tarde demais. Os negócios tinham quebrado e os bens que tínha-mos foram confiscados, somente sobrando pra minha família, duas dessas naves que não tinham quase valor nenhum.

Apesar da objeção de minha mãe, eu não sabia fazer mais nada a não ser combater, então, acabei sendo piloto de treinamento de muitos profissionais que me contratavam pagando-me algum dinheiro com o qual supria as necessidades mais essenciais da família.

As minhas técnicas foram ficando aprimoradas com o passar do tempo então resolvi investir tudo que tinha conseguido guardar de dinheiro num plano maluco.

Um enorme torneio foi montado e o ganhador do prêmio ficaria muito

rico devido ao tanto de dinheiro investido no evento. Seriam seis meses de luta acirrada, mais de 2.000 naves e equipes de vários lugares do universo.

As naves que herdei tinham de serem reformadas para a competição, então pedi um empréstimo onde deixei minha liberdade em jogo, se eu não conseguisse o dinheiro para pagar o mercador de escravos, teria de servi-lo como escrava e objeto de comércio.

Meus rivais seriam os mesmos que tinham derrotado meu pai tantas vezes no passado, a cada vez as anotações do combate eram guardadas, li e reli essas informações centenas de vezes ao ponto de quase decorar. Quando o torneio começou, sabia quais eram as fraquezas de meus rivais e fui derrotando-lhes um a um, naquele tempo os combates eram feitos individualmente nave a nave que somente levava o piloto.

Não sei de onde tirei tanta alta confiança e sangue frio, antes da batalha sempre aparecia um ou outro tentando irritar-me falando que se eu era filha de quem era seria muito fácil derrotar-me.

Por várias vezes sugeri que deveríamos então subir levando armas de verdade e que estava preparada para qualquer um que quisesse um confronto de vida ou morte.

Naquele tempo aceitaria realmente que as armas fossem trocados por verdadeiras, tamanha era meu ódio e tristeza pelo assassinato de meu pai.

A morte ou a vida não tinham qualquer diferença.

Antes de começar tudo isso, tive de jurar para minha mãe que seria a última vez que entraria em um torneio, coitada, nem calculava o que estava em jogo.

Mas felizmente a coisa deu certo e consegui ganhar o torneio. O dinheiro reergueu nossa família, pagou as dívidas com o mercador e levou-me a ter com os bandidos que logo vieram procurar-me na esperança de reaver o dinheiro emprestado ao meu pai.

Com prazer atirei na cara do comandante o pequeno capital pelo qual meu pai tinha sido morto, dizendo-lhe.

-Devolvo-lhe o dinheiro e já que não devemos mais nada, agora o senhor pode devolver a vida a meu pai.

-O canalha ainda quis tapear-me dizendo não saber do que eu estava falando.

-O senhor sabe muito bem do que eu estou falando, no futuro teremos ainda que acertar essas nossas pendências, pois agora é o senhor é quem esta

me devendo e infelizmente sua dívida comigo nunca poderá ser paga.

Depois disso, como prometi a minha mãe, nunca mais voltei a pilotar nos torneios e decidi então ingressar na União.

A raiva que expressa o olhar de Rhana era enorme, lembrei-me então da história de Zimor e contei tudo que tinha acontecido com esse homem, somente por guardar dentro de si o mesmo tipo de rancor que ela guardava. Atentamente ela ouviu toda a história e seus olhos encheram-se de medo e tristeza, não queria que no futuro acontecesse com ela a mesma coisa que fez com que Zimor, um grade comandante bondoso e gentil se transformasse num homem perigoso e odiado em todos os lugares.

Deixei-a com suas reflexões e recolhi-me. O dia que em poucas horas surgiria seria de arrebentar, mesmo assim, fiquei esperando até que em breves minutos vi que ela pegara no sono. Logo também dormi.

Quando amanheceu acordamos com o barulho infernal das navezinhas.

Mesmo estando abaixo da superfície o barulho estridente das naves fazia tremer todo o pequeno planeta, sacudindo e atirando ao chão nossos objetos.

Eram os ajustes finais das naves que cruzavam o horizonte deixando riscado o céu azul do desértico planetinha, logo percebemos que tínhamos de correr, logo começariam as provas.

Saímos o mais rápido possível para encontrar os outros do grupo, enquanto andávamos, comíamos e observávamos os movimentos aéreos de nossos adversários ajustando as navezinhas.

Já estávamos sendo esperados para nossa apresentação, assim que chegamos ainda meio atrapalhados fomos enfiados dentro da pequena nave e erguemos vôo rapidamente afim de não sermos desclassificados por atrasar as preparações.

O lagarto estava no ar, pude perceber quando ele aproximou a navezinha de nós, quando informei a Rhana a presença do piloto, ela fez uma série de acrobacias girando de lado a pequena nave e desligando o sistema de propulsão sobre o lugar onde se concentrava um número grande de pessoas, lá embaixo foi uma correria danada para sair do possível lugar da nossa queda, quando retomamos a movimentação quase senti a asa direita tocar o chão, rompendo em grande velocidade retornamos ao céu. Enquanto o lagarto ficou sem entender o que estava acontecendo conosco, disparamos por brincadeira contra ele, ativando o sistema que solta fumaça da nave quando ela é atingida artificialmente. O

que da ao público a certeza que a nave foi eliminada, mas isso ainda não valia nada e foi só por brincadeira, ao aproximar-se do lagarto podemos perceber que ele tinha ficado bem bravo mostrando sem parar a língua de réptil.

Foi chamada nossa atenção pelo ato irregular, mas não deixamos cair o ar de festividade e a advertência ficou somente no verbal.

Descemos rapidamente, o torneio iria começar em poucos minutos.

O grande número de participantes fez com que as regras ficassem bem rígidas e difíceis, determinando ao piloto um espaço onde seria feito o confronto, para uma nave rápida é difícil ficar dentro da área marcada principalmente se estivesse fugindo do inimigo. Os limites tinham de ser obedecido fazendo assim que os combatentes entrassem com muito afinco tentando eliminar um ao outro com a maior rapidez possível utilizando-se de táticas e manobras radicais.

O perigo era eminente, os choques entre naves eram constantes e a morte não era um fato raro.

O torneio teve início, Rhana observava cuidadosamente a movimentação aérea, as naves erguiam vôo de 4 em 4 rivalizando-se entre si.

Apesar de todo o conhecimento de Rhana naquele esporte, achei que não iríamos longe competindo com aquela gente que conhecia o assunto como ninguém. Enquanto não chegava nossa hora de subir para o combate ela foi me explicando os procedimentos e como eu deveria agir nas diversas circunstâncias que foram se apresentando repetidamente acima de nossas cabeças.

Chegou à hora de tentarmos a sorte, o sistema chamou-nos e então corremos para a pista de decolagem juntamente com os outros pilotos que seriam nossos rivais então rompemos com a rapidez de um raio.

A nave estava perfeitamente ajustada e não demorou em sermos alvos dos primeiros disparos.

A habilidade de Rhana em fugir era tão boa quanto em atirar, passamos inclinados por entre o pico de dois rochedos e logo abaixamos dando a impressão de termos seguido em linha reta, nosso perseguidor tentou a mesma manobra enquanto ele inclinava fizemos uma volta para cima permanecendo de costas para a Terra e detonando o outro que vinha em nossa direção, ao completar a volta rápidos e precisos ficamos atrás do nosso perseguidor que desfazia-se em voltas desviando-se dos disparos, percebi que o outro oponente vinha pela esquerda e estava quase em proximidade de tiro fazendo-nos desistir da perseguição, abaixamos a velocidade e fomos de encontro com ele enquanto o outro fazia a volta para retornar ao combate, Rhana inverteu totalmente o angulo do

laser, deixando-os voltados para trás como se fosse atirar na nossa própria calda e exatamente quando a nave inimiga disparou subimos retos para cima disparando em seqüência para trás acertando totalmente sem angulo nosso inimigo que agora soltava uma fumaça azulada, dei um grito de alegria enquanto Rhana continuava subindo e girando fazendo minha cabeça perder o sentido de direção. A certa altura desligou a propulsão e viemos de costas caindo girando e virando de frente para o inimigo que subia a nosso encontro, logo estávamos quase em ponto de sermos acertados então novamente a propulsão foi ligada e a nave rompeu a toda velocidade colando meu corpo ao acento.

O tempo de confronto estava terminado então ficamos ambos classificados, embora fossemos acertados teríamos sido classificados para a fase seguinte já que eliminados 2 dos inimigos enquanto os outros não tinham acertado nenhum. Tudo isso aconteceu num tempo de aproximadamente 2 minutos.

Quando descemos fomos cercados por um grupo de curiosos que desejavam fazer apostas, mas não estávamos ali para jogar, somente para treinar o que custou a ser entendido pelos insistentes e fanáticos apostadores.

Foi assim por várias vezes, as manobras cada vez mais arriscadas, conseguimos chegar à última fase quando as disputas eram feitas somente por duas naves, como Rhana havia prometido, o lagarto não deu nem para o começo, foi só subir e foi pego de primeira, mas, estávamos muito cansados, o sol escaldante parecia que iria derreter nossos corpos, o cansaço tomou conta afetando as reações precisas de Rhana e na última rodada quando já faltavam menos de 10 naves, fomos eliminados.

Na pontuação em que ficamos colocados deixava-nos em oitavo lugar, posição antes nunca conseguida por um recruta inexperiente, lógico que Rhana não era inexperiente, mas ninguém precisava saber disso. Certo?

A cada disputa éramos recebidos pelos outros que já tinham sido eliminados com muita torcida e agrados, água fresca e até um guarda sol improvisado foi arrumado para que descansasses-mos antes da próxima rodada. Logo a notícia correu, trazendo a superfície graduados da União que tinham ficado a bordo da nave na órbita do planetinha aguardando nosso retorno.

No placar de apostas estávamos em terceiro lugar.

Nossa desclassificação em oitavo lugar não deixou ninguém desapontado, salvo os que tinham apostado em nós. Fomos recolhidos pela nave logo depois do final, onde ainda recebemos um prêmio em dinheiro, deixamos o prêmio como doação, distribuindo para alguns aleijados que esmolavam pelas re-

dondezas, provavelmente antigos pilotos acidentados que antes faziam glória fortuna e fama e agora aguardavam por mãos caridosas na esperança de um pedaço de pão.

Subimos de volta ainda em fase de festividades, o que agora era de matar eram as queimadura dos nossos rostos que ardiam sem parar, não podia olhar nada que brilhasse.

Fomos direto para o departamento médico, Rhana branca como neve, parecia agora um tomate de olhos esbugalhados, acho que ficamos inconscientes por dias imersos em uma substância gelatinosa.

Quando retornamos nossa pele parecia de nenê recém nascido com aquelas ruguinhas.

No dia seguinte quando retornamos ao alojamento encontramos em nosso quarto um belo troféu juntamente com vários cartões elogiando nossa participação no tornei.

Com a diminuição dos recrutas as amizades começaram a acontecer e a rivalidade a diminuir, os recrutas eram representantes de seus planetas e quase sempre traziam em seu histórico uma capacidade intelectual muito acima da média, não era incomum terem entre seus pertences uma enorme quantia de conhecimentos técnicos e científicos retirados de antigas bibliotecas ou dos centros de comando de seus planetas de origem, ainda a arte era muito difundida, alguns alojamentos eram decorados com verdadeiras maravilhas artísticas como esculturas e modelos de peças e veículos em miniatura de formas variadas.

Depois de alguns dias de descanso começaria a fase 3 da seleção dos 100 melhores soldados para os postos de comando da nave que agora, estava em fase de acabamento.

Em torno do gigantesco objeto se desdobravam centenas de cientistas e outros milhares de técnicos e trabalhadores, embora a base da nave que dava forma ao que parecia um enorme prato virado, fosse feito de mega matéria plásmica, muitos aparelhos e máquinas eram de tecnologia comum, sua adaptação no interior da nave tinha de estar em pleno funcionamento dando total segurança aos ocupantes do interior quando das futuras necessidades de uso.

Capítulo 38

Nível de dificuldade 01

Terceira fase

A terceira fase de seleção seria para mim a mais difícil, consistia somente na capacidade intelectual, embora minha inteligência de homem da Terra fosse acima da média, comparada com a de muitos que ali estavam, era uma coisa minúscula.

A teoria seria derramada a baldes cabendo a cada um juntar a maior quantidade possível em sua mente para que tivesse condições de passar no teste.

As mesmas coisas que eram tão difundidas no Congressos dos Povos, genética, medicina, meio ambiente e mais um sem fim de assuntos que tratavam da vida e do bem estar de espécies, seria a teoria da prova. As coisas agora começavam realmente a ficar difíceis, todo o conteúdo foi-nos dado em pequenos discos que colocado dentro do que se parecia com uma prancheta, mostrava o conteúdo, expondo assim, o que deveríamos aprender.

Agora eu sabia porque muitos do grupo tinham tantos daqueles mesmos disquinhos, com certeza eram fórmulas mais detalhadas que dariam mais facilidade no aprendizado do conteúdo das matérias ali descritas.

A primeira aula foi sobre o manejo da prancheta objeto que seria-nos de uso absolutamente indispensável.

E como era incrível que um objeto tão pequeno tivesse tanta utilidade, os computadores da Terra tornavam-se totalmente primitivos comparados com a diversidade do objeto. A começar pela capacidade de gravação de dados onde todo polígrafo de questões que era gigantesco não ocupou mais de 1% do total de espaço do minúsculo disquinho,as imagens podia ser geradas em forma de holograma onde se projetava para fora da face da prancheta as explicações das fórmulas e ensinamentos dando-nos aulas virtuais, isso facilitava o aprendizado já que podia ser repetida várias vezes a mesma fórmula.

O preenchimento dos exercícios era feito de forma ordenada e progressiva, começando nas técnicas mais símples e aprofundando-se cada vez

mais.

Logo começamos a ver as matérias. Como era difícil! Mesmo com as explicações detalhadas constantemente tinha de pedir explicações ao centro de apoio, teríamos um ano para entregar as pranchetas preenchidas com as questões e o desenvolvimento de nossas pesquisas e trabalhos, o elo mental de ligação com os elementais ajudou-me em muito, ninguém melhor do que eles para ajudar na resolução de várias questões ligadas em suas fórmulas de ação, foram bons professores e amigos.

Apesar da vontade que tínhamos de ajudar-nos uns aos outros isso era proibido, o estudo era individual e cabia a cada um dar o melhor de si para a solução e o entendimento das técnicas e atingir as melhores pontuações no final.

Agora nosso tempo era dividido em exercícios físicos pela manhã e estudar e estudar e estudar até que a mente atingisse seu melhor desempenho, mal o almoço caía no estômago corríamos para a biblioteca lugar preferido da maioria para dar continuidade aos estudos, ainda em muitos discos da biblioteca encontramos material adicional para nossas pesquisas o que foi de muita valia.

Outro fator que auxiliou-me muito, foi ter conhecido dimensões de espaço tempo diferentes, mundo dos Élfos,Gnomos e fadas, isso deu-me um bom embasamento, somente assim compreendi bem detalhadamente suas formas de tratar de temas que são tão importantes feito a natureza e a alimentação.

Enquanto meus braços e pernas fortaleciam-se nos aparelhos de preparação física, minha mente analisava todas as possibilidades no preenchimento da planilha.

Era incrível saber que alguns terminaram essa fase em menos de 3 meses, podendo voltar aos seus planetas e depois continuar enquanto os demais prosseguiam a aprendizagem e preenchimento das questões da prancheta.

Rhana e eu nos afastamos naturalmente, minha ocupação eram as tarefas e raramente conversávamos, embora nossa amizade continuasse sempre verdadeira.

Na última vez em que falamos Rhana disse ter pensado muito no conde Zimor e que tinha tirado a vingança da mente, agora trabalhava com o propósito único de servir ao seu povo sendo um soldado da União. No começo ela até tinha pensado em desistir da idéia e voltar para casa, mas, já tinha chegado longe demais para desistir e que gostava da possibilidade de ser um soldado.

Isso me deixou muito feliz, o coração de Rhana era bondoso e honesto demais para guardar um sentimento tão ruim feito o ódio e o desejo de vingan-

ça.

A rotina era cansativa e os dias passavam lentos, as questões cada vez mais difíceis, por várias vezes achei não conseguir terminar a tempo todo o questionário, então largava o estudo por algumas horas e mergulhava na piscina da academia, a fim de refrescar a mente.

A nave alojamento foi ficando vazia enquanto eu andava em passos lentos no preenchimento das questões, via os recrutas saírem apresados a fim de entregar o material e retornar por algum tempo aos seus planetas de origem.

Quando faltava um mês para o término do período estipulado, terminei a revisão e entreguei o material, a viagem de volta até A montanha dos Magos era longa e cansativa, então, resolvi permanecer na nave até que fossem selecionados os 100 melhores do então grupo de 3000 concorrentes dos quais agora só restavam 300.

Passei o restante dos dias de espera envolvido na grande horta artificial do centro da nave nova, era maravilhoso que tudo que se consumia era produzido nela mesmo, se mantendo assim como um grande planeta auto-suficiente.

Rhana voltou muito contente, sua família estava recuperada financeiramente e seu irmão reergueu os antigos negócios, fazendo assim, com que sua mãe estivesse animada e alegre pelo sucesso profissional do caçula.

Todos retornaram sorridentes e ao mesmo tempo meio tensos para saber os resultados da última fase de seleção.

Naquela noite logo depois de jantarmos, quando o resultado final seria divulgado pela manhã,o sinal de alerta soou, então corremos todos em disparada para o centro de reuniões o alerta era em nível urgentíssimo.

Havia acontecido uma invasão em um dos planetas guarnecidos pela União, então a União tinha sido convocada a intervir com rapidez. O planeta estava um verdadeiro pandemônio sendo bombardeado pelas naves invasoras matando a população sem piedade alguma.

Embora ainda não tivéssemos terminado o treinamento, todo aquele que quisesse ajudar na batalha ganharia pontos na prova final, aumentando as chances de uma vaga.

Olhei para os olhos de Rhana que pareciam se incendiar de luz, como se lesse meu pensamento. Saímos rapidamente, uma das naves de reconhecimento estava esperando pelos voluntários.

Mais uns 50 do grupo resolveram seguir-nos e fomos transferidos rapidamente até a nave de reconhecimento que rumou rapidamente para a dimen-

são do planeta atacado.

Já dentro da nave mãe fomos selecionados como grupo de apoio, mas Rhana não queria ficar na espera e nem eu, então pedimos para descer em um dos caças como pilotos, explicando sermos preparados para a batalha, sem objeções fomos encaminhados para o lugar de decolagem das naves.

As pequenas naves eram semelhantes as que tínhamos pilotado no torneio, exceto pelo poder de tiro que não era de faz de conta, fomos prevenidos a rever os treinamentos enquanto não entravamos em combate na superfície do planeta invadido, depois poderia ser um corre-corre danado já que ninguém sabia direito o que encontraria lá embaixo.

Ficamos dentro do caça revendo antigas lições de combate e reconhecendo o poder de tiro da nave. Os lasers eram poderosos somente ineficientes contra mega matéria.

O comando contatou o povo que hostilizava o planeta, mas se mostraram irritados pelas ordens do comandante da nave da União.

A respostas dada foi um disparo que atingiu o campo da nave fazendo tremer as estruturas, mas, sem efeitos maiores.

Logos podemos ver imagens do planeta, lá embaixo as cidades estavam sendo atacadas sem piedade e sendo destruídas pelo povo hostil e guerreiro, logo a indignação tomou conta da tripulação e não houve trégua, descemos com ordens de derrubar e destruir as naves inimigas, sendo precavidos pois eram pilotos bem perigosos e rápidos.

Decolamos saindo ainda no espaço fora da atmosfera do planeta, logo que decolamos pudemos ver a grande nave mãe do povo nômade.

Lá embaixo um planeta azulado muito parecido com a Terra parecia não guardar qualquer tipo de perigo, mas foi só o grupo de naves caças atravessarem as nuvens que nos deparamos com o caos.

Como o previsto, não fomos recebidos cordialmente e começou o tiroteio, foi sem dúvida uma coisa horrível, não sei como saímos vivos daquele inferno.

Apareciam como bando de insetos, ainda bem que eles eram muito ruins na pontaria, seus lasers lentos davam a um piloto com reflexos rápidos igual á Rhana a chance de desviar-se com facilidade.

Em poucas horas o grupo eliminou quase todos, muitos fugiram retornando para a nave mãe nômade.

Logo chegou a segunda nave da União trazendo reforço de milhares de

soldados que desembarcaram por todas as partes do globo. Era o exército de terra que chegou para analisar a situação do solo.

Quando retornávamos para a nave mãe a nave nômade disparou novamente contra a nave da União. Não esperamos ordens e fomos de encontro a grande nave inimiga na esperança de cessar os disparos atingindo com nossos lasers os canhões do inimigo.

Um estalo intuitivo percorreu-me os sentidos e pedi apressadamente que Rhana desistisse da investida contra a nave mãe nômade, quando desviamos comuniquei ao comando o perigo de um campo de força invisível e ao mesmo instante vi bem a nossa frente um dos caças se espatifar.

Todos os demais desistiram da investida quando mais alguns também se chocaram no campo, estávamos agora tão próximos dos limites exteriores do campo que sentimos a vibração da energia atingir a estrutura do caça.

Retornamos a nave mãe, ao chegarmos, fomos informados que preparavam um novo disparo, logo sentimos o baque.

Quando desistiram e tentaram escapar era tarde, milhares de cracas (dispositivos de sobre carga) se agarravam ao casco da nave nômade.

Sem perceberem quando abaixavam o campo para disparar, as minúsculas minas de energia penetravam e se instalavam na nave.

Ainda guardo em minhas recordações o rosto decepcionado do comandante ao apertar o botão que desencadeou os mecanismos que fez a nave nômade entrar em sobre carga ficando atirada no espaço como um corpo sem vida. Lá embaixo no planeta, eram rendidos os últimos soldados inimigos.

Não havia motivos para comemoração, não tínhamos entrado na batalha por causa da vaga de soldado e sim por que achávamos que podíamos ser úteis e realmente fomos.

Depois da batalha e da rendição dos inimigos voltamos ao planeta atacado.

Agora uma sensação de tristeza ao ver tantas pessoas mortas, dilacerava minha alma, os nômades pareciam com gafanhotos que passavam pelos planetas até sugarem todos os recursos naturais e depois seguiam para outro, exterminando os povos e deixando para trás seu rastro de destruição e maldade.

A nave que também servia de hospital logo chegou e pude depois de tanto tempo reencontrar Helena, foi uma emoção muito grande, além de Helena reencontrei antigos conhecidos, inclusive Pig que continuava com as mesmas características, bem humorado, depois de alguns rosnares falou que parecia que

o planeta tinha sido passado num liquidificador, o que não deixava de ser verdade. Os lasers dos nômades derretiam as construções deixando tudo fumegante e deformado.

Pude então apresentar Helena para Rhana, depois de breves cumprimentos continuamos vasculhando as construções atrás de feridos e infelizmente recolhendo os mortos para evitar um surto de doenças com a putrefação dos cadáveres.

As criaturas que antes tinha visto na nave se transformado numa ave de energia, agora vasculhavam o planeta em busca de pessoas feridas, pareciam bolas de luz movimentando-se por entre os escombros, outros seres muito grandes, suspendiam com facilidade os grandes blocos permitindo assim a remoção dos mortos e feridos.

O empenho na restauração do planeta foi total, 4 naves da União aportaram no espaço próximo ao gigantesco planeta azul trazendo em seu interior milhares de trabalhadores.

Para se ter uma idéia do tamanho do planeta deveria ser 10 vezes maior do que a Terra. A fauna e a flora eram muito diversificadas e depois de algum tempo o ar estava puro e suave novamente, permanecemos cerca de 3 meses do tempo Terra no lugar, ajudando nas mais diversas funções.

Assim que o planeta retornou a ter condições de continuar os trabalhos sozinhos as tropas da União foram se retirado do globo, aos poucos as coisas voltariam ao normal.

Um interrogatório foi feito a alguns nômades que foram pegos vivos, não havia mais seres de sua espécie, eram tão violentos que acabavam por se enfrentar uns aos outros, sua capacidade de reprodução era altíssima, somente não eram de uma quantidade exorbitante porque nas viagens pelo espaço acabavam por devorar seus próprios ovos quando não havia mais comida.

A União resolveu enviar essa espécie altamente agressiva e maléfica para um lugar merecido, o lugar onde habitavam as piores pragas já fabricadas pelo universo, o planeta prisão Merrat, pra se ter uma idéia do lugar, nem mesmos os piratas e os comerciantes de escravos ousavam pousar lá.

Enfim depois de algum tempo retornamos e fomos recebidos com uma bela homenagem de bravura, Rhana mesmo que não tivesse sido voluntária teria passado na terceira fase de testes com facilidade, mas minha pontuação foi muito pequena e seria eliminado do grupo, mesmo assim devido a minha pontuação baixa, refiz os trabalhos nos quais apresentei menor desempenho a fim de equi-

librar com os demais solados, senão as coisas ficariam difíceis para acompanhar a solução das dificuldades que viriam. Dessa vez pude contar com o apoio dos colegas o que tornou as coisas mais fáceis.

A quinta nave da União estava muito próxima de ser concluída e agora chegava á hora de fazer uma especialização numa das áreas disponíveis dentro do centro de comando.

As opções não eram muito variadas, quando eu achava algo interessante, acabava por desistir, queria achar algo que equilibrasse entre a ação e a teoria, mas o centro de comando era uma monotonia total no que se referia a ação, acabei por achar que tinha feito uma má escolha e que apesar de ter passado por muito trabalho até chegar ali, o centro de comando não era exatamente o que queria. Eu queria estar lá fora em contato direto com os povos assim como Helena que tinha uma atividade admirada por todos e realmente botava a mão na massa.

Rhana também me procurou e tinha as mesmas preocupações, aquele tempo em que passamos no planeta invadido tinha mudado profundamente nossa forma de pensar, resolvemos então procurar alguém que pudesse nos aconselhar em qual seria a melhor opção para as nossas futuras tarefas dentro da nave 5.

Fomos encaminhados a um velhinho pequenino e de aparência bondosa que nos recebeu atenciosamente, outros alunos já tinham passado pelo mesmo problema.

O velhinho disse já ter aconselhado muitos alunos e seus conselhos em 90% das vezes davam certo, sendo que os outros 10% detinha-se na vontade interior do aluno.

Rhana e eu fomos recomendados a fazer o mesmo tipo de treinamento.

A escola Íoda parecia ser o nosso ponto de partida conforme o velho sugeriu, lá era diferente do treinamento técnico e elaborado do centro de comando, formando um tipo de soldado que estudaria um misto de psicologia e parapsicologia a fim de elevar capacidades físicas mentais e intelectuais.

A criatividade e o amadurecimento da mente concederiam a nossos corpos em fase de evolução algo especial que deveríamos experimentar nos aconselhou o professor que parecia saber muito do que estava falando e nos pediu para acompanhá-lo.

Fomos até a academia de ginástica, então ele perguntou qual era a

máquina de maior dificuldade.

Logo apontei uma que trabalhava várias partes do corpo ao mesmo tempo, ele aproximou-se da máquina, pôs no nível mais difícil e mandou-me tentar fazer o exercício.

Logo percebi que seria impossível, mal conseguia fazer o exercício no grau mais leve, então ele explicou:

-Realmente você não conseguira. Não que você não tenha a força física para fazer isso, você e sua amiga tem a mente condicionada dentro de uma potencialidade, ajustando-se na máquina ele pegou e ergueu os pesos que eram equivalentes a quase mil vezes o peso do corpo dele.

-Então saio da máquina sorrindo e disse:

-Vocês são mais jovens do que eu logicamente deveriam ser mais fortes.

É isso o que a escola que aconselho á vocês faz, rompe a lógica física, elevando o mental acima do condicionado e do físico.

Vocês são criaturas especiais e não estão aqui nesse momento por um acaso, não se tornaram tão amigos por outro acaso, são as portas da sabedoria do criador universal que os uniu.

Tenho certeza que o mestre ira ajudá-los,s e meu conhecimento lhes parece grande, sendo eu um simples ser físico, quem dera-me ser como vocês, mutantes incógnitas.

Enquanto o velho falava aquelas coisas que pareciam meio sem lógica, vimos vários aparelhos serem erguidos do chão sem dificuldades, fazendo círculos pelo ar todos ao mesmo tempo sugerindo um grande controle mental sem o uso do elementarismo.

Agradecemos pela atenção e saímos do local vendo tudo voltar ao seu lugar de origem, Rhana ficou pensativa e eu para quebrar o clima falei:

-Se um dia eu conseguir fazer aquilo e retornar para a Terra creio que minha mãe não deixara que eu volte. Você já pensou que maravilha arrumar a casa dessa forma? É só sentar no sofá e ficar observando a vassoura varrer por baixo dos móveis suspensos no ar como por mágica.

Ela deu um breve sorriso e calou-se, assim como eu ela não estava muito a vontade com aquela coisa de unidos ser um só, fiquei meio pouco a vontade e confuso.

Voltamos ao nosso alojamento e Rhana começou a arrumar as coisas dela, resolvi dar uma volta. Percebi que ela estava meio irritada e resolvi sair de

perto.

Depois de um breve mergulho na piscina consultei os elementais. A dama da água símplesmente mandou-me seguir minha intuição que era regido pelo quinto elemento e o mais poderoso de todos, o amor, assim como o ar, o fogo e a terra falaram a mesma coisa.

Retornei a procura de Rhana embora ela não estivesse no alojamento.

Não sei como? Conseguia encontrá-la em qualquer parte assim como ela também conseguia fazer a mesma coisa.

Ela estava nos jardins e fui até lá com certo medo, queria pedir que fôssemos á escola Íoda dar continuidade aos estudos seguindo o conselho do professor.

Assim que cheguei, ela perguntou:

-Você não vai arrumar suas coisas para nossa partida?

A resposta foi dada antes da minha pergunta.

Pedimos baixas do grupo que faria parte do comando da nave, já que a escola Íoda não servia diretamente para essa área.

Capítulo 39

Os soldados Íodas

Os Íodas como são conhecidos, é um batalhão especial de ação e apoio em operações secretas e especiais. Esses soldados com suas habilidades podem entrar nos lugares mais perigosos e saírem sem serem notados em questões de segundos, meio ninjas e meio magos, formam uma combinação estranha de habilidades físicas e extras sensoriais inimagináveis.

Seu emprego na União varia da exploração de mundos a libertação de escravos, suas habilidade em disfarces podia transformalos de um homem de negócios em um mendigo em poucos minutos e ainda infiltrarem-se nos sistemas de segurança de uma nave inimiga destruindo com habilidade o centro de comando sem causar a morte dos povos escravizados e tripulação.

Na guerra poderiam lutar dias a fio sem dormir ou comer, com partes do corpo quebradas ou dilaceradas continuavam lutando como cães sedentos de

sangue.

Para um Íoda a dor não existe. Nada é mais importante do que a missão que lhes foi dada, nada a não ser a morte pode impedir que um Íoda cumpra sua tarefa e matar um desses soldados não é assim tão fácil.

Se não conseguíssemos resolver o problema da invasão dos nômades naquele planeta, os Íodas seriam chamados a intervir.

A União tentava usar os Íodas o mínimo possível, o estudo das artes Íodas era muito difícil e a morte de um soldado bem desenvolvido uma perda irreparável devido ao tempo e esforço para a formação de um bom guerreiro.

Infelizmente nem tudo pode ser resolvido pacificamente e a esses soldados cabia uma das mais terríveis incumbências, tirar a vida de alguns para que muitos outros pudessem viver em paz.

Quando os Íodas fossem convocados, sabia-se que a coisa estava realmente complicada e necessitava de uma solução urgente e violenta.

Os Íodas são o pavor dos piratas e a maldição dos comerciantes de escravos. Sem piedade e sem qualquer medo entravam pelas minas, explodindo máquinas de mineração, matando feitores e libertando os escravos. A habilidade com a espada de energia fazia dos Íodas um tormento nos confrontos e insuperáveis oponentes, rápidos demais até para as armas de lasers e robôs armados com sensores e miras de movimento.

De certa forma os Íodas eram maldosos, não eram poucos os piratas que acabavam com as mãos decepadas pelas espadas de energia dos Íodas. E outros donos de escravos que acabavam sendo encontrados depois, pendurados pelas partes mais delicadas do corpo.

Mas o desenvolvimento era demorado e nem todos conseguiam suportar e atingir as condições de especialização de um Íoda.

Embora soubéssemos das dificuldades, pedimos que fossemos encaminhados a esse tipo treinamento. Nosso pedido só foi aceito porque o meio natural no qual viveríamos no planta escola dos Íodas, ajudaria a desenvolver nossas formas de evolução assim a União pesquisaria essa estranha mutação corpórea que aconteceu ao povo de Helena e segundo a União o povo do planeta Terra também apresentava resquisos genéticos incógnitas de mutantes assim como no povo de Rhana também.

A União nunca tinha conseguido acompanhar essa mutação em um ser antes, seriamos estudados e observados a fim de que a União talvez conseguisse descobrir pelos meios científicos como isso acontecia já que isso era incomum e

raro.

Tivemos uma grande explicação de um grupo de cientistas que observaria nossas evoluções e qualquer mudança física durante a estada no planeta Íoda.

Os interesses da União eram diferentes dos nossos, porém o útil e o agradável poderiam ser unidos num bem comum a todos.

Capítulo 40

Teoria da Mutação

Teorias indicavam que a transmutação começava pela origem do planeta de onde o ser originava quando estranhas fusões de materiais e energias universais começavam a forjar o globo. O conhecimento do elementarismo nada mais é do que o conhecimento das possibilidades do manejo de forças universais absorvidas pela matéria durante bilhões de anos antes que qualquer vida fosse possível na superfície, é como entender como se usa os materias utilizados na confecção do universo.

Assim como na Terra em muitos outros lugares a água, a terra, o ar e o fogo formam toda a matéria do planeta, tudo que existe em um planeta faz parte de um ou de mais elementos combinados.

As técnicas do elementarismo aproximavam eu e Rhana da mutação, mas para que isso acontecesse, nossas mentes tinham que evoluir e o treinamento Íoda facilitaria isso.

Capítulo 41

O planeta escola Íoda

Chegamos a um planeta muito estranho, as árvores eram tão grandes que pareciam tocar nas nuvens, a luminosidade do planeta era menor do que o

da Terra e constantemente a sombra das diversas luas passavam gerando sombras acinzentadas.

O clima úmido criou uma flora e fauna incrível os cogumelos eram enormes, lindos, coloridos e venenosos, um dos homens que acompanhou-nos disse que era bom subirmos antes da noite quando os animais selvagens saiam para caçar.

Pelo tamanho das árvores calculei que os animais selvagens não eram muito pequenos e nem muito amistosos, seguimos pela clareira e logo tive a impressão de ver sombras movendo-se por entre as árvores, eram insetos esquisitos que começavam sua noite de trabalho.

Chegamos a uma árvore de tamanho colossal e lá em cima via-se uma pequena formação de cabana.

Numa das faces da árvore, apresentava-se uma entrada e a entrada dava numa estreita e baixa escada interna dentro do tronco que subia em caracol, foi uma subida difícil, quando chegamos lá em cima, minhas pernas estavam muito cansadas de subir curvado pela pequena escada.

Saímos na outra extremidade, na copa da árvore e tal foi nossa surpresa. Numa pequena casa no topo da árvore, um senhor muito baixinho aparentando um Élfo veio receber-nos.

Cumprimentou o soldado que nos guiava e a nós, dizendo:

-Há quanto tempo, achei que a União havia esquecido de nós aqui nesse planeta selvagem.

O soldado falou:

Pelo contrário, trago-lhe novos recrutas para serem treinados, tamanha é sua importância na União, as melhores e mais poderosas armas são as últimas que devem ser usadas e felizmente os piratas estão abandonando a profissão e dedicando-se a outras coisas, pelo tamanho pavor de que seus atos sejam interferidos pelos Íodas.

O velhinho sorriu observando-nos de perto.

Nossa! Exclamou ele:

-São belas crianças, e uma delas é uma fêmea? Com certeza ele se referia a Rhana.

-Venham, vamos a minha cabana.

-Saímos seguindo o velhinho por uma plataforma construída de troncos grossos até a pequena casinha, o soldado agora resolvera voltar deixando-nos com quem parecia ser o mestre.

Ele sentou-se sobre um tapete feito de pelos de animal, convidando-nos para sentar a sua frente, ali ficamos enquanto esse permanecia de olhos fechados.

Com as mãos colocadas de palmas viradas frente a frente, começou a perguntar o que estávamos vendo, logo pequenos raios de energia saíram de uma palma da mão entrando na outra, assim narramos o que tínhamos visto, a cada vez ele foi afastando mais as mãos e os raios tornaram-se mais fracos contínuas vezes até que não conseguimos mais notar o fluxo da energia.

Parece que estávamos sendo testados, sabíamos que os raios ainda estavam ali, mas não conseguíamos mais percebê-los.

-Muito bem, disse ele, vocês antes de começarem apresentam um médio sentido de percepção, antes saberão mais sobre o treinamento de um Íoda.

Aqui não existem fronteiras de possibilidades, suas mentes que ainda contém essas possibilidades estruturadas pelos costumes de seus povos terão de voltar-se para dentro de si mesmos afim de derrubar essas paredes que condicionam a mente num padrão de ato, criando assim um outro tipo de realidade incondicionada.

Nada posso ensiná-los se os antigos conceitos ainda permanecerem. Se vocês acreditarem que uma porta não pode ser derrubada, vocês não conseguirão derrubá-la, mas se vocês acreditarem que podem passar atravéz dela, independente de qual matéria ela é feita, vocês passarão.

Pedirei que suas espadas Íodas sejam feitas imediatamente, elas são a honra de um Íoda e a representação máxima de seus poderes, quando vocês conseguirem fazer que a energia flua do seu corpo, então estarão preparados, mas não pensem que será fácil, muito treino e muito tempo ainda passarão até lá.

Já está tarde, amanhã cedo vocês serão levados para o local de treinamento onde viverão e aprenderão enquanto da sua permanência aqui nesse planeta.

Dormimos ali no chão sobre o tapete de pelos, sendo embalados pelo ronco estremecido de nosso anfitrião, era pavoroso, deveria ser por isso que ele morava separado dos outros.

Quando amanheceu descemos pelo mesmo lugar que tínhamos subido, caminhamos muito acompanhando a velhinho que foi pelo caminho colhendo folhas e cogumelos.

Então ele falou.

-Vocês terão de aprender a retirar o alimento da natureza, aqui não e-xistem hortas e pomares, as frutas são abundantes em suas árvores nativas, mas muitas são venenosas, então, cuidado com o que comerem, algumas só devem ser comidas cozidas e outras cruas.

Tem de aprender a identificar o tipo de fruta comestível e suas propriedades medicinais e energéticas pela sua forma e coloração. Pela experimentação creio que não teriam vida por muito tempo.

Logo chegamos a um rio de correnteza forte e subimos em um barquinho descendo as corredeiras.

Achei que estávamos indo para tão longe e perguntei a onde estávamos indo.

-Todo esse território já é ocupado, terei de levalos para um lugar bem distante e não explorado, assim a alimentação será mais abundante.

Descemos por muitos quilômetros rio abaixo até encontrarmos uma prainha onde deixamos o barco e seguimos a pé.

Depois de andarmos algum tempo achamos uma caverna, ali seria nossa moradia. Nunca pensei que para aprendermos alguma coisa, teríamos de viver como primitivos.

O velho despediu-se dizendo assim:

-Daqui a alguns dias voltarei para trazer suas espadas, comportem-se e cuidem-se com os animais ferozes, deixei comida para vocês lá dentro da caverna.

Resolvemos entrar na caverna e averiguar, estávamos com fome, a comida eram aquelas folhas e aqueles cogumelos de cheiro enjoativo, olhei para Rhana que observava nosso almoço com um ar de descontentamento.

-Vamos lá Rhana, não deve ser assim tão ruim, botei uma daquelas folhas na boca e tentei mastigar, não era ruim, era horrível, fiquei com a língua ardendo como se tivesse comido pimenta.

Acabamos desistindo da comida e começamos a nos preparar para a noite, juntamos muitas pedras para fechar a entrada da caverna e arrumamos lenha para fazer uma fogueira, depois dessas principais coisas que nos protegeriam a noite, saímos para averiguar as redondezas, voltamos ao rio, a água era limpa e notei que os pássaros bebiam, então deveria ser boa, cavamos na areia e encontramos muitas conchas de moluscos vazias, serviriam de pratos,achamos uma tão grande que mais parecia uma panela e alguma menores ainda com seus respectivos moradores que seriam nosso almoço.

Entramos na caverna e vimos que uma de suas paredes aparentava ser oca, resolvemos quebrá-la e olhar o que tinha do outro lado.

Quando quebramos a parede um ar quente tomou conta do ambiente, abrimos um buraco grande por onde acendemos uma chama de fogo elemental para ver seu interior, era uma piscina de água quente e cristalina, onde pendia do teto antigas formações que sustentavam a gruta como pilares de uma construção. Não tocamos na água, poderia ser ácida ou venenosa, pelo seu calor com certeza deveria vir de algum vulcão de onde o veio de água passava próximo podendo estar contaminada.

Resolvemos pegar a grande concha e encher de Terra plantando uma muda de árvore e regar com água da piscina, se ela fosse tóxica com certeza a planta apresentaria reações que poderiam ser notadas em pouco tempo, enquanto isso fechamos a passagem temporariamente.

Os moluscos cozidos na água do rio estavam bem bons e sobraram ainda para á noite.

Achamos algumas frutas silvestres e observamos quais estavam beliscadas pelos insetos e pássaro, logo podemos saborear algumas doces como açúcar e outras grandes e aguadas que pareciam com melancias a não ser pela enorme semente de seu interior, depois descobrimos que pondo a semente no fogo tornava-se extremamente saborosa.

Passaram-se alguns dias e a planta da concha parecia ter gostado muito da água da piscina, continuava verde e desenvolvendo-se normalmente, abrindo flores amarelas que caiam de dia.

Resolvemos investigar melhor o interior da gruta, abrimos de novo a passagem e tocamos a água. Como era limpa! Depois de alguns dias naquela floresta aquela água daria um bom banho e seria de muita utilidade pra cozinhar, lavar e fazer muitas coisas pela nossa sobrevivência, a temperatura oscilava do morno ao quente, mesmo assim era relaxante e ficamos bastante tempo dentro da picina. Notamos que a água estava sempre se renovando e que saia dali para um outro lugar. Depois de algum tempo encontramos sua ligação por um veio ao rio que passava não muito distante, achamos outras partes da caverna que mais pareciam com grandes salões cobertos de estalactites e estalagmites, seriam de muita utilidade em nossos treinamentos.

A grande quantidade de fósforo contida nas rochas dava ao lugar uma iluminação natural fosforescente, achamos que a gruta deveria ter uma outra abertura e seguimos explorando cuidadosamente, achamos um esqueleto que

parecia ser de um animal pré histórico e ainda muitas pedras coloridas incrustadas nas rochas, acho que na Terra seriam consideradas valiosas, mas aqui em nada nos serviria, pegamos algumas afim de enfeitar a caverna.

Encontramos a outra saída da caverna por onde a milhares de anos deveria ter entrado a criatura pré histórica, saia numa parte alta onde parecia que a anos havia existido um vulcão que agora estava extinto.

Voltamos, já que dali todas as direções, resultavam em precipícios.

Ao retornarmos encontramos o mestre Íoda a nossa espera.

Logo saio falando:

-Parece que vocês fizeram boas descobertas.

Logo mostrou o que seriam as espadas Íodas que ele havia mandado fazer, consistia em uma empunhadura sem lâmina.

Na empunhadura havia uma pedra do mesmo tipo da que tínhamos encontrado na caverna, perguntei por curiosidade se a pedra era valiosa, sem deixar que ele visse as que tínhamos achado.

-Somente para os Íoques, respondeu ele, para nossa finalidade só serve de elo mental entre o Íoda e sua espada, o velho pegou uma das empunhaduras e atirou longe dele uns 10 metros e estendendo a mão em direção dela, essa veio como se atraída por um imã voltando-lhe a mão.

Fiquei curioso, do que adiantaria uma espada sem lâmina, indaguei ao velho.

O velho mestre tirou de dentro da roupa a sua espada, em segundos vimos os olhos do velho se iluminarem e a pedra da empunhadura cintilar, então uma lâmina de energia formou-se. Aproximando-se de uma pedra ele golpeou a rocha que se partiu em 2 pedaços como se fosse algo muito frágil.

-Isso explica? Retrucou-me ele.

-Sim, lógico, respondi.

-Mas para que suas espadas tenham efeito e força suficiente, muito trabalho haverá de ser feito, suas mentes tem de unirem-se a espada e vice-versa, assim não haverá material duro o bastante para impedir sua passagem e nem tão pouco oponente mais ágil e corajoso a não ser outro Íoda.

Saímos da caverna, então o velho começou a mostrar as várias utilidades da espada, primeiro foi balançada no ar fazendo-se como um chicote que se prendeu em um galho alto de uma árvore, suspendendo o velho até lá em cima, depois descendo-o até o chão, em seguida contornou meu corpo deixando-me sem movimento, após isso, prendeu um fruto silvestre que estava muito alto em

uma árvore, trazendo até o chão, em seguida atirando-o de volta ao céu cortando-o em 2 pedaços, depois desdobrando-se em 2 raios trouxe até mim e Rhana uma metade para cada um, pegamos as metades da fruta enquanto o velho terminava a demonstração.

-Isso que fiz não foi por exibicionismo, somente mostra as diversas formas que a energia da espada pode adquirir, mas para utilizá-la com habilidade ainda há muito que aprenderem.

-Vou deixar aqui com vocês suas espadas e as presilhas, desse momento em diante, esse objeto não deve jamais ser deixado de lado e muito menos perdido, os conhecimentos de sua confecção somente são conhecidos pelos Íoques que são o povo originário desse planeta, uma de suas cidades a 30 km. ao sul, antes de continuarmos, vocês devem ir até lá e comprar algumas coisas que precisarão para o inverno e sua melhor estadia enquanto estiverem aqui. O velho deu-nos agumas pedras iguais aquelas que tínhamos encontrado, parecia que aquilo era o dinheiro usado por ali, sendo assim, graças a nossas descobertas estávamos ricos, pelo menos naquele planeta.

Recebemos uma longa lista de materiais que deveríamos entregar no mercado, em troca dos materiais descritos na lista, daríamos as pedras.

Partimos no outro dia bem cedo a fim de chegar à cidade ao entardecer. Levamos mais algumas das pedras azuis que encontramos por acaso na gruta.

Atravessamos o rio seguindo em direção ao sul.

Minha surpresa foi enorme ao encontrar naquele lugar os parentes das nossas amigas fadinhas, em meio a uma clareira no meio da floresta achamos uma cidade cheia delas, tentei aproximar-me, mas Rhana ficou temerosa de sermos mal recebidos, assim como lá na cidade das fadas da Montanha dos Magos a mesa com os 2 cristais estava arrumada, pedi para que Rhana ficasse calma e esperei perto da mesa até que uma delas veio aos cristais conversar, logo que ela chegou eu disse:

-Desculpa por atrapalhar seus afazeres, sei que as fadas são muito ocupadas, mas não pude passar sem cumprimentá-las e conhecê-las já que por algum tempo seremos vizinhos, sou do planeta Terra onde pude conhecer seus parentes, o rei Agnus a princesa Jack e a rainha Missara, também o comandante Minaro. Só passei para dizer um olá e saber se sabem se eles estão bem, já que tenho por eles muita consideração e amizade.

O jovem que antes me recebeu sério ficou surpreso e ao mesmo tempo

contente.

É uma grande honra depois de tanto tempo encontrar alguém que conheça nossos parentes da Terra. Creio que o senhor, jovem Íoda é a fonte das notícias mais recentes a respeito de nossos parentes.

Quando fomos enviados a esse planeta o agora rei Agnus era muito jovem e ainda não tinha a coroa, fico surpreso em saber que ele agora é o rei as fadas.

O jovem que se apresentou como prefeito Rafos, fez-me muitas perguntas e respondi informando-lhe que aquelas notícias já transcorriam a mais de 3 anos do tempo Terra, tempo esse que não via mais meus bons amigos alados.

Prometi voltar outra hora com mais tempo, Rhana apresava-me em nossa partida a noite era perigosa e traiçoeira e tínhamos de chegar rápido na cidade Íoque antes do anoitecer.

Despedimo-nos e então saímos apurados, Rafos mandou um de seus homens nos conduzir até a aldeia, resolvemos correr já que nossa amiga fadinha parecia querer nos apresar e realmente, quando o sol caiu encontramos a cidade Íoque.

Exaustos e com sede nos aproximamos, parecia que estavam em festa. A movimentação era grande em volta da fogueira, uma música não muito harmônica animava várias criaturas que dançavam fazendo roda em torno da fogueira, se não fosse tão tarde e pernoitar na mata não fosse tão perigoso, voltaríamos outra hora, aquela algazarra estranha poderia ser alguma espécie de culto religioso e não pretendíamos atrapalhar, mas, agora era tarde demais e resolvemos ir adiante. Quando á alguns dias atrás chegamos ao planeta trouxemos os pequenos tradutores em nossas roupas, somente assim era possível falar com tantas espécies diferentes ao mesmo tempo, graças a isso, também conseguíamos entender os Íoques em sua linguagem nativa.

Fomos recebidos por um dos homens, que perguntou o que queríamos, dei lhe a lista que tinha recebido do mestre, então ele sorriu, com certeza nossa compra seria bem grande e daria bom lucro, fomos convidados a sentar em torno da fogueira, o grupo que bebia e fazia festa, nos ofereceu uma espécie de chá doce em copos de argila queimada, o homem logo desapareceu levando á lista de compras com os rabiscos que não sabíamos o que significava, pelo menos tinham desenvolvido a escrita.

Naquela noite os Íoques esperavam seus vizinhos de outro planeta que trariam coisas para trocarem.

Umas das principais coisas eram aquelas pedras azuis que valiam muito para o povo alienígena que vinha todos os meses ao planeta Íoque buscar.

Os Íoques eram os intermediários das trocas já que os Íodas não gostavam de contato com outros povos. Por questões de segurança os comerciantes extra planetários não sabiam que os Íodas viviam logo ali debaixo dos seus narizes, embora conhecessem sua fama.

Esses comerciantes não são piratas, e é conhecida pela União suas atividades comerciais que não via mal nenhum na troca das mercadorias, exceto armas e coisas perigosas para o planeta e seus habitantes ainda primitivos, isso era proibido.

O câmbio era de objetos símples, espelhos, calçados, tecidos e outras coisas de uso pessoal.

Eram alguns desses objetos que tínhamos ido buscar e que serviriam para nossa vida, principalmente durante o inverno. Ainda bem que pelo menos tínhamos encontrado a gruta de águas termais o que garantia banho quente em qualquer estação e o calor interno da caverna durante as noites frias.

A nave dos comerciantes aportou perto, então fomos conduzidos para onde passaríamos a noite, longe dos olhos dos comerciantes.

A cabana em que fomos acomodados era coberta de peles macias e recebemos alimentos e água passando muito bem a noite até o dia seguinte.

O dia clareou então resolvemos sair, nossas compras estavam perto da porta da cabana, revisamos as coisas e saímos a fim de comprar mais algumas coisas com as pedras que havíamos achado, principalmente alguns instrumentos cortantes feito facões e facas para construirmos mais alguns utensílios de madeira como um portão para fechar a entrada da caverna, todas as noites refazer a entrada com as pedras era cansativo e demorado.

Encontramos o ferreiro e achamos as ferramentas, as pedras deram vários instrumentos inclusive um rude, mas, eficiente machado.

Voltamos trazendo os objetos, pagamos e saímos da aldeia levando as coisas, eram pesadas e difíceis de serem levadas, teríamos de passar a noite na mata, não conseguíamos correr por causa do peso.

Minha preocupação agora era em acharmos um lugar seguro, voltamos cerca de 70% do caminho em direção da caverna, então o sol começou a se esconder.

Nossa defesa agora era a mais usada naquele planeta, ás árvores. Subimos até as pontas mais altas dos galhos, com as cordas que vieram juntas nas

compras e com as peles fizemos nos galhos redes nas quais passamos a noite protegidos embora sem dormir.

Durante a noite observamos uma porção de animais que pareciam uma cruza de dinossauros com lobos, as presas e unhas eram enormes e apavorantes moviam-se agilmente somente nas patas traseiras, quando se aproximavam da árvore emitiam barulhos estranhos batendo as presas, então acendíamos uma chama de luz elemental e eles sumiam para longe, mas não demorava muito e um outro grupo aparecia fazendo a mesma coisa.

Uma luta foi tramada, pelo jeito pelo direito de ter-nos como jantar, uma das criaturas foi atacada, por outras 4 pertencentes a outra matilha e foi muito ferida na luta, no outro dia quando o sol expulsou os animais notamos o tronco da árvore todo marcado pelas garras dos animais que tentavam subir no intuito de nos alcançar.

Uma situação triste fazia-se ali, a criatura ferida na noite anterior era uma fêmea. Um filhote, mas não menos feroz, sugava insistentemente as últimas gotas de leite da mãe.

A loba-saura nos olhava mostrando as presas, mas estava muito ferida e acabou morrendo, deixando o pequeno filhote abandonado naquele território rude, onde não teria qualquer possibilidade de sobreviver sozinho.

Fizemos uma gaiola de madeira e resolvemos levar a pequena criatura conosco, ajudaríamos ela no que fosse possível, até que estivesse em condições de viver sozinha. Foi uma dificuldade pegar o animalzinho que acabou mordendo minha mão fazendo um corte profundo, mesmo assim não desisti de pola na jaula.

Além de nossas coisas pesadas agora ainda tínhamos de levar o bicho que foi grunhindo pelo caminho a fora.

Logo chegamos e fomos direto a gruta, deixando o animal ali na jaula.

Depois de comermos e arrumar as coisas em seus lugares, teríamos de descobrir que tipo de alimentação dar ao nosso bebê Lobo-sauro.

Nossa esperança é que ele comesse os peixes do rio que eram abundantes e grandes, por algumas noites ele não nos deixava dormir de tanto barulho que fazia, com certeza estava com saudades da mãe e sentindo a falto do leite.

Em poucos dias aprendeu a comer amêndoas cozidas, odiava peixe mais adorava enguias.

Depois que cresceu um pouco e estava gordo resolvemos libertar a cri-

atura para que seguisse seu caminho, tal foi nossa surpresa, ele ficou na caverna, agora já andava solto entre nós, embora ainda não nos permitisse tocá-lo.

Enquanto o animal crescia eu e Rhana começamos a construir nossa academia de treinamento dentro das grutas mais espaçosas da caverna, improvisamos vários aparelhos de treinamento utilizando troncos e pedras.

Embora tentássemos as espadas não mostravam nenhum efeito, somente obedeciam vindo até nossas mãos, mesmo assim, lentamente e rastejando pela terra sendo paradas quando encontravam qualquer coisa no caminho.

A árvore que antigamente tínhamos regado com a água da gruta crescia rapidamente produzindo frutos bem maiores do que ás de sua espécie natural, assim, regava também as árvores frutíferas que cresciam perto da caverna com a água da gruta e resolvemos fazer uma horta antes do inverno.

Para isso voltamos na cidade das fadas para saber quais espécies vegetais eram melhores adaptáveis a nossa região e saber quais as outras que poderiam ser consumidas por nós e que ainda não conhecíamos e também terminar a conversa que começamos.

Sabíamos que ninguém melhor do que elas para nos aconselhar. Percebi que estava acontecendo algo estranho com aquela aldeia, o rei Agnus apesar de tantos afazeres jamais deixava de visitar colônias que foram designadas a outros planetas, porque então nunca tinha vindo visitar essa.

Chegando à cidade, fomos recebidos pelo mesmo jovem.

Minha curiosidade era grande, se á tanto tempo assim o regente daqui não era visitado pelos supremos regentes do povo das fadas, com certeza as fadas daqui não participavam da convenção dos povos, ao indagá-lo sobre isso, ele respondeu:

-Quando fomos introduzidos aqui, tínhamos bons planos para fazer desse lugar um ótimo planeta, os nativos não nos aceitaram e até mesmo os Íodas raramente nos procuram, não conseguimos fazer nada, quando plantamos, os pássaros comem e cavam as sementes, os elementos desse planeta são intratáveis e não concedem espaço para o desenvolvimento de nossas técnicas, assim não temos novidades para expor na convenção, então nunca vamos.

Embora achasse que Rafos estava somente com o ego ferido pela indiferença dos seus conterrâneos e do povo do planeta, fiquei calado e somente detive-me nos nossos planos de criação de uma horta.

Rhana eu e Rafos depois de muito conversar, saímos pela mata e Rafos mostrava-nos ás espécimes, embora agora nossos tamanhos fossem tão adver-

sos que impossibilitava que ouvíssemos com clareza o que ele falava.

A principal alimentação das fadas ao contrário do que pensáva-mos, nesse planeta era provido por batatas e não de frutas como na Montanha dos Magos.

As batatas eram tão diversas em sabor quanto em tamanho e cor, os predadores carnívoros tinham aumentado tanto que quase que exterminaram os animais que se alimentavam daquelas plantas o que fazia com que nascessem por todos os cantos, achamos uma tão grande que deveria pesar em torno de 100 quilos.

Tanta fartura e poder de geração de alimentos e os Íoques teimando em não aprender o cultivo da Terra.

Sem falar nos diversos cogumelos que agora eram estudados, seguidamente descobria-se um novo remédio feito deles.

Além de ser um bom adubo a água da gruta tinha propriedades curativas muito ativas, a mordida que ganhei do Lobo-sauro não demorou muitos dias e desapareceu completamente da minha mão.

Naquela noite conversei muito com Rhana, tínhamos de fazer algo que atingisse a mentalidade dos Íoques afim de que despertassem o interesse na agricultura.

As aldeias Íoques estavam crescendo, logo a natureza não suportaria gerar alimentos para toda a população. Os Íoques eram nômades, quando a comida e a caça terminavam em uma região migravam para outra.

As cidades Íoque não passavam de um monte de cabanas feitas de pele.

Era hora de mudarem sua visão das coisas, as pedras azuis com certeza iriam acabar e daí o interesse dos comerciantes deixaria o povo a esmo.

O velho mestre voltou a nossa caverna, trouxe consigo alguns objetos que seriam utilizados por nós em nossa evolução.

Esses objetos eram cristais coloridos e fios que aparentavam cobre, com eles montamos uma estranha formação piramidal, observando direções, tamanhos e uma porção de detalhes que ele pediu que conservássemos integralmente.

Logo que terminamos o suporte dos apetrechos, uma pedra transparente trazida separada fez com que todas as outras se iluminassem como se ativasse toda a formação.

O cristal transparente quando posto sobre o topo fazia com que raios

das cores do arco-íris, iluminassem a formação que montamos na mesmo local dos aparelhos improvisados de ginástica.

Aquela estranha pirâmide serviria para meditarmos em seu interior, a energia que emanava daquela forma fazia que nossa mente reconstruísse as formas do nosso pensamento, mexendo com antigos sentimentos, medos e angustias coisas que desde a nossa infância tinham construído o que somos hoje dentro do nosso mundo interior.

Todos os dias tínhamos de desmontar retirar as pedras da caverna e por no sol para alinhar e carregava a energia dos cristais.

Tivemos a permissão do velho mestre para em meio aos estudos, desenvolver nosso projeto agrícola de uma horta.

As fadinhas trouxeram até o local que escolhemos para a horta, sementes e mudas usadas em seu consumo.

Voltamos a aldeia dos Íoque e compramos algumas ferramentas necessárias para o cultivo das plantas.

Cercamos, capinamos, plantamos e regamos com carinho e dedicação os canteiros

Durante a noite preparávamos a comida, nos exercitávamos nos aparelhos, depois entravamos na pirâmide, ficando dentro da formação um de costas para o outro, nossas mentes não demoravam e desprendiam-se na busca de sensações, sentimentos e ressentimentos, pessoas que nos magoaram e coisas que aparentemente não tinham importância, mas que tornavam nossas almas pesadas, livrar-se do sentimento de culpa por ter que sumir sem avisar meus pais foi muito difícil, era comum que quando retornáva-mos a consciência pelo esvaziamento energético dos cristais, tinha-mos os olhos cheios de lágrimas e lembranças de coisas que a muito tempo não recordávamos mais.

Apesar disso ao invéz de estarmos tristes, acordávamos no outro dia com muita leveza espiritual, era como tivéssemos resolvidos um problema imensurável.

A água morna da gruta repunha nossas energias e deixava o corpo descansado, poucas horas de sono eram necessárias para um dia inteiro do mais acre trabalho.

O Lobo-sauro estava diferente, tratamos ele bastante tempo com a água da gruta, e as vezes deixávamos ele dentro da pirâmide, para observarmos sua reação, ele agora se tornara mais dócil e seguia-nos por todos os lugares como um fiel cão de guarda.

Sua pele que não tinha pelos ficara esbranquiçada, enquanto a dos outros ainda selvagens era cinza com partes marrons.

Seu tamanho apesar de sua tenra idade ultrapassava bastante a dos outros animais silvestres.

O tempo passou e o inverno chegou, fizemos um estoque bastante grande de peixes e enguias secas, não éramos carnívoros, mas o frio do inverno poderia exigir um pouco a mais de proteínas, tanto pra nós quanto para o Lobo-sauro, nossa horta estava repleta de batatas enormes, ás vezes lavávamos até uma semana para comer uma por completo.

Lentamente conseguíamos fazer com que a lâmina de energia da espada aparecesse, ainda era fraca e sem consistência somente servindo ainda como lanterna.

O inverno daquele planeta não era rigoroso como o dos Élfos, somente aumentava a chuva, e a noite era bem mais fria, mas para isso tínhamos as peles que compramos dos Íoques que serviam de proteção contra o frio.

Capítulo 42

O valente Lobo-sauro

Naquela noite o Lobo-sauro agiu de forma estranha, apesar do frio resolveu ficar fora da caverna, observamos que fazia uma estranha dança e emitia sons que antes nunca tínhamos ouvido, pensamos que o animal tinha entrado na fase adulta e tinha farejado alguma fêmea nas proximidades.

Pela manhã resolvemos sair para buscar mais alguns alimentos na horta, o Lobo-sauro saiu como era de costume na nossa companhia, fazíamos aquilo costumeiramente sem preocupações.

O perigo de sermos atacados pelas matilhas selvagens somente se fazia durante a noite e pela noite fechávamos a entrada da caverna com um resistente portão de troncos. Enquanto colhíamos os vegetais naquele dia, não notamos a presença dos animais selvagens que faziam um cerco.

O Lobo-sauro começou a fazer aquele mesmo barulho de presas batendo como se estivesse bravo, então observamos a nossa volta e percebemos.

Uma matilha de criaturas famintas, saiu para caçar de dia invertendo seus costumes noturnos, aquela espécie que se alimentava de um animal parecido com o tatu do planeta Terra, mas tinha crescido demais, fazendo que aquela criatura base de sua alimentação ficasse excasa, criando um desequilíbrio ecológico trazendo fome aos bandos.

Nossas espadas não funcionavam e nossas habilidades físicas não seriam suficientes para defender nossas vidas.

Pegamos as ferramentas que tínhamos a mão e ficamos imóveis, uma das criaturas veio em nossa direção com intenções bem sinistras, ainda bem que tínhamos criado o Lobo-sauro e com abundância de alimentos.

O animal posse em nossa defesa ficando a nossa frente emitindo ruídos que poderiam ser ouvidos a quilômetros de distância.

O outro animal selvagem não desistiu da investida e tentou alcançar-nos num salto que foi parado ainda no ar pelo nosso amigo.

A diferença de tamanho das criaturas dava vantagem ao nosso e foi uma luta medonha. Os demais animais vieram em defesa do companheiro e então eram 10 contra 1, as criaturas deveriam ter em torno de 80 quilos cada, embora a situação fosse de perigo extremo, não pude deixar o animal sem ajuda, com uma ferramenta de pontas afiadas matei uma das criatura que mantinha as presas cravadas numa das pernas do Lobo-sauro nosso amigo, enquanto esse desdobravas-se na luta com os outros.

O sangue espirava sujando tudo a nossa volta, pedi que Rhana corresse para um lugar seguro, mas permaneceu ali batendo e esquivando dos animais com fúria de uma verdadeira guerreira, instintivamente tentei usar a espada, e minha surpresa foi bem grande.

A situação de perigo eminente fez com que o objeto tivesse sua atividade ampliada pela minha mente, então parti uma das criaturas ao meio, se a espada falha-se seria meu fim, Rhana empunhou o objeto e também estava a ponto de ser pega por um salto do bicho magro e ágil que teve a cabeça cortada ao ponto de separar-se do corpo.

Corremos ao nosso amigo que acabara de estripar um dos inimigos e matamos mais 1, os demais fugiram rapidamente quando perceberam que também seriam mortos, outro correu deixando um rastro de sangue arrastando as tripas que pendiam caindo morto logo adiante.

Tentamos ajudar o nosso Lobo-sauro, devíamos nossas vidas a ele, porém o bicho mostrava-se muito hostil, embora nos defendesse com tanta bravu-

ra.

Os ferimentos da batalha eram profundos, mas não seriam mortais, nada que a água da gruta não curasse.

Depois de algum tempo ele voltou para a caverna deitando-se em seu ninho, calmamente e cuidadosamente tratamos os ferimentos até que ele se recuperou completamente.

Depois daquele dia, notamos que ele demarcava o território urinando em pontos estratégicos, nas proximidades da caverna.

Agora o Lobo-sauro era temido, daquele dia em diante, bastava ele grunhir em brados altos e os animais da matilha que dominava o território desapareciam das proximidades da caverna.

O Lobo-sauro pesava agora em torno de 100 quilos e era uma ferramenta, além de um amigo inseparável. Certa vez ele sumiu por cerca de uma semana, achamos que ele não mais voltaria, tinha arrumado uma namorada, mas o sil da fêmea teve fim e ele retornou, depois de alguns meses encontramos a fêmea e reconhecemos os filhotes pelas características similares as do Lobo-sauro. Ele já era papai.

Improvisamos uma carrocinha para levar as ferramentas para a horta e o Lobo-sauro servia como tração e muito boa até mesmo para deslocamentos de pequena distância quando éramos puxados pelo animal que parecia gostar muito de fazer aquilo, era só por as ferramentas dentro da carrocinha e ele aparecia para levá-las.

Capítulo 43

A nova fase do planeta dos Íodas

Durante o inverno fomos abandonados pelo mestre dos Íodas. A água do rio estava alta demais para visitas.

Juntamos uma boa quantidade de lenha para aquecer o interior da caverna e cozinhar. Ás vezes comíamos alguns dos peixes que guardamos para o Lobo-sauro, nossa vida naqueles meses de frio e chuva foi treinamento e luta pela sobrevivência treinando nos aparelhos improvisados e meditando na pirâmide, embora nossa vontade de sair da caverna fosse grande a umidade e a chu-

va impossibilitavam nossa caminhada pouco além dos limites da horta.

Assim que o inverno passou, retornamos a trabalhar na horta.

As batatas que tinham sobrado do ano passado logo brotaram resultando em sementes e mudas que plantaríamos na nova safra, ainda guardamos sementes em quantidade na intenção de doar aos interessados nas plantas.

Numa daquelas manhãs vimos chegando ao longe o velho mestre Íoda que vinha acompanhado de outras pessoas, paramos com o trabalho e seguimos para recepcioná-los no cais que construímos na beira do rio.

Eram os cientistas da União que queriam saber de nossas evoluções.

Entraram na caverna e ficaram impressionados com nossa adaptação ao novo ambiente, provaram das batatas e levaram as sementes para análise e aproveitamento na nave, poderiam ser plantados em outros planetas gerando um novo alimento saudável e nutritivo.

Fomos examinados e constatou-se que nossas estruturas de energia estavam sendo alteradas, sinceramente não acreditava nessa tal mutação, estávamos ali já há bastante tempo e não havia percebido qualquer alteração em nossos corpos, exceto pelo físico que passava para a fase adulta.

Os exercícios diários e uma boa alimentação deram a mim e Rhana uma estrutura óssea e muscular incrivelmente forte, agora tínhamos cuidado nos treinamentos, um chute ou um soco poderia ferir gravemente um ao outro o que evitávamos que acontecesse.

As rochas antes pesadas agora eram movidas com certa facilidade, precisávamos delas para apoiar as encostas afim de não deixar a terra ser levado pelas chuvas estragando nossas lavouras que nessa safra seriam bem maiores do que as do ano passado.

Os cientistas ficaram bem interessados no Lobo-sauro que ficava de longe observando tudo. Mas não se deixou examinar.

Pedi que a água da fonte também fosse analisada pelos seus poderes curativos e regenerativos além de seu poder de fazer as plantas crescerem tão bem e frutificarem com abundância.

Informei sobre as fadas e pedi que assim que possível o rei Agnus visitasse esse planeta para refazer os projetos trazendo consigo um cientista Élfo para analisar as plantas do planeta e ajudar nas novas técnicas de plantio e que também a União apoiasse e exigisse que os Íoques desenvolvessem outra política de sobrevivência visando seu bem estar no futuro, já que as pedras usadas na troca por mercadorias estavam a cada ano mais raras.

Isso não era tarefa minha, mas, a falta de iniciativa do mestre Íoda e o desânimo do regente Rafos deixavam-me aflito e preocupado com o futuro desse povo.

Achei que meus pedidos não seriam ouvidos, mas, pelo contrário, foram feitos com muita brevidade.

A água que achava mágica somente era contida de uma riqueza de sais minerais tamanha.

O cientista Élfo foi mandado com brevidade por Klinter juntamente com uma fotografia de seu filho junto com uma enorme carta escrita em Élfo, levei 3 dias para decifrá-la por inteiro e a cada vez que lia uma frase meus olhos ficavam cheios de lágrimas de saudade, eram noticias de Thoí e o mestre e dos principais amigos que tinha feito na Montanha dos Magos, era bom saber que não tinha sido esquecido e que meu nome ainda era citado em todas as festas de troca de asas das fadas.

O rei Agnus estava do outro lado do universo, mas veio um representante enviado pela princesa Jack, ele acompanharia os desenvolvimentos da cidade das fadas aqui no planeta dos Íodas, dando ênfase as novas tecnologias e conhecimentos atualmente empregados no cultivo das plantas.

Por motivos de segurança não havia registros dessa colônia de fadas o que justificava a falta de visitas da colônia principal.

A União trouxe ao planeta um cientista que explicou aos Íoques a importância da agricultura, mostrando a diferença de planetas e suas culturas e o empenho dos povos na descoberta de novos alimentos.

O líder da aldeia prometeu pensar no assunto.

Depois de alguns dias estivemos de novo na aldeia Íoque e pedimos que o líder visitasse nossas plantações e experimentasse os alimentos ainda desconhecidos por eles. Muitos ele sequer sabia que poderiam ser comestíveis.

Perguntando-nos como descobrimos que podiam ser consumidos, respondi que foram as fadas, que nos ensinaram a plantar e quais eram as plantas boas.

Acho que ele começava a entender o porquê das fadas estarem ali naquele planeta.

Organizamos uma reunião em nossa caverna com o cientista Élfo, o regente das fadas, o líder Íoque e todos os interessados.

A partir daquela data foi resolvido que o planeta entraria em outra fase de desenvolvimento, seguindo e sendo guiado pelos propósitos benignos da

União, deixando o orgulho de lado e seguindo na direção do desenvolvimento e do bem estar de todos.

Pedi para que todos colaborassem e aceitassem colaboração dos outros para que o planeta fosse favorecido e favorecesse seus ocupantes.

O mestre Íoda começou também a adotar outras formas de treinamento de seus alunos, onde também incluiu a agricultura, como forma de desenvolvimento, depois de experimentarem nossa alimentação, cogumelos e folhas de árvores foram abolidos da alimentação dos Iodas.

As batatas em pouco tempo além das pedras começaram a serem trocados por mercadorias de outros planetas assegurando aos Íoques um comércio contínuo e estável, sendo que somente o seu planeta nas redondezas tinha as características necessárias para o desenvolvimento dessas plantas.

Recebi a incumbência de monitorar e informar a União sobre os acontecimentos e o desenvolvimento do planeta.

Depois de alguns meses pedi a interferência da União na solução do problema da falta de alimentação dos lobos-sauros que estavam atacando as aldeias Íoques fazendo vítimas.

Logo novas espécies animais foram adaptadas no planeta a fim de suprir as necessidades dos animais mantendo e refazendo o eco-sistema.

Os Lobo-sauros apelido que acabou identificando as criaturas, apesar de suas características hostis, se treinados tornavam-se sociáveis e podiam ser aproveitados como forma de trabalho animal, aceitando conviver entre outros seres diferentes de suas espécie.

Nosso trabalho aumentara muitas vezes, mas, era extremamente gratificante, logo as lavouras Íoques brotavam e frutificavam com abundância, as antigas tendas começaram a ser substituídas por moradias permanentes, confeccionadas em madeira e argila, vimos pessoalmente uma cidade nascer e o comércio e a tecnologia voltarem a ser estudadas, em pouco tempo o conhecimento da agricultura espalhou-se por todo o globo e as demais aldeias espalhadas no planeta solicitavam a presença das fadas par ensinar-lhes as fórmulas de cultivo das plantas. O regente Rafos estava orgulhoso e prestativo como nunca e viajava por todos os cantos levando as minúsculas sementes e seus conhecimentos.

Depois de algum tempo abandonamos essas tarefas que foram absorvidas em totalidade pelas pequeninas fadinhas.

Tínhamos que nos dedicar aos ensinamentos Iodas que por um período

deixamos de lado, conhecemos nossos vizinhos Iodas que estavam espalhados pelo globo em algumas expedições que fizemos pelo planeta, o Lobo-sauro sempre chamava a atenção, pois até então, esse tipo de criatura era odiada pelos Íodas e cons-tantemente perseguidas em casadas sangrentas quando aumentavam demais em quantidade.

Apesar dos outros Íodas serem bem mais habilidosos que nós, sendo os Lobo-sauros animais incapazes de fazer-lhes um mal maior,os animais invadiam as cabanas a procura de alimentos, causando atrapalho nos treinamentos e no cotidiano dos soldados.

Ao contrário do que eu pensava os Íodas não eram perversos e frios, mantinham-se na maior parte do tempo afastados pelos seus treinamentos que assim exigiam esse procedimento, depois de um tempo a cada 20 dias durante o verão fazíamos uma reunião em cada moradia Íoda, foi o melhor jeito que encontramos para repassar informações e conhecimentos adquiridos em nossas experiências nos diversos campos estudados.

As hortas eram em todos os lugares abundantes e o jantar do dia da reunião era caprichado e divertido, os mais velhos e mais experientes contavam histórias de arrepiar os cabelos, histórias de suas investidas nas missões da União.

Vou contar uma história que achei bem interessante e que aconteceu realmente, á muito tempo atrás.

Segundo o mestre foi o deu origem ao surgimento do grupo de soldados Íodas.

Capítulo 44

A lenda Íoque

O atual mestre Íoda foi o primeiro soldado desse grupo.

Os Íoques há muito tempo atrás, era um povo muito sábio.

Naquela época o povo Íoque era governado por Ebredo, ele tinha grandes poderes mentais e um conhecimento muito grande de magia antiga e alquimia, herdada do planeta natal dos Íoques.

Corre a lenda de que todos esses cristais valiosos que hoje são procu-

rados no planeta, resultaram dessa história triste e interessante.

Como na maioria dos casos embora o povo colonizador seja sábio e desenvolvido, quando chegam a um planeta selvagem como esse, as novas gerações sofrem a perda da cultura de seu planeta de origem, voltando a ser primitivo pela falta de possibilidades de desenvolvimento intelectual e pela dureza de vida e dificuldade de sobrevivência no novo ambiente, como manter o conhecimento e a tecnologia se a sobrevivência se torna tão difícil? Não existem faculdades e escolas que dêem continuação à cultura e a ciência, então, os conhecimentos antes adquiridos são esquecidos pelas novas gerações que seguem o desenvolvimento partindo do meio rude em que vivem começando todo o ciclo de desenvolvimento do inicio.

Ebredo cuidava e ensinava o povo colonizador.

O planeta apesar de rude era abundante em possibilidades e o grupo que aqui chegou logo começou a se reproduzir e prosseguir na colonização, muito tempo passou, Ebredo estava velho e muitas gerações tinham nascido se espalhando em aldeias pelas redondezas.

Certa noite um clarão riscou o céu e um enorme estrondo fez todas as aldeias tremerem. O povo ficou com medo e Ebredo resolveu investigar o que havia acontecido.

Uma outra nave de colonização havia chegado ao planeta em circunstâncias muito estranhas.

Ebredo não se importou com a presença de outras criaturas alienígenas, o planeta era enorme e poderia servir aos 2 povos sem problemas.

Mas esse povo era muito diferente do que imaginava Ebredo. Um ser malévolo e asqueroso comandava a nave e tinha necessidades de um tipo de alimentação curiosa, embora esse ser fosse desprovido da capacidade de caçar tinha um exército de criaturas que obedeciam suas ordens cegamente.

A descrição dessas criaturas é difícil de ser feita, pareciam com lagostas com mãos como grandes pinças com poder de corte e perfuração bem grandes e de utilidade poderosa na caçada das presas que tinham a cabeça cortada pelas garras desses seres, habilidosos.

Sem qualquer escrúpulo obedeciam até a morte qualquer ordem do seu mestre que se alimentava dos cérebros das criaturas pegas e de preferência que ainda estivessem quentes.

Os animais silvestres logo fugiram para os lugares mais distantes quando pressentiram o perigo e a caçada de um Lobo-sauro não era tão fácil assim,

em algumas batalhas pela vida acabaram até matando algumas dessas criaturas.

Como era de se esperar logo chegaram até as aldeias Íoques que concederam um bom banquete de cabeças a criatura.

O pavor espalhou-se e os sobreviventes fugiram desesperados vendo os corpos decapitados de seus parentes e amigos, na mata foram presas ainda mais fáceis.

Parece que as coisas estavam complicadas e os jovens colonizadores teriam sua saga interrompida por essas criaturas servindo em seus últimos dias como alimento.

Ebredo encontrou uma ossada dessas criaturas morta pelos Lobosauros e dentro do crânio em decomposição a primeira pedra azul, Ebredo estudou muitos tempo a pedra e concluiu que deveria ser um tipo de elo de ligação entre as criaturas e seu mestre engordurado.

Atravéz da alquimia de que era profundo conhecedor e das tecnologias ainda existentes na sucata da nave de colonização Íoque, teve a inspiração de fazer a primeira espada Íoda, usando na confecção da espada uma mistura de magia e raios lasers. O povo Íoque era pacífico e não tinha nem uma pessoa do grupo de sobreviventes, na maioria mulheres e crianças que tivesse as condições para empunhá-la e usar seu poder na destruição dos seres malévolos.

A espada levou em sua empunhadura a pedra que Ebredo tinha encontrado na cabeça do caçador, logo então descobriu que a espada criava um elo mental com o portador.

O planeta de onde fugira essa criatura com a nave avaliada, era um planeta desenvolvido, logo o combate aos mercenários caçadores de cabeças teria fim pelas armas do grupo de defesa do planeta, obrigando os invasores a fugirem rapidamente embora com a nave quase destruída. O que provocou a queda que praticamente destruiu o que tinha sobrado da nave aqui no planeta Íoda.

Mesmo assim houve mortes até a descoberta das criaturas e entre os mortos desse planeta anteriormente atacado, estava a família de um jovem cientista que saiu no encalço dessas criaturas pelo espaço a fora, depois de 2 meses ele alcançou o planeta dos Íoques seguindo o rastro da criatura.

Esse jovem cientista de quem falo é o então pequeno e velho mestre Íoda.

Os chamados de ajuda emitidos pela nave do jovem cientista foram captados pelos rádios da nave de colonização Íoque que enviava pedidos de so-

corro que infelizmente não alcançavam os planetas colonizados vizinhos.

O contato entre o jovem cientista e os Íoques foi feito e então a primeira espada Íoda teve mestre, depois de alguns dias de treinamento e do desejo de vingança do jovem os poderes da espada tiveram evolução.

O elo mental da pedra com o empunhadura da espada dava ao raio laser um poder sem igual de corte.

Estava na hora de uma caçada ser feita, enquanto isso os sobreviventes Íoques, escondiam-se nas cavernas vulcânicas de fendas apertadas que não permitia a passagem das criaturas até eles, mas se o problema não fosse resolvido em pouco tempo, estariam todos mortos de fome, foi descoberto que as criaturas so-mente atacavam de dia, então a vida dos Íoques restantes era vagar pela noite a procura de algo que comer retornando antes do dia as estreitas cavernas.

Logo então outro problema era encontrado, os Lobo-sauros que desde aquela época eram caçadores naturais, embora a alimentação naquela época fosse abundante, pareciam apreciar a carne dos Ìoques que era motivo de disputa entre os predadores invasores e os naturais do planeta selvagem.

As criaturas invasoras tentavam insistentemente adentrar nas cavernas e graças as suas carapaças que eram grandes demais acabavam ficando presas nas rochas ou tinham de desistir na investida, numa dessas foi testada a espada que se mostrou muito eficiente, destroçando o fedido bicho em milhares de pedaços.

Então a presa tornou-se caçador e o caçador tornou-se presa, tanto as criaturas invasoras quanto seus ovos foram destruídos a fim de evitar a procriação.

O mestre das criaturas tinha enterrado a nave nas entranhas do planeta entrando por um vulcão inativo, mas algo deu errado, uma grande explosão fez o vulcão jorrar fumaça por todos os lados, depois de algum tempo a atividade vulcânica foi interrompida, acho que na tentativa de fuga a nave avaliada acabou explodindo em um acidente que destruiu ela e todas as outras restantes ou então a criatura resolveu dar fim a si mesma antes de sofrer nas mãos do justiceiro.

Dizem que o calor do vulcão solidificou a criatura e depois com a explosão as pedras azuis, se espalharam pelos veios de lava nas entranhas do planeta depois começaram e serem encontradas e espalhadas pelo planeta pelos animais selvagens.

Embora não tenhamos certeza disso, a invasão realmente aconteceu,

lembrei-me do esqueleto que eu e Rhana encontramos na caverna e realmente a descrição das criaturas tinha muita semelhança com aquela ossada, depois voltamos lá no lugar para verificar e realmente aqueles ossos eram de um dos seres que tinham invadido o planeta e que quase aniquilou o povo Ìoque.

A morte de quase 2.000 Íoques levou o conhecimento dos mais velhos e sábios deixando a novas gerações desconhecedoras das ciências do planeta de origem, por isso ainda o grande atraso na evolução dos Ìoques.

Muitas outras histórias foram contadas, história tão curiosa e longa que faltariam espaço em mais 10.000 páginas, talvez um dia escreva somente sobre elas.

Capítulo 45

Retorno

O treinamento voltou com força total, depois de derrubarmos as barreiras mentais que nos bitolavam como criaturas normais de nossos planetas o treinamento físico foi imposto, nosso empenho e vontade em ajudar os Íoques em seu desenvolvimento foram reconhecidos nos centros de comando da União.

Ganhamos de presente da União objetos muito úteis desenvolvidos pelo centro tecnológico, eram pranchas flutuantes, o invento ajudaria no deslocamento em territórios acidentados do planeta, as pranchas se moviam baseadas no anti-magnetismo, não gerando qualquer tipo de poluição, não pesavam mais de trinta quilos o que era incrível que tenham conseguido inventar objeto tão eficaz.

No começo o uso foi complicado, apesar de ser útil a prancha era perigosa de ser conduzida por entre as árvores, o uso correto do objeto era que fosse guiada como uma prancha de surf obedecendo ao movimento dos pés, ativando assim os sensores de direção. Mas tínhamos medo de cair e de voar acima do nível das árvores, somente andávamos deitados tirando a mobilidade do objeto que se deslocava somente em linha reta.

Depois de alguns dias começamos a voar corretamente, embora ainda temerosos, Rhana era mais ousada nas manobras chegando a atingir velocidades

acima de 60 Km p/h, a velocidade dava melhor desenvoltura nas manobras exigindo um reflexo rápido e contínuo afim de não dar de cara com uma das árvores ou ficar pendurado pelo pescoço num galho.

Era incrível, até o mestre gostou do objeto e mostrou uma habilidade enorme no uso das pranchas anti-magnéticas chamadas flutuadores.

Pilotar os flutuadores em poucos dias deu-nos uma preparação extra no condicionamento físico.

Tivemos de fazer um bom regime e muito alongamento no treinamento.

Tínhamos de ser eficazes e sem falhas, saltos mortais e saltos de solo sobre objetos unidos ao manejo da espada foram repetidos centenas de vezes até que a perfeição fosse encontrada nos mínimos detalhes.

Os disfarces também tinham de ser improvisados, o que era de matar era quando o mestre mandava que um se escondesse e o outro procurasse, voltamos ao combate físico e novamente aos dedos quebrados e manchas rochas nos punhos e pernas.

As espadas quando empunhadas uma contra a outra tinham de ser muito controladas por nossas mentes, um erro de ataque e defesa poderia cortar ao meio nossos corpos.

Quando começamos a desenvolver nossas próprias técnicas de defesa e ataque o mestre resolveu parar nesse tipo de treinamento pelo perigo que se tornava evidente.

Então resolvemos usar espadas de raios elétrico, que somente davam uma pequena descarga naquele que fosse atingido. O efeito da batalha era muito bonito, as descargas cintilavam quando os objetos atritavam.

Embora os choques fossem leves a sensação era desagradável, então o esmero na defesa era maior de que no ataque.

A combinação de ataque, defesa, saltos e utilização de pés e mãos, exigiam um controle total do fluxo de movimentos do inimigo e do nosso próprio corpo. Atacar precisamente e defender-se dando continuidade no movimento era imprescindível. As observações do mestre eram a cada dia mais detalhista e quando achava que já estava bom, era possível melhorar ainda mais e assim continuamente.

A dureza do treinamento tirou o resto da gordura que tínhamos adquirido no inverno, estávamos com a pele levemente dourada pelo sol do planeta.

Á noite enquanto do preparo do jantar lembrávamos aqueles testes

que tínhamos feito logo no início de nosso treinamento, se fizéssemos agora seria uma moleza, correríamos o percurso de 150 km em menos de três dias sem muito esforço.

O inverno retornou, alguns dias antes de começar a época das chuvas nossas habilidades foram testadas, o grupo de Íodas que conosco completava 16 membros, se reuniu para analise de suas habilidades que agora seriam postas uma contra a outra em uma disputa acirrada embora pacífica, os 2 Íodas mais velhos e poderosos, ficavam de juízes junto com o mestre a fim de analisar as técnicas dos alunos novatos.

Os combates eram quase sempre sem fim onde um não consegui acertar o outro, mesmo que por quase 2 horas de batalha.

Os mais poderosos deram sua demonstração pondo em combate as verdadeiras espadas Íodas, foi horrível, as explosões do choque das lâminas de energia eram tão fortes que faziam tremer a terra, a força empregada nos golpes atirava os homens para trás que se equilibravam novamente, graças ás técnicas de salto.

Fui convocado a uma demonstração tentando deter o ataque de um deles, a energia que deixava fluir de minha espada era insignificante perto da outra do soldado experiente mais treinado.

Quando das espadas elétricas nem Rhana nem eu nos saímos bem, em poucos golpes fomos derrotados. Nossos adversários pareciam ter uma habilidade para-normal, como se pudessem adivinhar cada um de nossos movimentos achando sempre uma forma de nos acertar.

Voltamos tristes para casa despedindo-se dos companheiros que durante o inverno não veríamos mais.

O inverno começou e o treinamento continuou.

Embora naquele período não fossemos acompanhados pelo mestre em nossas aulas, buscamos na pirâmide os motivos de nossa derrota tão vergonhosa e logo apareceram nossos erros, tínhamos lutado com as espadas e o corpo e esquecemos de usar a mente o que era fundamental para vencer o oponente.

Voltamos a treinar com as espadas de choque inovando o modo de defender e atacar usando além do fluxo corporal o fluxo mental tentando confundir um ao outro em nossas intenções de ataque e defesa, os resultados foram surpreendentes, parecia que nunca antes tínhamos colocado a mão em uma espada.

Foi uma volta ao zero, acho que isso seria a próxima fase de treinamen-

to do próximo verão.

A União parecia ter esquecido de nós e que aquelas experiências referentes á mutação tinham sido deixadas de lado, isso nos deixou tranqüilos para se dedicar somente ao treinamento.

Capítulo 46

Mais um ano

Tudo transcorreu conforme o planejado durante o inverno, o frio já estava passando, então em breve a visita do mestre daria continuidade ao treinamento, aquele tempo em que estávamos parados e sem contato com o exterior deixava-nos agoniados por um pouco de ação.

Logo que passaram as chuvas á água do rio baixou o nível, nosso tão esperado visitante deu as caras, dessa vez além dos doutores e cientistas veio junto Helena, com sua pele branca transparente.

As analises dessa vez foram bem mais detalhadas.

Nossos visitantes foram deixados no planeta por alguns dias e soubemos que dessa vez 5 Íodas foram designados para uma missão seguindo com a nave que trouxe Helena e os demais até o planeta.

Como queríamos ir junto e participar! Mas sabíamos que ainda não era o momento certo.

Parece que em breve novas histórias de aventuras seriam contadas pelo grupo Íodas.

Dessa vez as coisas seriam complicadas, os soldados teriam de explorar um planeta aparentemente deserto, onde a União havia encontrado pistas indicando a mineração de piratas que retiravam do solo um metal raro usado na confecção de armas e canhões de lasers.

Como sempre, escravos estariam sendo utilizados pelo grupo de piratas. A ação teria de ser empregada de dentro para fora da mina, já que se a área estivesse guardada qualquer presença suspeita poderia causar a morte dos trabalhadores escravos.

A maldade dessa gente era enorme, se uma revolta fosse feita com cer-

teza os escravos acabariam sendo enterrados vivos, mesmo que isso causasse prejuízo aos piratas.

Teriam então de aplicar técnicas nas investigações e se fosse confirmada a presença de escravos os Íodas teriam de mostrar mais uma vez suas habilidades e conhecimentos entrando pela mina, eliminando os piratas e libertando os escravos antes que fossem notados.

Helena como sempre parecia cintilar uma luz que acalmava e trazia uma sensação de paz e benevolência, até o Lobo-sauro, arisco e arredio se aproximava para observá-la, para nossa surpresa, Helena conquistou a amizade do animal em poucas horas, já o mestre Íoda era odiado pela criatura que constantemente mostrava-lhe as presas enormes e poderosas.

Helena ajudou nos exames. Dessa vez ela colocou a mão sobre meu peito e senti uma energia percorrer todas as partes do meu corpo, parecia ter saído na ponta dos dedos dos pés, ela sorriu e não disse nada.

Em 4 dias os exames foram concluídos e a nave voltou trazendo os 5 Íodas sãos e salvos, fora alguns arranhões, 18 piratas presos vivos e mais uns 50 mortos e 250 escravos libertos e recolhidos, infelizmente 3 homens e uma mulher do povo escravo, foram mortos pelos maus tratos e a poluição dos gases tóxicos das minas.

Havia muitos feridos e doentes e ali mesmo no planeta Íoda quando a nave pousou Helena começou a tratar o povo, preparamos muitos alimentos ao povo esfomeado, ajudamos a tratar os doentes usando a água da gruta, as batatas estavam em abundância, poderiam ser consumidos por muito tempo e em quantidade que ainda sobrariam para nós.

Fizemos amizades com as crianças que na maioria estavam com os pulmões cheios de gás venenoso, embora nossos esforços e as tecnologias mais avançadas mais duas pessoas morreram.

Naquele instante, vivendo aqueles horrores, sentimos em nossos corações que éramos importantes e que no futuro junto com os outros Íodas e a União poderia ajudar a dar fim a situações como aquela.

Notei que Helena usava além das técnicas cientificas uma espécie de energia fluídica nos seres, aquela mesma energia que ela tinha aplicado em mim.

Fiquei curioso, pois assim que as cargas de energia eram emitidas os seres eliminavam uma espécie de muco marrom que ela disse ser os gases que estavam sendo eliminados pelo organismo do paciente.

Em poucos dias os doentes voltaram a andar normalmente e a tosse

parou quando a respiração voltou ao normal, não precisando mais da ajuda artificial e de medicamentos.

As crianças criaram um novo ambiente, apesar do sofrimento logo aprenderam novamente a sorrir contaminando a todos com o clima de esperança.

A nave da União chamou a atenção dos Íoques que quando souberam do que se tratava vieram ajudar, se mostrando cooperativos e bondosos.

A nave de exploração decolou, a nave mãe aguardava para levar as pessoas de volta ao seu lugar de origem, levando também Helena e deixando a esperança de um dia ser bons o bastante para trabalhar com a União e os demais do grupo.

Aquela experiência reavivou nosso ânimo e entusiasmo nos treinamentos.

A respeito da mutação, Helena disse que ainda estava longe de ser alcançada e talvez nem fosse possível, deveríamos nos concentrar somente em nosso treinamento deixando de lado qualquer preocupação.

Tudo começou novamente, as coletas das sementes, o trabalho da Terra, a plantação e os exercícios de treinamento, fomos presenteados pelos Íoques com ferramentas novas e que serviam a novas finalidades, principalmente uma que ajudava a arrancar as batatas maiores do chão, essa era de muita utilidade, quanto maiores, mais saborosos eles eram.

Os Íoques viviam comemorando, quase toda noite dançavam em volta das fogueiras tocando instrumentos musicais rústicos, era um povo alegre e pacífico.

A alimentação abundante fez a população Íoque aumentar logo.

Fomos convidados a participar de uma de suas comemorações, juntamente com os demais Íodas, fomos tratados com muita cortesia e respeito por todos eles, as coisas que os Íodas precisavam não eram mais cobradas pelos comerciantes, mas sempre que encontravam algumas pedras mandavam a eles como forma de agradecimento.

Resolvemos retirar todas que tínhamos encontrado na caverna e guardar em local seguro até o momento de nossa partida daquele planeta.

Embora nosso treinamento fosse de um Íoda fomos informados pelo mestre que não ficaríamos naquele grupo, habitando naquele planeta, seriamos nomeados para outros trabalhos.

Pretendíamos doar o pequeno tesouro para aquele povo a fim de trocarem por objetos mais necessários.

Gostávamos muito de ajudar Helena, cuidando das pessoas e ajudando em seu restabelecimento, acho que se fosse escolher hoje, pediria para fazer parte do grupo médico.

Tudo transcorria normalmente. As espadas a cada dia adquiriam mais força e poder, o manuseio já era quase pleno. Naquele dia como em tantos outros, as tarefas foram iguais, exceto pelos pergaminhos que recebemos para ler sobre as lições seguintes, mas durante a noite algo estranho aconteceu, Rhana e eu acordamos sentindo uma estranha sensação, nossos dedos estavam dormentes e arrepios estranhos percorriam nossos corpos, achamos estar doentes e resolvemos aguardar que o sol surgisse para pegar os flutuadores e ir até o mestre Íoda pedir ajuda.

Capítulo 47

Primeiros sinais da mutação

Aguardamos, enquanto esperávamos que o sol aparecesse, nossa situação piorou bastante, ondas estranhas de energia fluíam pelos nossos corpos. Resolvemos não esperar mais, voamos com dificuldade até a casa da árvore acordando o mestre com nossos pedidos de ajuda.

Lembro-me que entramos na apertada casinha e descansamos sobre o tapete de peles, depois acordei já sendo tratado por Helena.

Assim que recobrei a consciência as primeiras palavras de Helena foram:

-Estou vendo que minhas minúsculas sementes brotaram assim como suas plantas.

Nem quis entender o significado e logo perguntei:

-Como está Rhana?

-Melhor do que você.

Respondeu ela olhando para o lado.

Acompanhei a direção de seu olhar e reparei que Rhana estava ali perto no outro cômodo.

Fiquei mais tranqüilo e então quis saber o que tinha acontecido conosco.

Helena respondeu:

-Foi o que disse:

A pequena semente que plantei em vocês começou a germinar.

-Helena, por favor, explique com clareza, tive a impressão de estar pegando fogo, acho que a água da gruta é radioativa.

-Pare com besteiras, somente você não quer acreditar e ver, os primeiros sinais de mutação estão começando a aparecer.

-Acho que em poucos dias mais, vocês serão assim como eu.

Pensei que ela estava brincando e mil pensamentos correram em minha mente.

Será que ela estava tentando nos enganar?

Nossas vidas devem estar correndo perigo, vamos morrer e ela quer nos aliviar de preocupações!

Aquela sensação estranha de ver raios de luz saindo do nosso corpo começou novamente, dessa vez mais intensa e uma dor aguda vinha do peito e corria por todo o corpo.

Suportei o quanto podia, vendo Rhana também se contorcendo ali perto de mim.

Tinha vontade de gritar, mas os gritos não saiam e Helena continuou ali no quarto nos olhando com um olhar de piedade sem fazer nada.

Perdi a consciência novamente por algumas horas.

Quando acordei, pedi que Helena nos ajudasse.

-Não posso fazer nada, disse ela, sua parte energia esta se separando da matéria, isso aconteceu comigo, não posso fazer nada somente agüente firme em pouco tempo tudo passará.

A dor era enorme, parecia empurrar nossos órgãos para fora do corpo, somente voltávamos á consciência por alguns minutos e o processo recomeçava.

Percebi que estava acontecendo realmente aquilo que ela tinha falado.

A semente que ela se referiu, foi a pequena descarga de energia que ela aplicou em mim e também em Rhana, no último exame que tínhamos feito ainda no planeta Íoda.

Aquela descarga de energia serviu para estimular a mutação de nossos organismos e os efeitos estavam sendo sentidos agora.

Depois de um tempo os sintomas passaram.

A princípio nada tinha mudado, estávamos iguais, somente perdemos algum peso pela falta de alimentação.

Helena veio até nós quando soube que estávamos conscientes.

-Como vocês estão? Perguntou ela sem fazer nenhuma observação.

-Aparentemente mais magros, acho que sua semente germinou e morreu Helena:

Brinquei.

-Esta enganado, vocês ainda estão aparentemente iguais e permanecerão assim até que invoquem e terminem a busca interior da compreensão e aceitação de suas novas condições.

Bem vindos a quase eternidade da existência e ao infinito trabalho para que foram escolhidos.

Percebi que Helena estava falando sério e um estranho sentimento de responsabilidade correu-me interiormente.

Logo voltamos ao normal e observamos que embora dentro de uma das naves de reconhecimento da União estávamos no planeta dos Íodas.

Fomos acompanhados por mais uns dias e depois fomos deixados para continuar nossa evolução.

Estranho que o amor que sentia por Rhana embora não fosse um amor de homem para mulher servia para unir as partes que estavam separadas, éramos pessoas diferentes, mas tão unidas que nossos pensamentos pareciam querer ser um só. Até a mutação agia da mesma forma, quando começavam os efeitos em um o outro sentia as mesmas reações.

Parece que o destino traçado por um sábio mais sabio que o mais sábio de todos, ligou nossas existências para uma missão infinita.

Depois que os processos de mutação começaram, as espadas Íodas pareciam ser incrivelmente mais poderosas, o raio era tão forte e cortante que conseguimos cortar rochas vulcânicas ao meio como se fossem moles como gelatina.

Nossos movimentos unidos á consciência de nossos atos era preciso e ágil como nunca, conseguíamos fazer as mesmas coisas que qualquer um dos soldados Íodas.

Sentíamos ainda os raios de energia percorrendo o corpo, mas não eram mais doloridos, agora saiam do meio do peito e á noite, parecíamos grandes vaga-lumes acendendo e apagando, os olhos pareciam bolas de luz azul clara fosforescente, mas esses fenômenos eram passageiros e desapareciam logo assim como apareciam involuntariamente.

Numa dessas noites enquanto Rhana dormia, vi seu corpo ser suspenso

no ar até tocar o teto da caverna, quando ela acordou, precipitou em queda caindo sobre a cama de peles.

Desse dia em diante tínhamos de amarrar uma corda numa das pernas para dormir, caso contrário, podíamos sair flutuando acordar e cair causando ferimentos.

Enfim, os estudos da União poderiam ser feitos baseados em todos os sinais que apresentamos.

Helena sabia das coisas e disse que esse fenômeno de mutação é uma coisa natural e ocasional e não poderia ser considerado algo que se pudesse produzir artificialmente, mesmo se ela desse uma ajuda assim como fez conosco. Cada caso é um caso, cada cérebro detém uma mente diferente explicava Helena.

Mesmo assim os estudos deveriam ser feitos para talvez depois de milhares de anos checarem a um veredicto final sobre essa fórmula que somente era conhecida por Deus, o supremo criador do tudo.

O restante do ano foi muito diferente no que se referiu aos nossos aprendizados, embora ainda praticássemos para manter a habilidade, já éramos tão bons quanto os demais Íodas.

Lemos muitas vezes todos os pergaminhos que o mestre Íoda trouxe para nós, os textos eram na maioria de conscientização de nossos poderes e procedimentos padrões que deveríamos adotar em caso de perigo ou ferimento e experiências negativas que haviam acontecido em situações de resgate.

Adquirimos estranhos poderes que chegaram juntos com a mutação, agora notávamos que tudo a nossa volta além de ser matéria era também revestida de uma película fina de energia, as plantas, pedras e até mesmo o mais comum dos objetos se observado com intensidade e concentração movia em seu contorno essa estranha e curiosa energia.

Parece que a tal matéria plásmica realmente era transferida a tudo que existia no planeta, independente de seu reino, forma, vida ou cor.

Certa vez fomos á aldeia Íoque buscar sementes, já era noite e resolvemos ficar na aldeia até o dia seguinte.

Durante a noite em volta da fogueira, os mais velhos sentavam para contar histórias aos mais jovens, era uma tradição Íoque muito divertida, as crianças e até os adolescentes adoravam.

Sentamos juntamente com eles então naturalmente começamos a nos concentrar na imagem do homem, observamos a variação de cores que ele emi-

tia conforme abrandava e exaltava-se no conto da história.

Parecia que estávamos encantados com a narração, mas, o que nos encantava era o pequeno temporal de nuvens de energia que se formava acima de sua cabeça e a diversidade de formas e cores vibrantes e vivas que percorriam a pele do homem como se espalhasse a história em todas as partes do seu corpo.

Aprendemos com o tempo a interpretar as formas de energia emanadas pelas pessoas, era quase como adivinhar seus pensamentos e saber das suas intenções.

Quando alguém queria fazer uma pergunta, bolhas azuis saiam de cima da cabeça e desapareciam na altura dos ombros.

Quando a pessoa estava brava, bolhas negras faziam uma coroa de grandes contas que circulava em torno da cabeça na altura da testa.

Quando dançavam em volta da fogueira á música parecia fazer como que raios de energia amarela, ficassem saindo do crânio na parte esquerda da cabeça.

Até os jovens enamorados do povo Íoque, emitiam raios de energia que saiam do meio do peito se esticando e se tocando quando estavam se olhando, os femininos eram rosas com formações ponte-agudas e os masculinos cilíndricos e azuis escuros.

Quando de uma não aceitação da parte do outro no amor, formava-se no peito um escudo de luz laranja que não permitia que o raio do apaixonado se aproximasse.

O final do ano chegou finalmente, nossos testes de habilidade dessa vez foram muito apreciados pelo mestre Íoda, tivemos um ótimo desempenho e derrotamos nossos oponentes com rapidez e eficiência demonstrando um equilíbrio preciso de ataque e defesa, além de darmos um espetáculo de saltos acrobáticos.

Sentimos naquele dia que depois de tanto tempo estávamos prontos e preparados para nossas funções de Íodas, prontos para qualquer missão que o grupo fosse designado.

Parece que a União adivinhou na semana seguinte á nave aportou no planeta apressadamente.

Dessa vez todos os Íodas foram solicitados, parece que uma forma de vida alienígena parecida com a que tinha quase exterminado os Íoques tinha invadido um dos planetas protegidos pela União.

Apelidados de Gafanhotos, também eram um povo nômade que passa-

va pelos planetas destruindo e consumindo todos os recursos naturais até a exaustão do planeta, matando seus ocupantes e depois seguiam para outro com as mesmas intenções malévolas.

O exército dos Gafanhotos era enorme e foram mobilizados muitos soldados além dos Íodas, todas as naves da União recolheram milhares de homens em diversas partes do universo onde possuíam colaboradores, para darem um fim na situação.

Capítulo 48

Pondo em prática o treinamento Íoda

Todos fomos colocados nas naves, inclusive o mestre que dessa vez também resolveu participar da missão.

Concluímos que tínhamos chegado ao planeta invadido pelo estrondo e a agitação dos centros de comando, parece que fomos recebidos a chumbo grosso.

Dessa vez não participaríamos do combate aéreo como da outra vez, a quantidade de pilotos era até maior que o número de naves caças. Ficamos ali no compartimento junto com muitos outros soldados. Sentamos em grupo e ficamos concentrados e rezando para que tudo desse certo e o número de mortos fosse mínimo e de preferência que os intrusos resolvessem sair sem resistência.

Infelizmente depois de algum tempo as naves da União, embora fossem superiores em resistência e tecnologia e para fins pacíficos, tiveram de ser adaptadas com armas de ataque eficientes.

Os contatos e os pedidos de rendição não foram aceitos pelos Gafanhotos e mais um tiro acertou nossa nave gerando um breve blecaute, se não fosse o poder de auto-regeneração da nave creio que mais alguns tiros nos daria fim pelo tamanho poder das armas dos Gafanhotos.

Não teve jeito, um único disparo do raio de faiseres da nave da União e a nave mãe dos Gafanhotos foi avaliada seriamente, ficando imóvel no espaço.

As naves caças não tiveram muito efeito já que os Gafanhotos eram grupos de terra que varriam as cidades, matando e espalhando o terror, eram enviados ao solo por tele transporte molecular e não utilizavam naves pequenas.

Dessa vez estávamos lidando com criaturas que possuíam tecnologia, criaturas inteligentes e poderosas.

Embora a poucos dias no planeta já haviam se espalhado por todos os continentes o que levaria meses para fazê-los desaparecer por completo exigindo uma caçada demorada.

O corpo dos Gafanhotos era todo protegido por uma carapaça e mesmo que suas pernas e braços fossem arrancados, se sua cabeça não fosse separada do corpo acabavam adaptando-se e continuando sua destruição mesmo que se arrastando como insetos esmigalhados.

Era bom arrancar-lhes o pescoço como recomendou o comandante, as espadas Íodas nos seriam muito úteis.

Um verdadeiro formigueiro armado de armas de lasers cortantes desceu ao planeta e foi um corre-corre daqueles.

Em quanto á nave mãe vigiava a nave dos Gafanhotos, nós nos preparávamos para a luta.

Descemos ao solo do planeta invadido e encontramos os seres asquerosos, logo tentaram contra nós e começou uma luta que levaria tempo para terminar.

Um novo contato foi feito e os Gafanhotos queriam ir embora, mas, era tarde. As ordens do comando era exterminar todos sem piedade.

Um pequeno ferimento por um dos membros afiados dos Gafanhotos era o bastante para matar um homem em poucas horas pela quantia de veneno das criaturas e pior infectados por micro organismos alienígenas de outros planetas, criando o risco de uma doença se espalhar pelo planeta atingindo inclusive os soldados da União.

Os gafanhotos desprevenidos foram transportados sem armas, o povo do planeta não mostrava qualquer perigo ás criaturas, mesmo assim qualquer coisa que pudessem alcançar servia-lhes de ferramenta improvisada, a pontaria dos Gafanhotos era precisa conseguindo arremessar com habilidade e força objetos contra os soldados o que provocou a morte de alguns.

Os Íodas eram mestres em batalhas, a técnica era com um golpe se cortava as pernas e com a imobilidade do inimigo a cabeça era decepada sem maiores dificuldades.

Parece crueldade, mas depois de ver milhares de cadáveres do povo originário do planeta espalhados pelas ruas, duvido quem não desejaria o extermínio total daquela praga.

Além de matar os Gafanhotos, tínhamos de juntar seus restos e queimar antes que entrassem em estado de putrefação, era um trabalho enorme e ainda auxiliar na transferência dos feridos para a nave da União até que aquele caos estivesse abrandado no planeta.

Como sempre nossa amiga Helena estava carregada de serviço, cuidar de tantas pessoas não era fácil, ainda o perigo de contaminação a que tinham se exposto.

Durante dias dormimos escondidos dentro de lugares apertados, quase sempre esgotos e prédios desocupados, vagamos como cães atrás das presas, quando achávamos que tinha acabado, outro grupo era localizado e lá íamos nós atrás das pragas.

Em pouco mais de 1 mês reviramos o planeta de sul a norte de leste a oeste, poderiam e com certeza deveriam ter sobrado alguns, mas agora era questão de pouco tempo e seriam eliminados por completo, sobrou agora aos sobreviventes voltar e cuidar da reconstrução de seu planeta, afinal não era tão difícil. Os prédios e construções não foram atingidos, bastava se recuperar da perda de seus parentes e amigos e tocar a vida em frente.

Um grupo escolhido ao qual também fomos selecionados ficou no planeta observando e ajudando na recuperação dos machucados e doentes, enquanto isso, aos poucos, os grupos de soldados foram deixando o planeta e voltando para suas tarefas em seus postos em diversos pontos da galáxia.

Uma das naves de reconhecimento foi improvisada como hospital.

Por muito tempo ainda vagamos com as pequenas naves pelo planeta recolhendo feridos e procurando as criaturas restantes.

Quanto á nave dos Gafanhotos; foi puxada para o planeta prisão Merrat, seus meios de impulsão foram explodidos por completo e sua forma de transporte molecular não alcançava os planetas próximos, não deixando qualquer forma de fuga, com certeza os prisioneiros de Merrat lhes receberiam bem, a comida era pouca no planeta.

Continuamos por cerca de meio ano no planeta atacado, logo os pacientes foram diminuindo, dando algum tempo livre para conversarmos com Helena sobre outros assuntos.

Capítulo 49

As novas faces da mutação.

Quando víamos Helena se transformar em energia, ainda tínhamos dúvidas de que um dia poderíamos fazer isso, era prático e incrível ver um corpo sólido ficar tão leve ao ponto de flutuar e sair voando, assim ela ia rapidamente de um continente ao outro ajudar e verificar a recuperação das pessoas que tratou.

Os micro orgânismos alienígenas trazidos pelos Gafanhotos foram tratados com muita seriedade, mas o corpo saudável daquele povo logo encontrou uma forma natural de combater a doença que passava em poucos dias depois de uma breve febre.

O veneno dos Gafanhotos era elaborado por uma enzima fabricada por uma glândula no pescoço, logo foi descoberto um antídoto que eliminava os efeitos do veneno se usado com brevidade.

O veneno tinha uma forma de ação bem rude, mas muito eficaz, quando penetrava no corpo de um humanóide em poucas horas ia parar no coração pela corrente sanguínea, causando acumulo de líquido, causando dores nos braços e pernas, se não fosse feito o tratamento em pouco tempo o coração inchava tanto que parava de bater e em seguida a morte por parada cardíaca.

Logo o planeta começou novamente a recuperar-se da invasão.

Helena começou a ter tempo e ensinar a fazer os mesmos processos de mutação que ela para que pudéssemos aproveitar isso no futuro próximo, a técnica era simples, exigindo concentração e fluidez energética, mas dava um medo quando sentíamos aquelas ondas de energia percorrendo o corpo, quando estávamos quase conseguindo flutuar, perdíamos a concentração e voltávamos ao início.

Era questão de treino e depois de aprender a técnica à prática é baseada no treinamento e condicionamento do ato.

Depois que tudo acalmou no planeta invadido, voltamos ao planeta Íoda, mas, não mais para treinar e sim para dizer adeus aos nossos colegas, amigos e o mestre. Como esperávamos a União tinha outros planos para nós, confesso que certo ar de tristeza percorreu minha alma, enquanto estivemos distantes, os

Íoques tinham cuidado da horta em nossa ausência, as batatas estavam lindas e enormes, o inverno estava quase começando, naquele dia eu e Rhana andamos pelas redondezas da caverna olhando tudo e agradecendo ao planeta por ter nos concedido alimento e luz para nosso aprendizado, tínhamos esquecido como a água da gruta era deliciosa e relaxante, o Lobo-sauro, que segundo os Íoques tinha sumido com nossa ausência farejou nossa presença e deu as caras, sempre desconfiado e arisco depois de uma boa refeição voltou á caverna em nossa companhia.

Teríamos de deixar nosso amigo Lobo-sauro, agora ele era o líder de uma das matilhas e sua presença logo foi solicitada pela matriarca do bando e pelos outros do grupo então partiu, dessa vez seria para viver sem nossa presença para o resto de sua vida.

Uma emoção muito forte de despedida concedeu-nos um aspecto triste naquele instânte.

Separamos as pedras preciosas que tínhamos achado em duas partes iguais, uma seria presenteada aos Íoques e outra aos nossos colegas Íodas.

Tomamos os flutuadores e fomos á agora cidade Íoque e demos ao líder um mapa que mostrava onde estavam as pedras, sentimos que aquele período de nossa estada ali tinha solidificado nossa amizade e que nossa presença não era apreciada somente como meios comerciais, com grande pesar de nossa partida nossos amigos Íoques desejaram que conseguíssemos sempre realizar nossas vontades com paz e felicidade.

Fomos depois ao mestre Íoda e deixamos com ele outro mapa com a segunda parte das pedras e uma carta dizendo adeus e agradecendo aos nossos colegas Íodas pelas lições que tinham nos ensinado.

Rapidamente voamos até a cidade das fadas e dissemos adeus ao regente Rafos que pediu que não esquecêssemos de seu povo e que voltássemos sempre que quiséssemos. Recebemos ramos de flores brancas para nosso destino ser pacífico e benevolente.

O dia tinha passado e não sobrava mais tempo, a nave de reconhecimento da União veio nos buscar e então dissemos adeus ao bom e generoso planeta que agora também fazia parte de nossas vidas.

Capítulo 50

Novas tarefas

Retornamos ao centro de comando da nave principal em que Helena trabalhava, embora ainda lentamente conseguíamos voar dentro do alojamento de um lado para o outro sem muita dificuldade, assim como Helena havia nos ensinado.

Era estranho e ao mesmo tempo muito bom sentir a energia fluindo e levitando nosso corpo, uma sensação de bem estar e leveza enchia nossa mente de pensamentos positivos, não tínhamos ganhado ainda uma função fixa e enquanto não éramos nomeados para nenhum trabalho na nave, ajudávamos Helena no laboratório pela manhã e a tarde treinávamos, apesar de agora sermos soldados, não deixamos de ser Íodas, nossas espadas de energia iam conosco a qualquer lugar e não deixávamos de treinar com elas um dia sequer.

Ficamos muito felizes ao saber que os Élfos estavam desenvolvendo uma das espécies de batatas que adaptou-se ao seu planeta e em breve a planta que foi de certa forma descoberta por nós, seria mais uma fonte de alimento rico em vitaminas e em paladar.

A nave 5 como era chamada estava em fase de acabamento, seriamos com certeza transferidos para ela assim que estivesse em condições de uso.

Calculavam que em alguns meses mais ela já estaria quase que alto suficiente para romper mundos e dimensões e desbravar e levar ajuda e paz a milhares de seres desse universo infinito.

O laboratório em que trabalhávamos era enorme, os cientistas gostavam de nossa presença pela agilidade em que lavávamos as fórmulas de um lado para o outro e além de ser uma espécie de pombo correio, ainda ajudávamos na interpretação vibratória dos elementos pela sua energia, assim em pouco tempo, voávamos com destreza pelos corredores e até atravessávamos de um andar para o outro.

Rhana e eu começamos aos poucos a nos separar, as funções que nos mandavam fazer, não necessitavam de que fossem duas pessoas.

Pelos corredores da nave, voltamos a encontrar os velhos conheci-

dos,eram os antigos recrutas que como nós, já haviam passado pelas fases de treinamento especializando-se nas mais diversas áreas tecnológicas, administrativas e assim por diante, que completariam a tripulação inicial da nave 5.

Podemos também conhecer outros prováveis colegas que dividiriam as tarefas que haveriam de vir e também no auxilio de uma porção de problemas.

Ainda fomos informados que mais uma porção de pessoas da nova tripulação inicial estava terminando seus aprendizados nas demais naves ou ainda em outros planetas que serviam de escola e nos centros de especialização da União.

Em poucos meses fomos deixados na nave 5 estava quase terminada faltando apenas os últimos ajustes, assim, já começamos a nos instalar, embora ainda não estivesse funcionando, era linda, enorme e poderosa um verdadeiro planeta móvel, auto-sustentável.

A natureza dentro da nave era espetacular e pensar que até mesmo bactérias e fungos tinham sido colocados ali artificialmente impressionava.

Fomos acomodados e pouco a pouco direcionados para as nossas novas funções.

Rhana e eu ficamos com tarefas bem diferentes, Rhana ficou trabalhando no laboratório médico e eu fiquei encarregado pela segurança dos grupos de exploração, sempre seria o primeiro a descer e se algo desce errado, teria de dar um jeito de proteger as pessoas que estivessem sobre minha responsabilidade.

Não era impossível que as tentativas de pacificação ás vezes descem um resultado negativo onde se levantavam rancores e magoas antigas resultando em mais ódio ainda, para evitar brigas e atentados minha espada de energia tinha autoridade de agir mesmo que isso tivesse de causar a morte de algum regente o que teria de fazer mesmo que não gostasse da idéia era a única forma de impor ordem e educação a regentes que fizeram da batalha entre seus povos uma forma de vida.

Poderia ser nomeado a conduzir pessoas importantes até o local da reunião de pacificação, tornando minha função de uma responsabilidade muito grande, além do mais, meus poderes incógnitas de sentir e ver os raios de energia das coisas previa as manifestações das pessoas o que adiantava minha ação como mediador e protetor, não permitindo que os ânimos dos regentes que ficavam cara a cara pela a primeira vez, ficassem fora de controle.

Foi colocada em meu orgânismo uma espécie de simbiose bio-

molecular, quando da sensação de perigo, automaticamente ela formava em meu pulso esquerdo uma arma de energia com poderes assustadores, quando tudo voltava ao normal ele voltava a misturar-se com minha estrutura molecular, permitindo assim que eu estivesse pronto para proteger e atacar com destreza e habilidade se fosse preciso, além do uso da espada Íoda.

Os poderes da mutação fizeram que meu corpo ficasse quase imortal, mesmo que fosse acertado com um raio de energia, meu corpo era flexível e as moléculas voltavam ao seu lugar de origem reconstituindo as células feridas perfeitamente, já não era somente estrutura física constituída de carne ossos e músculos como uma pessoa comum, embora a sensação de ser atingido fosse muito ruim logo estava novamente recuperado do ferimento que se quer deixava cicatrizes.

Era estranho alterar a matéria daquele jeito, virar energia sem deixar de ser físico e ser um ser físico sendo na maior proporção um ser de energia.

Para ficarmos aptos as responsabilidades que teríamos, fomos instruídos por soldados experientes que trabalhavam nas outras naves, cerca de 6 meses depois a nave ficou pronta e nós preparados para o trabalho.

Capítulo 51

Na nova nave

Agora em poucas ocasiões conversava com Rhana, embora ainda tivéssemos fortes elos mentais que nos mantinham ligados.

Foram tantas viagens e tantas descobertas que o tempo parecia ser pouco para resolver todos os problemas que existiam, fizemos centenas de expedições pelos mais distantes confins do universo em missões que variavam de pacificação, ajuda, resgate e transferência de recursos vegetais e tecnologias.

Fomos recebidos em muitos lugares como deuses e em outros como demônios terríveis.

Conhecemos povos muito sábios e bondosos e outros violentos e desconfiados, mas cabia a nós que fossem guardados e protegidos independentemente de sua índole.

O universo ainda guarda milhares de segredos, os lugares por onde passamos, sempre tinham curiosidades, novidade e descoberta a serem feitas.

Sempre apreciamos as culturas por onde passávamos, assim, adquiríamos novos conhecimentos que levamos também a outros lugares e lá aprendemos outros que levamos á outros e assim espalhando a sabedoria e a experiência por todos os lugares por onde fomos.

O que mais me deixa espantado é saber que apesar de todos os povos serem diferentes sempre havia nos planetas, indiferente de seu desenvolvimento uma fé em algum tipo de religião, sempre denominando uma entidade como benigna e outra maligna.

Sempre havia um Deus e um demônio que as pessoas louvavam e temiam, assim fomos considerados na maior parte das vezes que estivemos em planetas primitivos feitos a Terra na idade média, até que conseguíssemos adaptar os comunicadores a nova linguagem e se comunicar isso causava um problema terrível.

Nossa chegada em um planeta que não tinha conhecimento da vida extra planetária criava pânico, as pessoas do planeta pensavam que era o fim de tudo ou que éramos uma ameaça contra suas vidas, corriam fugindo das cidades para os lugares mais distantes, depois de alguns dias, quando entravamos em contato com os nativos e seus governantes e explicávamos nossas missões ás coisas voltavam ao normal.

Ás vezes e não muito raramente encontramos a mesma espécie de povo em planetas diferentes, era de impressionar que alguns eram muito desenvolvidos e outros extremamente atrasados, o problema do descondicionamento planetário atrasava em muito os colonizadores e muitos nem se quer sabiam mais que tinham sido implantados naquele planeta artificialmente.

Capítulo 52

Nossa primeira missão

Nossa primeira missão foi no planeta prisão Merrat.

A união resolveu implantar um sistema de controle já que suspeitavam que o planeta pudesse ser invadido por comerciantes de escravos.

Os povos aprisionados em Merrat eram guerreiros perigosos acostumados as mais rudes situações, apesar disso a União não podia deixar de ajudar.

Milhares de andróides desceram para implantar os processos no planeta, construindo cidades e as condições necessárias para a evolução das espécies ali existentes.

Não foi nada fácil, as espécies ali aprisionadas eram inimigas e viviam em clima de guerra.

Esse era o teste, se conseguissem viver em paz, as coisas melhoravam, senão, sofriam as conseqüências.

Quando as primeiras cidades começaram a serem construídas, os prisioneiros foram chamados a ajudar, quem trabalhava ganhava comida abrigo e proteção, caso contrário não poderia entrar na cidade.

Logo o canteiro de obras uniu inimigos mortais num mesmo objetivo, construir o futuro das novas gerações.

Novas formas de vida foram levadas pra lá, animais e vegetais que serviriam aos povos.

Então a primeira multi-civilização teve início.

Hoje depois de tanto tempo Merrat não é mais um planeta prisão e possui membros de todos os povos dentro da União.

Quando volto a Merrat sinto orgulho de ter visto aquelas metrópoles quando iniciaram com apenas algumas ruas.

Povos que antes lutavam por um pedaço de comida, agora dividem as mesmas classes de estudo nas escolas.

Claro que nem tudo é perfeito e surgem grupos insurgentes, mas nada que a própria sociedade não controle.

Foi á primeira missão. A que sempre lembro e a que mais tenho orgu-

lho de ter ajudado a concluir.

Capítulo 53

A origem do povo da Terra

Recebemos a missão de transferir tecnologia para a constelação 10.10.006.666.0A/39/I, um planeta de mutantes humanóides que descobrimos ser o planeta natal de Helena, um dos mais antigos associados e colaboradores da União.

Logo aportamos levando uma porção de máquinas e materiais, fomos recebidos por um homem muito sorridente e brincalhão que ficou muito feliz ao saber que eu era do planeta Terra.

Permanecemos no lugar por vários dias, a pedido da União muitos de nossos aparelhos foram revisados e concertados no centro de desenvolvimento tecnológico daquele planeta.

O planeta era lindo, colorido, natural e harmonizo como poucas vezes tinha conseguido notar em outros lugares.

O céu mais parecia um festival de fogos de artifício de tantas pessoas voando pra lá e pra cá assim como Helena fazia.

Sentia naquele lugar uma felicidade tão grande que parecia que meu coração virava um diamante cintilante, tudo para onde olhávamos era perfeito como se Deus tivesse feito daquele lugar o modelo para todos os planetas.

Já tinha por Helena uma profunda admiração e depois de ver seu planeta aumentou ainda mais o que sentia por ela, deixar tudo isso para viver em meio á guerra e a destruição, socorrendo pessoas e ajudando a salvar vidas transformava Helena em um anjo enviado como uma bênção sobre os planetas.

Numa tarde enquanto olhava o céu azul que mais parecia uma miragem, fui surpreendido pelo homem que recebeu as encomendas da União.

-Parece um sonho não é meu jovem? Perguntou ele observando minha admiração.

Olhei para trás e vi a estranha miragem que reconheci pela vibração.

-Sim, parece, respondi:

-Como eu gostaria que meu povo um dia conseguisse fazer do nosso planeta uma obra de arte harmôniosa e benigna como é esse aqui!

-Não desanime, disse ele, o tempo é uma ilusão que atordoa as pessoas que são condicionadas dentro de um corpo que se corrompe pela morte, fico feliz que ao menos 1 já tenha conseguido iluminar-se.

Quero contar a história de nosso povo, que cruza com a saga do planeta Terra, na verdade nosso povo tem muito em comum e uma ligação profunda com esse velho planeta.

Fiquei atento e curioso vi que o homem veio ao meu encontro com o intuito de narrar especificamente essa história.

-Á muito tempo atrás, antes do planeta Terra ser habitado por qualquer micro organismo, tínhamos descoberto sua existência próxima de Vega.

Nossa posição era próxima e o planeta Marte era a lua de Vega.

Marte também era habitado pelo nosso povo, mas logo o governante formou um sistema de administração independente não aceitando intervenções o que gerou sérios conflitos políticos.

Por milhares de anos habitamos Marte e Vega, evoluímos cientificamente até que descobrimos que Vega estava morrendo e em mais alguns milhares de anos não suportaria ao que estava sendo submetido. Nossa reprodução acelerada, assim como o povo da Terra, induzia a indústria a produzir objetos de consumo sem medir o mal que causava ao planeta com tanta poluição.

Sabendo disso e dispondo dos recursos para fazê-lo, começamos a ver que o planeta Terra estava passando por mudanças em sua jovem atmosfera, pretendíamos assim que possível colonizar o planeta, mesmo sabendo que ainda teriam de passar muitas e muitas gerações de cientistas até o planeta Terra ficar pronto para nosso uso.

Milhares de anos passaram, bombardeamos insistentemente a Terra com milhares de fungos e micro organismos de Vega e então esperamos o fermento da vida crescer. A Terra se transformou criando espécies próprias que se desenvolveram fora de nosso controle, naquele momento, nosso povo começava a sentir profundamente as mudanças climáticas e epidemias causadas pela poluição do planeta. Então, nesse meio tempo uma outra descoberta científica começou a tornar isso tudo desnecessário, descobrimos em nossas formações físicas a possibilidade da mutação e ao mesmo tempo o rompimento de espaço tempo (viagem entre dimensões) que levou a outra saída para nosso planteta. Não demorou muito tempo para que a União nos encontrasse, precisávamos

urgentemente de ajuda e então fomos amparados, desde então cedemos nossos avanços tecnológicos como auxilio para a União eles nos ajudaram a purificar Vega que agora está totalmente recuperado.

Para evitar uma possível guerra com os habitantes de Marte resolvemos transportar todo o planeta para onde estamos hoje. Numa noite aconteceu uma estranha manifestação em alguns habitantes do planeta, estávamos entrando em mutação.

Os habitantes de Marte não tiveram a mesma sorte e acabou dando no que deu, tanto que hoje é um planeta completamente desprovido de vida.

Mas hoje, vendo você aqui, vejo que pelo jeito ao menos uma parte de todo esse trabalho teve um resultado positivo e isso me deixa muito feliz pelo resultado positivo que todo aquele trabalho teve.

-Temo em informá-lo senhor, mas as coisas são bem diferentes do que aparentam, comparando seu planeta com o meu, a Terra é um verdadeiro caos, temo que como em outros lugares a industrialização esteja terminando com os recursos naturais do planeta que não suportara mais muitas centenas de anos.

O futuro do planeta Terra será inevitavelmente como o de Marte, temo que esteja nos últimos suspiros de vida.

-Peça a intervenção da União meu jovem, disse o homem afastando-se pensativo.

Helena e suas incógnitas, ela já sabia disso, somente deu-me a entender, mas, nunca me explicou com clareza que tínhamos laços de ligação tão fortes, devia ser por isso que a mutação deu certo, foi induzida pelas mesmas forças de energia que nos ligava como indivíduos procedentes da mesma origem.

Acabei por descobrir que se eliminássemos o tempo, acabaríamos por descobrir que todos os seres de todos os planetas têm uma ligação entre si como irmãos que acabam por serem criados separados, mas provêem da mesma origem.

Antigas lições ainda aprendidas na Montanha dos Magos estavam vindo a minha cabeça naquele instante, deu-me vontade de rever meu amigo Thoí e as demais pessoas com quem tive ligação no passado.

Naquela noite partimos em nova missão, foi assim, durante muito tempo, nem sei quanto tempo.

Capítulo 53

No futuro

Minha história na União não é muito feliz, vi muitos de meus amigos morrerem, o tempo não passava para mim, meu corpo continuava com a mesma característica embora passassem décadas.

A nave tinha na maioria seres físicos que degeneravam assim como as pessoas da Terra e com o tempo acabavam morrendo sem que eu pudesse fazer nada, isso me deixava muito triste pela falta dos amigos e as perdas quase irreparáveis de grandes cientistas.

Nossa nave que começou com dez mil soldados agora possuía muitos milhares, fui pegando responsabilidades conforme o tempo foi passando, e sobre meu comando havia um exército treinado e orientado para qualquer situação, meu braço direito era Gabriel, obediente e prestativo, um exímio soldado.

Rhana com o tempo acabou entregando a espada para que fosse guardada em lugar seguro dentro do centro de comando da União. Agora a nossa doutora tinha responsabilidades acima da necessidade da espada.

Rhana tornou-se assim como Helena uma exímia doutora, viajamos muitas vezes juntos em missões de resgate e pacificação e ajuda no combate de pestes, embora em funções diferentes continuávamos uma dupla de arrasar.

Como o homem do planeta de Helena aconselhou, pedi insistentemente para que a União agisse no planeta Terra não deixando o planeta degenerar por completo, ajudando e aconselhando os governantes para que pudessem recuperar os males feitos e viver de forma a não causar a morte prematura de um planeta tão bonito.

Como resposta somente foi me dito que no momento certo a União agiria.

Capítulo 54

Retorno ao planeta Terra

Muito tempo passou, outra nave foi feita e então tive uma surpresa muito boa.

Trabalhei insistentemente com muita dedicação por muitos anos, logo que a nave 6 foi terminada, fui nomeado para ser o comandante dela, aceitei pela tamanha insistência da União que via em mim a melhor alternativa pela experiência e a credulidade de meus atos sempre irrepreensíveis.

Como primeira incumbência, fui designado para retornar ao planeta Terra e agir na ajuda do planeta que agora apresentava muitos problemas e uma destruição eminente em poucos anos.

Rhana foi comigo e também Gabriel agora meus braços direitos, imposição que fiz para aceitar o comando da 6.

Quando nos aproximamos do planeta já começamos a sentir que as coisas estavam complicadas, um pequeno grupo de naves sai de perto da órbita do planeta Terra, naves essas que logo descobrimos serem de comerciantes não muito confiáveis.

Rhana e eu descemos ao planeta sem usar naves para não chamar a atenção e como de costume nos introduzimos entre o povo.

O ano da Terra agora era 2313 já fazia mais de 300 anos do tempo Terra que havia deixado o planeta.

Encontramos o local onde há muito tempo atrás tinha começado minha saga, a antiga cachoeira da Montanha dos Magos, que agora era uma descarga de esgoto e produtos químicos eliminados pelas fábricas.

Pedimos a União os padrões vibratórios da dimensão das fadas e então entramos no espaço tempo da cidade das fadas.

As profecias do velho vovô Élfo começavam a acontecer, lembrei-me de antigas conversas.

Quando chegamos minha mente ainda estava presa a recordações do passado, mas infelizmente não reencontraria muitos de meus velhos amigos, minha surpresa foi tamanha ao rever a princesa Jack que agora era a governante

do reino das fadas.

Logo ela começou a explicar o que tinha acontecido e podia notar seu sentimento de tristeza.

-Por mais que as fadas tentassem ajudar o povo da Terra, depois da invasão alienígena não teve jeito, tivemos de abandonar a dimensão da Terra por causa da poluição que se tornou insuportável para a vida naquele lugar.

-Lamento, mas tivemos de desistir da idéia de ajudar os homens do planeta Terra.

-Não lamente, recebemos ordens da União para agir sobre o planeta e o povo, mesmo que alguns comerciantes tenham de padecer temos ordens de arrumar tudo por aqui, tenho certeza que as fadas fizeram tudo que podiam para ajudar e somente posso ser grato pelo empenho em tentar salvar meu planeta natal. Tenho certeza que se não fossem as fadas nem haveria mais o que salvar.

-Cristiano, quando percebemos os enormes problemas que viriam e tornariam insuportável a vida no planeta Terra, retiramos uma grande quantidade de criaturas do reino animal e vegetal e transferimos para um lugar seguro ao seu desenvolvimento. Se os efeitos da hecatombe não destruírem o planeta, poderemos ainda restabelecer em grande parte a fauna e a flora da Terra.

Quando os comerciantes escravizaram o povo da Terra, resolvemos manter os animais e vegetais em segurança no planeta dos Gnomos.

Sabíamos que a União viria e agiria na Terra, mas demoraram.

-Calma, a batalha será grande, mas estamos aqui para vencer.

Acredito que a ação de reconstrução do sistema do planeta Terra tenha sido uma das mais complicadas recomposições planetárias já executadas pela União, lógico que jamais seria perfeita como antes, mas pelo menos, iríamos fazer algo, muitas espécimes tinham sido perdidas e para recuperar uma planta que não deixou herança de sua formação é quase impossível já que demanda de tempo e muita tecnologia.

Mas, tínhamos recursos para introduzir novas espécies que com certeza se adaptariam com facilidade gerando novos alimentos e ar puro.

Capítulo 55

Os invasores

A informática foi o pico alto do desenvolvimento humano e também a sua cruz. Quem poderia saber que a rede de computadores poderia ser usada contra nosso próprio povo.

Comerciantes descobriram todo o potencial do nosso povo explorando as informações contidas na rede e também nossa força e fraqueza.

Logo todos os sistemas estavam sendo controlados por eles.

Não restava muita coisa a fazer, depois de tentativas fracassadas de grupos rebeldes que tentaram lutar pela liberdade, a maioria dos cidadãos resolveu seguir as regras impostas pelos invasores.

Logo o planeta se tornou uma grande fábrica de produtos comercializados fora do planeta.

Ao povo restava á poluição, as regras a serem seguidas e uma ração de comida distribuída diariamente.

Capítulo 58

Plano de Trabalho

Havia muito trabalho a ser feito, e eu não poderia fazer tudo sozinho sabendo de tudo que ocorria por aqui, traçamos um plano de ação dividida em 07 estágios distintos:

01-Eliminar a ação dos comerciantes.
02-Providenciar a regeneração climática.
03-Eliminação dos detritos poluentes.

04-Desenvolver a agricultura e desativar a indústria.
05-Reconstruir a fauna e a flora.
06-Implantar uma forma de governo livre.
07-Reconstruir geneticamente o povo.

Capítulo 59

Ação 01
Eliminar Comerciantes

Os Íodas cuidariam da primeira parte, encontrar e trazer á minha presença os lideres dos comerciantes.

Por trás de tudo sempre tem o cabeça pensante que coordena as coisas e não demorou muito tempo para o grupo Íoda trazê-lo a minha presença.

Os comerciantes não se adaptavam a nossa superfície então, quem coordenava tudo aqui embaixo era um grupo de pessoas nomeadas por eles.

Não havia muito que fazer senão pedir que levassem um recado. Os comerciantes deveriam sair e rapidamente, caso contrário seriam caçados e eliminados por completo.

O povo ainda não sabia da nossa presença e nem de nossas pretensões.

Temia que os comerciantes fizessem algum atentado contra o planeta, para evitar isso, ficamos em prontidão com centenas de naves cercando o planeta.

Mas, os comerciantes entenderam o recado e resolveram sair sem alarde.

Ação 02

Controle Climático

Já na minha tenra idade no planeta Terra constantemente ouvia falar que as camadas de ozônio da Terra estavam sendo danificadas pela poluição, com á chegada dos comerciantes o processo acelerou de forma gigantesca.

O aquecimento do globo causava enormes danos, começando pelo degelo que ocorreu nos pólos gerando a subida da águas deixando as cidades mais próximas do mar submersas permanentemente.

Os raios de sol eram muito perigosos e malignos e o verão tropical, chegava a ter calores superiores a 55 graus, fazendo o clima ficar insuportável para todos os seres vivos, transformando tudo rapidamente num grande deserto.

Ainda a inconstância das estações com variações climáticas de frio e calor alternados gerava um caos na natureza que se degradava em proporções altíssimas com as intempéries.

Os problemas pulmonares e cânceres diversos condenavam a população a uma vida curta.

A mortalidade infantil era superior a 50%. A população era crescente pelo apoio dos comerciantes a reprodução em massa induzida pelos meios de comunicação que faziam uma lavagem cerebral na população, todos aqueles que possuíam doenças sexualmente transmissíveis feito a AIDS, foram mortos pelos riscos e gastos empregados no tratamento numa forma bem diferente de manter a saúde do povo.

Todos aqueles que não se apresentaram para os testes num período máximo de 1 ano onde também eram catalogados e marcados com os códigos foram casados e mortos sem tempo para se defenderem.

Todo aquele que nascia com algum tipo de imperfeição física eram mortos ou levados para uma parte do planeta chamada de Recurso, os trabalhos de risco eram executados por eles na produção industrial e viviam com pequenas doações de ração que se estragavam nos depósitos ou durante a noite iam as cidades dos trabalhadores e roubavam o que achavam de jeito vendendo ou

negociando no comércio negro.

Muitas vezes chorei ao ver o meu povo ser tão mal tratado e viver como ratos mergulhados em esgotos, comendo restos e vivendo abaixo do que se pode imaginar como precário.

Descobrimos que o planeta Vênus detinha em sua atmosfera quantias enormes de ozônio e então resolvemos fazer uma transfusão artificial de lá para a Terra além de outros gases essenciais a vida do planeta.

Depois de muitas pesquisas descobrimos que a transferência não faria mal ao planeta Terra e depois de alguns meses o clima mudaria profundamente, sendo possível até o retorno de antigo hábito feito tomar banho de sol.

A coleta de gases foi feita em Vênus e depois de muitas viagens de ida e volta trazendo enormes quantias nos tanques de plasma, conseguimos restabelecer consideravelmente a atmosfera.

Durante os meses que seguiram parecia que o planeta iria ser destruindo, as chuvas voltaram, temporais e maremotos sacudiam os continentes até que todas as camadas de gases se estabilizaram, era um fenômeno incrível olhar o planeta do espaço e notar as movimentações na atmosfera, parecia que o planeta estava acordando de um coma e as chuvas causadas com a água das evaporações intensas era uma forma de fôlego.

Milhares de pessoas poderiam ter sido mortas se não tivessem sido recolhidas antes dos processos de estabilização climática, as descargas elétricas causadas pelos raios impossibilitava o vôo das naves de reconhecimento, que resgatariam o povo.

Ação 03

Controle da Poluição

O controle da poluição era muito difícil de ser feita por causa das indústrias que sistematicamente largaram seus detritos poluentes na terra, contaminando os lençóis de água espalhando a poluição nas entranhas do planeta.

Para isso o planeta foi bombardeado com bactérias e fungos estudados e utilizados pela União para essa finalidade, á ação de algumas bactérias era tão

positiva que já nas primeiras semanas, vimos algumas plantas brotarem sobre os leitos poluídos dos riachos.

Claro que isso seria ainda um processo demorado e teria de se feito diversas vezes até que tivesse uma ação conclusiva.

Mais da metade dos detritos teria que mais tarde serem recolhidos de forma mais trabalhosa sendo reciclados e reaproveitados, afinal apesar da União ser muito desenvolvida tecnologicamente, milagres pertencem para Deus o que não somos.

Até mesmo as chuvas ácidas deixaram de ser ativas, depois de recobrirmos a atmosfera com ozônio, as chuvas descarregaram as nuvens de poluição e então entraram em ação nossas amigas bactérias que transformavam o ácido em minérios e em sais que unidos a terra fortaleceriam no futuro próximo as plantas que ali germinassem.

Ação 04

Hora de plantar

Por meses aguardamos até que a Terra estivesse pronta para receber as espécies de plantas mais resistentes. Quando o céu cinzento voltou a ficar azul percebemos que estava na hora de começar a plantar.

O povo quando percebeu as grandes mudanças que estavam acontecendo, começaram a deixar os centros para onde foram retirados, muitos trouxeram suas famílias e quando viram as primeiras mudas verdejando faziam orações, dançavam e cantavam agradecendo a Deus por terem enviado nossa gente até eles.

Agradecer e rezar não eram o bastante, as sementes viravam mudas e as mudas tinham e ser plantadas e levadas a outras partes e então vieram mais pessoas e logo o trabalho era pouco para tantas mãos que queriam ajudar.

Em menos de 6 meses as plantas começaram a frutificar.

Pedimos o envio imediato por parte da União de uma pessoa que pudesse manter a parte comercial menos poluente, senão, não entraria recursos para a manutenção do povo e isso causaria a morte de milhares de pessoas de

fome enquanto os recursos agrícolas não fossem implantados já que não éramos possuidores das quantias totais de alimentos para manter toda a população.

Um simióide muito sábio chamado Ebramar veio trazendo seu conhecimento profundo no comércio e administração política.

Os produtos gerados pelo planeta eram vendidos para atravessadores por menos de um décimo do valor final do produto, logo Ebramar arrumou naves e entregou direto aos planetas que utilizavam os produtos da Terra, conseguindo muito mais preço o que gerava mais alimentos e menos poluição.

Os comerciantes e atravessadores bem que queriam boicotar Ebramar, mas, não ousavam, sabiam que a única coisa que poderiam fazer era achar outro planeta para explorar, tentar contra a União seria um erro tremendo por situações políticas, comerciais e de segurança já que suas tecnologias eram frágeis comparadas com o poder de desenvolvido da União.

Até as batatas que descobrimos no planeta dos Ìoques foram trazidas para cá, frutificaram e em pouco tempo o povo começou a ter comida, além da ração azeda á base de cogumelos fornecida pelos comerciantes.

As terras foram sendo divididas em lotes conforme se tornavam propícias á agricultura, formando colônias que estabeleciam comércio entre si, divididas na produção de animais e plantas, lugares antes cobertos de areia, já começavam a criar uma outra cor e para esses terrenos foram adaptadas plantas especificas.

Depois de equilibrar a atmosfera tudo seria possível e somente precisava de tempo para ser ajustados os novos sistemas agrícolas.

Nossas amigas fadas nunca tiveram tanto trabalho até mesmo nosso antigo amigo o regente Rafos foi convocado para ajudar aqui na Terra.

Os Íoques depois de nossa estada naquele planeta sabiam se cuidar muito bem agindo e respeitando a natureza e plantando e se desenvolvendo cientificamente como agricultores e dos melhores.

Na Terra as fadinhas plantavam e as pessoas mudavam as plantas e cuidavam para seu desenvolvimento, colhiam as sementes e repassavam novamente as fadas, assim foi por muito tempo até que o planeta se tornou alto sustentável em alimentos.

A indústria continuou sobre o comando de Ebramar, a poluição começou a ser controlada nos centros de tratamento de resíduos e as coisas melhoraram cada vez mais.

Ação 05
Restabelecendo a Fauna e a Flora

Era hora de trazer de volta as espécies vegetais e animais que foram recolhidas ao planeta dos Gnomos pelas fadinhas.

Os animais até cães e gatos foram exterminados já no começo dos primeiros processos de industrialização, muitos dos antigos animais tidos como domésticos, acabaram se transformando em jantar e almoço.

As pessoas nunca tinham visto uma galinha ou uma vaca a não ser por fotografias e recortes de revistas antigas, essas espécies foram salvas em quantidade suficiente pelas fadas a fim de poderem ser recuperadas no futuro.

Os pássaros foram salvos aos bandos e continuaram a procriar na dimensão para onde foram exportados, agora voltariam e seriam novamente implantados no planeta e deveriam assim seguir seu curso natural evolutivo.

Outras espécies de animais teriam de serem trazidas de outras dimensões e planetas para que se pudesse criar um circulo ecológico harmonioso entre as criaturas e limitasse sua procriação afim de não se tornarem pragas.

Ação 06

Uma nova política

Ebramar era um político a serviço da União e não poderia ficar no planeta por muito tempo, chegou a hora de acharmos um novo regente que servisse ao planeta com bondade, conhecimento e paz.

Rhana identificou entre os jovens que tratou um menino muito inteligente, sua anemia crônica e a pele envelhecida, não apagavam o brilho de seus olhos e a felicidade de seu sorriso amarelo corroído pelas cáries, na fraqueza de seu corpo se sentia a vontade de viver e vencer, era um dos primeiros que chegava à lavoura e o último que saia, em poucos dias já coordenava um pequeno grupo sabendo todos os procedimentos para trabalhar com aquela semente ou

aquela planta.

No jovem Neu como era conhecido por todos, pomos nossa confiança e sonho de fazer um homem justo e soberano sobre todos os outros conduzindo com sabedoria e transparência seus atos a fim do bem maior de todos.

Fizemos uma série de testes em Neu e observamos muitas vezes suas camadas de energia, então percebemos que o jovem Neu depois de treinado poderia com certeza ser um grande líder.

A União aceitou que o jovem Neu fosse treinado por Ebramar e depois voltasse para reger o planeta Terra, tendo como proteção a União.

Neu foi mandado as presas a fim de concluir seu treinamento, embora 5 anos fossem como 5 segundos para quem tem a vida eterna, não tínhamos muito tempo e Neu teria de estar preparado o quanto antes.

Outras tarefas nos esperavam e nossa demora não poderia ser maior do que a época do retorno de Neu ao planeta, então seria o fim do trabalho no poluído planeta que já retomava suas colorações naturais.

Enquanto na espera da preparação de Neu para assumir o poder, prometemos cuidar de seus irmãos e pais que dependiam das migalhas que Neu conseguia para sustentar os pais velhos e os irmãos doentes devido a uma degeneração genética aguda.

Ação 07

Regeneração genética do povo

As pessoas como eram de se esperar sofreram um enfraquecimento genético muito grande com a poluição, as doença eram muitas e a maioria das mulheres nos primeiros meses de gravidez tendia a abortar os nenéns, a desnutrição degenerou a espécie tanto em tamanho como em capacidade intelectual.

Buscamos reverter essa situação retificando geneticamente as próximas gerações de crianças que viriam a nascer, um controle rígido de natalidade foi empregado a fim de evitar que tantas mães tivessem complicações e um crescimento repentino e desordenado da população, já que com a baixa da poluição e a alimentação melhorada seria natural que houvesse muito mais possibili-

dades dos partos terem um resultado positivo.

Controlando a natalidade e retificando as fraquezas genéticas das crianças que viriam a nascer em 3 gerações 80% doenças hereditárias seriam abolidas do planeta, criando assim, uma raça novamente forte.

Muitos micros organismos seriam combatidos utilizando-se de métodos naturais, o uso contínuo e indiscriminado de antibióticos criou em pouco tempo um exército poderoso de vírus e bactérias que foram mudando suas características para fugir da ação dos remédios.

Várias doenças que no passado eram tratadas com pílulas para baixar a febre, hoje matariam uma pessoa daquele tempo em menos de 2 dias pelo tamanho aperfeiçoamento viral.

Rhana adaptou vários prédios que serviriam de hospitais em várias partes do planeta para o acompanhamento do tratamento genético das futuras mães.

Começou-se a ensinar coisas como lavar as mão e tomar banho já que a água já possuía níveis aceitáveis de poluição.

A água era um outro problema, o tratamento da água era muito demorado pela tamanha carga de poluentes, tomarem banho e lavar objetos era considerado um crime já que a água tratada nem chegava para matar a sede de todas as pessoas do planeta, cada um conforme a lei dos comerciantes tinha direito de usar o equivalente a 250 ml de água por dia, lógico que não poderia uma pessoa sobreviver num lugar tão quente com essa quantidade de líquido, isso levava a população a utilizar a água poluída mesmo, causando sérios problemas.

Neu, pobre Neu, quantos problemas para resolver, enquanto isso ajudaremos no que for possível e ás vezes até no impossível.

As bactérias controladas que usamos, ajudavam em muito no tratamento da água convertendo a poluição em vários outros materiais neutros ou menos poluentes aumentando a capacidade dos centros de tratamento.

Antes de Neu voltar, vimos nascer á primeira menina com as novas características genéticas, aparentemente era igual as demais crianças, mas os exames mostravam que não, Rhana fez um verdadeiro carnaval, olhando os exames do bebê que batizado de Esperança, suas características genéticas eram superiores as que nasceram antes do tratamento.

Além da mudança genética observamos que as crianças tratadas, nasciam carregadas de energias azuis cintilantes, mostrando possíveis traços de mutação.

Ação 08

Mutação incógnita

Além de retificar geneticamente o povo tivemos ensinar a respeito de mutação criando a fase 08.

Caminhos que levavam as pessoas a serem assim como eu e Rhana, seres além de suas capacidades físicas, escrevemos ensinando todos os princípios a fim de que com muitos anos mais as novas gerações tivessem uma continuidade no seu desenvolvimento, não parando somente na retificação física, era provável que nossos ensinamentos fossem aceitos como um novo tipo de desenvolvimento espiritual. Não importava que nome tivesse, o que interessa é que eram bons, exigiam das pessoas que aprendessem a respeitar e amar, assim como a entender e observar a natureza, aprendendo seus vínculos com todos os elementos que os cercam, compreendendo que todo o planeta é uma pequena parte de um mesmo todo chamado universo.

Depois dos 5 anos, Neu retornou ao planeta, as mudanças tornaram-se notórias, as plantas cultivadas já floresciam sem muitos cuidados, muito trabalho ainda tinha de se feito, mas, os primeiro passos já tinham sido dados, cabia as pessoas trabalharem dia após dia incessantemente para superarem suas fraquezas, tentando desenvolver seu poder de mutação.

Quando a nave aportou trazendo Neu nossa surpresa foi grande, ele já não era o menino do qual lembrávamos a não ser pelo sorriso bondoso e a vós calma os quais ainda tínhamos guardada na memória.

As lágrimas banharam o rosto de Neu, ali de joelhos sobre a Terra uma grande emoção tocou o jovem e toda a multidão que veio recepcioná-lo.

Eram lágrimas de felicidade, reencontro, saudade, esperança, vontade de construir, eram as lágrimas do homem que sente que ama e pensa e que com certeza continuará nosso trabalho com empenho e bondade na alma.

Como em todos os lugares depois de algum tempo acabávamos acostumando com as pessoas, com o trabalho e a vida no lugar sentindo que ali era nossa casa.

A partida é sempre triste e dolorida, deixávamos amigos e uma série de coisas das quais sentiríamos falta com certeza sempre parecia que ficavam tarefas essenciais a serem concluídas.

Outros precisavam de nossa ajuda, chegava á hora de partir.

Deixamos o planeta Terra alguns dias depois do retorno de Neu, Ebramar ainda ficou alguns tempo instruindo o jovem regente.

Partimos olhando aquela bola azul que foi se afastando até desaparecer na escuridão do universo, senti como se algo fosse sendo arrancado de mim, era minha casa de onde á tanto tempo eu havia saído.

Deixamos para trás mais um trabalho bem feito, no universo que se abria a nossa frente, muitos outros povos nos esperavam.

Fim

Claudiomar Barbosa Chagas

2008